

LUANA LAZZARIS

Meu Lírio
do Campo





PERIGOSAS NACIONAIS

LUANA LAZZARIS

*Meu Lírio
do Campo*



Dea
editora

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Copyright © LUANA LAZZARIS, 2019

Copyright © 3DEA EDITORA, 2019

Editor	Patrícia Azevedo
Assistente Editorial	Larissa Araújo Mafra
Revisão	Maciel Salles
Ilustração	Dri K. K.
Imagem	www.adobestock.com/162835079

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009. Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos, e sobre eles não emitem opinião.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão expressa da Editora, na pessoa de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998).

PERIGOSAS ACHERON

Todos os direitos reservados à 3DEA Editora.

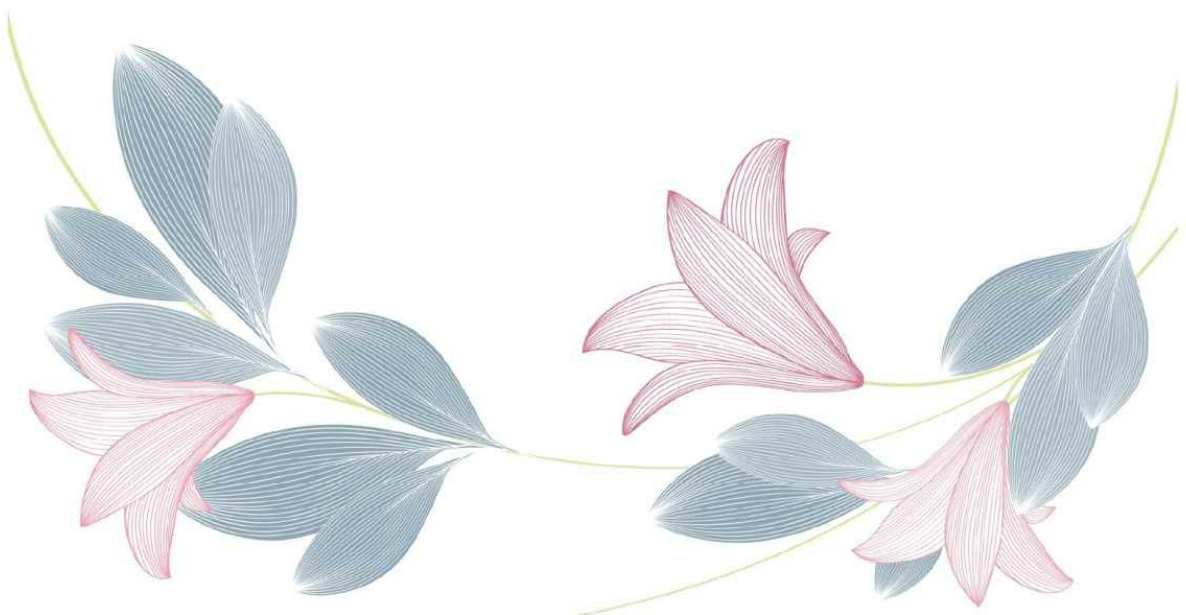
www.3deaeditora.com.br

contato@3deaeditora.com.br

PERIGOSAS NACIONAIS



A todos os lírios do campo que criaram
suas forças para:
suportar, lutar, confiar, amar e renascer.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

Prólogo

Dylan

Se eu tivesse que escolher exatamente o ponto de partida que definisse quando toda aquela porcaria começou, poderia dizer que foi aos meus sete anos de idade, quando minha família se desfez, mas daí, até aos meus dezenove eu já tinha de alguma forma superado e aprendido a lidar com o que a vida tinha achado por bem me oferecer. E como uma coisa leva à outra e assim por diante, posso dizer que o momento determinante foi naquela noite em que saí alarmado de baixo da BMW, ao ouvir um pedido sufocado de socorro. Eu estava por muitas horas trabalhando no automóvel, tirando peça por peça. Sentia-me esgotado e no instante que abandonei os fundos do galpão, onde a

oficina de desmanche funcionava, e alcancei a parte da frente, senti-me coberto pela fúria, ela foi forte e instantânea. O corpo magricelo de um homem sem caráter algum encobria o corpo de uma garota.

E como eu disse, uma coisa leva à outra. Essa noite em questão levou a uma bem pior, que culminou no demônio trazendo suas chamas do próprio inferno para o meu refúgio, para o único lugar que encontrei paz. Mas então, o fogo destruiu tudo.

— Por que, Deus?! — Eu bradava me afogando em lágrimas. — Por que quebraste meu coração uma vez e agora, quando eu finalmente o tinha refeito, vens e o quebra novamente? O que, afinal, queres de mim? Minha fé, minha oração? Eu tenho te dado, e ainda assim não adiantou.

A dor ultrapassava a minha pele ferida, alcançava a alma. E enquanto eu segurava o corpo amolecido de Letícia coberto por uma fina camada

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de cinzas, perguntava-me, por que afinal, a vida — outra vez — tinha me ferido daquela forma. Tirando de mim alguém que eu amava. E, pior, como fui capaz de acabar com a vida de um ser tão belo. Eu vivia na desgraça, e ao me mudar para a pequena e interiorana cidade de Campo Belo, levei-a comigo.

Eu sou Dylan Vainat, e essa é a minha história e a do meu *Lírio* do campo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 01

Dylan

— Saia de cima dela, seu verme! —
Vociferei encarando as costas de Paulo César.

O movimento de suas mãos percorrendo a lateral das coxas de Jéssica, ainda cobertas pelo jeans, travou ao som da minha voz.

— Caia fora, Dylan!

Ele cuspiu a ordem e depois voltou a tocá-la empurrando o quadril contra a garota abaixo de si. Ouvi o choro abafado que saía de sua boca encoberta pela boca nojenta do sujeito.

Fechei e abri os olhos com força. Eu detestava ouvir uma mulher chorando, toda vez que isso acontecia eu me lembro *dela* e da dor que seu choro me causava.

— Eu não me meto nas suas transas, não se meta nas minhas. — Paulo César completou com raiva, olhando por cima dos ombros.

Não prestei atenção por muito tempo em seus olhos vermelhos e apertados, resultado certamente do baseado que devia ter fumado antes de começar a fazer toda aquela merda, o choro de Jéssica se tornou mais alto, e minha atenção foi para ela. Vi o medo transbordando em suas feições e a pele morena de seu rosto passava a ganhar um rubor maior a cada segundo. Seus seios estavam expostos, o que me fez desviar de imediato a atenção deles, eu não queria aumentar ainda mais o seu constrangimento.

Nós nos conhecíamos desde que éramos crianças, ela sempre foi muito bonita; na fase da adolescência, quando o seu corpo foi ganhando formas, eu até senti alguma atração por ela, só que eu sabia que era apenas isso. Eu gostava dela

PERIGOSAS ACHERON

apenas como amiga. E eu não iria magoá-la, enganando-a com outro tipo de sentimento só para poder apalpar os avantajados seios, ou qualquer coisa do tipo. Nossa amizade vale mais que isso.

Sem contar que Jéssica era a neta da pessoa mais bondosa que eu conhecia. Às vezes, me perguntava o que teria sido de nossa família (no tempo em que éramos uma família) se não fosse a Dona Abigail.

Todos os dias que minha mãe esteve doente numa cama, era a senhora do apartamento em frente ao nosso que nos levava um prato de comida. Nessa época até tínhamos alimentos na despensa, mas não tínhamos quem preparasse. Para minha mãe, aos sete nos de idade eu era novo demais para lidar com o fogão, só que, ironicamente, tive que lidar com sua doença e sua morte. Meu pai até tentava preparar algo quando chegava tarde da noite depois do trabalho, só que ficava uma

PERIGOSAS ACHERON

porcaria. Então Dona Abigail gentilmente cozinhou para nós.

— Saia de cima dela! — Repeti furioso. — Deixe a garota em paz! — Ordenei agarrando Paulo César pelo cós de sua calça.

— Qual é a sua, idiota?! — Questionou, empertigando-se. — Todo mundo vive fodendo aqui no galpão, você mesmo, cada noite está com uma vadia diferente. Por que eu não posso, hein?! — Suas mãos avançaram até meu peito, empurrando-me.

Paulo César só podia estar muito chapado mesmo para ter tanta coragem para me enfrentar. Ele sabia que eu quebrava ossos com facilidade, em especial os da face. Não me custaria nada quebrar o do nariz dele.

Cerrei os punhos e avancei até ele, encarando-o a um palmo de distância. Seu cabelo volumoso no alto da cabeça ridiculamente tingido

de loiro, querendo se parecer com o meu que é natural, estava tão bagunçado, mas tão bagunçado, que dizer que se assemelhava com o ninho de um filhote de passarinho era até uma ofensa à ave.

Na real, eu detestava esse cara desde que éramos moleques. E quanto mais o tempo passou, mais ele se tornou num babaca desprezível. Estava farto de vê-lo tratando e falando das mulheres de forma tão pejorativa e desrespeitosa.

Se minha mãe não tivesse morrido tão cedo, tenho certeza que teria me ensinado muito mais do que me ensinou. Soava estranho falar do que ela me ensinou, quando fui instruído que jamais deveria pegar o que me pertencia e, no entanto, eu roubava carros. E também fazia outras merdas. Se pudesse me ver agora, tenho certeza que minha mãe estaria decepcionada.

Porém, existia uma das coisas que ela havia me ensinado e que eu me mantinha fazendo o

PERIGOSAS ACHERON

correto (pelo menos isso) e tem a ver com mulheres.

— *Apesar de você não ter uma irmã, Dylan, imagine como se tivesse e trate sempre uma menina do jeito que você gostaria que sua irmã fosse tratada. Com respeito, gentileza e carinho* — dizia-me ela em várias ocasiões.

Eu pensava que a insistência no assunto se dava por conta da nossa vizinha que sempre ouvíamos apanhando do marido bêbado, até que em uma das noites, quando minha mãe já estava com o câncer bem avançado, ouvi seus gritos e desesperados pedidos de socorro, repetindo-se várias e várias vezes a frase “*saia de cima de mim*”. Apesar da pouca idade, eu corri até seu quarto determinado a tirar meu pai de cima dela. Nunca tinha visto ele sendo rude com ela. *Nunca*. Tudo que via era amor, e foi exatamente o que encontrei quando descalço e trêmulo abri a porta.

Era nos braços dele que ela se agarrava e se acalmava. E os dois choravam abraçados. Outras noites assim aconteceram, só que eu não corria até o quarto, pois sabia que não era do meu pai que ela pedia socorro. O que eu não poderia imaginar era que esse pedido de socorro vinha de um passado triste de uma jovem que foi embora da sua cidade natal e nunca mais voltou.

— *Prometa, Dylan. Prometa que nunca irá ferir uma mulher.* — Pediu-me, no seu último dia de vida em seu leito de morte.

Eu prometi.

Durante os anos que se seguiram após a sua morte, eu acabei desapontando minha mãe em muitos dos seus conselhos e ensinamentos, mas estava determinado a não desapontá-la neste que lhe parecia tão importante. E, no fundo, essa percepção de respeito pelas mulheres ia além de uma promessa, era o que eu sentia ser o correto a

fazer.

Para mim, sexo só rolava quando o interesse era mútuo, nunca toquei numa mulher sem que ela permitisse, sem que seu corpo me demonstrasse que era, exatamente, o que queria.

— Me diz, Dylan, por que eu não posso? — Paulo César voltou a inquirir. — E que merda você pensa que é para se meter na minha vida?! — O dedo em riste, quase tocando o meu nariz, me desafiava.

Bastou.

Acabei com sua empáfia e altivez dando-lhe um belo soco que o fez cambalear. Acertei no alto da face, perto dos olhos, que ele arregalou em seguida, surpreso, não esperava que eu reagisse. Afinal, éramos integrantes da mesma gangue e, apesar de sermos um bando de caras esquentados que faziam um monte de porcarias, éramos unidos e não brigávamos entre nós. Victor, o chefe maior,

PERIGOSAS ACHERON

até se referia a nós como uma *família*. O que era meio idiota, mas que não deixava de ser um pouco verdade. Desde que a minha se desfez, foi com esses *caras* que encontrei algum meio de levar a vida, e Victor era como o irmão mais velho que nunca tive e é também como um *pai* que eu deixei de ter.

— Você pode transar com quem bem entender, eu não estou nem aí. — Dei de ombros, e o vi passar a mão onde a minha esteve instantes antes. — Desde que eu não ouça um pedido de socorro da garota que está debaixo de você — acrescentei, com repulsa. — Ainda mais se ela for *minha* amiga.

— Não fui eu que procurei por ela — alegou. — Jéssica que veio aqui. E eu não tenho culpa se eu sinto um tesão louco por ela. Dessa vez não resisti.

O desgraçado só faltava babar enquanto
 PERIGOSAS ACHERON

falava secando Jéssica com um olhar invasivo acompanhado de gestos obscenos.

Marchei até ele com raiva e deixei meu recado.

— Você nunca mais toca nela. Ou vai se ver comigo! Entendeu, seu filho da puta?

Paulo César começou a gargalhar, seu mau hálito misturado ao bafo de cerveja me causou náusea e, quando ele começou a tossir feito um cachorro gripado, me afastei com mais náusea ainda.

Ele era ridículo. Ridículo e nojento.

Apanhei no chão a camiseta de Jéssica, estendendo-a em sua direção sem olhar diretamente, mas notei que ela cobria os seios com um dos braços enquanto o outro se guiava até a roupa em minha mão.

Ela se vestiu com pressa e abandonou o velho sofá em que estava deitada e veio para o meu

PERIGOSAS ACHERON

lado. Sentiu-se finalmente livre do seu tormento, mas ainda assim acentuou o choro. Ela estava nervosa e trêmula.

— Não chore, por favor — eu pedi, querendo acalmá-la. Mas também porque não queria ter de ouvir o choro. — Vamos embora daqui — avisei, tomando sua mão.

— Obrigada, Dylan — disse ela com a voz vacilante. Apertei seus dedos trêmulos e gelados, querendo que ela se sentisse segura. Sustentei alguns segundos o olhar em Jess reparando a bagunça que ela estava; o cabelo longo de cor preta estava todo embaraçado, a pele de sua face continuava avermelhada e o corpo retraído. Sinais de quem lutava para se livrar de um maldito homem que lhe agarrara à força. *Nenhuma mulher deveria passar por algo desse tipo*, pensei entristecido.

Começamos a andar em direção à saída do

PERIGOSAS ACHERON

galpão, então perguntei:

— O que, afinal, veio fazer aqui? Esse lugar não é pra você, sabe disso — arrematei. E, sentindo-me nervoso por imaginar que o pior poderia ter acontecido a ela, acabei usando um tom mais áspero.

— Eu vim te procurar — contou ela. Inclinei a cabeça, mirando o seu semblante triste. — Tivemos que chamar uma ambulância para o seu pai. Ele foi levado até o hospital.

— Os porres dele passam sozinhos, não precisa ir para o hospital. E muito menos você se arriscar, vindo até aqui para me avisar.

Fiz pouco caso. Já estava acostumado a vê-lo beber a ponto de cair.

— Não é só isso. Nós o encontramos na portaria do prédio, muito ferido e inconsciente. Foi algo sério.

Jéssica deu a informação de maneira

PERIGOSAS ACHERON

apreensiva.

Engoli com força a saliva. Mesmo que ele não merecesse minha preocupação, eu a sentia. Sentia, perguntando-me em que confusão aquele bêbado havia se metido.

Merda!

— Ei, Dylan?

A voz de Paulo César ecoou pelas paredes de concreto; no momento em que minha mão abria o trinco do portão de alumínio, eu parei o movimento e me virei para ele.

— Sabe por quem mais eu tinha tesão? Pela sua mãe. Toda vez que a minha mãe ia até sua casa para encomendar alguma costura, eu fazia questão de ir junto. Os peitões dela naquele decote dos vestidos que costumava usar eram meu último pensamento da noite. É uma pena que ela tenha morrido. — Ele soltou uma gargalhada.

Foi como se as palavras me acertassem em

PERIGOSAS ACHERON

cheio, como se tivessem o poder de golpear cada parte do meu corpo de uma só vez, então comecei a respirar só pelo nariz sentindo a raiva e a náusea queimarem em meu estômago. Apertei as mãos fechadas em punho, eu iria quebrar cada um de seus dentes amarelados.

— Eu vou te matar, seu desgraçado! —
Gritei, correndo até ele, sem lhe dar qualquer chance de escapar.

E quando o alcancei, a fúria tomou conta de mim, comecei a desferir socos com toda a minha força, ouvi seu osso nasal se rachar com a cotovelada que dei, o sangue escorreu, eu desejei arrancar cada gota de sangue dele. Eu estava determinado a matar Paulo César e fazer com que ele nunca mais abrisse sua boca imunda para falar da minha mãe e também para que ele nunca mais tocasse uma mulher.

As drogas que por todos esses anos Paulo
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

César fez uso provavelmente apagaram de sua memória que uma vez nós brigamos na escola, e mesmo sendo ele cinco anos mais velho do que eu e com uma estatura maior que a minha, eu afundei o rosto dele na poça de lama, só que agora não é na poça de lama que eu vou deixá-lo e sim numa poça de sangue — e não só com o osso do braço quebrado. Mas como também todos os outros.

Eu iria matá-lo. Sim, eu iria.

No entanto, eu não matei Paulo César. Não dessa vez. E foi por não o matar nessa noite é que a outra bem pior aconteceu.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 02

Dylan

Dei um soco na mesa e bradei:

— Você deveria ter me deixado matar aquele desgraçado! Agora não estaríamos com a polícia rondando por aqui — completei chateado, encarando Victor sentado à minha frente.

Ele escorregou na cadeira, apoiando as costas no encosto dela. Fiquei impressionado com a calma que ele conseguia ter quando tudo estava uma grande merda.

— Vai por mim, Dylan. Você não ia querer carregar o peso da morte de alguém, nem mesmo se esse alguém fosse o traste do Paulo César — ele concluiu de maneira incisiva.

— É, só que o que vamos fazer? Desde que

PERIGOSAS NACIONAIS

ele se juntou com o pessoal do Tarso, nossos problemas começaram. — Esfreguei os dedos pela minha testa suada.

Estávamos no escritório de Victor, que na verdade era um container dentro do galpão. O calor de janeiro, a irritação me consumindo e o local nada arejado contribuía para que transpiração dos meus poros aumentasse.

Irritação causada por Paulo César, como sempre ele conseguia fazer isso comigo. Eu juro que preferiria ter o matado, mas Victor chegou bem na hora que eu estava acabando com ele e me impediu de terminar o serviço.

Paulo César saiu do galpão como um cão enxotado e encontrou abrigo com a gangue rival à nossa. Tarso, seu líder, era um homem sem um pinga de escrúpulos, e não estava nem um pouco preocupado em promover caos e desgraça no populoso Distrito de Esperança.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O nome dado ao lugar era bem representativo, era o que justamente significava para muitas famílias — esperança. O aglomerado de bairros cresceu na velocidade da luz, de início de uma forma truncada, sem planejamento algum, depois foram tentando organizar a bagunça. E até moradias sociais foram construídas. Eu vivia em uma delas, o apartamento de valor baixo pôde ser comprado por meus pais depois da venda do único bem que possuíam: um automóvel. E, assim como meu pai e minha mãe, os moradores do distrito eram pessoas simples que ralavam muito para conseguir conquistar alguma coisa. Mas como todo lugar populoso e às margens de grandes centros urbanos, o distrito tinha suas mazelas sociais, e gente como o Tarso e sua gangue se aproveitavam disso, disseminando pânico com uma violência aleatória; roubando casas, carros e aliciando menores no tráfico de drogas. A situação até tinha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um certo controle, era Victor quem fazia isso, pois é o líder de outra gangue, mas que por sua vez, diferente de Tarso, ainda detinha algum tipo de escrúpulo, ousou dizer que muito. Victor respeitava os moradores de Esperança, ele nasceu junto com o lugar. Ele o protegia.

Isso não fazia de nós santos, ao contrário, também éramos bandidos. Bandidos especializados em roubar carros de luxo. E se existe alguma desculpa para tal ato ilícito, é que nós o fazíamos em regiões onde a grana come solta, onde os donos dos carros são pessoas que possuem uma gorda conta bancária e ainda com um bom seguro, que lhes cobria a perda do bem. O que era uma realidade totalmente diferente dos moradores de Esperança.

E desde que a gangue rival passou a “trabalhar” em nosso distrito, o medo começou a fazer parte da rotina das pessoas, sem contar que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

polícia tem estado aqui com frequência. Isso faz 3 meses, e foi o suficiente para ferrar com os negócios de Victor e com o povo que mora aqui.

— Tarso quer conversar comigo, mandou recado por um dos idiotas que trabalha para ele. Marcou hoje à noite na fábrica abandonada — contou-me.

— Você vai? — Inquiri. Sabia que o lugar era afastado e por muitas vezes era usado para acerto de contas.

Seria um erro Victor ir até lá.

— Sim. Eu preciso saber o que ele quer, talvez seja até uma forma de firmarmos um acordo e acabar com a zona que estão fazendo por aqui.

— Eu não acho esse pessoal confiável, Victor — ponderei, preocupado.

— Eu sei disso, Dylan. Mas pode ser uma saída.

— Eu vou com você — declarei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. — Sua resposta saiu rápida e convicta.

Franzi a testa.

— É claro que eu vou — contrapus. — Não é seguro você se enfiar no meio deles, ainda mais sozinho. Aquele pessoal do Tarso é como cobras traiçoeiras prontas para dar o bote.

Victor passou uma das mãos pela cabeça careca; falando desse jeito, soou como se ele fosse um senhor já de idade avançada, mas não era nada disso. Apenas que Victor costumava raspar o cabelo, desde que eu o conheci era assim. Além do mais, ele era um solteirão convicto de quase quarenta anos, com o corpo coberto de tatuagens e músculos. Eu também tenho inúmeras tatuagens distribuídas por minha pele e, mesmo me dedicando a levantar pesos e mais pesos, não conseguia adquirir a aparência de “armário” que Victor possuía.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei me cuidar, garoto — ele assegurou com um sorriso torto. — Fique tranquilo. E tem mais: eu te chamei aqui porque quero conversar com você. Não acho que deva continuar.

— Continuar?

— Você deve cair fora, Dylan. Esse mundo não é para você.

Foi a minha vez de passar a mão pela cabeça, mas ao contrário de Victor, tenho cabelo e ao contrário de Victor também, não concordava com sua afirmação.

— Que porra é essa que está dizendo? Eu sou desse mundo — argumentei.

— Não. Você não é. Você se tornou por causa das consequências, mas ainda há tempo para sair fora e levar uma vida normal.

Bufei irritado.

— Essa é a minha vida. A vida que escolhi. Eu sou um ladrão de carros, eu faço parte dessa

PERIGOSAS ACHERON

equipe. E, no fundo, você sempre diz que somos uma família. Essa é a minha.

Ele deu outro sorriso torto e outra afirmação sem nexos.

— Não fala besteira. Você não é ladrão de carro. Você apenas os dirige para nós quando preciso e ainda coloca a mão na massa depenando os carros. Na verdade, você é um bom motorista de fuga e um excelente mecânico. Pode muito bem se virar na vida fazendo isso, só que sem estar envolvido nessa sujeira toda.

Que porra de conversa é essa?

— É nessa sujeira toda que escolhi ficar. — Dei de ombros.

— Você não teve muitas escolhas, Dylan. E eu, quando te acolhi, achei que estava te fazendo um bem, pois sabia que comigo pelo menos evitaria de você cair com o pessoal barra pesada. Não que eu não seja, mas não mexo com drogas, e ao menos

dessas porcarias eu consegui te deixar longe.

Nisso Victor tinha razão. E eu concordei movendo minha cabeça, todavia o resto era uma grande idiotice, então voltei ao meu ponto com convicção.

— Presta atenção, Victor — descansei os braços sobre a mesa e o encarei. — Eu não vou cair fora agora. Nem nunca. Não tenho planos para a minha vida, o que tenho aqui está bom.

Incomodado por ser contrariado, afinal Victor não era um cara que costumava receber isso das pessoas, ele se mexeu na cadeira e começou a girar sobre a mesa uma moeda antiga que ele dizia ser sua moeda da sorte.

— É mentira isso que está dizendo. Pode e deve ter planos. E deve sair agora, as coisas estão se tornando perigosas.

— Caralho, meu! — Exclamei, puxando uma grande lufada de ar. Sabia que não

PERIGOSAS ACHERON

chegaríamos a um ponto em comum nisto. — Fico impressionado com o tanto de besteira que consegue falar — eu disse sem ânimo. — A que horas ficou marcado com aqueles ratos? — Ignorei suas ordens. — Vou com você — declarei por fim.

— Pegue isso aqui.

Victor jogou um envelope pardo sobre a mesa, catei e abri.

— Pra que essa grana toda? — Questionei sem entender. — Já recebi meu pagamento do mês.

— Essa grana é pra você cair fora. Começar sua vida em outro lugar, bem longe daqui. Procure um lugar de paz, Dylan. Viva uma vida boa, você ainda é jovem. Pode fazer isso. Se não quer fazer por você, faça por mim.

Que sentimental de merda.

Joguei o envelope de volta na mesa.

— Vai se foder, Victor! — Bradei com força no instante em que alguém bateu à porta.

Victor me encarava sério, enquanto um dos caras que trabalhava com a gente entrou no escritório e avisou:

— A Dona Terezinha está aí. Quer falar com você, chefe.

Então Victor levou seu olhar para além dos meus ombros e perguntou preocupado, estreitando os olhos:

— Será que o marido dela piorou?

— Não. Ela veio justamente te agradecer pela ajuda — esclareceu.

Meu amigo deu um aceno com a cabeça e logo depois Dona Teresinha estava diante dele lhe entregando um prato tampado com guardanapos de papel.

— É um bolo simples de fubá — ela disse.
— Mas fiz com todo o meu carinho para agradecer a ajuda que nos deu. Comprei os remédios, meu marido já está melhor e finalmente poderá voltar ao

trabalho. Não sei o que seria de nós sem você, Victor.

A senhora de mais de sessenta anos deixou o prato em cima da mesa e envolveu Victor em um abraço caloroso, fazendo o homem de aparência bruta se desmanchar com tal gesto.

— Que é isso, Dona Terezinha... Não foi nada, sempre que precisar a senhora pode me procurar. — Ele resmungou de maneira tímida.

Dona Terezinha disse a Victor mais algumas palavras de agradecimento, comentários breves sobre o bem que os remédios fizeram ao marido, e depois se foi, deixando um sorriso grato.

Victor voltou a se sentar e, com um olhar contemplativo, levou um pedaço do bolo à boca; ao me oferecer, aceitei. Eu adorava bolo de fubá, minha mãe costumava fazer, e ter esse gosto em minha boca me lembrava do tempo que eu era uma criança com sonhos e com planos de uma vida

simples, porém feliz. Mas tudo se desfez a partir do momento que ela morreu. Eu havia me transformado no que era e certamente eu não deveria me orgulhar por fazer parte de uma gangue, mas em situações em que via uma senhora feliz por ter conseguido comprar um remédio caro, graças ao dinheiro que Victor lhe deu, me permitia sentir um pouco de orgulho.

Orgulhava-me também por ser amigo de Victor e saber que ele tinha um coração enorme. E apesar de toda a sua grana vir de meios escusos, ele também a usava para fins louváveis. Não havia uma pessoa no distrito que tivesse precisado de ajuda e que não a tivesse recebido. Na verdade, Victor era uma espécie de Robin Hood^[1] — ele tirava dos ricos para dar aos pobres.

E ao que dependesse de mim, eu sempre iria proteger sua vida, por isso afirmei:

— Chegarei aqui perto da meia-noite. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Mordi um pedaço de bolo esperando por sua resposta. Não houve. — Esse horário está bom? — Perguntei de boca cheia.

E, cheio da conversa, dei as costas a Victor e avancei até o bebedouro. Enchi um copo plástico com água, tomei todo o líquido; quando terminei joguei o copo no lixo e me virei, Victor estava de pé, apoiando-se na parte da frente da mesa. Ele continuava em silêncio.

— Não vai dizer nada? — Questionei. Não estava compreendendo, em um dia normal Victor teria me dado uma resposta rápida e talvez malcriada.

Mas, ao invés disso, ele encolheu os ombros e disse:

— Você é o cara mais cabeça-dura que eu conheço, Dylan.

— Como se você não fosse — rebati.

Fui até a cadeira e peguei minha mochila.

PERIGOSAS ACHERON

— À meia-noite está bom. — Victor confirmou.

Dei um sorriso vitorioso e um soco no braço dele.

— A gente se vê, irmão — falei.

— A gente se vê, irmão — ele repetiu.

Eu saí contente do galpão e também com fome, o pedaço do bolo de fubá só serviu para me lembrar de comer. Era improvável que na geladeira de casa tivesse alguma coisa decente, por isso, parei na lanchonete que ficava na rua do nosso prédio.

O lugar estava abarrotado, costumava ser movimentado, mas às sextas-feiras era mais. Fui direto ao caixa e fiz o meu pedido. No momento em que catava o dinheiro na carteira para pagar pelos dois lanches, Sidnei, o dono da lanchonete, apareceu fazendo com que a garota que antes me atendia com um sorriso encantador escondesse os

dentes e assumisse uma postura compenetrada no trabalho, e não mais em mim. O que foi uma pena. Eu percebia seu interesse e até estava cogitando em aproveitar chamá-la para sair. Tinha certeza de que a conversa com o pessoal do Tarso não seria a mais tranquila, por isso, ter uma noite com a morena de cabelo cacheado e uma baita boca sexy seria providencial para aliviar minha tensão.

— Ei, Dylan, tudo bem? — Sidnei averiguou com simpatia.

Ele era sempre assim, seu lugar vivia cheio e não era só pelo hambúrguer recheado com bacon, mas também porque os clientes eram sempre bem tratados.

— Tudo certo, Sidnei. Cada vez mais cheio — comentei, apontando ao redor. — Os negócios estão indo bem. Parabéns.

— Graças a Deus! — Ele disse erguendo uma das mãos para cima e em seguida emendou: —

E seu pai, como está? Faz tempo que ele não aparece.

— Bem.

Dei minha resposta sem dizer que ele ainda estava se recuperando da grande surra que levou há três meses, por causa de uma discussão de um jogo de dominó no bar. Eu não gostava e nem precisava dar esse tipo de detalhe para as pessoas. Apesar de que, no fundo, todos sabiam e já tinham visto seus vexames pela rua. E isso era um dos motivos pelo qual eu o detestava — a vergonha que me fazia passar.

Não querendo prolongar o papo, coloquei o dinheiro sobre o balcão, percebendo que o olhar de Sidnei recaiu nas notas que eram o suficiente para pagar pelo pedido.

— Estou com alguma conta pendurada? —
Busquei saber, mesmo tendo certeza que não.

— Na verdade, você não. Mas seu pai sim.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já te disse uma vez que não pagaria pelas cervejas dele, se vendeu foi por conta e risco.

Fui ríspido, no entanto me senti no direito ser. Caralho, todo mundo sabe que não se deve vender para um bêbado.

— Foram lanches — ele explicou sem jeito, coçando a cabeça.

— Ok — resmunguei. Lançando mais algumas notas sobre as que já estavam no balcão.

— Isso aqui paga?

— Obrigado. Mande um abraço para o Senhor Vainat.

Senti vontade de dizer que um homem como meu pai, que perdeu toda sua dignidade para a bebida, não deveria ser tratado pelo sobrenome, apenas Rômulo seria mais do que suficiente, mas ao invés disso, murmurei outro “ok” e me afastei tão logo a sacola do meu pedido chegou.

Em muitos momentos ficava claro que as
PERIGOSAS ACHERON

peessoas me avaliavam como um filho ingrato, *só porque* eu não era capaz de lidar com seu vício, que não se importava com a vida do próprio pai. Pois bem, eu me importei por tempo suficiente até perceber que se eu continuasse a tentar tirá-lo disso, acabaria envolvido pelas suas sombras e também ficaria nelas. Além do mais, meu pai sequer foi capaz de se preocupar comigo. Ele havia perdido a mulher que amava e eu a mãe. Nessa balança, eu não sei quem estava mais ferido. Só que eu era uma criança. Pessoas como Sidnei me julgavam por negligenciar o próprio pai, mal sabiam que foi a negligência dele comigo que tornou tudo do jeito que era.

E mesmo não reconhecendo diante de Victor, às vezes, eu queria a chance de ter uma vida nova, recomeçar e esquecer toda a merda de vida que levava. Mas sempre que tinha esse pensamento, em seguida percebia que era uma grande idiotice,

PERIGOSAS ACHERON

pois não importaria onde eu estivesse, as marcas na minha alma e de tudo que passei estariam sempre presentes, nada e nem ninguém seria capaz de apagá-las.

A minha bagunça, a minha desgraça estariam sempre comigo, no final das contas eu sempre iria continuar a atraí-las.

Girei as chaves na fechadura e assim que pisei o no apartamento, colocando a mochila no chão, ouvi o som melódico da gaita de boca ressoando baixo. Fechei a porta com o próprio corpo. *Ele está sóbrio*, concluí de imediato. Fechei também os olhos, os mantive pressionados pelos segundos em que inspirei e expirei aliviado, por pelo menos umas duas vezes. Meu pai só tocava gaita quando estava sóbrio, e nesses últimos três

PERIGOSAS ACHERON

meses ele havia tocado com mais frequência, o que passou a alimentar em mim as lembranças do passado. Não sabia se isso era algo bom ou ruim, mas de alguma forma era reconfortante saber que ao menos uma das nossas lembranças se manteve intacta ao seu vício.

As notas da canção que ele estava tocando era a de *Knockin' On Heaven's Door* (Batendo Na Porta do Céu), de Bob Dylan^[2], essa era a canção preferida e o cantor preferido da minha mãe, e isso explica a escolha do meu nome.

A música me trazia as lembranças e reacendia a dor que era como uma doença silenciosa, que permanecia latente no organismo e de uma hora para outra resolvia atacar e se fazer ser notada, a dor conseguia se transformar em algo mais forte e as lembranças tão vivas que faziam com que meu cérebro fosse capaz de recriar com perfeição cenas do meu passado, como acontece

PERIGOSAS ACHERON

exatamente agora em que deposito as embalagens dos lanches na pequena mesa redonda da cozinha, que divide espaço com a nossa modesta sala e é ali no chão dela, em cima do tapete, que enxergava a nós três — minha mãe, meu pai e eu. E enquanto ele tocava sua gaita, minha mãe servia nossos pratos com fatias de um doce que religiosamente ela preparava para alegrar ainda mais essas agradáveis noites em família.

Era sempre assim, no final de cada mês quando meu pai recebia seu pagamento e minha mãe tinha juntado algum dinheiro com as costuras, ela costumava preparar um doce chamado *Ofenschlupfer*, era um pudim de pão feito com maçãs, nozes, ovos e leite. Eu me lembro de aprender a falar de forma correta o difícil nome do doce típico da Alemanha, assim como outras palavras em alemão. Minha mãe era descendente de alemães e carregava muito da sua origem, que ia

PERIGOSAS ACHERON

além da aparência física da pele branca, que de tão branca, as veias de seus braços ficavam visíveis com facilidade, era meio impressionante que aquele tom de cor azul esverdeado impresso em suas veias era também o mesmo tom de cor de seus olhos, e essa era mais uma característica que eu herdei da minha mãe.

Achava bonito o seu cabelo longo de fios lisos e loiros, e eu sempre gostei de possuir o mesmo tipo de cabelo que o dela e ainda possuir a mistura genética do meu pai, como a cor de sua pele de tom naturalmente bronzeado. Quem me visse era capaz de acreditar que eu passava horas ao sol para ter pigmentações de melanina tão fortes em meu corpo. Eu continuava a gostar de carregar traços da minha mãe e de me parecer com ela, mas já em relação ao meu pai, deixei de gostar. Por isso, querendo esconder minha própria pele é que preenchi todo o corpo de tatuagens, deixando ileso

somente o rosto, da tinta preta — todos os desenhos eram dessa cor. Foi a forma que encontrei de tirar de mim uma das coisas que me assemelhava tanto ao homem que eu tinha por herói e exemplo, mas a fome que ele me fez passar, o choro solitário que ele promoveu em mim e a dor do abandono aos sete anos de idade fizeram com que eu não o enxergasse mais dessa maneira. E a cada ano que se passou após a morte da minha mãe, mesmo permanecendo juntos na mesma casa, fomos nos distanciando.

A bebida o levou de mim, nos afastou, e sua gaita era a única coisa que conseguia trazê-lo de volta e nos reaproximar. Por esse motivo é que segui até seu quarto para ter a visão dele sóbrio e matar a saudade de vê-lo, fazendo o que fazia com tanta alegria.

Parei diante da porta entreaberta e pela fresta o vi sentado na beirada da cama, seus olhos permaneciam fechados enquanto seus lábios

PERIGOSAS ACHERON

escorregavam de maneira ágil pela gaita. Quando ele soprou as últimas notas da canção, abriu seus olhos e percebeu que eu estava observando-o, então, cedi um passo atrás e avisei:

— Eu trouxe comida.

Ele veio até a porta, a proximidade me deu o vislumbre da sua aparência de quando estava sóbrio, banho tomado, barba feita, roupas limpas e um semblante desprovido daquele olhar confuso e perdido que ele possuía quando está sob o efeito do álcool. Se não fossem alguns hematomas ainda no rosto por causa daquela surra, eu seria até capaz de esquecer do homem bêbado que costumava ser.

— Obrigado, Dylan. Eu vou colocar a mesa — ele disse atencioso.

— Não é nada de mais, são só lanches.

— De qualquer forma é uma boa refeição para se fazer à mesa.

— Tudo bem, eu só preciso de um banho —

PERIGOSAS NACIONAIS

comentei indo para o banheiro. Além de estar precisando, era uma exigência da minha mãe para que eu pudesse me sentar à mesa para comer. Tornou-se um costume que nunca perdi, mesmo depois que eu a perdi.

— Eu espero por você, filho. — Escutei meu pai dizer quando eu estava fechando a porta, foi um murmuro baixo, mas eu ouvi.

Deixei a água escorrer pelo meu corpo enquanto pensava que gostaria muito que meu pai se lembrasse que eu era seu filho a cada vez que ele decidisse tomar o primeiro gole. Principalmente o primeiro gole que deu no dia que minha mãe foi enterrada e que eu tive que arrastá-lo do bar até em casa, e desde então, infelizmente, isso se tornou uma triste rotina.

PERIGOSAS ACHERON

— Sabe... eu pensei se talvez poderíamos assistir a um desses filmes antigos que temos aí. — Meu pai disse, limpando a boca com o guardanapo de papel.

Ele parecia estar com bastante fome, pois devorou seu lanche em poucos minutos e muito menos havia falado alguma coisa até então, o que não era uma novidade, afinal eram raras as vezes que conversávamos, todavia neste dia ele parecia querer fazer as coisas de um jeito diferente. A proposta de assistir um filme era uma grande novidade.

Eu poderia aceitar, mas além de ter de sair mais tarde eu não conseguia fazer de conta que éramos como um pai e filho que vivem uma vida normal. Deixamos de ser *normais*, e essa falsa fantasia já não era algo que me atraía, eu sabia que no dia seguinte iria encontrá-lo caído na porta de casa ou em qualquer canto do bairro. Não me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

permitia mais alimentar minhas esperanças de que um dia voltaríamos a ser o que éramos. Nunca mais seríamos.

— Eu tenho que trabalhar mais tarde e pretendo descansar um pouco — informei, levantando-me.

— Tudo bem — ele murmurou com um sorriso que soou triste e por causa disso eu me vi dizendo:

— Mas se você quiser podemos fazer isso amanhã.

É... mesmo não querendo, eu ainda me deixava alimentar pela esperança.

— Tudo bem — confirmou animado. Ele parecia mesmo disposto a ter um momento comigo.

Apanhei sobre a mesa os pratos e copos e levei até a pia; derramando uma boa quantia de detergente na esponja, senti a mão de meu pai tocar em meu ombro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Deixa isso comigo. Vá descansar.

Sua voz estava afável tal qual o toque que promoveu em mim, mas por alguma razão não me sentia confortável com ele. Não que em alguma ocasião eu tivesse sentido o peso de sua mão de forma violenta, pois, afinal, ele nunca havia me batido. No entanto, desde que eu passei a não ter dele nenhuma demonstração de carinho, passei também a não desejar.

Acenei com a cabeça enxugando as mãos no pano de prato e o deixei sozinho na cozinha. Eu precisava de carinho e acolhimento quando era criança, já não precisava mais. Me sentia confortável estando sozinho em meu quarto e foi para onde fui até que desse o horário do encontro com Tarso e ali, deitado em minha cama, eu sequer imaginava que este encontro seria, no final das contas, *aquela* noite bem pior.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 03

Dylan

Victor era mesmo um filho da mãe, mentiu para mim o horário e foi a porra do encontro sozinho, constatei ao ver o seu carro estacionado no portão de entrada da fábrica abandonada. *Esse lugar é sombrio*, pensei estacionando minha moto ao lado do carro de Victor. Nunca havia estado lá antes. No entanto, não seria isso que me impediria de entrar e averiguar o que estava acontecendo, justamente havia dirigido até o lugar por saber que Victor estaria nele, pois sequer atendeu minhas ligações que eu comecei a fazer a partir do momento que não o encontrei à minha espera no galpão.

Percorri sob a penumbra fraca que vinha da

PERIGOSAS NACIONAIS

luz de um único poste o caminho repleto de mato do portão até a construção desgastada sem quaisquer portas ou janelas, que certamente haviam sido roubadas. Qualquer material que valesse alguma coisa era arrancado de construções abandonadas para ser vendido, o tráfico de drogas na região era pesado e a cada minuto um jovem ou até mesmo uma criança estava se tornando dependente dessa porcaria. Principalmente do crack, que causa uma necessidade instantânea ao organismo desde a primeira vez que é usado.

Malditos traficantes!

Minhas botas alcançaram o cimento bruto, tornei-me atento, tudo aparentava estar silencioso até que ouvi um gemido abafado e em seguida o som que indicava ser de um soco e outro gemido gutural.

Merda! Espero que seja Victor a bater e não a apanhar.

PERIGOSAS ACHERON

Procurei fazer o mínimo barulho enquanto dava passos apressados em busca de onde o som vinha, até enxerguei uma única luz de uma lâmpada acesa, a visão que veio a seguir fez meu estômago se contrair — embaixo dessa lâmpada suspensa por um longo fio elétrico estava Victor, sentado em uma cadeira amarrado com as mãos para trás, sua boca estava amordaçada com um pano preto e Tarso deferia socos impiedosos em seu rosto, formando cortes profundos por causa do soco inglês que ele tinha preso aos dedos.

Desgraçado!

Freei meu impulso de gritar para o maldito deixar Victor em paz. E, à espreita, analisei uma forma de chegar por trás e surpreender Tarso. Percebi uma entrada no lado apostado ao que eu estava, ela me possibilitaria fazer o que havia acabado de planejar, a única arma que possuía era um canivete, cuja ponta era absurdamente afiada,

PERIGOSAS ACHERON

tirei-o do bolso do meu jeans preto, o pressionei com força entre meus dedos à medida que dava a volta até a outra entrada. Dei uma última conferida e pareceu que Tarso estava sozinho, seus costumeiros cães de guarda, como Paulo César, por exemplo, não estavam por perto. Isso ofereceu uma vantagem à minha ação de livrar Victor dos socos de Tarso e, ele enfiava um atrás do outro fazendo sangue pular para longe do rosto de meu amigo.

Tarso estava tão distraído com o que estava fazendo enquanto gargalhava afastando-se brevemente de Victor e o instigando a reagir que não percebeu quando eu me aproximei como um gato silencioso. Assim, cheguei perto o suficiente, até encostar a ponta do canivete na sua jugular, vi sua carótida pulsar ao sentir o toque.

— Coloca as mãos atrás da cabeça. Bem devagar — avisei entredentes. — E fique certo que qualquer gracinha eu enfio isso no seu pescoço. —

Pressionei o canivete na pele dele.

Olhei Victor por cima dos ombros de Tarso, meu amigo moveu sua íris encharcada de sangue com desespero.

— Que bom que você veio, Dylan — Tarso debochou, levando as mãos até a cabeça, o soco inglês em seus dedos estava coberto do sangue de Victor.

Mantive a mão direita segurando firme o canivete em sua jugular e com a outra revistei suas roupas em busca de alguma arma, porém não encontrei nada, então me movi até ficar de frente a ele. Eu nunca o tinha visto de tão perto, e a repulsa que senti foi instantânea, causando-me náusea.

Foi como ficar diante de um demônio, só que bem diferente dos que são representados em filmes, com chifres e tridentes, rabos e tudo mais. Tarso não tinha nada disso, mas o que compunha a sua imagem daquele homem era perfeitamente a de

PERIGOSAS ACHERON

um demônio, *de verdade*.

O sorriso de deleite que ele ostentava enquanto me encarava fazia brilhar dois de seus dentes da frente, que eram de ouro. A aparência era relaxada e suja; seu cabelo longo — no qual havia mais fios grisalhos do que escuros — e a barba enorme pareciam engordurados e fediam a tabaco e sei lá mais o quê, só sei que seu odor era fétido. *O inferno deveria feder assim*, pensei.

— Desculpe estragar sua festa, Tarso — eu disse usando um tom debochado como o dele. — Mas não é hoje que você vai acabar com Victor.

— Eu não preciso mais fazer isso, você já está aqui — ele falou, mantendo uma expressão insolente. — Quando chamei Victor para este lugar, sabia que você viria junto. Quando não apareceu com seu amigo, insisti que ele te chamasse, mas Victor não quis, por isso estava apanhando. E também porque eu sempre tive vontade de acabar

PERIGOSAS ACHERON

com a cara dele. Eu não entendo isso, Victor é tão bandido quanto eu, mas se enxerga como um homem decente. É um idiota por pensar isso e também por pensar que é dono desse bairro e que tem que proteger essas pessoas. Somos todos ratos imundos, no final das contas. Só que Victor insiste em atrapalhar meus negócios.

Encarei-o, decidi ignorar todos os seus comentários e fui direto ao ponto:

— Qual é seu objetivo, desgraçado? O que você quer comigo?

— Eu nada, mas Paulo César, sim. — Tarso arqueou a sobrancelha e repuxou o canto dos lábios escondidos pela barba.

Estreitei meus olhos e, certo de que muito em breve teria de lidar também com Paulo César, tomei a decisão rápida de golpear Tarso, puxei sua cabeça para baixo, erguei o joelho na direção dela e o acertei no queixo, sabia que esse golpe colocava

PERIGOSAS NACIONAIS

qualquer um para dormir. Foi o que aconteceu com Tarso, ele sequer teve tempo de reagir, seu corpo foi ao chão, caindo de bruços.

Corri até Victor e a primeira coisa que fiz foi tirar o pano de sua boca, para que pudesse respirar, ele parecia sufocar no sangue que preenchia seu nariz.

— Merda, Dylan! Não era pra você ter vindo! — Ele cuspiu as palavras e junto delas o sangue de sua boca.

— Estaria morto — constatei, desamarrando suas mãos.

— Isso não importa muito agora, já que vou matar aos dois — ouvimos Paulo César dizer. Ele surgiu através da mesma entrada onde antes eu estava.

Ajudei Victor a se levantar, o pobre estava cambaleante e mesmo ele sendo bem maior que eu, o coloquei atrás de mim, Victor não impediu minha

PERIGOSAS ACHERON

reação de protegê-lo, aproveitou da posição para enfiar a sua pistola semiautomática *Desert Eagle* na parte de trás da minha calça, em seu cós. Victor sempre mantinha essa arma com ele e eu sabia que ela era capaz de fazer um grande estrago. Eu estava mais do que nunca disposto a usá-la; mesmo que nunca tivesse precisado usar, eu havia aprendido a manusear.

— Você sabia que eu fiquei com 3 costelas fraturadas e com a merda da minha visão comprometida por causa do que fez comigo, Dylan? — Paulo César disse. — É justo que receba o troco e muito mais.

A raiva estava presente no seu tom de voz, mas ela também percorria todo o meu corpo.

— Tem sorte de ter saído vivo, seu idiota!
— Explodi com a gana de acabar com ele.

— Graças ao seu amiguinho aí atrás de você. — Ele riu. — Victor e seu bom coração

PERIGOSAS NACIONAIS

acabou ferrando com ele próprio e com você. Seria melhor que eu tivesse morrido.

— Não foi por sua causa que eu não deixei que Dylan te matasse, seu desgraçado, e sim por ele mesmo! Pois você não vale nem uma porção do ar que respira — Victor falou de forma brusca.

Paulo César achou graça e a mesma gargalhada terrível e nojenta de sempre reverberou pelas paredes de cimento.

— Não dou a mínima para vocês dois e o que pensam sobre mim — falou dando de ombros. — Vamos. Escolham quem vai morrer primeiro! — Ordenou apontando a arma para mim e Victor.

— É você, seu merda! — Meu amigo resmungou.

Eu tomei suas palavras como um sinal, levei a mão atrás para puxar a arma, mas Victor tirou-a antes da minha calça, empurrando-me com força para o lado, ele disparou contra Paulo César.

PERIGOSAS ACHERON

Do chão eu via a cena se passar em câmera lenta: no momento em que a bala da pistola de Victor encontrou Paulo César, fazendo seu corpo chacoalhar com o impacto e cair, em seguida o estampido alto de outro tiro reverberou pela construção de concreto e dessa vez foi Victor que caiu no chão ao meu lado. Confuso, procurei por mais alguém além de nós quatro que estivesse no local, não encontrei, mas então percebi o maldito do Tarso com uma arma em punho; antes que ele conseguisse disparar outro tiro, eu arranquei a arma da mão de Victor e mirei em Tarso, não pensei duas vezes e atirei sem sequer ver onde iria acertar, só que onde quer que eu o tenha atingido fez com que seu braço cedesse de imediato ao chão, a arma permaneceu em suas mãos, entretanto, ao que constatei, elas estavam imóveis do mesmo jeito que o seu corpo. Ainda assim, por segurança me arrastei no chão até ele e retirei sua arma, voltando

PERIGOSAS ACHERON

em seguida para conferir Victor. Ele estava ofegante e sua camisa branca estava com uma densa mancha de sangue na altura do peito, bem onde havia um bolso.

— Eu vou te tirar daqui — falei.

Com os olhos entreabertos, Victor fez que não com a cabeça, mesmo assim comecei a arrastá-lo, mas não consegui ir muito longe, pois o chute que recebi nas costelas me fez parar de súbito e logo depois outro chute que me lançou para o chão fazendo as minhas costas baterem com força no concreto. O tempo que tive para assimilar que era Paulo César quem me golpeava foi o mesmo tempo que tive para me defender de outro chute. Rolei pelo chão fugindo de seus golpes, mas ele vinha para cima de mim com fúria suficiente para acertar vários socos seguidos um do outro em meu rosto, senti a minha carne estremecer a cada soco, me debati debaixo dele e estiquei os braços querendo

PERIGOSAS ACHERON

me defender e também acertá-lo. Consegui pelo menos acertar um soco, e então ele começou a me estrangular.

— Você não morre nunca, desgraçado! — Vociferei sentindo a pressão de seus dedos em minha garganta.

— Não, seu filho da puta, porque eu não vou morrer sem antes te matar!

Suas palavras me deram a força necessária para aguentar a pressão que ele promovia, e pelos segundos que Paulo César acreditava que iria conseguir me matar eu aproveitei da sua guarda baixa e elevei, com as últimas energias que me restavam, o punho travado até seu queixo; ouvi e senti o trincar do seu maxilar, aproveitei do seu estado entontecido pelo meu soco e parti para cima, enchendo seu rosto de murros. Ele gemeu e eu batia mais e mais. Golpeei seu rosto até que os nós dos meus dedos ficaram esfolados e até que senti seu

PERIGOSAS ACHERON

corpo amolecer embaixo do meu.

Foi então que comecei a ouvir o som de sirenes e a voz baixa de Victor me chamando, e só por isso parei.

Ofegante, aproximei-me do meu amigo.

— Dê o fora daqui, Dylan. A polícia está vindo — ele falou com dificuldade.

— Não sem você! — Disparei, passando os braços por debaixo de suas costas.

Comecei a arrastar Victor, seu corpo parecia ter adquirido um peso ainda maior.

— Dylan, acabou pra mim — Victor murmurou. — Se ficar aqui fazendo isso que está fazendo, será pego pela polícia. Dê o fora agora, porra! Eu tô mandando — bradou com a pouca força que ainda lhe restava.

— Eu não vou te deixar morrer, porra! — Devolvi exasperado.

— Eu já estou!... Já estou morrendo —

murmurou.

— Não! Você não pode morrer!

Caí de joelhos, mirando a face de Victor ferida e, porra... como ele está machucado!

— Presta atenção, Dylan — ele tossiu cuspendo o sangue, e com dificuldade prosseguiu: — Me obedece pelo menos uma vez na vida. Pegue o dinheiro que eu enfiei na sua mochila e caia fora, vá para longe, muito longe. Tarso está morto, só que isso não vai ficar barato. Ele ainda tem os caras dele e principalmente o filho. Se você ainda quer ter uma vida, você deve ir embora desse lugar. Faça isso por mim, por favor, vá.

Victor estendeu a mão até a minha.

— Eu sinto muito, Victor... eu sinto muito — pressionei seus dedos, junto aos meus.

— Isso não é culpa sua — ele conseguiu esboçar um sorriso. — Nunca foi. Essa vida que eu escolhi não tinha outro fim que não este. Uma hora

ou outra iria acontecer. Mas você tem saída, por isso, suma. Vá embora de toda essa desgraça.

Mesmo contrariado, atendi ao seu pedido.

— Obrigado por tudo, você foi um bom amigo. O meu melhor amigo — declarei.

— Eu sei — sussurrou. — E você sempre foi o meu amigo, meu garoto. — A voz dele se tornou lenta e as palavras saíram enroladas, ainda assim consegui entender as últimas: — Tenha uma vida boa, Dylan. Você é um bom garoto, lembre-se disso.

Seus dedos deixaram de imprimir qualquer pressão nos meus, abrandei o aperto e eles escorregaram sem força, os olhos de Victor permaneciam estalados e miravam o vazio. O vazio da morte.

Pressionei os lábios numa linha reta, reprimindo o choro e o grito de dor que quis ultrapassar a garganta.

— A gente se vê, amigo — disse próximo ao seu rosto, deslizando os dedos por seus olhos, fechando-os.

Ele não me respondeu como costumeiramente fazia. Afinal ele não tinha como responder. Victor, meu amigo, estava morto por minha causa. Era a desgraça que eu sempre atraía.

Eu sabia que tinha que ser ágil e seguir o conselho de Victor, abandonei a merda do lugar sentindo as lágrimas escorrerem pelo rosto, eram lágrimas de tristeza e raiva, elas se misturavam ao sangue. O meu rosto estava tão machucado pela briga com Paulo César que colocar o capacete foi um tormento e só me liberei dele quando cheguei na porta do meu apartamento. Antes ainda, abandonei minha moto no fundo da garagem do

PERIGOSAS ACHERON

prédio.

Com as mãos trêmulas, enfiei a chave na fechadura, fazendo mais barulho do que deveria, e eu xinguei por isso, e por estar tão nervoso. Depois de trancá-la, avancei até o banheiro, via, no pequeno espelho enquanto eu jogava água no rosto, o corte em meu supercílio e têmpora, outros esfolados também, mas estes e o olho esquerdo que estava pequeno e inchado eram os piores.

O bom de toda adrenalina é que ela evita que a dor seja sentida, entretanto não passou despercebida por mim a dor que sentia ao respirar, resultado dos chutes nas costelas. Pressionei a palma da mão no local, murmurando:

— Não é hora de esmorecer.

Fui até meu quarto e troquei a camiseta suja por uma limpa e, embora estivesse suando, enfiei um moletom grosso de capuz, ajudaria a esconder meu rosto, meu corpo e minhas marcas

permanentes — as tatuagens. Até que eu estivesse longe de Esperança era melhor evitar ao máximo ser notado.

Alcancei, na parte de cima do guarda-roupa, uma pequena bolsa de viagem e comecei a jogar dentro dela algumas peças de roupas, recolhi outros pertences pessoais que encontrei à vista pelo quarto. Apanhei ainda, numa mesinha velha de madeira que ficava no canto próximo à janela, um porta-retratos com uma fotografia da minha mãe.

— Me desculpe, mãe — pedi encarando a foto, antes de guardá-lo dentro da bolsa.

Eu tinha tudo que precisava e tinha de ir embora, porém levei alguns segundos olhando da porta para dentro do cômodo. Não sabia quando estaria outra vez nele. E apesar da mobília antiga e simples, ele era de alguma forma aconchegante, com certeza isso se dava por causa das boas lembranças da mulher mais importante da minha

vida que, encolhida comigo na cama, costumava me contar sempre a mesma história para eu dormir. Eu sabia que era inventada por ela, sabia também que minha mãe não a tinha escrita em qualquer lugar, mas conseguia repetir exatamente igual todas as vezes que contava e me fazia viajar pelo lugar, que descrevia com esmeros detalhes — colinas cobertas por uma grama macia, com árvores de copas grandes que produziam extensas sombras e dali do alto de uma dessas colinas, à sombra de uma das árvores, era possível ver um campo repleto de lírios amarelos e brancos. A imagem era para mim como a visão de um verdadeiro paraíso. Um paraíso de paz.

Afastei-me por fim, deixando muitas coisas para trás, mas era certo que as lembranças da minha mãe estariam eternizadas em minha memória e coração.

Fui para a sala e peguei a minha mochila,
PERIGOSAS ACHERON

procurei dentro dela o envelope que Victor havia colocado sem eu mesmo perceber, ele estava ali. E foi no chão que encontrei meu pai, deitado de barriga para cima no meio da sala, e uma garrafa vazia de bebida descansava ao seu lado.

Ele bebeu.

Me aproximei de seu rosto sentindo o cheiro de álcool que exalava de sua respiração pesada. Não o acordei, não estaria em condições de entender qualquer coisa que eu tentasse explicar, a única coisa que fiz foi pressionar sua mão numa despedida silenciosa e, enquanto fazia isso, desejava que ele, de alguma maneira, pudesse se manter nessa triste vida, que a partir daquele momento passaria a ser minha também.

Suspendi minha respiração quando ouvi um barulho no trinco da porta, e logo em seguida, quando Jéssica apareceu através dela, soltei o ar. Eu estava mesmo tenso.

— Oi, Jess — murmurei indo até ela. Seus olhos castanho-escuros percorriam assustados o meu rosto.

— Meu Deus, Dylan, o que houve?! Escutei você chegando e o barulho da chave de forma tão apressada me chamou atenção.

— Teve uma confusão com o pessoal do Tarso. Eu vou ter que sumir por uns tempos. — Expliquei de maneira sucinta.

Ela desceu o olhar até a pequena bolsa de viagem, eu notei seus olhos marejarem.

— Você está ferido — sussurrou tocando em meu rosto.

— Estou bem, só preciso dar o fora o mais depressa possível — falei com pressa. Apanhei na mochila o envelope, tirei um bom punhado de notas. — Tome. — Coloquei o dinheiro na palma de sua mão.

— Para que esse dinheiro? — Perguntou

PERIGOSAS ACHERON

ressabiada.

— Para o que precisarem, isso deve dar por um tempo. E se não for pedir muito, será que você e sua avó podem ...? — Engoli e apontei para o meu pai.

— Claro. É claro que sim — garantiu.

A envolvi em um abraço apertado que não demorou muito tempo, logo depois a levei para fora do apartamento, não poderia marcar bobeira, àquela altura eu não sabia se os caras de Tarso já estavam por dentro do que aconteceu e nem mesmo se a polícia já estava à caça de mais alguém envolvido na confusão.

— Não conte a ninguém que você me viu indo embora. Não ligue pra mim e nem mande mensagens. Eu darei um jeito de entrar em contato — avisei.

— Tudo bem. Mas nem mesmo para o seu pai eu não posso dizer nada? — Ela cochicha a

PERIGOSAS ACHERON

pergunta.

— Só diga que eu resolvi dar um tempo, não mencione a confusão. Quanto menos vocês souberem e falarem sobre isso, melhor.

— Se cuide, Dylan.

Jéssica me deu um beijo rápido no rosto e se enfiou para dentro do seu apartamento antes mesmo que a lágrima represada em seus olhos caísse.

— Se cuide, Jess — sussurrei, e para ser sincero, tive de enxugar o rosto, porque eu também não consegui segurar a lágrima.

Aquele lugar era uma porcaria, minha vida era uma porcaria, mas eu ainda tinha algumas pessoas que se importavam comigo. Jéssica era uma dessas pessoas, sua avó também, eu iria sentir saudades dela.

E, mesmo não querendo admitir, eu sentiria do meu pai.

O destino parecia querer colaborar comigo pelo menos em alguma coisa: consegui pegar um ônibus direto para o terminal rodoviário, ele apontou na esquina da minha rua no mesmo instante que eu deixei a portaria do prédio. Por isso, dei uma averiguada ao meu redor, vendo o ônibus, bem dizer, vazio; exceto a mim, havia somente mais uns cinco passageiros sentados nos bancos da frente.

Me senti seguro por um momento, mas no outro, comecei a sentir um medo idiota percorrendo meu corpo. Detestava me sentir vulnerável e fraco. E sempre que eu me sentia dessa forma, somente uma coisa me ajudava a fazer passar — minha mãe. Peguei o porta-retratos na mochila, percebi meu sorriso ao ver o brilho dos olhos de minha mãe, ele tinha o poder de afastar de mim qualquer medo. Na

PERIGOSAS ACHERON

época de sua morte eu tinha apenas sete anos de idade, e o medo do que aconteceria comigo me apavorava, depois de superá-lo e ter alcançado os dezenove anos, tudo que eu não imaginava era que outra vez o meu destino havia se tornado incerto.

No entanto, mesmo não estando mais viva, minha mãe foi capaz de me guiar, e quando o ônibus freou bruscamente fazendo o porta-retratos voar das minhas mãos, estilhaçando o vidro, eu quis xingar o motorista de filho de puta, todavia alguns pares de olhos dos poucos passageiros sentados em bancos à frente voltaram-se para mim por causa do barulho, então engoli o xingamento e no meu silêncio triste recolhi o porta-retratos desfeito no chão. Mas graças a isso que eu encontrei uma carta da minha mãe que estava escondida entre a fotografia e o suporte de madeira.

O papel amarelado com a caligrafia cursiva inclinada para o lado permaneceu ali por anos,

PERIGOSAS ACHERON

esperando até ser encontrado.

Eu não contive a ansiedade por saber o que a carta dizia e comecei a percorrer meus olhos pelas palavras; conforme lia, sentia o coração pequeno, sentia a garganta queimar e sentia-me querendo engolir o choro.

“Dylan, meu amor, eu não sei quando e em que circunstâncias você irá ler essa carta, mas antes de tudo quero que você saiba que eu sinto por ter partido quando você ainda precisava tanto de mim, me perdoe, meu filho, se eu pudesse jamais teria deixado você, mas infelizmente há certas escolhas que não estão em nossas mãos. E é sobre elas que eu quero falar com você – escolhas.

Meu filho, eu sei que o lugar em que moramos não é o melhor nem o mais seguro. Sinto muito por não termos tido condições de viver num lugar melhor. Por isso, aquele aviso que eu sempre lhe dei de não

se envolver com coisa erradas continua de pé. Espero que esteja levando a sério isso, pois vai interferir muito em seu futuro. Talvez o seu pai fique tão perdido quanto você sem a minha presença, então mesmo que tudo se torne difícil, não o julgue e nem se afaste dele. Vocês precisam ficar juntos. E se tudo aí ficar insustentável, eu quero que você saiba que há um lugar para onde, talvez, possam ir embora e tentarem uma nova vida. Eu não me importo se tiverem que deixar nosso lar, pois aonde você e seu pai forem levarão ele com vocês, os bons momentos ficam guardados na memória e não em objetos ou bens materiais.

Desliguem-se deles, se for preciso.

Quero que saiba que seu pai ter aparecido em minha vida foi a melhor coisa que me aconteceu, além de você, claro. O jovem forasteiro que tocava gaita e estava de só passagem, mudando de cidade a cada semana, sem possuir raízes e sem querer

criar raízes, fez brotar bem rápido em meu coração uma semente. Eu me apaixonei no primeiro olhar, no primeiro sorriso, e ter me aventurado ao seu lado e ter ido embora com ele foi a minha salvação. Minha infância e adolescência foram marcadas por fatos tristes, mas isso ficou no passado. E apesar daquele lugar ter sido o meu inferno por muitos anos, ele pode se tornar o paraíso de vocês. Há pessoas de bem que vivem em Campo Belo, Livia é uma delas. Ela é uma grande amiga. Crescemos juntas e tenho certeza que poderá acolher vocês, hoje mesmo, antes de escrever essa carta, eu fiz contato com ela. Vou deixar aqui no verso o endereço e o telefone, não hesite em procurá-la, filho. Liv é o melhor ser humano no mundo que conheço. Tenho certeza que fará o melhor por você e seu pai.

Quero que possam ser felizes.

E, filho, eu sempre estarei de alguma forma com

você. Acredite nisso e continue a ser o bom garoto que sempre foi. Ah... e não esqueça, mulheres são como delicadas flores que devem ser cuidadas com todo o carinho, jamais machuque uma.

E se algum dia for a Campo Belo, você precisa conhecer o campo dos lírios. Inspire a fragrância dessa flor e se lembre de mim. Eu adorava o perfume e a beleza dos lírios.

Com amor,

Mamãe.

Eu te amo, meu menino. ”

Eu estava patético por chorar tanto em poucas horas, eu me lembrava de chorar assim só quando criança, mas a porra das lágrimas haviam encontrado um caminho rápido e contínuo. De cabeça baixa ainda olhando para o papel, enxuguei o nariz com o punho do moletom e foi quando uma

voz simpática avisou:

— Chegamos ao terminal rodoviário, meu jovem. — Dei um sobressalto e ergui meus olhos turvos vendo um homem parado ao meu lado. — E este é o ponto final — ele acrescentou por fim e só então me dei conta de que era o motorista e que o ônibus não estava mais em movimento.

— Eu vou descer, obrigado. E desculpe, acabei me distraíndo.

Falei com pressa e recolhi minha mochila e bolsa, coloquei as alças das duas sobre o ombro e descí os degraus do ônibus tomado por um impulso que vinha das palavras escritas por minha mãe, encaminhei-me até os guichês das companhias de ônibus interestaduais. Parei numa delas que estava sem fila, já era início da madrugada e a atendente estava com cara de sono.

— Boa noite, para onde é a passagem? — Perguntou-me escondendo a boca que acabara de se

PERIGOSAS ACHERON

abrir em um bocejo.

— Campo Belo.

Eu estava selando o percurso de tudo que viria depois dessa resposta.

— Vou para Campo Belo — cheguei a repetir.

Capítulo 04

Dylan

Enquanto o ônibus fazia uma curva, eu consegui enxergar, a alguns metros distância, um portal de todo tamanho que mostrava: “Bem-vindo a Campo Belo” e ao passar por debaixo dele, foi como ultrapassar um portal para um mundo completamente diferente. E eu ainda não sabia se esse novo mundo era bom ou ruim, só o que eu sabia era que ele tremia. O ônibus abandonou uma via de asfalto para entrar numa que fez tudo sacudir e, à medida que ia avançando por ela, em alguns pontos mais críticos fazia meu corpo chacoalhar, debater contra o banco, e isso me obrigava a travar a respiração por conta da pontada que sentia nas costelas. Doía pra caralho! Emiti um gemido de dor

pela garganta.

Gemi também por me sentir ansioso, o ônibus na rodoviária já estava de saída, eu acabei não ligando para o número anotado por minha mãe, lógico que usar meu celular estava fora de cogitação, teria de usar um telefone público, então certamente eu deveria ter feito nas paradas seguintes que aconteceram, no entanto, não fiz. Primeiro porque eu não descii em nenhuma delas — não estava disposto a ficar dando sopa para o azar, e evitar deixar rastros era fundamental para que eu não fosse encontrado tanto pela polícia quanto pela gangue do Tarso. E sinceramente, não sei qual era o pior. Segundo porque eu estava com um puto receio de saber como Livia reagiria. Ou melhor, o que eu diria a ela? Que eu era um bandido, que matei o líder de uma gangue e que estava fugindo? Ninguém iria querer um cara como eu por perto. O plano formado no calor do momento da emoção

PERIGOSAS ACHERON

após ler a carta era sem cabimento.

Mesmo Livia sendo uma boa pessoa, como relatado por minha mãe, era desconcertante chegar a um lugar e pedir abrigo a alguém que eu nunca sequer vi na vida, e eu apostava que quando ela soubesse dos motivos que me levaram para Campo Belo era bem provável e até natural que se negasse a me acolher.

— Droga... droga... droga! — Esbravejei olhando pela janela.

O sol do final da manhã refletia no vidro, franzi a testa e fechei um dos olhos; espiando a rua lá embaixo, o ônibus tinha alcançado o centro da cidade. Ele se movimentava numa quilometragem baixa, o que me deu a chance de observar tudo, até abri o outro olho para enxergar melhor. Os comércios eram de tamanhos modestos, mas com placas de identificação bem chamativas por sinal. Reparei que as pessoas caminhavam com calma,

PERIGOSAS ACHERON

não ostentavam preocupação em seus semblantes e notei até que elas paravam para conversar umas com as outras, o que é algo tão diferente de um grande centro urbano.

Diferente também era uma rótula coberta por uma grama bem aparada e flores, no meio dela havia um grande letreiro. As letras feitas de cimento e pintadas de amarelo formavam o nome “Campo Belo”, que ao que tudo indicava se tratava de uma pequena e interiorana cidade, que certamente era o tipo de lugar cheio de costumes e valores e era bem provável que, além de pacato, o povo também era preconceituoso com tudo aquilo que fugisse do padrão deles. Um padrão que eu já pude identificar nessa breve análise — pessoas decentes, educadas, bem-humoradas, amigáveis. Certinhas demais, bem diferente de mim.

Que merda eu estou fazendo?

O lugar não combinava comigo, não era pra
PERIGOSAS ACHERON

mim. Então, decidi que não iria deixar o ônibus, voltaria com ele até encontrar outra cidade, uma de porte maior, que pelo menos tivesse um terminal rodoviário, o que não era o caso de Campo Belo, já que o motorista acabou de estacionar ao lado de uma praça. E lógico que, apesar de pequena, ainda assim era composta por bonitos bancos de madeira, árvores e flores. Não se podia negar, Campo Belo tinha seu charme e, apesar de tudo, parecia acolhedora.

Os poucos passageiros começaram a se movimentar, alguns pegando as bagagens que couberam no próprio maleiro em cima dos bancos, outros foram direto para a saída, a fim de pegar suas malas no bagageiro. Esperei que o corredor ficasse livre, fui até a porta e esperei que o motorista entregasse a última mala ao seu dono.

— Como faço para voltar? Onde compro outra passagem? — Perguntei parado no primeiro

PERIGOSAS ACHERON

degrau.

Ele me olhou por cima dos óculos escuros e respondeu, ocupando-se em tirar um maço de cigarro do bolso:

— Há um posto de venda de passagens do outro lado da rua, mas hoje você não volta mais. Eu só saio com o ônibus amanhã de manhã.

Encarei-o boquiaberto, pelo tempo que ele acendeu a brasa do cigarro e deu a primeira tragada.

— Está bem. Obrigado — murmurei puto da vida.

Voltei ao meu lugar para apanhar minha bolsa e mochila e acabei soltando um sonoro “porra!”, esmurrando uma das poltronas, o que foi uma merda, porque os nós dos meus dedos esfolados arderam.

No instante em que desci do ônibus, me dei conta que os cadarços da minha bota estavam

desamarrados, eu havia desfeito os nós, querendo dar um pouco de alívio aos pés durante a viagem de mais de 12 horas. Abaixei e, enquanto fazia um novo nó neles, mirei a calçada feita de pequenos quadrados de pedra, alinhados de maneira perfeita, estava distraído neles quando entrou no meu campo de visão um par de botas masculinas, mas estas eram no estilo *country* e não coturnos como a minha; ainda abaixado ergui o olhar observando o jeans agarrado às longas pernas do homem parado à minha frente, quando encontrei o seu rosto reparei que era um rapaz, que deveria ter quase a mesma idade que a minha. Uma camisa xadrez e um chapéu de caubói completavam o seu — ridículo — visual, pelo menos eu achei e nem foi pelo seu estilo *country*, e sim pela mistura que ele fez, usando um óculos de sol estilo aviador.

Que figura!

— Bem-vindo a Campo Belo! — Ele falou

animado, estendendo a mão para mim.

Ergui e corresponendi seu cumprimento.

— Obrigado.

Ele apertava e balançava minha mão de forma exagerada.

— Thomy — disse sorrindo. — Na verdade é Thomas. Mas pode chamar de Thomy. — A voz dele soava mais grave do que eu previ realmente ser.

O projeto de caubói continuava a apertar e balançar a minha mão ao mesmo tempo em que tirava os óculos com a outra. Ele realizou um movimento devagar, fazendo um suspense, como se fosse um galã de cinema no momento em que a câmara dá *aquela* close. Talvez Thomy se sentisse como o próprio Capitão Maverick, interpretado pelo Tom Cruise^[3] em “Top Gun^[4]”, já que seus óculos eram iguais aos usados pelo personagem do filme.

— Certo. Eu sou Dylan — falei e tratei de arrancar minha mão do seu aperto.

Catei minha bolsa de viagem no chão e passei pelo ombro, junto, onde a mochila estava.

— Bob Dylan? — O *idiota* questionou, jogando a cabeça para trás, soltando uma sonora gargalhada de porco. Sim, de porco, pois quando ele puxava o ar para respirar, roncava como um.

Minha língua passeou pelos cantos da minha boca, enquanto eu respirava bem fundo, controlando a vontade de mandar esse caipira, que tenta se parecer com um caubói, se foder.

— Não. Só, Dylan. — Foi o que respondi, e fiz de maneira bem ríspida. Eu não estava com saco para piadas.

Ele esticou uma das sobrancelhas e inclinou o rosto em minha direção com uma expressão bisbilhoteira.

— E, o... *só* Dylan precisa de um lugar para
PERIGOSAS ACHERON

ficar? Posso indicar alguns. Aqui nós temos... — *Esse cara é o quê? Uma espécie de recepcionista da cidade ou guia turístico?* — Uma pousada que fica ali. — Ele apontou para o lado direito. — Ou temos, também, outras pousadas que ficam na área rural, depende do que está procurando. Veio a passeio? Trabalho? Curtir a natureza e o sossego de Campo Belo? Fazer turismo ecológico, talvez? Hein?

Porra! Ele não parava de fazer perguntas e me assustar com a sua capacidade de esticar a sobancelha e arregalar os olhos.

Sujeito estranho.

— Não. Eu não preciso de lugar para ficar. Obrigado — falei de maneira incisiva para cortar de vez o papo.

Eu deveria aceitar alguma indicação, já que teria que passar a noite em Campo Belo, mas ele era uma daquelas pessoas que não param de falar, e

PERIGOSAS ACHERON

eu detesto gente assim, ainda mais com quem eu não tenho um mínimo de amizade. E além do mais, pelo visto também era pegajoso e insistente, pois ele se pôs a andar ao meu lado a partir do momento que comecei a querer me afastar dele.

— Está com fome? — Investigou.

Parei de andar e o sujeito também. Seu constante sorriso e simpatia me irritavam.

— Thomy, certo?

— Sim, Thomy.

— Olha só... agradeço sua hospitalidade, mas eu acho que posso me virar sozinho, além disso, as coisas aqui parecem ser fáceis de serem achadas e também não tem tantas opções assim, não é?

— É... isso é verdade. Mas se você for a algum dos lugares indicados por mim e levar isso aqui, ganha desconto.

Thomy me mostrou um cartão de visitas, li

rápido seu nome em letras garrafais e embaixo dele estava escrito: “agente de turismo”.

Bom, ele trabalhava mesmo com isso e eu estava com fome, tudo que tinha em meu estômago era aquele lanche de ontem à noite.

— Tudo bem então, me indique um lugar em que eu possa almoçar — pedi.

— Agora sim estamos nos entendendo, amigo! — Thomy bateu em meu braço. — Caramba, você é forte. — Ele pressionou os dedos apertando meu músculo e claro que eu arranquei a mão dele, demonstrando com meu semblante fechado que eu não havia gostado nem um pouco de ter sua mão me agarrando.

Que cara, maluco!

— O restaurante Campo Belo é o lugar onde você vai comer a melhor comida do mundo — ele falou começando a andar.

Fiquei parado por alguns segundos,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assimilando até que Thomy se voltou para mim e perguntou:

— Vamos?

— Como assim “vamos”? — Disparei. — Você não vai me dar a porra do cartão?

— Claro que vou, mas também estou indo almoçar. Então... vamos, amigo?

Rosnei com raiva, mas o segui, me incomodava o fato dele me chamar de amigo, quando na verdade não éramos. Meu único amigo era Victor, e ele estava morto, trazer esta realidade à minha mente causou uma dor ainda pior do que a deixada pelos chutes de Paulo César.

Na entrada do restaurante, Thomy me olhou e disse:

— A briga deve ter sido das boas. Se você está com o rosto assim — ele apontou para os cortes —, não quero nem imaginar como o outro cara ficou.

PERIGOSAS ACHERON

— Morto! — Informei.

Seus olhos se estenderam e Thomy assumiu uma feição assustada, decidi soltar uma gargalhada, para amenizar e fazer da verdade uma piada. Eu não precisava que ninguém soubesse que eu era assassino. Não é mesmo?

Onde foi que eu vim me enfiar? É tudo que meu cérebro repetia enquanto eu mastigava um — macio e saboroso — pedaço de carne, a comida era mesmo muito gostosa. Mas todo o resto era horrível, desde Thomy sentado à minha frente, falando de boca cheia e sem parar, até os olhares atravessados das pessoas para mim, isso que eu ainda estava usando o moletom, imagina se vissem todas as minhas tatuagens. Não me surpreenderia se saíssem correndo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando observei essas pessoas através da janela do ônibus, tive uma análise superficial, pois nem todos são educados e amigáveis, a exemplo do camarada que quase passou por cima de mim furando a fila do *buffet* quando foi colocada uma porção nova e quente de batatas fritas, ou a exemplo de um homem de meia-idade sentado a uma mesa logo na entrada com visão para onde eu estava mais ao fundo. Ele não tirava os olhos de mim, e a cada garfada me observava como se eu fosse um perigo iminente. Tudo bem que eu não sigo os padrões desse pessoal, mas então o que foge do padrão deles torna-se ruim e perigoso?

Bando de caipiras preconceituosos.

A única coisa boa mesmo era o restaurante, ele era o único para realmente se ter um bom almoço, o que o deixava abarrotado e com as mesas todas ocupadas.

Todos os comércios estavam fechados no

PERIGOSAS ACHERON

horário do meio-dia. Ao longo dos poucos metros que tive que andar desde a parada do ônibus até o restaurante, notei que o nome dos comércios, todos (veja bem, todos!) levavam o nome da cidade junto: “Barbearia Campo Belo”; “Farmácia Campo Belo”; “Panificadora Campo Belo”; “Agência bancária de Campo Belo”; “Veste Moda Campo Belo” e assim por diante...

Ou o povo era sem criatividade alguma ou sentiam tanto orgulho da cidade que colocavam o nome dela em seus comércios.

Ah... e até a igreja tinha uma placa: “Igreja de Campo Belo”. E deste lugar eu ficaria longe.

Concentrei-me em manter o olhar baixo no meu prato e a comer o mais depressa possível para poder cair fora.

Estava enfiando uma generosa porção de arroz, maionese e outro pedaço de carne na boca quando Thomy arrastou num sobressalto sua

PERIGOSAS ACHERON

cadeira da mesa que cheguei a me assustar. Ele se colocou de pé, limpou a boca suja de farofa e gritou:

— Liv? Aqui tem lugar! — Thomy acenava várias vezes.

Putá merda! Liv só poderia ser a Livia, amiga da minha mãe; mastiguei com pressa desejando que ela fosse para outro lugar. Mas não foi o que aconteceu, e pelo canto dos olhos vi em seguida um corpo feminino com um vestido floral parar na cadeira ao meu lado.

— Obrigada, Thomas. Eu me esqueço como este lugar é sempre lotado — ela disse, colocando seu prato sobre a mesa. Achei sua voz afável.

E, assim que Liv apoiou suas mãos no encosto da cadeira, notei seus dedos com pequenos arranhões, o que não me impedia de achá-las delicadas, pois eram. Quando eu ergui meu olhar até seu rosto, local em que alguns fios do cabelo

castanho-claro estavam caídos, achei ela bonita. Foi estranha a sensação que tive, mas sem nem mesmo saber se Livia tinha filhos, achei-a com jeito de mãe. Talvez pelo seu olhar observador, mas do mesmo jeito acolhedor — o único que recebi desde que entrei no restaurante. Por fim, achei seu sorriso bonito no momento em que ela esticou sua mão em minha direção a fim de me cumprimentar.

— Muito prazer, Livia.

Fui educado o suficiente e fiquei de pé para corresponder seu cumprimento, recebi um aperto caloroso, acompanhado de uma expressão que também era calorosa e, antes de eu conseguir abrir a boca para falar qualquer coisa, uma que ocultasse o meu nome, Thomy adiantou-se em dizer:

— Este é o *só* Dylan.

Ele soltou uma risadinha, Liv uniu as sobrancelhas me encarando e eu juro que quase mandei Thomy calar a boca, mas ao invés disso,

PERIGOSAS ACHERON

ignorei ele e dei atenção à mulher a minha frente.

— Dylan. Muito prazer, Lívia.

Ela levou alguns segundos com os olhos estreitados me encarando até que se sentou, fiz o mesmo e logo depois tomei um grande gole de refrigerante.

— Dylan acabou de chegar — Thomy contou. — Eu o trouxe para almoçar, foi meu primeiro cliente.

— Isso quer dizer que o trabalho temporário de férias não está indo muito bem — Lívia observou, cortando um pedaço de tomate. O prato dela estava repleto de saladas, bem diferente do meu.

— Isso quer dizer que nenhuma pessoa escolhe Campo Belo para passar férias — Thomy contrapôs com chateação.

Lívia riu e eu gostei da sua risada solta e despreocupadamente alta, como a da minha mãe

PERIGOSAS ACHERON

era.

— Acho que elas preferem o litoral a montanhas e campos. O que não é o caso de Dylan, já que ele está aqui.

Ela me lançou um olhar que não aparentava ser curioso e sim com total certeza de saber quem eu era.

— Ei, Thomas, quero falar com você, chega aqui! — Um homem na mesa à frente da nossa gritou e tenho quase certeza que todo o restaurante ouviu.

Ficou claro que em Campo Belo era normal gritar para chamar as pessoas e ficou claro também que todos se referiam a Thomy por Thomas, e não como ele havia me dito para chamá-lo. O que me levou a concluir que no fundo tudo o que ele queria era sair desse padrão, fosse por ser o único a usar roupas no estilo caubói com óculos aviador, fosse por querer ter um nome mais descolado, mas em

PERIGOSAS ACHERON

especial por — querendo ou não — ser o único capaz de demonstrar simpatia comigo e coragem suficiente para se sentar acompanhado de um cara de aparência tão diferente dessa gente.

Thomy é sujeito estranho, *eu* sou um sujeito estranho. Thomy foge do padrão e eu também. Não é que de alguma forma somos parecidos? Sorria vendo-o ir até a mesa em que foi chamado, reparei no cabelo de tom castanho, um tanto volumoso, mas que estava amassado por causa do chapéu. Ele o tirou para comer e também fez uma oração antes da refeição, enquanto que eu já tinha enfiado pelo menos umas duas vezes o garfo; deveria ter me sentindo constrangido por não fazer uma oração também, entretanto, não me senti. Afinal, eu deixei de fazer qualquer coisa do tipo, mesmo que minha mãe tenha me ensinado e orientado a sempre agradecer a Deus pelos seus pequenos milagres. Comida na mesa era um, mas Deus não foi capaz

PERIGOSAS ACHERON

de fazer o milagre de curar minha mãe, então desde que ela morreu, eu não tinha motivos para agradecer por nada.

— Enfim estou podendo conhecer o filho da minha melhor amiga. — Lívia falou com ternura e eu emudeci. — Eu sinto muito. — Ela sobrepôs sua mão na minha, seus dedos tracejaram o rosto que tenho estampado no local, reconhecendo de quem era. — É uma pena que Mari tenha partido tão jovem.

Lívia curvou os lábios com um sorriso pesaroso e empático.

— De qualquer forma estou feliz que tenha vindo. O que quer precise, Dylan, poderá contar comigo. Eu prometi isso a sua mãe.

Seus delicados dedos pressionavam os meus, dando ênfase ao que acabara de dizer, depois ela afastou a mão da minha e a usou para apanhar o garfo e levar um pedaço de frango à boca.

Enquanto moveu com calma o maxilar mastigando-o, eu reparei em seus olhos se tornando marejados, quando Lívia engoliu, fez com força e acho que foi para engolir também o choro.

Eu também engoli a emoção que tentava comprimir minha garganta e, antes que conseguisse, resolvi falar:

— Obrigado, Lívia. De verdade, muito obrigado. Só estou um tanto impressionado de como você foi rápida em concluir quem eu era.

— Eu soube antes mesmo de Thomas dizer seu nome. Bastou colocar os olhos em você e assimilar sua aparência. Você tem os olhos e o cabelo dela, o sorriso também. Se eu não tivesse conhecido seu pai, poderia ficar na dúvida, mas o conheci e esse tom de pele bronzeado é bonito demais para ser esquecido. Puxa vida! A mistura foi boa, você é um garoto lindo.

Ela deslizou a mão pelo meu cabelo, foi um

PERIGOSAS ACHERON

carinho espontâneo e sincero e eu me senti tímido pra cacete com ele.

— Obrigado — disse sem jeito.

Lívia voltou a sorrir, percebi que eu também sorria. Foi sorriso que era além do esticar dos lábios. Um sorriso sincero que vinha da alma. Eu gostei dela de imediato. Minha mãe disse que ela era a melhor pessoa nesse mundo, com certeza disse uma grande verdade. Em poucas palavras que trocamos, isso ficou nítido.

— O cachorro que te atacou foi um daqueles bem bravos, certo? — Lívia piscou, inclinando a cabeça.

Assenti.

Além de gentil, ela era sagaz.

— Eu vou cuidar de você, Dylan — assegurou, levando a palma da mão até meu rosto. — No caminho para casa você me conta tudo.

Quando Thomy voltou para a mesa e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

percebeu a mão de Lívia em meu rosto, ele crispou a testa.

— Vocês se conhecem? — Perguntou.

— Dylan é filho de uma grande amiga e veio passar uns tempos comigo — Lívia respondeu com carinho, deixando seus olhos sobre mim.

A maneira como me olhava me fazia sentir vulnerável e sozinho, para um cara de dezenove anos isso soava estranho e me dava a sensação de ter menos idade, apesar disso eu não me importei. Aliás, eu me senti acolhido.

Se eu tinha algum receio sobre a receptividade de Lívia, já não tinha mais. E mesmo que o lugar não me atraísse e fosse tudo tão diferente do que estava acostumado, tomei a decisão que não iria entrar no ônibus no dia seguinte.

Era em Campo Belo que eu iria ficar. Eu tinha certeza disso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 05

Dylan

Os quilômetros que percorremos em uma estrada de chão serviram para eu saber que Lívia era uma boa ouvinte. Ela me deixou contar toda a minha história sem interrupções e eu fui honesto em cada ponto, inclusive do desfecho da briga que me levou a ter que fugir; não sei como ela não se espantou, ela não me julgou.

— Sabe, Dylan, todos nós passamos por fases difíceis, todos nós cometemos erros. O importante é querer não os cometer mais. Aqui você terá a chance de fazer as coisas diferente. E eu acredito que fará. Além disso, estará protegido.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu a agradei. Eu realmente a agradei percebendo o quanto ela era uma pessoa compreensiva e também uma boa motorista. Em alguns trechos de morro Lívia acelerava fundo deixando um rastro espesso de poeira para trás, e quando atravessamos uma ponte de madeira sobre o rio, ela me contou que a nascente dele era em uma linda cachoeira, o que me deixou um tanto entusiasmado por conhecer o lugar, eu nunca tinha visto uma cachoeira. O visual de onde eu morava era totalmente diferente de Campo Belo, enquanto que nele as belezas naturais reinavam, em Esperança os prédios de fachadas grafitadas e ruas de asfalto sujas eram predominantes. Até o ar que se respira era outro, livre da poluição. No entanto, o ar dentro da casa de Lívia estava um tanto pesado e era horrível admitir isso, mas fui eu quem o deixou assim. E então a certeza de que eu ficaria em Campo Belo começou a se dissipar.

PERIGOSAS ACHERON

E eu não sabia o que era pior: ficar sob o olhar vigilante e examinador de duas crianças ou ter de ficar ouvindo a discussão de Livia e o marido por minha causa. Eles foram para a cozinha, e mesmo à porta fechada era possível ouvi-los falando, às vezes eram só cochichos, e às vezes as palavras ficavam nítidas, o que me colocava numa angústia.

Eu não deveria ter vindo, não deveria.

— Você vai ficar no quarto do nosso irmão?

— A garotinha perguntou. Ela estava sentada num sofá grande em frente à poltrona em que estava.

— Fica quieta, Anabel. — O irmão ao seu lado advertiu.

O garoto tinha doze anos de idade enquanto a menina, cinco. Livia me disse as idades de seus filhos quando me apresentou a eles e tanto um quanto o outro não desviou a atenção de mim desde que fomos deixados sozinhos na sala. Quem

PERIGOSAS NACIONAIS

também permanecia atento, no chão ao lado do sofá, era um cachorro de pelagem negra da raça labrador. Seu tamanho imponente assustava.

— Não estou falando do seu quarto, Benjamim, e sim o do John — ela explicou mirando a lateral do rosto do irmão, depois voltou a me olhar e contou: — John é nosso irmão mais velho, mas ele não mora mais com a gente, ele mora no céu.

— Eu já disse pra você ficar quieta, Anabel.

Outra vez o irmão a repreendeu e eu percebi em sua voz, ainda infantil, um tom amargo. Eu não sabia se era para demonstrar a mim que eu não era bem-vindo, ou pela irmã me contar sobre o irmão morto. O fato é que a triste informação me causou um choque e eu não consegui dizer nada, apenas deslizei a mão pela testa suada. Estava calor, eu estava nervoso e ainda de moletom, o que me fazia cozinhar dentro da roupa pesada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quantos anos você tem, Dylan? —
Anabel lançou outra pergunta.

E essa era fácil, por isso respondi de pronto:
— Dezenove.

— John também, não é, Ben?

— É. Isso se ele estivesse vivo —
Benjamim acrescentou esmorecido.

Tive a sensação dele chegar a se encolher no sofá. Estava nítido, o assunto não lhe agradava e nem tinha como, afinal era o sobre o irmão que ele não tinha mais por perto, com quem certamente gostaria de jogar a bola que segurava debaixo do braço, o irmão que se foi deixando lembranças e saudade. O cão percebeu que o garoto não estava legal e foi até ele; passou a cabeça pelas pernas dele, deu um latido e pulou no sofá, o que fez Benjamim sorrir e o abraçar com ternura. Labrador esperto, teve o seu objetivo alcançado — fez seu amigo se sentir bem.

PERIGOSAS ACHERON

Sorri com a cena, porém logo depois meu sorriso sumiu ao ouvir o marido de Livia dizer:

— Você enlouqueceu, Livia, como pôde trazer um estranho para nossa casa? — O som de sua voz que vinha da cozinha era bem alto e fez as crianças se entreolharem.

— Nós temos uma vaca, ela teve bebê — Anabel disparou em seguida. Pude perceber que ela tinha muito mais da mãe do que os cabelos e os olhos, era também sagaz como a Livia. Seu comentário foi para tirar o foco da discussão que ouvíamos.

— Bezerra, Ana. — O irmão corrigiu. — Vacas têm bezerro e seres humanos têm bebês.

Anabel deu de ombros.

— Tudo a mesma coisa. É o filhinho dela, isso que importa. — A garotinha pressionou junto ao peito uma boneca de pano, que tinha o cabelo feito de fios de lã amarelos, como os dela e de sua

mãe, que eram loiros.

— Eu já disse que ele não é um estranho, é o filho da Mari. — Lívia falou exacerbadamente.

— Ok, mas isso não faz dele um conhecido. Nós conhecíamos a Mari e não a seu filho. E você reparou bem nele?

— Qual é a sua, Cris? Pare de falar dessa forma. Você está sendo ridículo.

— Ridículo por se preocupar com a nossa família? Com nossos filhos? — O tom de voz dele subindo a cada palavra, e o meu sangue parecia subir todo para o meu rosto.

Balançava minha perna de maneira frenética, o nervosismo aumentava e a vergonha a cada segundo ia se tornando crescente. Do mesmo jeito que o calor consumia os meus poros, o arrependimento consumia minha mente.

— Pare de gritar, isso é constrangedor. Será que podemos conversar como pessoas civilizadas?

— Lívia exigiu.

Depois disso passamos a não ouvir mais nada, não fazia diferença, eu já tinha ouvido o suficiente.

Eu mal havia chegado e já tinha trazido confusão, eu deveria desconfiar que seria assim, quis ficar triste, mas se tinha algo na vida que eu havia aprendido era reagir.

Arranquei meu traseiro da poltrona.

— Papai está nervoso, eu não gosto quando ele fica assim — Anabel comentou.

— A culpa é minha — resmunguei com a cabeça baixa apanhando minha mochila e bolsa no chão.

Nem era para as crianças ouvirem, mas Benjamim ouviu e disse:

— Não é culpa sua. Ele é nervoso sempre, tem estado a cada dia mais.

— Ele não precisa de mais um motivo para

ficar nervoso — arrematei começando a me afastar.

— Dylan? — Anabel chamou. — Você não precisa ir embora, eu te empresto o meu quarto.

Eu não pude evitar o sorriso com o seu gesto de desprendimento. Anabel era mesmo parecida com a mãe, tinha um bom coração.

— Obrigado, mas eu tenho que ir — respondi sem olhar para ela. Sem olhar para trás.

Seguir em frente era que eu deveria fazer. E era o que eu estava fazendo até que a voz da Livia fez os meus passos cessarem.

— Dylan?! Espere! Fique. — Ela me alcançou na porta e, colocando a mão em meu ombro, completou: — Está tudo bem, fique. Cristian está de acordo. Queremos que fique.

Num movimento suave, tal como a sua voz, Livia girou meu corpo, fazendo-me ficar de frente para ela e para seu marido, que estava ao seu lado.

— Fique, Dylan. Você é bem-vindo em
PERIGOSAS ACHERON

nossa casa — ele disse esticando o braço com a mão aberta.

Hesitei em corresponder o cumprimento e a aceitar em ficar, mas então Lívia apertou o meu braço e sussurrou:

— Está tudo bem, fique.

Devagar, levei minha mão até a mão estendida do marido de Lívia, ele repuxou o canto da boca num sorriso contido.

— Seja bem-vindo, Dylan — falou, por fim.

Eu agradeci sem saber ao certo o que estava sentindo naquele momento, vislumbrei Lívia sorrindo aliviada e tive a impressão de que as crianças também, transitei meu olhar pelo rosto deles. Formavam uma bonita família. Era natural que o chefe dela se preocupasse com a segurança e bem-estar de todos. Não julguei Cristian por sua reação, foi um ato instintivo de proteção, é isso que pais fazem — protegem. Bom, nem todos, lembrei

PERIGOSAS ACHERON

do meu, mas no mesmo instante, optei por ocupar minha mente com algo melhor, o bem que estava recebendo — eu tinha um lugar para ficar. O dinheiro que carregava na mochila me daria a oportunidade de ficar por uns tempos em qualquer outro, embora nenhum deles seria um lar. E, por isso, disse a mim mesmo que em hipótese alguma eu faria algo que desapontasse a estas pessoas que me acolheram em seu lar.

Não demorou muito para que eu estivesse sentado a uma mesa retangular de oito lugares acompanhado de Lívia, as crianças e Cristian, nós havíamos acabado de comer uma deliciosa torta de chocolate com recheio de brigadeiro e cereja quando ela se ofereceu para averiguar os machucados do meu rosto, mas eu protestei.

— Obrigado, Lívia. Mas não precisa.

— Precisa, sim. Deixa eu cuidar disso, Dylan!

Ela foi bem incisiva ao segurar meu queixo entre seus dedos e achei por bem que não deveria contrariá-la.

Não a contrariei também quando me disse para tirar o moletom, me chamou de doido por estar usando um tecido tão pesado, sendo que a temperatura estava alta e a verdade era que eu já não suportava mesmo o calor, assim me desfiz da volumosa peça de roupa, e se a tatuagem na parte de cima das minhas mãos ainda não tinha chamando tanta atenção, ou diria até que os assustado, depois que viram meus braços cobertos por tatuagens tanto o olhar de Lívia quanto o do marido e das crianças foram de espanto. Benjamim ficou curioso pra saber se tinha mais, levantei a camiseta e mostrei todas as outras que estampavam cada centímetro da minha pele pela extensão do abdome. O garoto se deu por satisfeito e considerei ser melhor não mostrar as das coxas e pernas, que

PERIGOSAS ACHERON

estavam escondidas pela calça jeans.

E foi depois do *show* das tatuagens e dos curativos feitos, e de tomar um analgésico, que Lívia me trouxe para o celeiro que ficava a poucos metros de distância da casa, captei em seu olhar que ela estava desconfortável por me oferecer o lugar para dormir, ao invés de um quarto em sua casa.

— Dylan, eu prometo que este lugar aqui é provisório, amanhã mesmo vou arrumar um quarto para você dentro da casa. — Lívia comentou, sentando-se numa cama de solteiro, a mola rangeu. E ela fez uma careta, soltando uma espontânea gargalhada.

Ri por alguns segundos de sua gargalhada, era engraçada.

— Lívia, não se preocupe — disse. — Esse lugar está ótimo para mim aqui. — Tranquilei-a.

Meu comentário foi sincero. Para mim
PERIGOSAS ACHERON

estava ok, era bom ter um lugar mais privativo, e também assim deixava que eles permanecessem à vontade em sua própria casa.

Dei uma olhada ao redor percebendo os móveis que já estavam ali antes mesmo de eu chegar, não foram colocados por minha causa, mas me seriam úteis, eu gostei do canto que era como um quarto, e o que dividia ele do resto do celeiro eram um guarda-roupa e uma cômoda. Ainda do lado da cabeceira da cama havia um criado-mudo com um *abajour* em cima dele, eram móveis antigos, que me lembravam os meus.

Recostei-me na cômoda à frente da cama e voltei a tranquilizá-la, afirmando:

— Não precisa se incomodar com nada, vou ficar bem aqui. Aliás, prefiro aqui à parte de dentro da casa.

— Bom... que seja. Mas só durante o verão e até o outono. No inverno faz muito frio aqui.

Você vai preferir um quarto quentinho, tenho certeza. Eu só preciso organizar o quarto de hóspedes, ele está abarrotado de coisas inúteis.

A menção da mudança de estação apontou para um período longo da minha estadia, eu não tinha certeza se seria por tanto tempo, Livia percebeu o que rondava meus pensamentos e acrescentou:

— Você pode e deve ficar o tempo que quiser. E não faz mal se for por um longo período ou até para sempre. Sabe, temos uma vida modesta, mas o básico poderemos te oferecer.

Ela era tão bondosa, só que isso não fazia com que eu abusasse de sua bondade.

— Agradeço muito, Livia. Eu tenho algum dinheiro, quero ajudar com as despesas e, além do mais, não tenho preguiça. Posso arrumar um emprego.

— Não vamos nos preocupar com isso

agora, sim?

Seu tom era apazível.

— Tudo bem.

Levei minha atenção para o guarda-roupa ao meu lado, reparando no nome “John” escrito à caneta; Livia acompanhou o meu olhar, foi até o móvel e tracejou as letras.

— Estes móveis eram do quarto dele, nós os trocamos mais ou menos um ano antes de sua morte.

— Eu sinto muito.

Livia deu um sorriso triste e continuou a acariciar os traços do nome do filho.

— John estaria com a mesma idade que a sua — disse, contemplativa. — Mari e eu éramos tão ligadas que mesmo vivendo tão longe uma da outra engravidamos na mesma época. Eu dei a ele o nome de John por causa do cantor John Lennon, sua mãe e eu adorávamos ele e os Beatles.

— Eu pensei que o cantor preferido dela era o Bob Dylan. Pelo menos foi isso que ela sempre me fez pensar — murmurei confuso.

E graças a Lívia eu pude entender.

— Se tornou quando conheceu seu pai na festa das flores, ele estava sentado no capô de sua caminhonete F1000, tocando gaita tão bem quanto o próprio Bob Dylan, nós também ouvíamos músicas dele. Meu pai foi o maior influenciador em meu gosto musical, ele colocava os discos para rodar e, como Mari sempre estava lá em casa, acompanhou esse mesmo gosto. Enquanto girávamos dançando pela sala, nossos corações batiam pelos jovens britânicos do Beatles, mas então um rapaz chamado Rômulo Vainat fez o coração de sua mãe bater ainda mais forte e tão rápido como quando ela foi embora com ele, e também passou a gostar mais do Bob Dylan do que de John Lennon. Acho que foi melhor assim, do

PERIGOSAS ACHERON

contrário teríamos dado o mesmo nome a nossos filhos.

— Teria sido engraçado.

— Teria. Também teria sido bom se Mari tivesse ficado por aqui, mas eu a entendo por ter ido embora e nunca ter voltado.

Lívia sabia do passado triste que minha mãe tinha mencionado na carta, eu até me senti curioso por saber, mas algo dentro de mim me deixava com medo de saber sobre ele. Então apenas quis saber sobre algo mencionado por Thomy ainda no restaurante.

— Quando você disse ao Thomy que sou o filho da Mari, ele ficou surpreso e comentou algo sobre a lenda do forasteiro, não entendi muito bem.

Lívia se recostou no guarda-roupa, ficamos lado a lado e ela contou:

— Ah... esse povo daqui fala demais. É só porque seu pai era um rapaz de fora, e pelo mês que

PERIGOSAS ACHERON

ele passou na cidade criaram-se muitas especulações e ele mesmo sustentou algo bem misterioso. Sabia-se pouco sobre ele, mas o que se sabia era que ele vivia como um nômade. Quando ele foi embora e sua mãe também foi, começaram a dizer que ele a roubou. Mas não era verdade, Mari partiu com seu pai, porque se apaixonou por ele. Fugiu desse padrão que tínhamos aqui de casar com os garotos da cidade e viver por aqui. Ela sabia que os pais não permitiriam que ela fosse com Rômulo, então, numa noite, fugiram; a única que sabia e de quem Mari se despediu foi de mim. Depois disso se criou essa lenda do forasteiro que roubou uma linda jovem de Campo Belo.

— Acho que me pareço com um. Por isso que me olharam daquele jeito atravessado no restaurante.

— Um bem bonito, por sinal, ou seja, um grande perigo. Gosto desse lugar, mas detesto como

PERIGOSAS ACHERON

algumas pessoas criam pré-julgamentos, não dê importância para isso, Dylan.

Assenti.

— Oh, mãe? — Benjamim gritou de longe.
— A Dona Inês ligou para saber que horas a encomenda dela fica pronta.

Lívia arregalou os olhos.

— Meu Jesus amado! Eu esqueci da encomenda dela. Passei a manhã inteira no banco para tentar conversar com o gerente que acabei esquecendo.

— Acho que minha chegada também contribuiu. Não quero atrapalhar seu trabalho.

Inspirei fundo, me senti incomodado por estar tirando Lívia de sua rotina.

— Tudo bem, são só alguns arranjos — ela minimizou. — Acho que ainda não disse, mas eu sou florista.

— Isso explica os arranhões nos seus dedos

PERIGOSAS NACIONAIS

— comentei rápido e depois que falei percebi que foi bem idiota o que eu disse, Livia cruzou os braços de forma que os dedos ficaram escondidos.

— Rosas são lindas, mas os espinhos são impiedosos — ela deu um sorrisinho.

Remendei meu erro:

— Eu achei seus dedos delicados, as mãos também — disparei o elogio. — Você deve fazer arranjos lindos.

— *Huum*, quanta gentileza da sua parte, nobre garoto — brincou e eu a senti relaxar os braços. — Olha só, por que não dá uma volta? Esse lugar é muito bonito e acredito que nunca tenha estado em um assim, tão perto da natureza; tire esse jeans pesado, coloque algo confortável e vá sentir essa energia boa.

Balancei a cabeça.

— Vou chamar o Moon para ir com você, assim não tem perigo de se perder por aí. Quer

PERIGOSAS ACHERON

dizer, não é muito provável, é fácil de andar por esse lugar, principalmente se você descer a colina atrás da nossa casa, então você segue por um campo, depois tem uma montanha e aí você encontrará um dos lugares mais lindos. Entendeu?

Balancei outra vez a cabeça.

— Ainda assim é bom ter Moon com você, se precisar e só dizer a ele “Vamos para a casa, Moon” e ele te trará de volta, mas prepare-se para correr. A energia desse cachorro é absurda.

Finalmente entendi que ela estava falando do cão.

— Gostei do nome — disse.

— A gente acabou chamando de Moon, mas na verdade é Moonlight.

— Que significa brilho da lua, certo? É bem criativo — observei.

— Isso. Quando nós o compramos, Josi, nossa vizinha, também comprou um labrador. Josi

escolheu uma fêmea de pelagem dourada, já eu me apaixonei pela pelagem negra e brilhosa de Moon, ele parecia uma bolinha de pelo, uma bem redonda e luminosa, no instante lembrei da lua cheia. Daí veio o nome. Josi gostou da ideia e deu o nome à sua cadela de Sunshine, brilho do sol. Sunshine é linda. Bem capaz de a encontrar aí pelos campos. Moon é doidinho por ela, mas Josi não quer ser vovó ainda.

Lívia riu fazendo o comentário.

— Você disse que compraram juntos, eles são irmãos?

— Não. Justamente por isso, não vejo a hora de Josi deixar que eles cruzem, teremos um monte de filhotes fofinhos.

Lívia deixou o celeiro e no caminho até sua casa a ouvi chamando o cão, deu a ordem para ele ir até o celeiro, o cão era esperto e obediente, não demorou para que ele aparecesse em minha frente,

PERIGOSAS ACHERON

decidi seguir o conselho e troquei a calça por uma bermuda. Arranquei também o calçado, se era para sentir a energia da natureza que fosse descalço.

Meus pés sentiam a grama sob eles enquanto ao lado de Moon eu subia a colina que era bem íngreme.

— Então quer dizer que Sunshine está proibida para você, Moon? — Perguntei ofegante.

Moon latiu em resposta, como se entendesse minhas palavras, e eu pude até jurar que ele fez uma expressão triste. Resolvi bater um papo com ele e tentar pelo menos ajudar o pobre cão apaixonado.

— Eu nunca amei, mas pelas merdas que já aconteceram em minha vida, posso te dar um conselho: Amar não é algo confiável, machuca. E amar alguém que é proibido para você é pior ainda. Curta a sua vida, sem precisar desse tipo de amor, entende? Brinque com as crianças, corra por esses

campos...

No instante em que eu falava, um latido alto de outro cão ecoou entre as colinas fazendo Moon sair em disparada para terminar a subida em segundos e assim sumiu da minha vista.

Só pode ser a Sunshine.

Eu me apressei em segui-lo e quase sem ar algum cheguei ao topo.

Porra!

Caí de joelhos e nem era pelo cansaço, e sim pela imagem que havia diante de mim, ela era a mesma descrita por minha mãe na história que me contava, meus olhos percorreram o local, eu fiquei boquiaberto.

O topo da colina era plaino e com uma extensão considerável; caberia tranquilamente uma casa em meio às árvores de copas frondosas, foi para debaixo de uma delas que eu rumei, sentei-me agraciado pela sombra, o suor escorria pelas costas,

decidi tirar a camiseta, enxuguei o suor do rosto com ela e inspirei fundo e calmamente. Meus olhos se encheram com a beleza, ainda mais quando levei minha atenção aos incontáveis lírios que estavam no campo abaixo da colina, eram exatamente das cores que minha mãe falara — amarelos e brancos, eram lindos. A paisagem era sem dúvida a mais linda que meus olhos já viram, além de toda a beleza que impressionava, havia também o aroma, e o perfume dos lírios se fazia ser sentido do alto da colina, uma oportuna brisa dançou pelo ar sendo capaz de trazer a fragrância de forma mais acentuada, foi intenso e inebriante.

Fiquei tão absorto com a paisagem que só então me dei conta que não via Moon, todavia não preocupei, pensei: logo ele estará de volta. Contemplei como a vida daquele cão era boa. Como é bom poder ter um lar e ao mesmo tempo ser livre, poder correr desbravando lugares sem ter

PERIGOSAS ACHERON

o que temer, do que fugir.

Soava patético, mas eu imaginei minha vida como a de Moon, e eu a desejei.

Como seria ter um lar com uma família cheia de amor e ainda assim ser livre? Livre do peso da dor, dos fatos tristes, dos medos?

Foi inevitável, meu pai ocupou minha mente e eu pensei se ele pudesse também experimentar essa sensação de liberdade, pensei, ainda, se ele sabia da carta; sabendo ou não, meu pai nunca havia comentado de Campo Belo, tinha seus motivos, afinal. De qualquer forma eu havia encontrado a carta e estava no lugar onde minha mãe desejou que eu estivesse, desejou que recorresse a Livia se eu precisasse. E eu precisei.

Fechei meus olhos, agradecendo à minha mãe por todo o amor que me deu e por ainda, mesmo doente, se preocupar com meu futuro. As emoções encontraram seu espaço em meu peito, foi

PERIGOSAS ACHERON

uma sensação boa, eu imaginei minha mãe sentada a meu lado, ponderei que se pudesse me ver, estaria feliz por eu estar no lugar que ela me descrevia na história que contava. Uma história sobre uma garota feliz que amava correr entre os lírios. Agora, desconfiava que minha mãe falava dela mesma.

Sorri respirando o ar leve, sentindo uma leveza na *alma* tal como não sentia há tanto tempo, os latidos de Moon rasgaram o silêncio, abri os olhos; para minha surpresa, ele não estava sozinho, e não foi pelo fato de Sunshine estar com ele que me senti surpreso, e sim porque correndo ao lado dos dois estava uma garota.

Ela quase se camuflava no meio dos lírios, já que seu cabelo longo era loiro brilhante e o vestido que usava era da cor amarela, e tanto o cabelo quanto o vestido se agitavam com a corrida que ela dava entre os lírios, ela parecia livre e feliz, começou a girar com os braços e, perdendo o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

equilíbrio, caiu. Os dois cães partiram para cima dela, levantei-me para poder ver melhor, era engraçado a farra que estavam fazendo, percebi que a garota, bem dizer, havia sumido, eu não conseguia vê-la, no entanto comecei a ouvir o som das suas gargalhadas que de tão altas ecoavam pelas colinas. A folia de latidos e gargalhadas me atraiu.

Encontrei a parte baixa da colina e passei a me enfiar entre os caminhos dos lírios, havia uma certa ordem, como se tivessem sido plantados paralelamente, e um vão livre entre cada uma das fileiras possibilitava caminhar sem ferir qualquer flor, eram espaços consideráveis que do alto não conseguia notar. E era num desses vãos, um pouco mais à frente de onde eu estava, que a garota continuava deitada, mas não mais com os cães a sua volta. Eles a abandonaram e voltaram a percorrer o local.

PERIGOSAS ACHERON

Quando me aproximei o suficiente, percebi que seus olhos estavam fechados e que o cabelo estava bagunçado sobre sua face, me impedindo, assim, de ver seu rosto por completo. Em seu corpo magro de pele branca, mas que por causa de toda a bagunça com os cães e também certamente por causa do sol, havia algumas manchas avermelhadas, principalmente em seus braços, que eram bem finos.

Eu a estava observando e formulando em minha mente uma abordagem amigável e simpática, seria bom fazer algum tipo de amizade, porém meu plano de querer ser sociável foi por água abaixo no instante em que um dos cães latiu. Foi um latido de alerta. Então aconteceu tudo muito rápido. Olhei para Sunshine, a cachorra rosnava vindo em minha direção, e pronta o ataque soltou outro latido; foi nesse momento que o som de um longo e pavoroso grito ecoou tão estrondoso que tive que levar as

PERIGOSAS ACHERON

mãos aos ouvidos. Os cães se puseram a ladrar, Sunshine desistiu de me atacar, contudo se posicionou de forma protetora perto da garota que continuava paralisada no chão.

Ela abraçava o próprio corpo, com os olhos arregalados, as pupilas estavam tão dilatadas que pareciam duplicar o tamanho deles. Grandes olhos verdes cheios de pavor me encaravam.

Eu me senti tão assustado quanto a garota, e também desconfortável.

Que reação era aquela? Ela já não era nenhuma criança.

E, ok. Eu podia ser um sujeito que ela não conhecia e de aparência bem fora do comum do que estava acostumada a ver em Campo Belo, um sujeito com vários desenhos pelo corpo — e só. Não era nenhuma espécie de demônio, entretanto a reação dela me fez parecer com um.

Ela apertava os braços com força, eu podia

PERIGOSAS ACHERON

notar seu corpo rígido.

— Ei, tudo bem, ok? — Decidi dizer de uma vez, antes que ela tivesse algum colapso.

Não tive certeza se me ouviu, fosse por estar tão nervosa, ou também porque Sunshine não parava de latir, Moon também, só que ele estava ao meu lado. Pelo menos ele confiava em mim.

Fiz uma nova tentativa.

— Está tudo bem, eu não vou fazer mal algum a você.

Foi em vão, pois nada mudou, a garota permaneceu paralisada, eu desconfiei até que não estava respirando, em compensação Sunshine não parava de latir e rosar.

O suor começou a pingar da minha testa.

Isso está um inferno.

— Sunshine! Quieta! — Ordenei farto. Para minha surpresa, obedeceu. A garota enrugou a testa, devia se questionar como eu sabia o nome de PERIGOSAS ACHERON

sua cachorra.

O silêncio finalmente encontrou um espaço e foi nele que consegui ouvir a respiração entrecortada da garota, sinal de que estava respirando, mas permanecia amedrontada. Muito amedrontada.

— Olha... eu não vou fazer mal a você, tudo bem? — Ergui minhas mãos. — Meu nome é Dylan e eu estou na casa da Livia. — Expliquei com calma e pausadamente. — Cheguei hoje aqui. Conheço Livia, seu marido Cristian, seus filhos Anabel e Benjamim. — Elenquei cada um dos nomes, querendo dar a ela informações necessárias para que confiasse em mim. — Moon está comigo — disse por fim, sorrindo.

Foi na tentativa de afastar a minha cara de mau, que sinceramente não achava possuir. Mas a garota deveria me achar horrível, muito mau e perigoso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está bem? — Perguntei. — Está tudo bem?

Silêncio. Absoluto silêncio.

— Bom, como eu disse, me chamo Dylan. E você, qual o seu nome?

Eu permanecia a tentar e a garota se mantinha calada e a me encarar com desconfiança, foi dessa forma que começou a se erguer do chão e de um jeito muito estranho, com movimentos lentos, como se seu corpo estivesse sofrendo algum prejuízo motor. Jurei que iria dizer alguma coisa, que iria compreender que eu não era um perigo, mas então depois de conseguir ficar de pé, do mesmo jeito que o diabo foge da cruz, ela passou por mim e saiu em disparada. Na verdade, eu era o próprio demônio de quem ela corria e não ao inverso.

— Oh, garota?! — Berrei esticando os braços para cima.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O que a incentivou a correr mais, fazendo seus cabelos longos balançarem para trás e o seu vestido também.

No final de tudo eu achei engraçado, soltei uma gargalhada enquanto observava sua capacidade de ser uma excelente velocista, se colocassem ela e Usain Bolt^[5] numa disputa a garota sairia vencedora.

— Que caipira mais esquisita, não é não, Moon?

O cão latiu, acho que ele concordou comigo.

— Vamos para casa, Moon!

Foi a minha vez de correr.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 06

Dylan

Sentia minha garganta sendo estrangulada, o desconforto me irritava, passei os dedos no colarinho da camisa pressionado pela gravata tentando aliviar; nada aconteceu e, com o mesmo ânimo que um boi vai para o abate, eu deslizei para o banco lustroso de madeira ao lado de Benjamim, Anabel e Cristian.

Era o meu primeiro sábado em Campo Belo, estava deitado na cama com os braços atrás da cabeça, observando o minucioso trabalho de uma pequena aranha em tecer sua própria casa ao redor de uma lâmpada incandescente, a luz amarelada próxima ao guarda-roupa era a única coisa que clareava o ambiente e talvez por isso me

assustei quando Cristian jogou uma camisa e uma gravata sobre mim, na hora, lógico não percebi o que era e por isso me assustei e saltei com tudo da cama.

Depois de rir o suficiente da minha cara, ele explicou:

— Para ir à igreja amanhã. Esteja pronto às 7:30.

Segurei a roupa nas mãos sem acreditar, minha rotina em Campo Belo estava sendo normal, metódica e sem muitos atrativos, e mesmo assim estava gostando. Cristian era veterinário e trabalhava nas fazendas vizinhas, contudo a pequena propriedade deles também tinha alguns animais e muita coisa para se fazer, então Cristian me tornou seu ajudante, eu realmente não me senti mal com aquilo, se estava vivendo com eles era justo ser útil.

As atividades começavam bem cedo, e por

PERIGOSAS ACHERON

assim dizer esse era o único problema. Eu até havia dito à Livia que não me importaria em arrumar um emprego, só esqueci de comentar que estava acostumado a trabalhar durante a madrugada e dormir até meio-dia, ainda assim, mesmo tendo que sair da cama antes do sol nascer, já começava a me acostumar com a nova rotina.

Mas ter que acordar cedo em pleno domingo — único dia que eu julguei ter para dormir até mais tarde, foi como o inferno. Meus músculos contraíram e eu gemi voltando a me jogar de costas na cama de mola. Ela também gemeu. E depois de uma noite de sono continuei a contrair os músculos e até meu estômago se apertava, me sentindo enjoado com o perfume de morte que pairava sobre o ar. Um arranjo de flores, uma diferente da outra, repousava em suportes ao lado de todos os bancos da igreja e eu não sabia qual delas, mas uma das flores tinha esse maldito cheiro

de morte.

Desejei que a porcaria do culto acabasse logo, porém ele sequer havia começado.

Cristian havia se sentado na ponta do banco e desde então estava com a cabeça baixa e olhos fechados. Benjamim estava ao meu lado e, a propósito parecia não estar muito satisfeito também, pois sua cara era tão amarrada e amassada quanto a minha. Lívia fazia parte do coral e isso explicava o fato de ela não estar sentada conosco. Anabel, que estava sentada entre o irmão e o pai, alisava a barra de um vestido rodado e distribuía sorrisos para quem passava lançando olhares para nós. Na verdade, para mim — e esse era outro motivo que me deixava irritado.

Pensando numa forma de em algum momento escapar, enverguei meu corpo para trás dando uma pescoçada conferindo a porta da igreja, mas me virei de imediato ao ver uma cabeça loira

destacada em meio à multidão: tinha muitas, entretanto aquela de tom amarelado que dava a sensação de que os fios do cabelo fossem feitos de ouro era a cabeça da esquisitona.

Desconfiei que ela havia me visto também, xinguei internamente, e quis me encolher no lugar.

Desde aquele dia eu nunca mais tinha encontrado com ela, voltei diversas vezes no campo dos lírios, mas em nenhuma delas a esquisitona estava. Ainda bem, ter de ouvir seu grito e lidar com seu olhar espantado não era algo agradável, ainda assim arriscava a ir, pois eu havia gostado do lugar, ele me fazia sentir perto da minha mãe.

Quem sabe a esquisitona não tenha me visto? — Pensei. E por precaução mantive a cabeça o mais baixo possível. Uma mecha do meu cabelo, que por sinal estava precisando de um corte, caiu sobre a lateral do meu rosto, eu não a devolvi para o lugar, deixei que tampasse minha face. Eu estava

PERIGOSAS ACHERON

mesmo querendo evitar um encontro com a esquisitona, se ela se colocasse a gritar dentro da igreja, seria uma grande confusão, ou seja, uma grande merda.

Encarava minhas botas quando alguém com uma voz simpática perguntou:

— Esse lugar está vago?

De cabeça baixa e esguelha, busquei saber quem era a dona da voz; no momento que descobri, emudeci. Era *a esquisitona*.

— Bom, eu acho que está — ela declarou, sentando-se ao meu lado. Fiquei boquiaberto.

Só pode ser louca, deduzi, ainda encarando minhas botas, e eu me concentrei o suficiente nos respingados de lama que estavam nela, porque assim, eu não arriscaria olhar para a esquisitona e de repente ela mudar de ideia e soltar um grito.

Só que não foi isso que ela fez.

— Ei, forasteiro? — Chamou. Sua voz

soprando perto do meu pescoço. — Você sabia que é o assunto do momento em Campo Belo? — Ouvi sua risadinha baixa.

Inclinei a cabeça devagar e encontrei seus olhos. *Aqueles* grandes olhos verdes. E havia muito neles: simpatia, curiosidade, interesse... Menos medo.

O que era estranho, bem estranho.

— Você é louca?! — Sussurrei, franzindo a testa.

Ela tapou a boca, abafando uma risada.

— Pelo jeito já sabe bastante a meu respeito — respondeu baixinho e sorridente.

Reparei nos lábios que brilhavam, parecia ter glitter neles. Reparei em muito mais, e à medida que eu a observava, certamente como um idiota, pois era como eu estava me sentindo, já que não compreendia porcaria nenhuma da sua reação, ela fez algo que deu uma guinada brusca de como eu, PERIGOSAS ACHERON

realmente, estava me sentindo.

E posso afirmar, não foi mais como um idiota.

Seus braços ficaram estendidos em cada uma das laterais de seu corpo, de modo que as palmas das mãos eram flexionadas ao banco. E foi então que eu engoli a saliva com força, me sentindo atraído pelo que ela fazia com as coxas; primeiro pressionou uma contra a outra e depois as moveu como se fossem polos negativos e positivos a se atraírem e depois se repelirem. Seu vestido de cor azul-clara me ajudou a associar o movimento com o de um mar calmo e de águas cristalinas que refletem o céu, era algo ritmado e envolvente.

E, sem dúvida, estranho.

Ela não pareceu nem um pouco atraente no dia em que gritou e me olhava com pavor, mas enquanto estava sentada ao meu lado; com *aquela* balançar de coxas, sorrindo, mordendo o lábio

inferior de um jeito sedutor e me fazendo sentir o perfume sexy que vinha da sua pele, a esquisitona era suficientemente atraente para fazer com que eu não conseguisse parar de olhar para ela.

Atraente e louca também, já que num dia havia fugido de mim como se eu fosse o demônio em forma de gente, e no outro fazia questão de ficar do lado desse demônio.

Fui tirado do meu devaneio sobre a esquisitona quando uma voz grave e masculina repercutiu pela igreja através do sistema de som dando “bom dia” e fazendo todos ficarem de pé, menos eu, porém no instante seguinte Benjamim me cutucou e Cristian me lançou um olhar do tipo que mandava eu ficar de pé, assim, tive que seguir o rito.

— Amados irmãos, sejam bem-vindos. Nosso Pai se alegra com júbilos e louvores, e assim vamos dar início a mais um culto na nossa amada PERIGOSAS ACHERON

igreja de Campo Belo. — Ele sorriu. — Coral maravilhoso, é com vocês — indicou para um grupo de mulheres do lado esquerdo do altar, elas usavam um vestido igual ao da esquisitona.

Estreitei meus olhos observando o homem de terno e gravata, que começava a bater palmas incentivando as outras pessoas a fazerem o mesmo.

— Esse é o pastor? — Resmunguei a pergunta pra mim mesmo, me dando conta que ele era o mesmo homem que estava no restaurante e não tirou os olhos de mim.

Muitos me olharam, mas este era aquele que me observou como se eu fosse um perigo, como se eu fosse nocivo ao lugar, que na minha opinião para um pastor não foi a atitude mais correta. Ele me julgou sem sequer me conhecer e isso bastou para que eu o achasse um babaca.

Passava a ficar cada vez mais incomodado em estar naquele lugar, as vozes do coral eram

PERIGOSAS ACHERON

bonitas, isso era inegável, mas não adiantava, eu não me sentia confortável dentro de uma igreja. Puxei o nó da gravata feito por Livia antes de sairmos de casa e o afrouxei. Precisava de um pouco de alívio, pelo menos para respirar.

Bufei soprando o ar, e deslizando os dedos sobre o meu cabelo, flagrei a esquisitona de olho na lateral do meu rosto. Decidi corresponder e a encarei, seu semblante audacioso, seu olhar recheado de curiosidade — uma curiosidade de quem estava doidinha para saber muito mais sobre mim além do que ela podia ver e imaginar —, isso me fez começar a achar que a esquisitona não era *tão esquisitona*, assim. Louca até podia ser, só que por certo, uma bem atraente.

Porra.

Estava dentro de uma igreja e não estava tendo os pensamentos mais certos para se ter quando se está em uma. Mas também, eu já não

tinha pensamentos e ações certas há muito tempo. Então foda-se!

O culto prosseguia e eu continuava dando umas olhadelas na esquisitona e ela em mim. Era impressionante como no campo dos lírios ela parecia ser uma pessoa e na igreja outra. *Será que tem dupla personalidade?* — Ponderei. Se sim, eu preferia a da igreja.

Um falatório se formou enquanto as pessoas estavam de olhos fechados e as mãos estendidas para cima, outras pessoas, ainda, sustentavam uma mão sobre o peito e a outra erguida.

O som de um dedilhar nas cordas do violão acompanhava os sons que saíam das diversas bocas.

Estavam orando, clamando, realizando seus pedidos, agradecendo a Deus. Minha mãe me ensinou a fazer isso.

— Ore com fé, Dylan. Feche seus olhos,
PERIGOSAS ACHERON

sinta a batida do seu coração, eleve as mãos buscando a mão de Deus. Ele atende nosso clamor — dizia-me ela ao me colocar para dormir.

Atende coisa nenhuma.

Percebi uma mão puxando a ponta da minha camisa, olhei para baixo e Anabel estava ali, ela fez sinal para eu me abaixar, atendi.

— Você tem que fechar os olhos — cochichou em meu ouvido.

Maneei a cabeça, encarando seu rostinho de feições carinhosas, mas não fechei os olhos, o que levou Anabel a fazer por mim, ela esticou a mão até meus olhos e deslizou os dedos sobre eles.

Não enxerguei mais nada, não disse nada, não pensei em nada. Não tinha nada a dizer a Deus que fosse bonito, por isso preferi o silêncio. Quando fomos instruídos a abrir os olhos, a esquisitona louca já não estava mais ao meu lado.

O culto chegou ao fim e parte do meu

PERIGOSAS ACHERON

tormento também, não via a hora de sair porta afora, todavia ainda tivemos que esperar por Livia, que levou alguns minutos para se juntar a nós, e no momento em que ela chegou foi recebida pelo abraço de sua família, ela beijou os filhos e o marido. Tanto ele quanto Livia tinham uns quarentas anos, formavam um belo casal, o corpo de Livia lembrava o de minha mãe — curvilíneo — e seus cabelos eram cortados na altura das costas. Cristian, por sua vez, tinha cabelos castanhos de fios espessos que alcançavam o pescoço, isso dava a ele um ar bem despojado, mas para ir à igreja passava uma boa quantidade de gel e os penteava todo para trás, diferente de como usava no dia a dia.

Me vi admirando-os, eram uma família bonita e feliz, apesar disso eu tinha certeza que se sentiam incompletos. Eu já havia perdido alguém que amava, portanto conhecia este sentimento. No

PERIGOSAS ACHERON

entanto, eles encontraram uma forma para seguir, feliz ou infelizmente, é assim que tem de ser. É como todos costumam nos dizer: “a vida continua”. E isso é o que mais me machucava em relação ao meu pai, a vida continuou para mim, eu continuava vivo, era seu filho, uma criança. Uma criança que depois da morte da mãe só foi capaz de comprar mudas novas de roupa aos doze anos, quando Victor me deu o emprego na oficina; eu não fazia muito, era verdade, entretanto ele me pagava todo final de mês. E até ter o dinheiro que vinha dos negócios sujos de Victor, era eu quem me sentia uma criança suja, não por falta de banho, eu os tomava, mas sim pelas roupas puídas e pequenas ao meu corpo que crescia a cada ano, elas faziam com que os garotos da escola me tratassem como se eu fosse sujo, me excluía.

Teve uma vez aos oito anos, em um dia de chuva e frio, meu calçado apertado e com furos não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

suportou mais, eu já tinha colocado papelão debaixo da palmilha para evitar que água e ar gélido entrassem, ainda assim não foi possível evitar uma forte gripe. Dona Abigail apareceu, ela sempre aparecia, sempre tentava me ajudar como podia, mas a aposentadoria mal dava para sustentar a ela e à neta, mesmo assim ela me levou remédios, um prato de sopa e um novo par de tênis. Me lembro de ter dormido com eles naquela noite; e na manhã seguinte, ao chegar na escola com meus pés secos e quentinhos, a professora me lançou um olhar de alívio. E fez mais que isso, me deu também um par de tênis. Eu pude sentir meu coração explodir de tanta alegria, e a partir daquele dia eu passei a usar um tênis de cada um dos dois pares que havia ganhado. Eu estava grato às duas almas bondosas, por isso achava certo usar o calçado desta forma e nem me importava com as risadas das crianças ao olharem para os meus pés.

PERIGOSAS ACHERON

A gratidão e alegria eram maiores que qualquer constrangimento.

— Gostou do culto? — Lívia me perguntou, me envolvendo em um abraço terno, trazendo-me dos meus pensamentos.

Bom, pela gratidão que eu aprendi a ter com as pessoas que me ajudavam, eu sabia que ela merecia uma resposta educada.

— Sim — eu disse sorrindo, ainda que agoniado e ansioso para respirar longe do cheiro de morte.

E mesmo depois do culto acabar as pessoas permaneceram do lado de fora da igreja se cumprimentando e conversando. Lívia, o marido e os filhos não fugiram à regra, por isso fiquei num canto esperando o momento de ir embora.

Estava distraído olhando para o pequeno centro que foi o primeiro lugar de Campo Belo que conheci quando uma mão bateu nas minhas costas

PERIGOSAS NACIONAIS

e, assim, eu vi também a primeira pessoa que conheci ao chegar.

— E aí, *só* Dylan? Gostando de Campo Belo?

— Nem imagina o quanto, Thomas — respondi.

Ele crispou a testa.

— Enquanto continuar a me chamar de *só* Dylan, vou te chamar de Thomas — disse relaxado.

— Parece justo, *só* Dylan.

— Concordo, *Thomas*.

O projeto de caubói enfiou a mãos no bolso da frente da calça de brim cor creme, seu visual estava bem diferente, e como Thomy gostava de tirar onda com a dos outros, ou talvez só com a minha, comentei:

— Gostei da sua calça de igreja.

— E eu da sua gravata. — Ele devolveu rápido.

PERIGOSAS ACHERON

Bufei.

— Me sinto horrível e sufocado — admiti.

— E eu detesto essa calça, prefiro meu jeans.

— Não sei de qual jeito você fica pior — arrematei por fim. Thomy soltou uma gargalhada, aquela de porco, ele era um sujeito bem-humorado, isso não se podia negar.

Ainda puxava o ar como um porco quando uma senhora se aproximou e o chamou para ir embora. Estava literalmente na cara que era sua mãe, os dois eram idênticos. Contudo, ela parecia mais contida que o filho, não ficou de papo, me deu um aceno educado e se afastou.

— Foi bom te ver de novo, *Dylan*. Qualquer dia apareço lá na casa da Liv, aposto que ainda não fez nenhum amigo além de mim — disse esticando a testa com ar sabichão.

— Não sabia que somos amigos — devolvi.

— Se sinta privilegiado por ser amigo de um caro como eu — gabou-se.

Eu ri.

— Foi bom te ver de novo, *Thomy* — admiti, foi sincero.

O vi se afastar, ele usava camisa da mesma cor que a calça, e sua pele clara junto da roupa também da mesma tonalidade deixavam-lhe unicolor e pálido, tive que concordar com Thomy, ele ficava melhor de jeans e camisa xadrez.

Ria do projeto de caubói, quando ouvi Livia me chamar:

— Dylan, vem cá! — Ela gesticulou sorrindo.

Eu me aproximei, ficando surpreso por perceber que quem estava com Livia — além de uma mulher de meia-idade — era a esquisitona. Desde que ela havia sumido das minhas vistas, parecia também ter sumido da igreja; de qualquer

forma, gostei de ter a chance de ver outra vez seus olhos verdes curiosos e seu semblante audacioso. É... mas não foi isso que eu vi. *E lá estava ela de volta — a esquisitona. Só esquisitona, sem ser louca.* Ao tentar um contato visual ela baixou a cabeça e se encolheu atrás da mulher, a quem logo em seguida fui apresentado.

— Josi é nossa vizinha e uma boa amiga — Lívia contou, a simpatia sempre presente em suas palavras brotou com bastante entusiasmo.

Era alguém que Lívia gostava bastante, por isso fui bem amigável em minhas feições ao cumprimentá-la, mas o olhar de Josi recaiu na minha mão direita estendida, ela hesitou em corresponder, ou talvez estivesse só distraída pela tatuagem.

— Muito prazer, senhora — disse, empregando o tom mais educado possível, para lembrar-lhe de ser também.

— Josi é o suficiente — Ela apertou minha mão, no entanto logo soltou dando um sorrisinho amarelo.

Deveria ter me sentido constrangido pela forma que discretamente ela passou a mão que usou para me cumprimentar no tecido do seu vestido azul-claro, mas nem liguei. *Sujo são seus pensamentos preconceituosos e não minha mão.* E sobre o vestido, percebi que era igual ao de Livia e o da esquisitona, eram todas do coral, analisei concluindo.

O que concluí também foi que a esquisitona tinha assumido sua personalidade esquisita. Não havia uma centelha em suas feições que indicasse que de repente voltaria a ser aquela risonha fácil, ao contrário, seus lábios estavam unidos um no outro como se tivesse cola neles, e fechados desse jeito pude perceber como sua boca era pequena. Ela inteira parecia se tornar menor do que realmente

era, mantinha-se encolhida atrás de Josi, e a mulher fazia questão de, por segurança, a manter, ali. Entretanto, Livia não colaborou muito com o objetivo, pois foi até a garota e, passando os braços por cima de seus ombros, a puxou para o lado, fazendo-a escapar de sua barreira humana e ficar na minha mira.

— Essa aqui é a filha de Josi, Letícia. — Livia me fez saber. E se ela tinha sido simpática ao apresentar a mãe, a filha, então, muito mais.

E se a esquisitona fosse uma garota normal eu também a cumprimentaria com simpatia, quem sabe até lhe dava um beijo no rosto, o que seria plausível, não? Mas ela não era normal, nem um pouco normal, por isso só dei um leve aceno com a mão e ela, sustentando um olhar baixo, deu um breve menear de cabeça. Não houve qualquer som da sua voz, bom, da minha também não. Era melhor seguir o ritmo dela, não estava a fim de PERIGOSAS ACHERON

algum acesso de histeria por minha causa.

Me senti cansado com todo aquele clima estranho. Cocei a minha cabeça, Livia me lançou um olhar inquieto, percebendo que eu estava justamente deste jeito e com o saco bem cheio.

Era monótono olhar para a esquisitona e para a sua mãe, entretanto a monotonia se desfez no momento seguinte.

— Mãe, eu já estou indo com o pessoal para o aniversário do Arthur, tá bom? — Aquela mesma voz simpática que me perguntou se o lugar do banco estava vago ressoou atrás de mim. — E aí, forasteiro? — Disse em seguida, colocando-se ao meu lado e empurrando seu ombro contra o meu. — Quer ir também? — Seu sorriso veio acompanhado de uma piscadinha.

Que porra é essa?

Percorri meus olhos da esquisitona *louca* ao meu lado à *só esquisitona* que estava à minha

PERIGOSAS ACHERON

frente.

Não se tratava de dupla personalidade e sim de duas pessoas diferentes. Diferentes e tão iguais ao mesmo tempo.

— Jaque?!...

A mulher a chamou com tom de repreenda, fazendo sinal para ela sair do meu lado, o que ela fez, e assim foi para o lado da mãe e da... irmã?

Enruguei a testa confuso.

— Jaqueline e Letícia são irmãs — Lívia explicou.

— Gêmeas... — constatei murmurando.

— Não. — Lívia voltou a falar. — Elas até se parecem muito, mas não são gêmeas — esclareceu por fim.

O que não ajudou, pois eu continuava confuso.

— Somos separadas por um ano de idade.

A esquisita..., ou melhor, Jaqueline, contou

e permaneceu a falar.

— E na verdade, nem somos tão parecidas assim. — Seu tom de voz subiu um pouco e suas feições ganharam uma careta, não soube o que representava ao certo, mas parecia algo como chateação. — Se você olhar bem eu sou *muito* diferente dela. E ainda bem que sou — ela resmungou o final da frase, revirando os olhos.

A irmã se encolheu mais do que já estava e passou os braços na frente do peito, notei como seus dedos apertavam a carne de seus braços, que de imediato ficaram vermelhos.

Aproveitei que as duas estavam lado a lado e fiz justamente o que Jaqueline disse. Olhei procurando diferenças além das personalidades — que já estavam bem nítidas — e dos vestidos, que eram iguais. E realmente encontrei, Letícia era alguns centímetros mais alta e esguia, a boca era miúda, só que os lábios eram espessos, enquanto

PERIGOSAS ACHERON

que Jaqueline tinha uma boca mais ampla e curvada nos cantos, mas seus lábios eram mais finos. Os olhos de ambas eram quase iguais, o tom de verde era o mesmo, entretanto havia diferença sim: Jaqueline tinha os cantos da boca curvados, bem como de seus olhos também, já os de Letícia eram arredondados.

Como eu não percebi?

Pelo menos, finalmente soube que eram duas pessoas e compreendi os motivos da disparidade da reação que cada uma teve comigo.

Uma era totalmente introspectiva e a outra, extrovertida.

Letícia e Jaqueline eram mesmo diferentes uma da outra.

E era claro que entre uma garota louca atraente e uma esquisitona, eu iria preferir a louca.

Letícia não deixava de ser bonita, mas também não deixava de ser esquisita. E com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

certeza, com a louca a chance de me divertir um pouco era maior, por isso eu aceitei seu convite para ir a tal festa de aniversário.

No entanto, me arrependi.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 07

Dylan

Eu deveria desconfiar que ir a uma festa na qual não conhecia ninguém seria uma chatice e até uma burrice. Mas não desconfiei, o que foi um erro. Considerei que poderia ser legal, já que gente jovem era igual em quase todo lugar. Conversa, distração, comida, bebida, umas garotas bonitas. Sei lá, coisas comuns em uma festa de jovens, e eu já havia estado em várias que não conhecia todas as pessoas e mesmo assim elas foram legais e não boçais, debochadas ou idiotas, numa boa expressão grosseira: cuzonas. E foi exatamente o que encontrei naquela fazenda que cheirava à bosta de boi e maconha.

O mais cuzão de todos era o dono da festa,

Arthur.

Em meia dúzia de palavras que troquei com o cara, me fizeram saber que ele era do tipo “eu sou o fodão”. Comentou da sua caminhonete zero quilômetro que havia ganhado de aniversário (ele acabara de completar dezoito anos e estava mais feliz do que pinto no lixo, expressão bem propícia, pois ele era um lixo), comentou dos muitos hectares de terra que a fazenda possuía e das cabeças de boi também, claro que eu não gravei porra nenhuma dessas informações e nem da quantidade de garotas da festa que ele disse já ter comido — é, essa foi exatamente a palavra que a criatura usou, e isso me causou um nojo ainda maior por ele. Mas gravei quando ele disse que Jaqueline seria a próxima. E isso me fez ter vontade de dar um soco nele, não porque meu interesse nela fosse tão grande assim, ela era bonita, atraente, e só. Eu mal a conhecia e óbvio que a garota podia ir pra cama com quem

PERIGOSAS ACHERON

quisesse. Só que o babaca soou tão imundo e falou dela como se a garota fosse uma vagabunda, que fez minha repulsa crescer.

Não gosto de ver o nome de uma mulher rolar pela boca de um homem de forma pejorativa. Seja ela quem seja e que tenha o estilo que tenha. E Jaqueline, a meu ver, era mais uma garota extrovertida de espírito aventureiro do que qualquer outra coisa.

Eu vim ao seu lado no banco de trás de uma caminhonete, aliás este era um outro padrão — se não todo mundo, a maioria das pessoas de Campo Belo tinha um carro desse modelo. A do amigo de Jaqueline, com quem pegamos carona, era vermelha. Nem um pouco chamativa. Durante todo o percurso, Jaqueline se demonstrou interessada em saber como era viver numa cidade grande e me contou que seu sonho era morar numa.

— Campo Belo é pequena demais para

PERIGOSAS ACHERON

mim. Quero ganhar o mundo — disse-me ela, com uma entonação divertida.

Eu achei graça e a incentivei dizendo que o mundo ficaria feliz por conhecê-la. Ela pareceu mesmo determinada em ir embora de Campo Belo, mesmo os pais não querendo. E tamanha foi minha surpresa quando Jaqueline me disse que era filha do pastor.

— Meu pai detesta a ideia de eu sair desse lugar na mesma intensidade que detesta as roupas que uso.

Quando ela disse isso eu enruguei a testa sem entender, o vestido que ela estava usando avançava os joelhos e não possuía decote, porém quando chegamos na fazenda e ela sumiu por um tempo e depois apareceu na festa ao lado de outra garota, estava usando um *shorts* jeans sensualmente curto, junto com uma blusa justa ao corpo com um decote que não passava despercebido. Eu a achei

PERIGOSAS ACHERON

com estilo próprio e bem bonito.

Em alguns casos, o estilo que a pessoa decide levar, as roupas que gosta de usar, a pele marcada por tatuagens, pode dizer muito sobre ela. Mas esse *muito* não é tudo. Não a define por completo e nem dá o direito de as pessoas tirarem conclusões precipitadas a seu caráter.

Aparência é só aparência, não é essência, e o mais importante é a última. Ao considerar isso, me lembrei de Letícia. Por trás da aparência esquisita, que tipo de essência ela possuía? Ou até mesmo, por que tão tímida? Não fazia ideia das respostas. E por isso, dei a mim mesmo uma advertência por concluir que ela era esquisita só por causa da reação fechada. Decidi não mais chamar a esquisitona de esquisitona. O problema era que eu tinha gostado do apelido.

Sorri levando a lata de refrigerante à boca, o refrigerante gelado abrandava o calor, o sol estava a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pino e eu continuava de camisa, a gravata tirei e enfiei no bolso da calça, vontade mesmo era de estar na sombra de uma das árvores e no silêncio do campo dos lírios e não nesta festa, onde a música e a temperatura estavam altas quase na mesma proporção — infernal, pensei chateado. E tudo era em altas proporções.

Arthur reuniu uma porção de gente em sua fazenda, que ostentava uma mansão com um distinto espaço para festas perto de uma piscina de tamanho avantajado. O cara colocou um bocado de carne para assar numa grande churrasqueira, a cerveja tinha aos montes dentro de um tonel coberto por muito gelo. As garrafas de *Jack Daniels* estavam por cima das mesas. O uísque de valor considerável não parava de circular em copos com doses dele juntamente com energético. O que impressionava é que daquela galera toda, uma grande parte era menor, e mesmo assim bebiam.

PERIGOSAS ACHERON

Bebiam como se não houvesse amanhã.

Eu tinha um, e sabia que teria um bocado de coisa a fazer e, acima de tudo, eu queria sossego e descansar o resto do dia.

Busquei por Jaqueline e a vi em uma das muitas rodinhas, o papo parecia bom, as gargalhadas conseguiam se sobressair ao som da música, ainda mais quando alguém o abaixou.

— Que ela se divirta como gosta, isso aqui pra mim não rolou — falei sozinho bebendo mais um gole de refrigerante.

Sabia que poucos quilômetros adiante estava a casa de Livia, no dia em que fui para lá, passamos por um imponente portão de ferro com o desenho de dois cavalos, exatamente por onde entrei na fazenda e por onde fui embora.

Mas, antes, tive um pouco da porcaria do dono da festa.

— Já vai embora? — Ele perguntou. Eu já

estava de costas rumando para a saída.

Virei-me.

Arthur e boa parte daquela gente me observavam.

— Fique mais! — Ele ergueu seu copo. — Ou será que esse não é o tipo de festa que o pessoal da cidade grande curte?

Arthur estava querendo parecer amigável, mas algo em mim dizia que não. Ainda assim respondi, também querendo ser amigável:

— Obrigado pela boa comida e bebida. — Ergui minha lata de refrigerante imitando seu gesto.

— A parte boa da festa ainda nem começou — ele disse, começando a rir. — Daqui a pouco a gente pula pelado na piscina!

Sua gargalhada veio em seguida, puxando as demais.

— É brincadeira, forasteiro — Jaqueline fez sua voz se sobressair à algazarra. — Somos pessoas
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

comportadas. Ninguém vai ficar pelado aqui, não.

Mais gargalhadas e tudo indicava que o nível do álcool já havia subido em suas cabeças, do mesmo jeito que outras porcarias, e nem era maconha. Aqueles olhos estalados e a forma frenética que muitos deles, inclusive Arthur, passavam as mãos no nariz demonstravam que a farinha rolava solta. E eis uma coisa igual entre Campo Belo e Esperança — drogas. Essa porcaria estava por todo lugar, afinal.

Tinha bons motivos para ir embora e estava disposto a isso, fiz menção de sair do lugar e então surgiu um outro comentário, dessa vez uma garota que fez, ela enrolava uma mecha de seu cabelo ao falar.

— Não seria má ideia. Estou curiosa para saber onde mais você tem tatuagens.

Eu dei com um sorrisinho torto. Eu iria aproveitar a deixa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pra isso eu teria de ficar pelado — respondi.

Um coro de “uau” só de vozes femininas se formou, o dono da festa não gostou muito da algazarra e *mandou* elas se calarem.

Um dos caras emendou:

— Geralmente as tatuagens sempre têm um motivo. E, pelo visto, você teve muitos. Qual é a pira delas? — Ele perguntou.

— Pira nenhuma, apenas gosto. Algumas tem algum sentido, outras são desenhos aleatórios — menti.

Cada desenho em meu corpo tinha um porquê, mas aqueles babacas não precisavam saber disso e nem que comecei a preencher meu corpo com tatuagens porque queria sobrepor ao meu tom de pele.

— E essas aí? — Arthur perguntou apontando para as minhas mãos.

PERIGOSAS ACHERON

— O que tem? — Indaguei.

— É a mesma mulher nas duas mãos?

Não gostei do seu interesse, não gostei do jeito que me olhou com ar de deboche e superioridade.

Levei alguns segundos para responder, e Paulo César associando suas nojeiras à minha mãe encontrou espaço na minha mente. Aconteceu, pois Arthur me lembrava aquele verme magricelo do Paulo César. Não fisicamente, porque o Arthur era bem alto, loiro e fazia o estilo bombado. Contudo, eles tinham suas semelhanças.

E do mesmo jeito que as drogas estão por todo lugar, não importa a cidade, a classe social, gente babaca e nojentos também. Paulo César e Arthur eram.

— É sim — respondi sem dar detalhes.

— Ah, pelo amor de Deus, pela sua cara é alguma *ex* que te deu pé na bunda. — Ele riu.

Não, babaca, é o rosto da mulher mais importante da minha vida.

— É a minha mãe — contei matando a curiosidade do idiota.

— Bonita homenagem — Jaqueline disse em seguida.

— Forasteiro? — Arthur chamou e eu não gostei. O “forasteiro” na boca de Jaqueline soava bem melhor do que na dele. — Você até pode ir embora da festa, mas não pode sair sem tomar isso aqui.

Ele deu uns passos para o lado, indo até uma mesa e pegou uma garrafa. Eu sabia o que era *aquilo*.

— Eu não bebo — avisei.

— Como assim não bebe? — Ele inquiriu.

— Não bebo.

Presumindo que estava mentindo, veio até mim e ofereceu um copo com um líquido verde. Eu

não bebo mas conheço bebida, era absinto.

— Deveria experimentar a fada verde.

O caipira era bem informado, a bebida tinha mesmo esse apelido, seu teor alcóolico é altíssimo e dizem até que causa sensações alucinógenas, se isso era verdade, eu não sabia. Mas sabia que ela derrubava. Ela derrubou Victor uma vez e foi feio.

— Eu realmente não bebo, e quer um conselho? Eu já vi gente parar em coma por causa da *fada verde*.

Meu comentário não foi por mal, no entanto, Arthur o entendeu de outra forma. Ou apenas queria uma chance para começar uma briga.

— O que pensa que somos? Crianças? — Ele estufou o peito. — Acha que somos caipiras burros que não sabemos das coisas? Acha que pode tirar onda da nossa cara dentro da minha *propriedade*?

Ele encheu a boca para falar “propriedade”,

e foi a coisa mais patética que eu já vi.

— Arthur? — Jaqueline puxou seu braço.

Vocês são uns caipirinhas drogados de merda, pensei, encarando-o.

— Foi um prazer. — Arremessei a lata de refrigerante no chão perto do pé dele.

Procurei por diversão e encontrei confusão.

Era melhor ficar longe da louca atraente.

Os poucos quilômetros de distância da fazenda do babaca até a propriedade de Livia eram, na verdade, muitos. De carro era uma coisa, mas caminhando, outra bem diferente. Senti saudades da minha boa e velha moto.

Meus pés doíam, a roupa pesava e o sol castigava minha pele enquanto caminhava pela estrada de chão na qual carros passavam ocasionalmente levantando poeira e me fazendo comer terra.

Para minha sorte, num trecho da estrada,

deparei ao meu lado esquerdo com o campo dos lírios. Cortar caminho por ele era uma opção mais que válida e ainda tinha a chance de descansar de toda a extenuante caminhada, debaixo de uma árvore.

Atravessei por sob uma cerca de arame farpado e me pus a andar entre os lírios, constatei que era uma extremidade longe do lugar onde já havia estado, e percebi também que ele era bem maior do que eu imaginava, sem exageros, era quase do tamanho de um campo de futebol, o que me fez ainda caminhar um bocado e, porra, que lugar quente era Campo Belo! Se o inverno for em proporções iguais, posso preparar para congelar — me vi pensando, e no instante seguinte achei um pensamento absurdo. Eu não acreditava que ficaria por tanto tempo. No entanto, a sensação de liberdade que começava a permear meus dias e pensamentos era boa. Boa também foi a sensação

quando abri os botões da camisa e finalmente senti meu corpo liberto do aperto do tecido, usei-o inclusive para secar o suor que escorria pelo meu pescoço, baixei o olhar e vi que o rosto do tigre tatuado no alto do peito no lado esquerdo também estava suado, teve ainda uma gotícula que escorreu pelo centro onde o desenho da cruz estava. Ela estava ali para me lembrar que todos possuem a sua própria cruz a carregar. A minha não representava em si a vida de merda que eu levava e tinha de enfrentar, representava uma única coisa: saudade da minha mãe. Ela rasgava e pesava no peito. Mas se eu tinha de carregar, então eu carregaria. A imagem do tigre era para eu sempre lembrar de nunca perder meus olhos de tigres, atento a tudo e a todos, mas principalmente porque depois da minha primeira briga aos treze anos, na qual eu apanhei pra caralho, Victor me lançou um saco com gelo para amenizar os hematomas do rosto e colocou

para tocar a música *Eye Of The Tiger* (Olho do Tigre).

E foi com o olhar de tigre que ele possuía que me deu o conselho, que veio da tradução de um trecho que a letra da música dizia:

— Para matarmos com a habilidade de sobreviver. É o olho do tigre, é a emoção da luta. Erguendo-se ao desafio do nosso rival. E o último sobrevivente conhecido persegue sua presa à noite.

Guardei o conselho, no dia seguinte fiz minha primeira tatuagem — o tigre. E comecei a ser treinado por Victor, e desde então, as brigas que vieram eu até saía machucado, mas meus rivais saíam muito piores. Eu me erguia todas as vezes. Até que precisei matar pela primeira vez.

Esfreguei a camisa no rosto, com a melodia da música ecoando em minha mente e então me impulsionei a correr. Corria entre os lírios agitando suas folhas, corria como um tigre ágil em busca da

PERIGOSAS ACHERON

sua presa. Ou quem sabe, só corria por me sentir livre. Não sabia, mas qualquer das opções seriam válidas e eu saberia disso em momentos distintos. No topo da colina, enquanto eu ofegava e com um dos olhos fechados por conta dos raios do sol, eu encontrei minha presa. A liberdade também, mas só fui me dar conta disso tempos depois.

Ela (a presa) descansava debaixo justamente da árvore que eu havia planejado ficar, por um instante, ponderei em desistir dela, deveria aproveitar que seus olhos estavam fechados e seguir em frente sem ser notado e assim também sem lhe causar medo. Porém, os músculos das minhas coxas estavam trêmulos, cansados e eu precisava de uma folga, mas no fundo, bem lá no fundo mesmo, algo em mim quis ficar, eu precisava pelo menos tentar saber e compreender por qual motivo a esquisitona tivera aquela reação comigo.

Depois de ter me visto com Lívia, talvez ela

PERIGOSAS NACIONAIS

reagisse com alguma normalidade e não tal como uma presa que foge do seu predador. E apesar de eu não ser um, de fato, e nem querer lhe assustar, eu continuava a agir como se fosse.

Silencioso, à espreita, dei dois passos calmos, passando uma perna após a outra com leveza, até ficar diante de seu corpo esticado na grama, o vestido da igreja foi substituído por um de estampa colorida de flores e alcinhas, a do ombro esquerdo estava caída, pendendo pelo braço. Um dos braços estava para trás, servindo de travesseiro para sua cabeça onde os fios loiros do cabelo se misturavam ao verde da grama, um feixe da luz do sol brilhava em sua face. Eu pisquei, absorto. Era bem extraordinário, como ela parecia ser parte integrante daquele bonito visual da natureza. Sua respiração tranquila dava a sensação do quanto ela se sentia em paz e relaxada, e era bem provável que eu acabaria com essa sensação.

PERIGOSAS ACHERON

Mas ainda assim, eu arrisquei, desejando o contrário.

— Esquisito... — freei as palavras que saíram baixas, tanto porque me arrependi de chamá-la de esquisitona e porque ela abriu os olhos, assumindo instantaneamente o medo.

Eu fiquei também.

Não grite, por favor, não grite.

— Oi, Letícia — sussurrei, foi mínimo, mas seu olhar se suavizou.

Ela me encarava enquanto erguia suas costas da grama, e num movimento calmo ela foi se arrastando até encostar no tronco da árvore atrás de si.

Pelo menos ele não gritou e nem saiu correndo.

— Posso? — Pedi, apontando para o chão.

A cabeça dela se inclinou minimamente.

— É um sim? — Busquei confirmar. Letícia

balançou devagar a cabeça para cima e para baixo e seus braços se colocaram na posição de defesa, abraçando-a como um escudo sobre o peito.

Sentei-me de frente a ela, mas com uma distância que nem mesmo esticando os braços lhe alcançava e ainda os deixei descansando sobre meus joelhos dobrados junto ao peito. Visei uma posição relaxada, querendo que ela se sentisse assim também.

Eu a observei por alguns instantes e ela a mim.

— Esse lugar é muito bonito — disse puxando assunto.

Letícia usou outra vez a cabeça para responder.

Será que ela tinha algum problema na fala ou era só comigo que sua voz não saía?

— Desculpa perguntar, mas você não consegue falar ou simplesmente não quer falar?

Ela gesticulou positivamente, isso não ajudou muito. Afinal, esse “sim” foi para qual das perguntas?

Sorri soltando o ar, larguei a camisa na grama e fiz uma nova tentativa.

— Você consegue falar?

Sua boca não se abriu, o som veio da garganta.

— Uhum.

— Então simplesmente não quer falar — concluí.

Seu ombro esquerdo subiu alguns centímetros, não consegui entender o que o gesto quis dizer e nem insisti. Avaliei que o silêncio era uma boa opção. Era isso que eu buscava ao sair da festa — sombra e silêncio.

Deitei cruzando os braços atrás da cabeça, a grama fria roçou a pele das minhas costas, estiquei as pernas, no alto da colina não fazia tanto calor, e a

PERIGOSAS ACHERON

brisa fresca que soprava ajudava para isso. Relaxei.

Encarava os galhos preenchidos por folhas, analisei bem mais que o seu tamanho grande e largo, analisei também que pessoas que são falantes expressam com facilidade seus pensamentos, então o que será que Letícia, em seu silencioso todo, guardava? Naquele exato momento, tomou a decisão de ir embora.

Com meu olhar baixo, percebi ela se levantando, acompanhei seus pés descalços se aproximarem de mim, ela parou ao meu lado, ergui meu olhar até seu rosto. Seus olhos não eram assustados e pela primeira vez tive uma impressão diferente — eles pareciam solitários. Letícia elevou a mão direita, e com um aceno tímido me deu “tchau”, tirei uma das mãos de trás da cabeça e acenei. Ela começou a se afastar, antes, porém, tive a impressão que ela repuxou um pouquinho o canto de sua boca. Mesmo incerto de que tenha sido um

PERIGOSAS ACHERON

sorriso ou não, eu sorri de leve.

Assistia suas pernas delgadas levando Letícia para cada vez mais longe de mim, assistia ao balançar suave que o cabelo fazia a cada passo que ela dava. Pude notar que seu comprimento era bem maior do que eu imaginava: ele ficava um palmo abaixo da cintura, onde havia uma leve curvatura da sua coluna e mais abaixo seu bumbum se sobressaía em seu corpo magro, e considerando este biotipo, o bumbum até que era de um tamanho grandinho. Estreitei os olhos, vendo-a dançar sobre o tecido do vestido, e aquele movimento em ondas do seu quadril fez minha língua pairar no canto da minha boca.

É... eu precisava admitir, eu estava dando uma boa reparada na esquisitona.

Quando ela sumiu colina abaixo, direcionei meu olhar para onde ela estava sentada, notei caído ao lado do tronco da árvore um lenço. O vento

soprou mais forte querendo levar o lenço com ele. Levantei depressa e o resgatei, entre meus dedos observei o desenho de lírios e percebi que o tecido fino era um *voil*, não era muito comum o fato de homens saberem os diversos tipos de tecido, mas eu cresci em meio a eles, minha mãe contava que quando eu era bebê costurava comigo em seu colo, e depois de maiorzinho eu brincava com os tecidos; recordei de gostar desse em específico, pela sua leveza e suavidade, gostava de deslizar-lo pelo rosto e, do mesmo jeito de quando eu era menino, comecei a perpassar o tecido sobre meu rosto, inspirei fundo, o perfume era como o do lírio.

Fui envolvido pela fragrância, e pela experiência inebriante que me causou acabei fechando os olhos. A imagem da minha mãe se formou em minha mente, e em seguida veio a imagem dela, a dona do lenço.

A esquisitona cheira como um lírio.

PERIGOSAS NACIONAIS

Soltei uma risada de mim mesmo considerando que o esquisito era eu, por ficar passando o lenço pelo rosto feito um idiota. Um idiota tranquilo que estava se sentindo bem.

Procurei por sossego e foi exatamente o que encontrei.

Encontrei também a esquisitona, acho que dela não fazia mal eu ficar perto.

Nessa noite eu dormi sentindo, pela primeira vez, o perfume de Letícia. E tive a noite de sono mais tranquila desde a morte de minha mãe.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 08

Dylan

Havia algo muito nítido na personalidade de Lívia — ela fazia com que suas vontades sempre fossem acatadas. Não por egoísmo ou autoritarismo. Porque ela não era assim. E sim porque Lívia era uma mulher de personalidade forte, firme e determinada. E do mesmo jeito muito especial com que cuidava dos filhos, marido, casa e trabalho, passou a cuidar de mim. O que lhe deu o direito de me dar ordens da mesma maneira que dava aos seus “subordinados”, e para ser sincero esta categoria incluía Cristian.

Alguém como eu, com dezenove anos e vivido até então sem a figura de uma mãe e até de um pai, me fez de início estranhar tudo — desde a

preocupação até as ordens. Mas aos poucos eu fui percebendo que aquilo que eu recebia de Livia era mais que um lugar para ficar, era o carinho e atenção de uma mãe. E eu gostei daquilo, como eu gostei!

Eu estava vivendo com ela e sua família há algumas semanas e ela já tinha me feito bem mais do que comer verduras, optar por suco natural ao invés de refrigerante e ir aos cultos aos domingos. Livia me fez retornar os estudos. No ano anterior eu havia deixado a escola, era o último ano do ensino médio, numa noite eu havia contado isso a ela, então no dia seguinte eu estava roçando o mato na parte de trás da casa quando Livia colocou a cara na janela do pequeno galpão de madeira onde ela fazia seus arranjos. Ele dava visão para onde eu estava e eu não me encontrava tão longe dela, ainda assim ela gritou:

— Dylan, venha aqui!

Suspeitei que até além das colinas sua voz tivesse sido ouvida, fui até a janela rindo.

— Do que está rindo? — Ela perguntou com o sorriso fácil que costumava manter nos lábios.

Enxuguei o suor da testa.

— Nada não — respondi. Achei melhor não dizer que eu achava aquela mania deles gritarem um tanto bizarra.

— Certo, entre aqui, quero falar com você.

Ela estava entusiasmada, me senti curioso com o assunto. Dei a volta até a entrada por uma porta que ficava na lateral e fui até a mesa onde tinha um bocado de flores amarelas e brancas espalhadas e todos os outros materiais que ela usava para fazer arranjos. Já tinha ido em outras ocasiões até o galpão e não havia sentido o cheiro de morte, mas nesta vez senti. Eu detestava. Não era uma frescura, era horrível mesmo. Aquele

PERIGOSAS ACHERON

cheiro me lembrava do velório da minha mãe, e por diversas vezes durante ele eu tive que ir ao banheiro vomitar. Passei um tempo ainda tendo a sensação de sentir o cheiro, parecia estar impregnado no meu nariz. Era nauseante. E ter que senti-lo novamente e de uma maneira intensa me causou uma incontrollável náusea. Não pude evitar, levei a gola da camiseta ao nariz e o tampei.

Lívia franziu a testa e começou a farejar ela própria.

— Estou fedendo? — Indagou horrorizada.

Me apressei em responder:

— Nããão! De maneira alguma. É só que tem alguma flor aqui que eu não gosto do perfume.

Seu semblante mudou de horrorizado para questionador.

— Me lembra o velório da minha mãe — admiti baixo.

— Hum... devem ser os crisântemos —

PERIGOSAS NACIONAIS

concluiu, tirando aquele bocado de flor que estava na minha frente e o levou para uma outra bancada.

Com as flores longe do meu olfato, consegui tirar a camiseta do nariz e respirar, consegui sobretudo ter de Livia mais uma prova do seu carinho. Um detalhe mínimo. Mas ela se preocupou em tirá-las, se preocupou em me deixar bem.

Eu passava a gostar cada dia mais dela.

— Obrigado — eu disse quando voltou para o meu lado.

Ela sorriu.

— Tenho uma novidade para você. Falei com a diretora da escola e ela aceitou você fazer o último ano. Me pediu apenas para pegar o nome da escola em que estudava, que ela mesma ia ver os procedimentos da transferência. Então preciso que passe o nome da escola. — Seus lábios se esticaram ainda mais.

PERIGOSAS ACHERON

Não era uma possibilidade, ela não estava me perguntando se eu queria, ela já tinha feito o necessário e só precisava do nome da escola.

— Hãh... é... que — gaguejei sem saber o que responder, passando os dedos pela barba. Ela me fitou séria — Mas, Lívia... — tentei dizer.

— Nem pense em dizer que não.

— Eu não sei se é uma boa ideia, sabe... E quando eu for embora? Vai ficar pela metade outra vez — constatei como se fosse um ótimo e plausível argumento.

Lógico que não adiantou.

— Você não vai embora até que conclua — declarou. Passei as mãos pelo rosto. Não sabia o que pensar. — Dylan, o estudo é tudo que podemos ter nessa vida e falta só o último ano para concluir o ensino médio. É burrice se não fizer. Além do mais, aposto que Mari ia querer isso de você, ia querer que eu fizesse isso por você. Vocês, jovens,

precisam de incentivo e apoio. — Ela levou a mão ao meu rosto. — Agora você tem.

É... eu tinha. Eu aceitei.

Por isso, lá estava eu, Dylan Vainat, em meu quinto dia de aula na escola de Campo Belo que ficava, lógico, numa rua adjacente ao famigerado centro da cidade. Poderia falar do primeiro ou de quaisquer outros que seguiram, mas eles foram do jeito que eu esperava quando aceitei voltar a estudar — previsíveis. Eu sabia que ia receber muitos olhares. Bastou que eu pisasse meus pés dentro da escola para que eu os recebesse. Alguns curiosos, estes em maior quantidade, vieram das garotas, outros até um pouco horrorizados com minha aparência, tatuagens, sei lá o que acharam de tão estranho. E teve, ainda, os atravessados. Eles vieram dos rapazes. Arthur e seus amigos principalmente.

A diretora foi bem simpática, e alguns

telefonemas para a minha antiga escola e um papel assinado por mim pedindo a transferência foram suficientes para efetivar minha matrícula. Ela ainda teve o cuidado de me fazer passar por aquele momento chato de apresentação em frente a toda a turma. E eu só não tive toda a atenção direcionada a mim porque ao meu lado tinha uma nova estudante. Letícia estava lá também. Estranhei ela ser apresentada, julguei que já fosse aluna da escola, mas depois soube que nos últimos anos ela vinha fazendo estudo domiciliar. Não sabia por qual motivo. Mas de qualquer forma, ela estava lá ao meu lado dividindo a atenção dos alunos comigo. Não soube quem de nós dois estava se sentindo mais desconfortável com aquela apresentação, se ela ou eu.

No decorrer dos dias confirmei que tinha sido ela. Eu já não dava importância para os olhares, entretanto Letícia, eu percebia que a cada

PERIGOSAS ACHERON

dia se tornava mais tímida. Seu olhar era sempre baixo e as únicas vezes que saía do seu lugar era para entrar e sair da sala. O único com quem tinha algum tipo de interação era com Thomy. Descobri que são primos. Ele pareceu bem atencioso em fazer com que seus dias na escola não fossem tão terríveis, como estava nítido em seu rosto. Thomy e Letícia se sentaram perto, no fundo também, mas na outra extremidade da sala. Percebi que sua irmã Jaqueline preferiria ficar o mais longe possível dela e percebi também que Jaqueline gostava de ser o centro das atenções, ela e Arthur. E veja só que sorte a minha: eu estava fadado a passar um ano inteiro das minhas manhãs na sala de aula com uma porção de gente que me achava estranho, e ainda por cima com o babaca do Arthur.

Eu era um fodido por isso, sem contar que o cara sentado à minha frente devia ter algum problema intestinal, a cada meia hora eu era

PERIGOSAS ACHERON

obrigado a trancar a respiração. Era isso ou morrer asfixiado com um maldito fedor. Literalmente tudo estava uma grandessíssima merda.

Mas foi neste meu quinto dia de aula que algo diferente aconteceu. Estávamos na última aula da manhã, a disciplina era geografia. A professora mal entrou na sala e já nos instruiu a formar duplas para realizar um trabalho, ela explicava:

— Trata-se de um projeto chamado “Campo Belo: passado, presente e futuro” em que as turmas do ensino médio realizarão trabalhos sobre: economia, população, características, história da cidade, primeiros moradores, pessoas que ajudaram no desenvolvimento e construção de Campo Belo e, ainda, o que nós esperamos para o futuro da nossa cidade. Cada turma ficou com um tema, vocês falarão sobre econômica, população e características. E daqui alguns meses, na semana de aniversário da cidade, faremos uma exposição com os trabalhos.

Começaremos lendo um texto que eu trouxe, deverão fazer o resumo. Se não der tempo de acabar na sala, podem acabar em casa para a próxima aula, pois faremos cartazes com as informações, entendido?

Um coro de “sim” se entoou e logo em seguida os alunos estavam arrastando suas mesas e cadeiras para formar as duplas.

Olhei Letícia em seu canto solitária, Thomy por alguma razão não havia ido à aula aquele dia e bastou isso acontecer para que Arthur e sua turminha de idiotas rondassem Letícia feito moscas. Thomy não era alguém que representava medo a Arthur, isso é verdade, mas ainda assim parecia evitar. Ele tinha voz, ele falaria se algo viesse a incomodá-la e, como ele não estava, eles a incomodaram.

Eu vi bolinhas de papel arremessadas em sua mesa, vi Arthur indo se sentar no lugar que era

PERIGOSAS ACHERON

de Thomy à frente de Letícia. Ele falou algo com ela, e sem obter sucesso de alguma resposta ouvi-o chamar Letícia de algo como: “você é muito esquisita”. Eu também achava, mas nunca falaria algo grosseiro como isso a ela. E no fundo quem, afinal, não tem suas próprias esquisitices? Todos. Se a dela era ser quieta e não falar, então que fosse respeitada.

Além do mais eu passara a sentir simpatia por ela, não era alguém capaz de despertar o contrário. Desde que não gritasse quando me visse, não me incomodava com seu silêncio. Tivemos alguns encontros ocasionais na colina, eu acenava e ela também. Fazíamos companhia um para outro, no silêncio um do outro. Às vezes eu comentava algo e ela respondia sempre do mesmo jeito: movendo a cabeça, ou emitido o seu “Uhum”, este era o único som que eu conhecia da voz de Letícia. Ela ficava por alguns minutos até que decidia ir

PERIGOSAS ACHERON

embora, seu sorriso começou a surgir aos poucos, sempre que se despedia. E a sua fragilidade, em especial dentro da sala de aula, me fez ficar puto com o idiota do Arthur, por estar perturbando a garota, se ele insistisse era bem capaz de eu me meter, por sorte ele a deixou em paz. De qualquer forma ela continuava lá solitária e sem um parceiro para fazer trabalho.

Por isso arrastei minha cadeira, apanhei o caderno e fui em direção a Letícia, estava quase diante da sua mesa quando uma garota pulou na minha frente.

— Quer fazer o trabalho comigo? — Ela perguntou com os lábios estendidos e dentes brancos bem alinhados à mostra.

Era muito bonita e na mesma proporção que era bonita era do tipo que se achava a última bolacha do pacote. E eu não queria fazer trabalho com ela e sim com a bolacha esquecida fora dele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou fazer com a Letícia — avisei num tom de voz alto justamente para que Letícia ouvisse. Ela ouviu e me olhou com surpresa.

Contornei o corpo bonito da garota à minha frente e fui até Letícia. Parei diante de sua mesa, ela já havia baixado o seu olhar.

— Pode ser? — Eu perguntei antes de me sentar.

Ela fez que sim com a cabeça, então puxei a cadeira vazia do lugar de Thomy e trouxe para o lado, colocando-a pareada com a de Letícia; em seguida fiz o mesmo com a mesa.

Essa foi a primeira vez que fiquei tão perto dela, e o perfume que eu sentia todas as noites em seu lenço pude sentir vindo direto dela. Foi estranho o que senti e eu me obriguei a não ficar pensando em o quanto eu havia gostado de perceber que a fragrância vinda direto de sua pele era ainda melhor.

PERIGOSAS ACHERON

Pigarreei analisando o que dizer, enquanto esperávamos que a folha que a professora estava distribuindo chegasse até a nossa mesa e assim começássemos o trabalho. Parecia que eu não encontrava palavra alguma a dizer, mesmo querendo dizer. Então quem disse algo foi Letícia. É certo que foi do jeito silencioso dela, mas disse.

Ela empurrou o caderno até o meu campo de visão depois de escrever na última página dele.

“Obrigada”.

Eu li sorrindo.

— Somos os novatos, afinal — respondi.

Letícia sorriu e assentiu.

— Mas eu também te devo um agradecimento — comentei.

Sua testa se franziu em questionamento.

— Minimizou em cinquenta por cento os olhares deles para mim — expliquei.

Ela pegou a caneta e escreveu com distinta

agilidade. Sua caligrafia era bonita, bem arredondada e todas as letras eram do mesmo tamanho.

“Você não parece se incomodar muito com eles.”

—Talvez. Acho que no fundo não deveríamos nos importar, sabe... são uns babacas — cochichei.

Letícia sorriu de um jeito amplo e fui capaz até de ouvir o som baixo de uma risadinha. Logo em seguida, ela escreveu em mais uma linha da página:

“Eu também acho.”

Depois que li ela, me fitou e deu um leve revirar de olhos. A íris verde brilhou um pouco mais acompanhando a expressão de diversão que ela tinha no rosto, estava distraído nela quando a folha com o trabalho que teria de ser feito pousou em nossa mesa, aliás foram duas. Letícia e eu

PERIGOSAS ACHERON

começamos a ler.

Era um texto sobre Campo Belo, lia a parte que falava que a cidade tinha 3.500 habitantes, divididos entre centro urbano e rural, mais da metade na área rural. Campo Belo era mesmo uma cidadezinha escondida na parte sul do mapa. A turma do Tarso nunca me acharia ali, pensei. Eu só tinha que me manter quieto e sem levantar rastros. Havia ligado uma única vez para Jess, na ocasião, a tranquilizei o suficiente dizendo que estava bem e avisei que não ligaria com frequência. Antes de desligar, perguntei do meu pai, e como eu imaginava, quase nada havia mudado. Ele continuava com seus porres de sempre, embora tivesse arrumado um emprego fixo numa marcenaria. Enquanto eu estava lá eram alguns bicos somente, dava para sustentar seu vício. E comida eu sempre dava um jeito de colocar alguma em casa. Então se ele quisesse comer além de

PERIGOSAS ACHERON

beber, era o melhor que tinha a fazer depois que parti.

Senti a ponta de uma caneta cutucar meu braço e olhei para Letícia, ela deslizou seu caderno para mim.

“Sua camiseta está do avesso.”

— Eu sei. Gosto de usar assim.

Letícia uniu as sobrancelhas.

“É esquisito.”

— É sério que é você que está me dizendo isso? — Disparei.

Ela expandiu os olhos um tanto surpresa com o que eu disse, bom, eu também, era para ser só um pensamento.

“Desculpe.”

— Tudo bem. Sério, está tudo bem. — Dei um sorriso torto para amenizar a preocupação que estava percorrendo o olhar de Letícia. Ela deu outro e senti que me dizia “desculpe” outra vez.

Concentramo-nos no que tínhamos a fazer, o tempo da aula estava acabando, já havíamos avançado na leitura e começado a fazer um resumo e ainda anotado algumas questões que eram para ser pesquisadas para apresentar na próxima aula de sexta-feira e eu percebi que ela ainda estava se sentindo mal por ter me dito aquilo.

Puxei devagar o caderno para mim, fui até a última página onde tinha sua voz impressa e quis escrever o que pretendia dizer a ela, para que justamente ficasse impresso e ela pudesse ler e se lembrar sempre.

“Nem sempre ser o padrão é melhor, você tem mais chance de surpreender quando é diferente.”

Ela não respondeu nada, mas eu percebi sua respiração soltando-se lentamente e seus ombros relaxarem. O sinal tocou e eu continuei a ficar ao seu lado, deixamos a sala de aula juntos e, no

PERIGOSAS ACHERON

ônibus escolar, sentei-me ao seu lado, percebi que ela não iria se importar, mas antes eu conferi.

— Posso? — Perguntei. O seu “sim” veio com um dos seus típicos sorrisinhos.

Juntei-me a ela, não era um ônibus muito novo, o assento era de corino e sem divisão, em alguns trechos de curvas eu tive de segurar na barra de ferro do encosto do banco da frente para não acabar cedendo à inclinação que o veículo fazia e tentava não ficar encostando em Letícia, contudo em algumas ocasiões acontecia. Ela estava de camiseta e calça jeans, eu também, sequer senti sua pele em contato com a minha, mas reparei o quanto aquele toque de braços e coxas parecia fazer percorrer em mim uma ansiedade, um frio na barriga, umas sensações estranhas. Nunca havíamos ficado tão perto, além daquele momento na sala de aula. E ali no ônibus, fiquei surpreso por notar que ela não estava tensa por estar ao meu lado, nem

PERIGOSAS ACHERON

mesmo nas vezes que despretensiosamente o toque acontecia.

O meu ponto de parada era antes do de Letícia, no entanto, desci no mesmo que ela.

Ao nos despedirmos, combinamos sobre o trabalho que ainda tínhamos a fazer, marcamos no lugar onde geralmente nos encontrávamos, nunca foi algo planejado, acontecia. Mas nessa ocasião seria o contrário, tinha a certeza de que a encontraria e até suspirei com uma certa expectativa que se formou em meu peito.

Enquanto eu fazia o caminho para casa, analisei se das outras vezes em que eu ia até a colina, no fundo ia com a esperança de encontrá-la. Quis dizer a mim mesmo que não, então me lembrei das vezes que fui até lá e ela não estava. Solitário, eu me deitava debaixo da sombra das árvores, sem querer admitir que aquela sensação de que o visual do campo dos lírios parecia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

incompleto sem ela era, na verdade, desapontamento.

Eu esperava a encontrar, sim.

Foi devagar, sem eu perceber, mas eu me via atraído para as colinas, me sentia atraído pelo campo dos lírios e para um dos lírios em específico — Letícia.

Ah... e sobre a camiseta do avesso, pois é... era uma esquisitice que eu tinha.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 09

Dylan

No dia seguinte eu acordei com uma disposição pouco peculiar, mas o fato é que eu não gemi para abandonar minha cama de mola à qual já estava tão habituado, era mesmo confortável. Fiz a rotina que geralmente eu fazia pela parte da manhã, mas que depois durante aquela primeira semana de aula passara a fazer no período da tarde, constatei que não tinha problema fazer as coisas naquele horário e com isso ficou claro que no fundo Cristian só queria mesmo era me dar um pouco de responsabilidade e me colocar para acordar cedo. Não me chateei ao constatar isso, estava bem-humorado demais para isso. E Cristian vinha demonstrando se acostumar com a minha presença,

ele nunca mais havia dito nada parecido com o que disse naquela discussão com Livia no dia em que cheguei, contudo eu achava que tinha um pé atrás e estava esperando pelo momento em que eu mostrasse que havia sido um erro me aceitarem ali. Porém eu não tinha feito nada do tipo e com isso ele perdeu o olhar de desconfiança para confiança.

Sabia que Livia não estava em casa, havia saído logo depois do almoço e não demoraria a voltar, só precisava levar uma encomenda numa fazenda perto, mesmo assim, busquei por Cristian para avisar que eu estava de saída. Eu gostava de sempre avisar. Estava nos primeiros degraus da varanda e fui capaz de ouvir o tom excarcerado de Cristian, era com Benjamim que ele falava.

— Eu já disse que não posso agora, Benjamim, por que insiste?!

Logo depois Benjamim ultrapassou a porta correndo, desceu os degraus tão rápido que as

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pernas se embolaram, só não caiu porque eu o segurei pelo braço.

— Ei, o que houve?

A testa dele estava crispada, os olhos marejados. Eu o senti segurar o choro. Eu sabia como era aquilo, prender a respiração, até que a onda da emoção passasse, até que as lágrimas não pudessem ser mais fortes que o próprio desejo de não chorar.

Benjamim puxou os braços num solavanco e se livrou da minha mão, deu seu passo final até o gramado, foi até uma caixa de isopor que estava ali na grama perto da escada e deu vários chutes fazendo a tampa dela voar e o que tinha dentro se esparramar, eram iscas de peixe e anzóis, vi ao lado duas varas de pescar. Concluí de imediato o que havia acontecido.

— Ele só deve estar um pouco ocupado agora — falei.

PERIGOSAS ACHERON

— Você não sabe de nada! — Cuspiu com raiva dando um último chute na caixa de isopor. Depois se sentou num dos degraus da escada com os braços cruzados, o semblante misturava raiva e tristeza. Me sentei ao lado dele, tinha consciência de que aquela raiva não era para mim.

— Realmente eu não sei nada — eu disse. — Mas sei como é frustrante a gente querer fazer algo na companhia do pai e não conseguir.

Benjamim me olhou de relance, baixou a cabeça e murmurou:

— Ele nunca mais pescou comigo. Nunca mais fez nada comigo.

Senti pena dele, mas prossegui com o objetivo de amenizar as coisas.

— Acho que Cristian só está um tanto atarefado, é isso. Tenho certeza que...

— Meu pai não gosta de mim.

A declaração foi tão ressentida que pude

PERIGOSAS ACHERON

sentir a dor de Benjamim. No entanto, eu não acreditava que aquilo era verdade. Até percebi que Cristian trabalhava bastante e por vezes não conseguia atender à expectativa do garoto. Tinha também pego, sem querer, o final de uma conversa dele com Livia sobre alguma dívida com o banco, enquanto eu entrava na cozinha, outro dia. Isso deveria estar deixando Cristian preocupado e com a necessidade de trabalhar mais, então lógico que ele gostava do filho e não o contrário.

— Sabe, seu pai gosta de você, Benjamim. Claro que gosta, talvez só esteja cansado por trabalhar demais e ocupado, coisas assim.

Benjamim ergueu a cabeça e pela primeira vez me olhou, as expressões do garoto de dozes anos eram firmes.

— Eu matei meu irmão — declarou com frieza.

Eu travei um segundo sem reação. Aquela

PERIGOSAS ACHERON

frieza impressa não era sincera.

— Tenho certeza que você não queria — falei. Sequer sabia o que tinha acontecido. Mas tinha certeza que Benjamim não mataria o próprio irmão de propósito.

Me lembrei de Victor dizer sobre o peso de carregar a morte de alguém nos ombros, eu verifiquei o quanto os de Benjamim estavam pesados. Toquei-os de leve.

— Você não queria, Ben, o que quer que tenha acontecido foi um acidente.

— Não importa, John não está mais aqui e desde que ele morreu meu pai se foi com ele. Mas você não entende, viu?

Depois de falar com aquela falsa frieza, Benjamim foi até uma pequena lagoa que ficava na mesma direção em que a casa, numa leve inclinação que o terreno fazia; ela tinha uma cerca feita de madeira e tela e alguns gansos que

PERIGOSAS ACHERON

deslizavam sobre a água inerte do mesmo jeito que eu fiquei — inerte com toda aquela situação. Fiquei observando o garoto cabisbaixo que tinha o seu melhor amigo sentado ao seu lado. Moon passou em silêncio por mim e foi até Benjamim. Ambos tinham uma forte ligação, isso era claro, Moon sempre sentia quando seu amigo não estava bem.

Ponderei me levantar e ir embora, mas fiquei por mais um tempo, até que Livia chegou. Ela e Anabel desceram gargalhando de algo, todavia bastou que a mãe notasse o filho em seu momento triste para que ela fosse até ele. Evidente que ela sentia e sabia o peso que Benjamim carregava.

Ela o abraçou e eu soube que Benjamim ficaria bem tendo a mãe por perto, me aproximei deles com o propósito de avisar Livia que estava saindo, Anabel rodopiava pela grama com a sua boneca nas mãos e veio correndo na minha direção.

PERIGOSAS NACIONAIS

Me fitou com suas feições sapecas.

— Dylan, me gira? — Pediu ela, esticando os braços.

Peguei-a por debaixo dos braços e comecei a girar seu corpo solto no ar.

— U-hul estou voando!! Mais rápido, Dylan. Mais rápido!!

Ela gargalhava e eu sorria diante da sua alegria infantil e pura. Era uma menina fácil de fazer amizade e principalmente de gostar, eu me afeiçoava a cada dia por ela e por seu jeitinho carinhoso e espontâneo. Quando a coloquei no chão, permaneci com os braços ao seu redor esperando a leve tontura passar.

— Você está cheiroso — disse com uma expressão travessa.

E talvez eu tivesse mesmo caprichado no perfume.

— Obrigado, Ana.

PERIGOSAS ACHERON

Olhava ainda suas bochechas rosadas quando reparei em sua boneca de pano. Havia desenhos feitos com canetinha preta em seus braços e pernas.

— São tatuagens como as suas. — Anabel disse ao notar que eu olhava para a boneca.

— Por que as fez?

— Para que alguém da família se pareça com você — explicou com naturalidade.

Anabel saiu saltitante pelo gramado. Em meu peito, meu coração saltitou também. Eu vinha experimentando do convívio de uma família e, mais que isso, eu começava a me sentir parte dela. Aquelas “tatuagens” na boneca eram uma pequena demonstração, dentre tudo, de que a família de Livia não só me acolhera, como também me fazia sentir especial e parte deles. Me senti feliz, muito feliz. E essa foi a primeira vez — em anos — que eu agradeci a Deus por tudo que estava

PERIGOSAS ACHERON

acontecendo em minha vida.

— Vai sair? — Escutei Livia perguntando.

Não tinha me dado conta, mas eu estava com meus olhos fechados. Os abri, saindo do meu estado absorto.

— Vou — respondi após um longo suspiro. Eu tinha elevado meus pensamentos a Deus. E estava surpreso comigo mesmo. — Tenho um trabalho da escola para fazer. Marquei com a Letícia na colina — concluí.

— Letícia? — Sua testa se franziu ao questionar.

— Pois é... — Encolhi os ombros. — Fomos a única opção um do outro para formar a dupla pro trabalho.

— Tudo bem... Apenas, bom, eu sei que você é um bom garoto. Mas sabe... Letícia, ela é...

— Diferente da maioria das garotas — completei. Livia assentiu. — Fique tranquila

quanto a isso. Já percebi que há alguns limites que devem ser respeitados.

— Que bom, Dylan — Livia suavizou a expressão.

Aproveitei para tentar saber algo sobre o assunto.

— O que houve com ela?

— Josi nunca deu detalhes. E o pouco que tocava no assunto, dizia apenas que ela tinha adquirido síndrome do pânico.

— Hum — murmurei.

Livia curvou o canto da boca para baixo, foi como se uma lembrança tivesse passado por sua mente, não soube distinguir se era boa ou não.

— Está vendo Anabel? — Perguntou levando a atenção até a filha, que continuava a correr e gargalhar. — Letícia era uma menina assim. Sorria o tempo todo, falava ainda mais. Era de uma alegria imensa, mas então foi se fechando.

Se tivesse acontecido depois do John morrer, seria uma possível explicação, os dois eram melhores amigos, no entanto ela começou a se calar um pouco antes. E a única pessoa ainda com quem falava era ele. E, depois dele... — Lívia fez uma pausa, e tão rápido quanto algumas lágrimas escorreram por seu rosto ela as secou.

— Eu sinto muito, Liv — soprei brandamente, acabei a chamando pelo apelido, aquilo me fez sentir próximo a ela. Era uma proximidade que ia além da física, eu era próximo de sua dor e já gostava dela o bastante para lhe abraçar.

Foi o que eu fiz.

— É bom ter você aqui — disse apertando os braços em minhas costas.

— É bom estar aqui.

Lívia se afastou enxugando o rosto.

— Letícia tem vivido introspectiva e

silenciosa desde aquela época. É bom saber que estão se entendendo mesmo assim. Convide-a para vir aqui, depois. Vou fazer um bolo para o café da tarde.

— Está bem. — Balancei a cabeça sorrindo.

Mais tarde Livia partiu para sua casa, levando os dois filhos com ela. Perguntei-me o que, afinal, havia acontecido para que seu filho mais velho não estivesse mais ali com eles. Minha curiosidade aumentou diante do que Benjamim me disse, mas sabia que deveria esperar pela hora que um deles quisesse contar.

Capítulo 10

Letícia

Recostada na pia, sentia o gosto cítrico do suco de maracujá preenchendo minha boca. Estava bebendo um copo do meu suco preferido e o feixe de luz do sol que entrava pela janela da cozinha atrás de mim, desviando pela lateral do meu corpo, atravessava a cozinha até alcançar a mesa de mármore. Ele refletia as partículas da farinha de trigo, parecendo flocos de neve pairando sobre o ar, enquanto minha mãe esticava com o rolo de macarrão a massa de um biscoito. Ela se ocupava na sequência: jogar farinha e esticar a massa.

— Então me fale sobre a primeira semana de aula. Como está se sentido? Como foi? — Perguntou-me, fazendo força com o rolo sobre a

massa.

Eu dei de ombros, quando ela ergueu seu olhar e me fitou.

— É bom para você, filha. Vai acabar gostando — disse, jogando a farinha.

Concordei com a cabeça, estava cansada daquele assunto e principalmente de protestar sobre ele. Não teve jeito, eu tive de ir para a escola no meu último ano de estudo, havia estudado em casa até então. Embora a escola houvesse concordado com a instrução domiciliar, meus pais acharam que seria bom eu me socializar e assim tive que retornar à escola depois de anos sem estar numa. Eu estava atrasada em um ano, pois houve um ano inteiro que não tive condições e nem quis fazer nada.

Eu realmente não precisava daquilo e nem queria, deixara isso claro a eles. Porém, meus pais costumavam não me ouvir. E nem foi por causa da minha voz, que nos últimos anos era escassa ou

PERIGOSAS ACHERON

quase nenhuma. Foi antes disso. Eu ainda tinha voz quando contei o que aconteceu comigo, mas eles me disseram para nunca mais falar. E eu, simplesmente, nunca mais falei. Nunca mais confiei em ninguém além de John — ele, sim, era o único que me ouvia. Mas então aquela tragédia aconteceu e nunca mais tive alguém para me ouvir, ouvir o que eu realmente precisava falar, por isso, me detive a dar aos meus pais, ao mundo, curtas respostas e interações monossilábicas.

Fui silenciada.

E na mesma proporção que o silêncio da minha voz crescia, os meus os gritos, o meu choro, as ameaças, o pavor, a dor, cresciam em minha mente. E só havia um lugar onde o silêncio era completo — o campo dos lírios, por isso era o meu lugar preferido. Ali eu sentia paz.

Era para onde eu estava indo, depois de beber o suco, assim que pegasse meu caderno com

PERIGOSAS ACHERON

a caneta entre suas páginas, coisas que eu precisava para fazer o trabalho, mas acabei deixando junto ao caderno um livro, que também considerei levar. Tratava-se de um que vinha lendo nos últimos dias. August, do livro *Extraordinário*^[6], me ganhou nas primeiras páginas, estava finalizando a leitura, e foi incrível como a história me tocou, como se parecia comigo em minha atual circunstância (e em muito mais) — o menino de dez anos de idade que nasceu com uma síndrome genética que deu a ele uma severa deformidade facial e fez com que nunca frequentasse a escola, até que seus pais decidiram que era o momento de mudar. Desejava que seu final fosse feliz. Pelo menos o dele, já o meu, eu não tinha muita fé que fosse.

Apanhei o material que já esperava por mim na mesinha de madeira antiga no canto perto da porta quando minha mãe estalou a língua, emitindo um som de desgosto.

— Eu já disse que não quero você andando por aí enquanto aquele rapaz estiver aqui.

Ela se referia a Dylan, o rapaz com mais tatuagens no corpo que eu vi na vida. O rapaz que me fez tomar um susto enorme e me fez gritar — eu tive meus motivos para isso —, mas era também o rapaz que por muitas vezes depois daquele encontro desastroso vinha respeitando meu silêncio e minha distância necessária, nos encontros ocasionais que tivemos. Por isso, não tinha medo de ir ao campo dos lírios, mesmo sabendo que poderia o encontrar por lá. Dylan parecia ter passado a gostar do lugar tanto quanto eu. Além do mais, ele havia sido gentil ao se sentar comigo para fazer o trabalho e tínhamos marcado de terminar o que faltava.

Eu não iria falhar com ele.

Assim, não respondi nada a minha mãe, apenas calcei minhas sandálias, atravessei a porta

de tela e segui meu costumeiro caminho acompanhada de Sunshine, ela era a minha melhor amiga. E eu não me sentia nem um pouco constrangida por ter um cão como tal, afinal é o que eles são — bons e melhores amigos. Jaqueline, minha irmã, talvez também seria, mas isso era opção mais dela do que minha e ela decidiu que mesmo sendo irmãs não seríamos melhores amigas. De qualquer forma, eu não me importava. Uma vez a ouvi dizer que o que eu fazia era para chamar atenção dos meus pais e que tudo não passava de frescura. Eu sabia que não era. Não era *mesmo*.

Caminhava pela estrada de chão de areia solta onde algumas pedrinhas tinham a mania de se enfiar dentro da sandália, e aquilo me irritava; mesmo sendo um curto trajeto de casa até o campo dos lírios, uma delas sempre encontrava tempo para se enfiar onde não devia. Me equilibrei e fiquei num pé só enquanto passava a tira da sandália pelo

PERIGOSAS NACIONAIS

calcanhar do outro pé, tirei-a e sacudi jogando fora a insistente pedrinha, foi quando outra pedra que passou a me incomodar surgiu como um foguete levantando poeira, na verdade não era um foguete, e sim uma caminhonete. Arthur era uma grande e indesejável pedra.

Eu não sabia o porquê, mas ele gostou de implicar comigo na escola, algumas vezes que o encontrava não era muito diferente, ele tentava de alguma maneira, todavia geralmente não estava sozinha e isso não dava muita brecha para ele se aproximar o suficiente. Jaqueline e mais uma porção de gente eram amigas de Arthur e sempre o acompanhavam, por isso não me surpreendi ao vê-la sentada no banco da frente da caminhonete, e foi exatamente onde ela permaneceu, mas Arthur e seu amigo, do mesmo estilo alto e musculoso, saltaram da caminhonete que ficou estacionada no meio da rua.

PERIGOSAS ACHERON

Não tive tempo de calçar a sandália, Arthur já estava parado à minha frente, ele segurava uma garrafa de cerveja. Eu, o meu caderno, livro e a sandália; abracei aos três junto ao peito.

— E aí, Letícia. Estava indo aonde? — Arthur perguntou. Eu não respondi. — Pelo jeito, a lugar nenhum — gargalhou, não entendi o motivo de tanta graça. — Então, por que não vem com a gente? Vamos dar uma volta, seria legal. Estamos precisando de outra garota aqui.

Ele apontou para o amigo que estava ao seu lado, presumi sua ideia, idiota, claro.

Dei um passo para o lado, ele se pôs à minha frente.

— Ah... qual é? Vamos lá. O Marcão já disse que te acha uma gatinha, e ele anda tão solitário — riu outra vez, levando o gargalo da garrafa à boca.

Arthur tinha um olhar envenenado, eu

PERIGOSAS ACHERON

conhecia o que um olhar desses era capaz de fazer. E mesmo não querendo, aquilo começou a acontecer — me senti sufocando. Ele estava a centímetros de mim, mas parecia ter as mãos agarradas ao meu pescoço. Sunshine sentiu minha própria tensão e ficou sentada à minha frente, ela costumava fazer isso quando sentia que eu precisava de proteção.

Eu tentei me afastar outra vez e Arthur segurou em meu braço, o toque me congelou, quis dizer para ele me soltar, mas a voz não saía. Sunshine fez isso por mim e latiu.

— O que é essa coisa idiota? — Arthur puxou o livro dos meus braços. — Extraordinário — Ele leu o título e em seguida bradou com deboche: — Você se acha extraordinária?! Você é uma baita esquisita, isso sim!!

Ele ria enquanto eu dizia a mim mesma para dar um jeito de sair de perto dele, mas então o

PERIGOSAS ACHERON

amigo deu a volta e ficou atrás de mim, fui envolvida num cerco. Um de terror se formou. Eles começaram a jogar o meu livro um para o outro por cima da minha cabeça. Busquei o olhar da minha irmã, ela permanecia dentro do carro. Pedi em silêncio que me ajudasse, mas ela não fez nada.

Sunshine começou a latir mais alto e a rosnar, ficou brava o suficiente para agarrar a perna do Arthur.

— Me solta, sua cachorra idiota! — Arthur bradou jogando bebida em seus olhos e deu um chute que a afastou.

Sunshine grunhiu, eu também grunhi, veio da garganta, e forte. Eu me odiava por não conseguir sair correndo; além do estado absurdamente letárgico eu estava cercada por Arthur e seu amigo. Eles continuavam a gargalhar e a jogar meu livro de um para o outro, e como conseguia minha única amiga Sunshine tentava

espantar os dois, o que fazia com que ela levasse chutes, e até um punhado de areia foi lançado sobre ela, ferindo uma vez mais seus olhos. Os meus arderam e as lágrimas começaram a percorrer minha bochecha, que queimava, agarrava meus braços com força, a unha ia se cravando na minha pele e eu fechei os olhos pedindo a Deus que meu tormento acabasse. E por que Jaqueline, que estava ali vendo tudo, não era capaz de dizer para eles pararem? Porque minha irmã não era capaz de me ajudar.

Porque ela não era capaz de fazer parar, porque ela ficava assistindo a tudo, enquanto o corpo pesado do demônio me empurrava sobre a mesa, enquanto eu gritava por socorro. Socorro!

— SOCORRO! — Gritei com olhos fechado, apertando-os. — SOCORRO!

A garganta arranhou com a intensidade do grito, eram minhas únicas e últimas forças, eu

PERIGOSAS ACHERON

estava fraca. Ou melhor, eu era fraca, afinal eu já havia lutado alguns anos atrás, eu já havia agonizado pedindo socorro. Mas não fora ouvida, e então dessa vez eu fui.

— Deixe-a em paz!

A ordem dada em um tom de voz sólido tal qual uma rocha era a de Dylan. Eu ainda não tinha aberto meus olhos, mas sabia que era a dele. Eu já estava acostumada a ela, seu tom grave e rouco. E mais que isso, começava a me acostumar também com a sua presença. Ironicamente, havia sentido tanto medo de Dylan na primeira vez nos vimos, sendo que o que veio depois disso foi ao contrário. E o que ele havia feito por mim no dia anterior na escola foi um gesto amigo e protetor. Eu me senti bem com ele por perto. Me senti segura e Dylan outra vez estava fazendo algo por mim. Ali estava ele me livrando de Arthur, por isso me senti segura para finalmente abrir meus olhos. Então eu vi

PERIGOSAS ACHERON

Dylan puxando Arthur pelo colarinho da camisa e o arrastando para longe de mim.

Arthur tentava se escapar, xingava um monte de palavrões e eu não sabia como que Dylan, que era um pouco mais baixo que ele, dava conta de se esquivar das tentativas dos socos do valentão e ainda o segurava sem de fato corresponder aos ataques. Dylan prensou Arthur na porta da caminhonete com o próprio corpo e com o antebraço em seu pescoço.

— Escute aqui, seu merda! Eu posso acabar com você se eu quiser, juro que posso. Então você nunca mais faça o que estava fazendo, nunca mais perturbe ela, entendeu?

Arthur não respondeu, então Dylan empurrou um pouco mais o antebraço em seu pescoço.

— Entendeu?!

Marcus, que até então havia ficado

PERIGOSAS ACHERON

assistindo a tudo, do mesmo jeito minha irmã, que em algum momento que não percebi saiu do carro, fez menção de ir defender Arthur.

— Fica aí — Dylan ordenou, fuzilando-o.
— Ou eu acabo com os dois!

O aviso foi dado de uma maneira tão firme que fez Marcus paralisar.

Dylan estava usando uma camiseta branca de mangas cortadas, os músculos dos seus braços estavam proeminentes pela força que imprimia e os desenhos que tinham neles pulavam diante nossos olhos, especificamente o de uma espada que ocupava boa parte do seu braço. Seu cenho fechado, o maxilar trincado com raiva, a rigidez de todos os seus músculos que poderiam ser notados e a fúria em seus olhos verdes promoviam, sem dúvida, algo assustador, mas não para mim. Naquele momento eu não queria correr dele, mas queria correr com ele para longe das atitudes

PERIGOSAS ACHERON

podres de Arthur.

— Você nunca mais fará algum mal pra ela. Entendeu ou não, seu merda?! — Dylan vociferou outra vez.

Arthur finalmente gesticulou que sim e só assim Dylan afrouxou a pressão em seu pescoço.

— E sem gracinha, se vier, vai apanhar — avisou entredentes.

Jaqueline olhava assustada. Quando Dylan começou a se afastar de Arthur e veio em minha direção eu estava me abaixando até o chão para pegar meu livro, e ele se abaixou também.

Seu olhar buscou o meu.

— Você está bem?

Eu balancei a cabeça de forma rápida fazendo que sim e foi nesse breve momento que Arthur encontrou uma forma de reagir. Ele avançou tão rápido que mesmo que eu *falasse* algo não daria tempo para Dylan se defender. A garrafa encontrou

o ombro de Dylan com a intensidade da raiva que Arthur tinha em suas mãos e em seus olhos envenenados. O vidro se quebrou com o choque, estilhaçando-se. E o líquido se esparramou sobre Dylan e respingou em meu rosto. Meu corpo todo reagia com náusea e o cheiro da cerveja piorou, curvei a coluna pressionando o estômago.

O ataque por trás não foi suficiente para derrubar Dylan, o efeito foi reverso e Arthur certamente não esperava por uma reação tão rápida de Dylan, que avançou sobre ele, agarrando-o pela cintura e arremessando-o com tudo no chão, como se Arthur fosse um saco de batatas. E ao tentar se erguer e sair da mira de Dylan, se arrastou de quatro, tal qual um mísero gato assustado. Outra vez Dylan o levou ao chão, agora de bruços.

Dylan tinha seus movimentos rápidos e ágeis, como se ele soubesse de cor cada ação a ser executada para colocar o oponente numa situação

PERIGOSAS ACHERON

de desvantagem, e foi isso que ele fez. O rosto de Arthur se afundou na areia e Dylan ficou de pé com uma perna em cada lado do corpo dele, em seguida colocou um dos joelhos na base da coluna de Arthur e puxou seus braços para trás, desta forma o imobilizando por completo.

— Filho da puta! — Arthur grunhiu.

— Você é um caipira burro mesmo, nunca se dá uma garrafada no ombro e sim na cabeça, seu idiota.

Marcus foi para o lado de Arthur e fez menção de acertar Dylan, mas ele percebeu e levantou uma das mãos em punho.

— Vem que você leva! — Dylan avisou. Ele tinha total segurança. Era como se o medo não fizesse parte dele. Já eu estava com medo de como tudo aquilo acabaria.

Novamente Marcus paralisou. *Grande medroso*, pensei, sentindo o sangue ferver com

PERIGOSAS ACHERON

aquela situação.

— Solta ele, forasteiro! — Minha irmã gritou, indo até o chão, perto do Arthur.

Dylan a encarou e disse com raiva:

— Eu vou soltar, mas se seu amigo continuar a querer briga, ele vai ter. E eu não vou parar até que...

— Não vai ser preciso, nós vamos embora — Jacqueline falou. Ela estava nervosa. Incrível que ver Arthur naquela situação a deixou assim, mas o que antes ele fazia comigo não.

Dylan liberou Arthur e ficou e atento esperando o que viria a seguir, porém ninguém fez nada, além de ir para a caminhonete. Marcus assumiu o volante e Arthur foi para o banco do carona e só então dentro da caminhonete foi que Arthur encarou Dylan.

— Isso não vai ficar assim, seu forasteiro de merda. Você não me conhece.

Dylan deu um sorrisinho.

— Não. É você quem não me conhece, caipira babaca.

Marcus arrancou com a caminhonete levantando uma densa nuvem de poeira. Quando o carro passou por mim, eu vi o olhar da minha irmã através da janela do banco atrás ao de Arthur. Jaqueline me olhou com raiva.

Depois que eles se foram, meu corpo, até então tenso, começou a tremer; meus músculos e membros pareciam ter ganhado vida própria e se mexiam sem parar. Eu ainda estava de joelhos no chão e reparei em Sunshine amuada perto de mim. Tadinha, avaliei que seus olhos deveriam estar doendo. Estiquei o braço trêmulo até ela, isso a fez vir para meus braços. Roçou com carinho a cabeça perto do meu peito, abracei-a e comecei a chorar. Foi incontrollável, mas de alguma forma todas as lágrimas foram úteis para fazer a adrenalina baixar.

Quando tudo em mim se abrandou, eu ouvi o a voz baixa de Dylan me chamar, olhei-o de pé a minha frente. Ele estava preocupado, afastei o rosto de Sunshine e passei as mãos por ele secando as lágrimas.

— Vem, eu te ajudo.

Dylan esticou a mão para mim, encarei-a por alguns segundos, era um gesto tão simples, eu só tinha que corresponder. Eu precisava da sua ajuda para me levantar assim como precisei para lidar com Arthur. Eu poderia fazer aquilo. *Dylan não é o demônio, não é*, disse a mim mesma. Engoli com força e estiquei devagar a minha mão até a dele, o primeiro toque foi sutil, meus dedos roçaram os dele e então Dylan os envolveu por completo.

Senti a sua pele junto da minha e, mesmo que ela fosse áspera, pois eu senti alguns calos em seus dedos, o toque foi aveludado e seguro.

Ordenei a meu corpo que me desse o impulso para levantar, ele obedeceu, e à medida que ia erguendo meus joelhos, Dylan deslizou os dedos da minha mão pelo meu braço até encontrar meu cotovelo, foi a última sustentação que eu precisava e pude então ficar de pé. Respirei fundo e meneei a cabeça, dizendo silenciosamente a ele “muito obrigada”.

— Você está bem? Quero dizer, ele feriu você? Está machucada?

As perguntas vieram uma seguida da outra enquanto ele averiguava meu rosto e meu corpo, seu olhar era doce e de preocupação o que fez com que eu não me sentisse mal por ele estar tão perto e percorrendo seus olhos por cada parte de mim.

Balancei a cabeça de um lado para o outro, negando. Dylan assentiu.

— Vamos sair daqui certo?

Confirmei.

Eu continuava a segurar o caderno e a

sandália, e foi justamente ela que Dylan deu falta quando se abaixou para apanhar o livro no chão, ele estava ali perto do meu pé descalço.

— Você está sem a sandália — disse, e alarmou: — Letícia, aquele desgraçado, ele tentou?... — Sua voz falhou.

Não.

Me apressei em revelar a sandália que estava entre o caderno e o meu peito e gesticular negativamente com a cabeça. Dylan soltou o ar profundamente. Ele parecia muito, *muito preocupado* que Arthur tivesse feito algo contra mim que fosse além de sua hostilidade verbal e psicológica. E ainda bem que não, eu não suportaria mais do que seus dedos pressionando meu braço. Aquilo e todo o resto tinham sido suficiente para me colocar novamente numa situação de pavor como acontecera comigo no passado. Um passado atormentador que me

PERIGOSAS ACHERON

impediu de seguir a vida como uma garota “normal”.

Eu não tinha razões para confiar nas pessoas — as que eu mais confiava não fizeram nada. E principalmente, eu não tinha razões e nem motivos para confiar numa que fosse do sexo masculino. No entanto, Dylan e todos os seus gestos naquele curto espaço de tempo em que eu o conhecia — e nem sabia se podia dizer ao certo que eu conhecia, afinal não sabia nada dele além de que ele estava morando com Livia — me davam razões para confiar nele.

E então veio um outro gesto. Dylan tornou a ficar de pé, pegou a sandália que estava na minha mão, abaixou-se outra vez de modo que um dos seus joelhos encostou no chão, enquanto que a sua outra perna, ele deixou apenas flexionada. A cena era como a da Cinderela, quando o príncipe coloca o sapato cristal nela, e eu não pude evitar de sorrir,

PERIGOSAS ACHERON

foi um sorriso em meu próprio pensamento, mas eu sorri. E antes de levar a mão até meu pé, Dylan ergueu seu olhar à altura do meu.

— Posso?

Sinalizei que sim.

Em seguida, ele envolveu meu calcanhar, elevou meu pé até sua coxa, deslizou os dedos na parte de cima e depois puxou a barra da sua camiseta para passar o tecido na parte de baixo, retraí o pé não querendo empoeirar sua camiseta branca.

— Não faz mal. Ela já está suja mesmo. — Ergueu seu ombro esquerdo demonstrando a mancha molhada que a cerveja deixou nela.

Maneei a cabeça e cedi, seus dedos envolviam meu pé com suavidade enquanto Dylan deslizava o tecido por ele e soprava fazendo toda a poeira sair. Senti cócegas e ri. Eu percebi que ele também sorria. E foi assim, sorrindo, que ele

PERIGOSAS ACHERON

terminou de fazer o que se propôs.

— Agora podemos ir — disse erguendo-se do chão.

Começamos a caminhar em direção ao campo dos lírios, Dylan, eu e Sunshine. Me senti bem apesar de tudo. Olhei para a minha amiga, ela também parecia bem. Eu me senti confortável ao lado de Dylan, ao contrário de como me senti perto de Arthur.

Perguntei-me o que minha mãe diria se soubesse que foi *aquele rapaz*, que me livrou da hostilidade de Arthur, mas eu não contaria de qualquer forma. Afinal, minha mãe e meu pai não costumavam ficar contra a pessoas que eram poderosas em nossa cidade. E a família de Arthur era tão poderosa quanto o demônio era. Mas este, pelo menos já queimava junto de seu próprio fogo no inferno. E eu deveria me lembrar disso todos os dias para não o manter vivo em minha mente. É

PERIGOSAS NACIONAIS

certo que eu vinha tentando, contudo, nada conseguia ser mais forte do que ele.

Nada até que Dylan apareceu diante de mim pela primeira vez, e nessa ocasião eu pude jurar que ele era quase como o filho do próprio demônio de tão parecido que era, e por isso gritei tanto. Mas então eu pude distinguir muitas diferenças entre eles que iam além da pele bronzeada e de todas as tatuagens.

Dylan não era um demônio. Era um anjo. Um de asas negras, já que assim combinava com suas tatuagens de cor preta e com seu olhar que às vezes era obscuro, mas não porque ele era alguém mau e sombrio. E sim porque sua alma parecia estar encoberta por uma nuvem pesada de dores ainda desconhecidas por mim, entretanto eu tinha um tanto de experiência com dores da alma, o que me levou a ter a certeza de que Dylan também tinha as dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11

Dylan

Ao chegar na colina e não ver Letícia, algo dentro do meu peito martelou o seu nome, foi de um jeito preocupado, e não apenas ansioso como estava sendo até eu concluir o caminho e não a encontrar. Com esse sentimento, fui conduzido por um impulso forte e incontrollável de que deveria descer até o campo dos lírios e chegar àquela estrada. Quando comecei a ouvir a gargalhada de Arthur, tive a certeza de que algo estava acontecendo. Atravessei a cerca de arame farpado o mais depressa possível e alcancei o lugar na estrada onde o babaca fazia aquilo com Letícia. Que prazer idiota era aquele de perturbá-la, afinal? O cara tem que ser muito idiota mesmo para se prevalecer em

PERIGOSAS NACIONAIS

cima de pessoas indefesas. Meu instinto falou mais alto, eu tinha que a proteger dele. Ainda que me trouxesse problemas futuros, não teria jeito. Eu iria me envolver numa confusão. Geralmente não era eu quem as procurava, em contrapartida sempre acabava fazendo parte de alguma, muitas vezes para ajudar um amigo, acontecia dessa maneira em Esperança, e em Campo Belo tudo apontava que seria essa a tendência também. Eu não pretendia que fosse assim, mas aí o mundo vem e coloca gente como Arthur no meu caminho, não tive culpa e nem tinha como evitar entrar em uma confusão com ele, ainda mais quando o babaca fazia algo contra uma garota como Letícia. E eu tive que me controlar o suficiente em só detê-lo e não o encher de porrada, fiz isso porque certamente eu não pararia até que o deixasse cheio de hematomas e com alguns ossos quebrados. Mas se ele me forçasse, eu faria.

PERIGOSAS ACHERON

E o maldito ainda teve a audácia de quebrar aquela garrafa de cerveja no meu ombro, deixando-me com o cheiro insuportável dela. Era injusto, eu tinha esborrifado mais de perfume do que o habitual e, no entanto, todo o cheiro que eu conseguia sentir em mim era o de cerveja. Os raios de sol batendo contra o tecido da camiseta durante a caminhada até a colina o acentuaram e nem a brisa era capaz de levar o cheiro para longe.

— Mas que merda! Eu estou fedendo à cerveja! — Reclamei tirando a camiseta. Percebi de imediato um certo desconforto em Letícia.

Ah, porra! Xinguei mentalmente, eu não queria ficar com aquilo impregnado à minha pele. Mas se ela se sentia melhor se eu estivesse usando a camiseta, então que fosse.

Passava as mangas pelo braço quando Letícia parou meu movimento, seus dedos alcançaram uma mancha vermelha na camiseta que

eu não havia percebido. Era sangue. Estava na parte de trás, próximo à altura do ombro. Alarmada, Letícia contornou meu corpo e ficou atrás de mim.

— Cortou? — Perguntei, mas pelo sangue, claro que sim.

— Uhum.

Levei a mão às costas, entretanto não consegui sentir nada.

— Se ainda tiver com sangue, passa a camiseta, por favor — pedi, passando a ela através do ombro.

Letícia pegou a camiseta e em seguida comecei a sentir o tecido sendo perpassado com cuidado contra minha pele, a ardência foi leve, o que me fez suspeitar que o corte deveria ser pequeno, por isso estranhei o tempo em que ela ainda se manteve segurando o tecido contra o corte, como se estivesse estancando uma boa quantidade de sangue. E eis que eu senti o resvalar delicado

das pontas dos seus dedos em minha pele, foi sutil e rápido. Mas eu pude sentir *arder* mais que o corte.

Quando ela voltou a ficar à minha frente e me entregou a camiseta, vi que a mancha de sangue não estava muito diferente e nem vi outras marcas.

Franzi a testa.

— Até que não tem muito sangue. Cortou muito?

Ela moveu a mão, com o gesto de “mais ou menos” e eu jurei ver suas bochechas corarem e nem era do calor, tampouco reflexo da cor vermelha do seu vestido, até porque ele era um vermelho-claro, e o vermelho das suas bochechas era rubro. Estreitei os olhos fitando-a e ponderei se Letícia ficou mais que o necessário observando as tatuagens, e se o dedo dela resvalou sem querer ou por querer. A possibilidade se martelava em minha mente, quando constatei que nem mesmo tirando a camiseta o cheiro de cerveja tinha ido embora,

PERIGOSAS ACHERON

persistia lá, em minha pele. Então aproveitei disso e rumei a conversa para onde eu não ficava pensando em Letícia com atenção nas minhas tatuagens e seus dedos em contato com a minha pele e eu gostando de tudo aquilo.

Eu já não era mais o Dylan de sempre, não mesmo.

— Precisamos fazer o trabalho, mas eu realmente me sinto péssimo com esse cheiro de cerveja. Podemos ir até a casa da Lívia, eu tomo uma ducha e a gente faz trabalho por lá. E Lívia tinha me dito para te chamar para um café. O que acha? Vamos?

Ela meneou a cabeça, apanhou o livro e caderno que estavam no chão, os abraçou junto ao peito e, me fitando, respondeu:

— Uhum.

Esse era o único som que eu tinha dela, parecia se tornar o suficiente, mas não era, eu tinha

curiosidade para ouvi-la falar *de fato*. Eu ouvira seu pedido de socorro, aquele tom de desespero ainda estava ecoando em minha mente e não me parecia uma boa lembrança para se ter da sua voz.

— Sabe, será que você... talvez pudesse falar? Sei lá alguma coisa, qualquer palavra?... —
Tentei.

Sua testa se franziu de maneira breve, ela sustentou seu olhar no meu por alguns segundos, eu vi seus lábios se separarem, contudo ela decidiu os fechar. Letícia não atendeu o meu pedido e se pôs a andar na minha frente, me senti arrependido e paralisado no lugar. Eu sentia progredir com ela e não queria retroceder.

Droga!

Quando Letícia chegou no ponto da colina em que deveríamos descê-la, pois era o caminho para casa de Livia, ela parou de andar, se virou para trás, estendeu o braço e moveu os dedos da mão me

chamando, ela tinha um sorriso suave e por isso respirei aliviado por perceber que meu pedido, apesar de negado, não tinha nos levado a retroceder. Assim que a alcancei, ao invés de continuarmos a descida Letícia fez sinal para irmos para o outro lado, era uma descida também, mas não para o destino que queríamos. Eu hesitei e franzi a testa, ela franziu a dela também e moveu a cabeça indicando o outro caminho.

— Tudo bem — eu disse acompanhando-a. Aonde quer que Letícia quisesse ir, eu iria com ela.

Ao perceber que Sunshine não estava por perto, ela parou, levou o dedo indicador e polegar à boca e emitiu um assovio, foi um daqueles bem altos. Fiquei um bocado impressionado.

— Uau! — Exclamei.

Letícia me fitou e dessa vez seu sorriso foi além de seus lábios curvados, eles se separaram o suficiente para eu ver seus dentes alvos e sua

PERIGOSAS ACHERON

bochecha se avolumar perto dos olhos, havia um brilho em toda a sua face que superava os raios do sol.

Sunshine passou correndo por nós e desceu a colina como se já soubesse para onde Letícia estava indo. Eu, porém, não. Por isso, limitava-me a segui-la com curiosidade, pela descida da colina e depois por uma estreita trilha ladeada por capim que não roçavam apenas os pés, mas também as pernas. E era para as pernas dela que eu olhava, admirado, por perceber os passos firmes e seguros de quem conhecia o caminho até de olhos fechados. E à medida que Letícia caminhava, fantasiei que o capim ia roçando em suas pernas, como se as beijasse, ou até as saudasse, por estarem agradecidos por tê-las ali.

Sorri, me sentindo um tanto bobo por fantasiar isso e então em seguida pressionei os lábios, percebendo que uma desconhecida sensação

PERIGOSAS ACHERON

me alcançou ao desejar que eu pudesse ser o próprio capim e, assim, roçar meus dedos pela pele de suas pernas e certificar a aparência lisa e macia que tinham; imaginei beijar cada centímetro dela, saudando a chance de tocá-la, sentindo-me grato por tê-la comigo.

E esta, por certo, não era uma fantasia boba, era bem tentadora. E foi o que me deixou intrigado e sem compreender o que estava havendo comigo. Não por desejar tocar em uma mulher, isso acontecia com frequência, mas por desejar tocar Letícia. E não era algo apenas carnal, não era o tesão cru. Era um desejo que ia além disso, mas o que era o “além disso”, eu ainda não conseguia compreender.

E nem tinha como, afinal, eu nunca tinha me apaixonado antes.

Retornei dos pensamentos fantasiosos quando comecei a ouvir o som constante e forte de PERIGOSAS ACHERON

quedas d'água.

— Cachoeira?...

Letícia se virou ao som da minha voz, que saiu em uma entonação que misturava pergunta com constatação. Notei que havíamos chegado ao final da trilha e uma vegetação alta formava uma espécie de paredão, que começou a ser desfeito quando Letícia começou, com uma das mãos, a afastar alguns galhos das árvores e através do vão, que se abriu, eu vi a queda da cachoeira, foi como se um portal mágico se abrisse, encerrei a curta distância que havia entre nós e me posicionei bem próximo a ela.

Fiquei vislumbrado com o volume de água que caía de uma altura que podia tocar as nuvens, elas pareciam vir do céu.

— Que lindo... — sussurrei impressionado.

Mirei Letícia, a lateral do seu rosto estava diante do meu, me senti dividido em olhar para a

PERIGOSAS ACHERON

cachoeira ou para ela, mas soube no exato momento em que ela virou o rosto, de modo que eu o via por completo, que não precisava dividir meu olhar, eu tinha as duas coisas mais lindas do mundo num único visual — Letícia e sua face tomada por entusiasmo que a deixava tão linda e, ao fundo, a cachoeira. Era esplendoroso.

E como se fosse tomada por uma magia, que só um lugar como aquele podia proporcionar, Letícia desfez o seu silêncio; eu pude notar que com um certo esforço, primeiro ela pigarreou, umedeceu os lábios, os pressionou e então engoliu com força, inspirou fundo e falou:

— Achei que você iria gostar... E ... bem, se era de água que você precisava, aqui tem bastante.

A voz dela saiu um pouco hesitante, um pouco rouca, um pouco baixa e eu achei *muito* linda.

Linda pra caralho, pensei. Absorto no som

PERIGOSAS ACHERON

que se repetia em minha mente, levei as mãos à boca e assisti Letícia saindo de perto de mim, atravessando para o lugar mágico. Quis fazer parte dele também e me direcionei até onde ela estava.

O verde da vegetação se misturava a um cenário rochoso, a queda da cachoeira era alta, mas sua correnteza seguia mais forte para o ponto esquerdo, e a margem direita, onde estávamos, era como uma piscina natural, onde Sunshine já se refestelava na água.

Letícia colocou o caderno e o livro em cima de uma pedra e foi até a margem, observei-a de costas a ficar de joelhos e imergir as mãos na água, trazendo um pouco para seu rosto, fazendo o mesmo com os braços. Aquela água parecia estar maravilhosa e era convidativa. Joguei a camiseta de lado, arranquei as botas, meias, e abrindo o botão do jeans, ponderei que a ideia de ficar só de boxer na frente de Letícia não seria muito boa. Mas

PERIGOSAS ACHERON

encharcar minha calça também não. Aproveitei que ela permanecia de costas, deslizei com pressa a peça de roupa pelas coxas e pernas até o chão, liberei meus pés do tecido embolado, saí em disparada e me joguei no rio.

Desfiz a calmaria da água, ultrapassei sua superfície lisa. Mergulhei fundo e me senti ser envolvido pela sensação refrescante. Os segundos que passei debaixo da água, foi como livrar a mente de tudo e só conseguia pensar o quanto era bom estar ali. Ao imergir era impossível não expressar.

— Porra! Isso é bom demais! — Bradei esticando os braços para cima. — Bom demais! — Dei um soco na água e ri.

Virei-me e Letícia estava sentada na margem com as pernas para dentro d'água.

— Esse lugar é maravilhoso! — Falei entusiasmado.

Letícia sorria, certamente achando graça do

PERIGOSAS ACHERON

meu estado, mas era mesmo um lugar encantador e único. Do jeito que ela era. Porra, eu não conseguia parar com isso de associar aquela natureza a ela. De associar coisas boas a ela, e tudo que Letícia fazia parecia me deixar mais atraído por seu olhar, seus gestos, seus sorrisos curtos e abertos, suas bochechas que estavam com um vermelho acentuado, bem mais que antes.

Eu não soube se era por causa do calor ou por ela perceber que eu estava só de cueca, mas a água batia pela cintura ocultando, avaliei. Só que foi uma avaliação errada, a água era cristalina. Mas também, a boxer preta passava tranquilamente por uma sunga. Sorrindo por causa da situação, mergulhei e nadei para perto dela, ao voltar à superfície permaneci abaixado, deixando apenas a cabeça para fora, a água roçava meus lábios e eu via Letícia buscando frescor para a sua pele. Ela mergulhava a mão na água e depois passava pelo

PERIGOSAS ACHERON

rosto e pescoço. O frescor que a água promovia em si a fazia ostentar uma expressão de prazer, seus olhos fechados e os lábios entreabertos, era algo alucinante. Por sorte saí do estado hipnótico graças à Sunshine, que esbarrou seu corpo no meu. Passei a mão ao longo de seu pelo molhado, ela latiu, mirei Letícia e ela nos observava.

— Você não vem?

Ela negou, lógico que negou. Mas não custava eu arriscar e perguntar. Em seguida, Letícia pegou um graveto.

— Sunshine?! — Ela chamou, a cachorra se pôs atenta à dona. — Vá pegar!

Letícia lançou o graveto na água e não demorou para que a cachorra tivesse ele em sua boca, eu contemplava o som da voz de Letícia uma vez mais — *eu queria que ela falasse o tempo todo* — enquanto via Sunshine devolver-lhe o graveto.

— Boa garota!

PERIGOSAS NACIONAIS

Letícia deslizou a mão por Sunshine, que em seguida sacudiu o pelo encharcado, fazendo Letícia ficar toda molhada. A cachorra dava-lhe um verdadeiro banho enquanto Letícia reclamava, mas também gargalhava. E eu adorei o som. Eu desejei vê-la gargalhar mais vezes.

— Sunshine, não! — Ela dizia erguendo os braços em defesa.

E quando Sunshine parou de se sacudir, deu um latido alto, a cachorra parecia se divertir com o que estava fazendo e não sossegou; foi para o colo de Letícia, esfregando seu pelo molhado e distribuindo lambidas pelo rosto de Letícia, que continuava a rir.

Em pensamento, agradei a Sunshine por estar fazendo aquilo e assim me dando a chance de ouvir a risada de Letícia e sua voz, pois ela continuava a pedir para Sunshine parar. E quando isso aconteceu a cachorra não se deu por satisfeita.

PERIGOSAS ACHERON

Desceu do colo de Letícia e foi para atrás dela, e eu ria ao ver Sunshine determinada em fazer o que eu desejava: Letícia dentro da água. A cachorra empurrava as costas de Letícia, usava a cabeça e o corpo, Letícia tentava se equilibrar, então Sunshine parou e se afastou.

— Meu Deus, o que deu nela? — Letícia falou, ela me olhava espantada com a reação de sua cachorra.

— Acho que ela quer que você entre na água — comentei.

E foi então que Sunshine, ao se afastar, o fez com um único objetivo: ganhar velocidade para correr. Assim, ela avançou rápido e por trás de Letícia, dando-lhe o empurrão final. Letícia não esperava e não teve tempo de se segurar, seu corpo cedeu e encontrou a água.

Segundos depois ela emergiu bem na minha frente. O cabelo molhado todo para trás deixou o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tom do loiro mais escuro, achei lindo, seu rosto estava todo à mostra, sem os fios de cabelo escondendo alguma parte dele. Reparei em seus traços delicados. A beleza estava em cada parte, até em seus ombros magros onde a alça do vestido havia cedido um pouco para baixo, sua pele clara de aspecto leitoso ganhava um brilho especial; ainda mais que os raios de sol que refletiam na água passaram a refletir nela também. Ela era iluminada de tal forma que parecia um ser mágico.

Letícia se virou para a margem da cachoeira, mirando Sunshine.

— Sunshine, sua garota levada! —
Repreendeu. A cachorra se deitou e tampou o rosto com a pata.

Depois Letícia girou o corpo e ficou ante a mim.

— Ela sabe que fez coisa errada —
comentou.

PERIGOSAS ACHERON

— Que nada, fez a coisa certa. Essa água está uma delícia e você estaria perdendo.

Letícia ergueu os ombros e sorriu, ao olhar para baixo, percebeu o tecido do seu vestido levantado. A água o fez subir, e eu juro que nem tinha percebido. Mentira, eu tinha. E achei suas coxas lindas.

— Ah, meu Deus! — Sussurrou, levando as mãos na tentativa de manter o tecido abaixado, mas foi em vão.

— Se você prometer não olhar para minha cueca, prometo não olhar para sua calcinha — eu falei divertido, num ímpeto que eu nem sei de onde veio.

Letícia arregalou os olhos e logo em seguida deu um tapa na água fazendo respingar um bocado em meu rosto, retruquei jogando nela também. Ríamos e jogávamos água um no outro como duas crianças. Quando as risadas cessaram e

PERIGOSAS ACHERON

a guerra de água também, encarei-a.

— Sério, não se preocupe. Eu não vou olhar para mais nada que não seja o seu rosto.

Ela sorriu de uma maneira tímida e baixou um pouco mais o corpo, ficando só com a cabeça para fora, eu também estava assim. Deslizei as mãos pelo rosto tirando o excesso d'água dos olhos, e o desenho nelas fez Letícia comentar:

— Ela é bonita.

— É a minha mãe — disse.

Letícia parecia esperar que eu falasse mais, então contei:

— Ela morreu quando eu tinha sete anos.

— Sinto muito. — Ela pressionou os lábios com uma expressão condoída.

— Obrigado.

Suas sobrancelhas se uniram enquanto me olhava compadecida pela minha perda, minha dor.

— Não deve ter sido fácil. Quer dizer, ainda

PERIGOSAS NACIONAIS

não deve ser.

— Nem um pouco, mas agora o pior já passou. — Tentei soar mais fácil do que na verdade era.

— Por que veio para Campo Belo? — Ela disparou em seguida.

Letícia se tornava cada vez mais interessada e falante. E como foi bom poder manter um diálogo com ela!

— Precisava dar um tempo.

Inspirei fundo. Não querendo lembrar tudo o que aconteceu e me levou a Campo Belo.

— Então... quer dizer que depois vai embora?

Tive a impressão de que a pergunta veio com um certo desapontamento.

— Ficarei pelo menos até que o ano acabe e as aulas também, depois eu decido o que fazer.

— Hum.

PERIGOSAS ACHERON

Letícia baixou o olhar para as mãos dela, que se moviam, brincando com a água. Ela parecia realmente desapontada com a ideia de que em algum momento eu fosse embora.

Então eu disse:

— Mas estou gostando muito daqui. Muito mesmo — enfatizei sorrindo.

O que a fez sorrir também.

— Você só não parece gostar muito quando está na igreja.

Me senti surpreso com seu comentário, o que dizia que ela vinha me observando.

— Realmente aquele não é meu lugar preferido em Campo Belo — admiti.

— E qual é?

— A colina, o campo dos lírios e agora essa cachoeira — enumerei. Letícia assentiu.

Seu olhar me demonstrava que ela permanecia curiosa o bastante para lançar outra

PERIGOSAS NACIONAIS

pergunta. E lançou:

— E existe algum motivo específico para que a igreja não seja?

Deslizei a mão pelo cabelo molhado e decidi contar com sinceridade:

— Quando você é só um garoto de apenas sete anos e vê a mãe definhando numa cama até morrer, se pergunta onde está Deus que não está vendo uma pessoa tão boa sofrer tanto, se pergunta por que todos os seus pedidos para que ela se curasse não foram atendidos.

— Se pergunta onde está Deus que não está vendo seu sofrimento — ela arrematou com uma convicção que só era possível por também ter passado pela mesma situação. Então tentei saber um pouco mais.

— Você se perguntou também?

— Perguntei.

— Teve alguma resposta?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ainda não — suspirou. — Mas eu continuo a perguntar, por isso, apesar de tudo eu não me afastei de Deus. Ainda espero por uma resposta — disse de uma forma segura e completou: — Deveria fazer o mesmo.

— Quando Ele te der, me avise.

Letícia permaneceu por alguns segundos em silêncio, pensativa. O olhar vagou para longe e depois voltou para os meus.

— Além do mais — disse arqueando as sobrancelhas —, existem tantas outras coisas boas feitas por Ele que apesar de as vezes me chatear por não me responder ou até ter evitado algumas coisas, me sinto grata mesmo assim. Tudo isso — ela apontou ao redor — é obra dEle. E, ainda, quando uma pessoa surge feito um anjo para lhe proteger de um mal é obra dEle. Sabe, precisamos ser justos e dar-Lhe os seus créditos também — completou por fim, sorrindo.

PERIGOSAS ACHERON

Depois Letícia afundou a cabeça na água, e eu fiquei analisando cada uma de suas palavras e sua capacidade de enxergar as coisas além das dores que sentia. Estava nítido que sentia. Ainda não sabia quais eram e por qual motivo. Mas ainda assim, ela demonstrava ter sua fé. Naquele instante decidi guardar cada um dos seus conselhos, que embora dados de uma forma despretensiosa, foram tão certos. Qualquer pessoa que tivesse me dito algo parecido antes não tinha conseguido atingir minha mente da forma que ela conseguiu. Compreendi que isso só foi possível porque Letícia era alguém tão ferida quanto eu. Falava a minha língua e entendia o que eu sentia.

Estava compenetrado, analisando tudo que dissera quando ela voltou à superfície.

— Obrigada por ter me ajudado — disse com a ternura preenchendo o rosto coberto por gotículas de água.

— Tomara que não precise, mas ser precisar, eu vou sempre ajudar.

Ela deu um leve menear de cabeça e submergiu na água novamente, dessa vez sumindo nela por mais tempo e voltando a aparecer no meio da piscina natural e cristalina. Letícia permaneceu lá; boiando sobre a água. Me senti atraído pelo dançar suave que o cabelo fazia ficando todo esticado para trás, nadei até ela, e ao ficar de pé diante seu corpo, ainda de olhos fechados, Letícia sussurrou:

— E, Dylan...?

Fechei e abri os olhos, era a primeira vez que ela falava meu nome, e de uma forma rápida e inexplicável aquilo fez meu coração ganhar uma batida mais acentuada.

— Hum? — Forcei-me a não ficar tão afetado.

Aproveitava dos seus olhos fechados e

PERIGOSAS ACHERON

contemplava sem reservas o seu rosto banhado pela luz do sol.

— Desculpe por ter gritado aquele dia.

Ela abriu os olhos, eu estava com meu rosto diante do dela, olhando-a de cima, justamente como na primeira vez que nos vimos.

— Tudo bem... acho que te assustei. Eu sabia que era feio, só não sabia que era tanto — disse com um sorrisinho no canto da boca.

No entanto, Letícia afirmou séria:

— Você está longe disso, Dylan.

Aquilo foi um elogio?

Sim.

E eu me senti feliz com ele. E aquela sensação intrigante me envolveu, eu gostava como passava a me sentir, contudo o receio do que tudo aquilo representava não ia embora. Senti necessidade de falar qualquer coisa que não me deixasse ficar feito um bobo com os efeitos que

Letícia meu causava. Então eu disse:

— Sei que minha aparência não é a mais comum, foge um tanto do padrão, a quantidade de tatuagens causa certo espanto.

Seus olhos não se distanciavam dos meus um minuto sequer, era surpreendente e maravilhoso como ficava claro que ela não se incomodava com isso, tampouco eu. A conexão se dava de uma forma crescente e forte.

— Nem sempre ser o padrão é melhor, você tem mais chance de surpreender quando é diferente — disse usando como resposta exatamente a frase que havia deixado em seu caderno.

Eu não consegui e nem quis guardar o que ecoava em minha mente.

— Você tem me surpreendido um bocado — revelei. — E de tudo, hoje especificamente, o fato de você falar foi bem surpreendente. Obrigado.

Agradei, pois era válido. Ela confiou em
PERIGOSAS ACHERON

mim. O que Livia havia me dito sobre Letícia me fazia saber que o fato de ela falar foi, sem dúvida, um passo importante e uma demonstração de segurança. Me senti lisonjeado por ser escolhido.

— Foi bom ter com quem conversar — confessou, fechando os olhos.

— Eu vou sempre gostar de te ouvir — assegurei.

Impetuosamente guiei meus dedos até suas costas; a ponta dos meus dedos a tocaram de leve. Suas pálpebras se abriram de súbito, fazendo meus dedos se encolherem.

— Posso? — Sussurrei. Eu queria sentir a sua pele mais que tudo.

— Pode. — Sua voz era branda, tal como os seus olhos estavam, e logo em seguida ela voltou a fechá-los.

E assim, com a sua autorização, coloquei uma das mãos nas costas e a outra na base da

PERIGOSAS ACHERON

coluna e comecei a mover seu corpo, reparei no subir e descer do seu peito com uma respiração mais acentuada. Mas à medida que fazia seu corpo deslizar suavemente, como uma flor plainando sobre a água, a respiração foi se tornando suave. E eu só conseguia contemplar e me sentir encantado com sua beleza tão natural, simples e única ao mesmo tempo.

— Eu nunca me senti tão leve — ela disse em um momento, a voz arrastada e baixa de quem estava envolvida pelo sono.

— Muito menos eu.

Deslizei seu corpo por mais um tempo sentindo aquela paz única, depois a conduzi para perto da margem, ela permanecia de olhos fechados e, mesmo não querendo abandoná-la, achei por bem me afastar. Eu senti vontade de beijar seus lábios e tive medo que um ímpeto maior me assumisse. E apesar de todo o progresso, eu sabia que ela não era

PERIGOSAS ACHERON

uma garota comum, era especial. E cada passo, cada ação, tinha que ser dado com cautela, além do mais eu não sabia se ela queria o mesmo que eu.

Deixei a água e em seguida catei minha calça jeans e a vesti, foi quando vi Letícia dando um último mergulho. E ao sair da água, ela parecia mais linda do que quando entrara; o vestido molhado grudava em seu corpo, deixando as curvas delicadas em evidência, foi impossível não reparar no seu quadril, no volume do seu bumbum e tampouco dos seios.

Inspirei fundo e decidi levar minha atenção para qualquer ponto que não era ela, só a olhei quando se sentou ao meu lado esticando as pernas, do mesmo jeito que eu. Secamos ao sol enquanto conversávamos sobre coisas aleatórias e ríamos de Sunshine correndo atrás de uma borboleta.

Mais tarde, deixamos a cachoeira e partimos para a casa de Livia, fomos recebidos com alegria e

PERIGOSAS ACHERON

com um delicioso aroma que fez a lembrança da minha mãe se preencher em minha mente de uma maneira intensa; Livia havia feito aquele pudim de pão de maçãs e nozes. E quando sentado à mesa, levei o primeiro pedaço à boca, olhando os sorrisos de quem também estava comigo: Livia e as crianças à minha frente, Cristian na cabeceira da mesa e Letícia ao meu lado. Eu pude uma vez mais sentir a presença da minha mãe junto a mim.

Naquela noite, depois de fazer o trabalho de geografia e saber que a economia de Campo Belo girava em torno da pecuária e do plantio de flores, eu soube também que eu passava a adorar estar na presença da família que me acolheu, e de Letícia principalmente. Quando a levei até em casa ao entardecer, eu me senti ansioso para que dia seguinte chegasse e eu a visse na igreja. E então, antes de adormecer, eu orei, eu não soube bem como fazer, mas eu deixei meus pensamentos se

PERIGOSAS ACHERON

elevarem a Deus livre de qualquer rancor, não agradei por nada específico, pois tudo que estava vivendo me fazia grato, então apenas disse a Ele: “Obrigado” e ainda me atrevi a fazer um pedido: “Onde quer que meu pai esteja agora, cuide dele, por favor”.

Capítulo 12

Letícia

Me encolhi pressionando a manta ao redor do meu corpo. O vento que cortava o ar no alto da colina dava a impressão de ser mais gelado do que de fato era para ser numa tarde de outono. Ou talvez era eu que achava tudo mais frio. Mas eu não estava sozinha nessa sensação.

— Você também sente falta dele, não sente?
— Perguntei a Sunshine. E nem era de Moon de quem eu estava falando, pois ele estava em nosso lado, era de Dylan.

Sunshine deu um ganido baixo. E eu gemi, ao soltar um suspiro repleto de saudade. Nosso lugar debaixo da árvore com visão para o campo dos lírios estava incompleto sem ele.

Meus dias nunca mais foram os mesmos depois que Dylan Vainat chegou a Campo Belo, em especial depois daquele na cachoeira — que abriu precedentes para tantas outros até o final do verão — foi como se tudo em mim começasse a ganhar vida outra vez. Eu pude falar e sorrir diante de alguém, e não só com Sunshine, quando em sua companhia eu corria entre os lírios do campo, ou até mesmo na cachoeira. Estes eram os meus lugares preferidos, meus refúgios, e eu passei a dividi-los com Dylan.

Eu conseguia manter com ele uma conversa normal. Dylan me fazia sentir normal. Dividíamos momentos corriqueiros e da mesma forma especiais; falávamos sobre qualquer assunto, filmes, séries, livros, a escola...

Houve ainda assuntos como o problema que o pai do Dylan tinha com o alcoolismo e sua infância difícil depois que a mãe morreu. Eu senti

PERIGOSAS ACHERON

pena ao imaginar Dylan um garotinho frágil, sem proteção alguma. As circunstâncias se apresentaram tão duras em um momento sensível; como deve ter sido difícil crescer, chegar à adolescência sem amor, apoio e orientação dos pais. E pior ainda, ver o pai entregue ao vício. Na verdade, tive pena dos dois. Compreendi a sombra que eu conseguia ver em seu olhar. As coisas ficaram claras, ele tinha seus bons motivos para sustentá-la.

Identifiquei-me com Dylan em alguns aspectos. A vida havia nos ferido na alma, levando nossa ingenuidade e nossa fé nas pessoas em momentos cruciais do nosso desenvolvimento — ele na infância, eu na adolescência.

Não tive coragem de contar o que aconteceu comigo, a vergonha me impediu. Eu não deveria me sentir envergonhada por algo que não tinha sido culpa minha, mas eu me sentia. Era provável que a

PERIGOSAS ACHERON

reação dos meus pais e o que eles falaram quando eu contei tenha contribuído.

Recordava-me daquela conversa com perfeição.

— Nunca mais repita isso, Letícia. Nunca conte a ninguém. É vergonhoso, e deixará você marcada para sempre. — Minha mãe disse-me sentada ao meu lado na minha cama.

Parado de pé em nossa frente estava meu pai, ele passou as mãos pelo cabelo, abaixou-se diante de mim e disse:

— As pessoas de Campo Belo irão comentar para sempre, se souberem. Deus, que vergonha! Nunca mais fale sobre isso, ouviu?

Nunca mais falei sobre o assunto e perdi a vontade de falar sobre qualquer outro.

Entretanto, algo foi acontecendo a mim e a Dylan. Seu olhar sombrio foi sendo substituído por algo que brilhava e começara a resplandecer uma

PERIGOSAS ACHERON

alma de quem passara a encontrar paz, e eu podia sentir que o mesmo acontecia comigo. Nós fizemos isso um ao outro.

Ele passava a ocupar minha mente em cada minuto do meu dia, inclusive no escuro do meu quarto, onde geralmente eu tinha pesadelos. Mas eles se tornaram escassos, já que antes de dormir meu último pensamento era tudo que eu tinha feito em mais um dia da minha vida, que havia deixado de ser monótona, triste e previsível — graças a Dylan. E isso fazia com que eu tivesse bons sonhos. Meu anjo de asas negras estava em todos.

Mesmo com nossa aproximação ele continuava a perguntar: “Posso?”, não deixou de ser gentil, de respeitar meus limites, meus dias silenciosos, não foi algo só pelo período que ele queria ganhar minha confiança, era algo permanente. Dylan era desse jeito. E sim. Ele tinha ganhado mais que minha confiança, minha

PERIGOSAS ACHERON

admiração também.

Naquela segunda-feira, depois do sábado na cachoeira, ao retornarmos para a escola, Dylan não se sentou do outro lado da sala, veio para o lado onde eu ficava. Ele conseguiu enfiar mais uma mesa e cadeira atrás do meu lugar, percebi que havia ficado apertado, ainda assim, ele parecia confortável, ou se esforçava para parecer, já que sempre que eu me virava para trás, ele sorria e tinha uma expressão tranquila. E quando Thomas falava ou fazia alguma palhaçada nós ríamos — o que acontecia com certa frequência —, então nós ríamos quase que o tempo todo. Havíamos, sem dúvida, formado um bom trio. Éramos os diferentes da sala; eu, a garota reclusa e silenciosa, Dylan, o forasteiro tatuado que usava camiseta do avesso, Thomas, o garoto desengonçado que vivia sendo ignorado pelas garotas.

Em nossas “esquisitices” nos encontramos

como bons amigos, Thomas já era isso para mim, era meu primo e uma das pessoas em que eu confiava e gostava de ter por perto. Dylan veio para somar e unir forças. Os olhares alheios continuaram atravessados, só que nós não nos importávamos. Eu mesma passei a não sentir a angústia de ir para a escola, passei a me sentir ansiosa, sabia que passaria minha manhã com Dylan por perto.

E de repente me vi sentindo mais que segura perto dele, me vi sentindo com o coração bater mais acelerado. Me vi admirando meu corpo em frente ao espelho — coisa que não fazia, pois achava ele marcado pela sujeira e não gostava de olhar —, imaginando o que Dylan achava dele. Não fazia muito tempo que tinha tido um sonho em que Dylan o tocava, foi algo terno e excitante ao mesmo tempo. Acordei no meio da noite toda suada e ofegante. Tive que me livrar das cobertas, que já haviam se tornado necessárias, pois o outono e suas

noites tornavam-se cada vez mais frias com o inverno se aproximando.

O verão tinha ido embora, dando lugar à estação de temperaturas amenas, no entanto eu sempre sentia o corpo quente quando estava perto de Dylan ou quando apenas pensava nele.

Admito, era um tanto perturbador permitir meu cérebro fantasiar determinadas cenas, eu nunca desejei ter as mãos de um homem em mim, a única vez que aconteceu foi para marcar minha carne com a dor; levar de mim a pureza do meu corpo, da minha alma e dos meus pensamentos. Mas agora essa possibilidade parecia me agradar, porque ela estava associada a Dylan, só que na mesma intensidade que eu queria, não queria — eu tinha receio de como seria se acontecesse, como eu reagiria. E ao mesmo tempo, eu tinha receio de que nunca descobriria como seria receber um toque de carinho, um toque que eu desejava, com medos e

PERIGOSAS ACHERON

ressalvas, mas desejava.

Eu estava numa confusão, essa é a verdade.

Além do mais, Dylan era lindo, tinha uma porção de garotas que o rodeavam, garotas desinibidas e seguras. Já eu, não era nada disso e nem tinha certeza ou conseguia distinguir se toda a atenção de Dylan comigo era uma afeição de amigos ou algo a mais.

É certo que de vez em quando tinha o vislumbre de um olhar mais intenso, de um olhar que parecia dizer mais do que ele realmente falava. Tinha a impressão durante as aulas de que seus dedos avançavam até as pontas do meu cabelo longo que sobrepunha a altura do encosto da cadeira e ficava às vezes em sua mesa. E quando estávamos um ao lado outro no ônibus ele parecia travar a respiração quando nossos corpos se encontravam a cada curva. E ainda, dava a impressão de inspirar fundo, quando estávamos na

PERIGOSAS ACHERON

colina, sentados debaixo da árvore.

Houve inclusive uma tarde, no final do verão, em que observávamos o pôr do sol; Dylan estava sentado com joelhos flexionados até seu peito e os braços descansavam sobre os joelhos, eu estava com o tronco pareado ao dele, mas com as pernas esticadas e os braços para trás sustentando o peso nas mãos apoiadas na grama. E então Dylan fez algo que me estremeceu e fez todos os pelos do meu corpo se eriçarem, já havia acontecido antes, mas dessa vez foi bem mais forte, e os vislumbres de que poderia *ser algo a mais* também.

— Eu gosto do seu perfume. — Ele soprou baixo perto do meu ouvido, eu senti sua respiração morna tocar a minha pele.

Um arrepio gelado percorreu minha coluna fazendo com que eu encolhesse o ombro e meneasse a cabeça para o lado em que ele estava com o rosto — quase o guiando até meu pescoço

—, e por isso a reação e a proximidade acabaram fazendo seu nariz roçar a minha pele, ali próximo ao lóbulo da minha orelha.

Dylan inspirou fundo, fiz o mesmo, e ao me virar bem devagar nossos rostos ficaram ante um ao outro, eu permanecia a sentir sua respiração contra a minha pele.

— É uma essência do lírio — disse dando longo suspiro.

— Eu percebi.

Seus olhos verdes-escuros me fitavam com aquela intensidade que por vezes eu percebia. Continuava a sentir o arrepio, o calor, o frio, a mistura louca de sensações inebriantes, quando contei:

— Eu que faço.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Você é surpreendente — declarou.

Aquilo fez fagulhas queimarem a minha

face, que eu tenho certeza que ganhou um rubor instantâneo.

— Não é nada de mais, são só alguns ingredientes, um certo cuidado ao preparar e o principal: o lírio —disse com naturalidade, tentando ocultar o quanto mexida havia ficado por ele dizer que eu era surpreendente.

Dylan não ajudou muito ao declarar uma vez mais:

— Continuo achando surpreendente.

Eu sorri, sentindo-me feliz, mas a timidez era crescente, então joguei um comentário levando o foco para ele:

— Colocar um carro velho esquecido no fundo de uma garagem para funcionar também é algo surpreendente — falei relembrando da caminhonete do Cristian que ele arrumou. Em algumas tardes eu passei a assisti-lo debaixo dela. E quando seu motor roncou, Dylan comemorou como

PERIGOSAS ACHERON

uma criança, por ter feito ela funcionar.

Ele soltou uma risada.

— Tá de brincadeira?! Não se compara em criar seu próprio perfume.

Afirmei séria:

— Não é brincadeira, é ter o dom de usar as mãos para consertar algo. Pessoas que são capazes de fazer isso, consertar o que um dia se estragou ou foi estragado, e por isso passou a ser esquecido e deixado de lado, é surpreendente.

Dylan perpassou a língua nos lábios e depois os curvou. Foi uma das primeiras vezes que eu o achei tímido com algo que eu tivesse lhe dito.

— Você é bondosa, isso sim.

Não disse a ele, ou talvez não precisasse — afinal ele havia percebido —, mas eu era alguém que precisava ser consertada. Desejei que Dylan fosse capaz de fazer isso por mim, mais do que ele já estava fazendo. Eu não queria mais viver à

sombra de um passado, ter lembranças tristes, eu não queria mais ficar silenciosa e esquecida na garagem, no fundo do meu próprio eu.

E assim, além de tomar de Dylan impressões de que nossa proximidade nos levava para algo além da amizade, eu tomei ciência que precisava dele mais do que poderia imaginar. As duas questões me preocuparam, porque, enfim, eu não poderia criar grandes expectativas, o tempo de Dylan em Campo Belo era determinado até o final do ano, depois tudo era incerto, e ironicamente, ao passo que isso era incerto, se tornava certo que eu estava acostumada a ter de Dylan por perto e que estava irremediavelmente apaixonada por ele. Sendo assim, como ficaria quando fosse embora? Certamente voltaria a ser silenciosa e solitária, como estava durante o final de semana que ele foi a sua cidade natal.

Quando nos despedimos, Dylan perguntou

se podia me dar um abraço, eu respondi lançando-me em seus braços. Apertei-o com tanta força e de uma maneira tão desesperada que ele percebeu o quanto eu me punha abalada por sua partida.

— Eu volto. Tenho muitas razões para isso.

— Dylan sussurrava. A voz dele batia contra o meu cabelo, perto do ouvido.

Afundi o rosto em seu ombro, o moletom grosso aqueceu minhas bochechas geladas por conta do vento frio na colina e secou lágrimas que acabaram encontrando vasão diante da triste sensação que sentia.

— Vou sentir sua falta — confessei.

Ele me afastou para olhar em meu rosto.

— Domingo eu estarei de volta.

Assenti, simplesmente. Não porque não quis falar, mas porque o nó na minha garganta me impedia.

— Quando eu voltar quero falar sobre um

assunto com você.

Me senti ansiosa com suas palavras, contudo não me apaguei naquele momento a elas. Estava triste demais.

— Te espero, Dylan — forcei um sorriso e comecei a me afastar.

— Letícia? — Ele chamou, eu senti o tom de desespero em sua voz.

Virei-me, as sobrancelhas dele estavam tão unidas quanto as minhas.

Dylan ficou ante a mim, guiou a mão entre meu maxilar e pescoço.

— Posso? — Perguntou antes de tocar. Fiz que sim com a cabeça.

Seus dedos deslizaram pelo caminho até encontrarem meu cabelo, onde o toque foi mais firme em minha nuca, Dylan aproximou o rosto do meu com calma, cautela, com os olhos fixos aos meus, eu não sabia qual era sua intenção, se aquilo

PERIGOSAS NACIONAIS

seria um beijo no rosto ou na boca. E ao pensar que poderia ser na boca, eu parei de respirar e acho que minhas feições denunciaram algum tipo receio ou até medo — que nem deveriam estar presentes —, porque eu notei Dylan vacilar, ele soltou os ombros com uma respiração sôfrega. E então direcionou-se para a lateral, onde seus lábios encontram minhas bochechas, o toque foi delicado, a barba brevemente crescida roçou a minha pele e sua voz rouca ecoou em meus ouvidos, coração e mente.

— Eu vou contar os minutos para estar de volta.

— Eu também — respondi.

Eu permanecia a contar... eu estava contando.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 13

Dylan

— Seu pai não está bem. Além de doente, tem falado muito em você, perguntado. Ele sente sua falta, Dylan. — Jess me disse quando eu liguei para ela. Aquela tinha sido a terceira vez.

Ela não quis me contar de imediato sobre meu pai, mas eu senti em seu tom de voz que algo não estava bem. Na verdade, nunca costumava estar bem, porém, ao que indicava estava pior.

Eu não tomei a decisão de voltar a Esperança logo depois que falei com Jéssica, eu fiquei alguns dias remoendo, afinal, meu pai nem deveria ter minha preocupação, minha atenção. Eu estava indo bem. Não precisava voltar para aquele mundo de confusão. Além do que, não queria me

afastar de Campo Belo e de Letícia.

O que eu passei a sentir por ela era algo tão forte e arrebatador que mesmo intrigado com tudo, eu passava a gostar. Havia me dado conta que aquilo tudo só podia ser paixão, mas acompanhada de um sentimento puro e verdadeiro. E sem dúvida um dos fortes. A cada dia eu estava mais atraído — fosse pelo corpo que eu passara a desejar ardentemente ou atraído pela sua personalidade. Ela não parava de me impressionar. Em algumas ocasiões, pensava: “Como que aquela garota que achei tão esquisita no início pode ser tão incrível, tão linda e viciante?” Bom, ela era. E me encantava, me proporcionava paz e dava um novo sentido à minha vida. Eu sabia que sentiria sua falta, talvez não deveria ser tão forte, talvez eu não devesse estar tão dependente de sua presença. No entanto, estava. Estava e queria encontrar uma forma de contar isso a ela.

Mas então, eu colocava minha razão para funcionar — qual era minha estabilidade de vida? Ou melhor, a certeza de que eu ficaria em Campo Belo para sempre não era algo concreto. Não que eu não desejasse ficar. Sim, eu queria. Eu tinha passado a fazer bem mais do que ajudar Cristian, eu já tinha até arrumado seu carro e os de alguns dos seus vizinhos. Um emprego numa mecânica era plausível e viável. Eu poderia me estabelecer de alguma forma e não ficar morando para sempre com Livia, mesmo ela sempre deixando claro que isso não era um problema. Também tinha, bem dizer, daquele dinheiro que Victor me deu, só havia gastado com algumas poucas coisas. Era uma quantia considerável, me manteria com facilidade por um tempo. Grana não era meu maior problema, o meu maior problema era: “E se eu tiver que de repente ir embora por causa de toda aquela merda que aconteceu em Esperança com o Tarso?”

Abandonaria Campo Belo e Letícia do dia para a noite, ou seja, eu a feriria. E isso estava fora dos meus planos. Então, por isso me mantive a segurar os ímpetos que rondavam minhas ações; queria beijá-la, senti-la em meus braços, queria seu corpo junto ao meu. Tudo despertou com mais intensidade a partir daquele dia na cachoeira e desde então eu me segurava. Usava de forças sobrenaturais para não declarar o que sentia.

E associado a todas as problemáticas, eu tinha receio que ela não estivesse pronta para receber todo o sentimento que eu nutria. Nós havíamos nos aproximado um bocado, ao meu lado ela ficava cada vez mais solta, falante e tranquila, mas não passava despercebido por mim que contato físico era algo que ela não lidava bem.

Letícia gostava de estar por perto, no entanto eu sabia que tinha seus limites, perguntava-me o porquê deles. Apenas timidez? Não. Tinha

PERIGOSAS ACHERON

algo oculto. E por incrível que pareça, mesmo que eu tivesse despido minhas dores e meu passado, ela não fez o mesmo comigo. Não contei da minha infância e do meu pai alcoólatra só para que ela me contasse o que havia levado a se calar, contei por sentir que poderia falar com ela sobre o assunto. Não esperava que ela falasse sobre o passado dela. Mas eu queria. Queria para poder entendê-la e ajudá-la. Estávamos fazendo isso um com outro, era perceptível, porém eu poderia fazer mais se soubesse onde estava o cerne de sua dor.

Ao me despedir de Letícia naquela sexta-feira à tarde, decidi que quando eu retornasse queria deixar claro que ela poderia confiar em mim, qualquer que fosse seu segredo, a marca em sua alma, tudo bem em me contar. E era bem provável que mesmo cheio de receios do meu futuro incerto eu arriscaria abrir meu coração, estava se tornando insuportável esconder. Estava determinado a acabar

PERIGOSAS ACHERON

com todos os segredos e contar para ela a vida que levava, pois isso eu ainda não havia feito. Se era para começar algo, que fosse pautado na verdade.

Aproveitaria que estava em Esperança para tentar saber como andavam as coisas, dependendo poderia até me sentir mais sossegado e livre de vez.

Meses haviam passado, e talvez tudo já tivesse virado pó, assim como os mortos daquela terrível noite.

E que merda, estar em Esperança me fazia lembrar com força de Victor e da falta que ele estava fazendo em minha vida com sua amizade e conselhos sinceros, e certamente estava fazendo falta também na vida de muita gente do lugar. Em alguns momentos, recordava de tudo que havia acontecido, me sentia mal por tê-lo deixado, por não ter garantido um funeral decente a ele (aliás sequer sabia se tinham feito), por não ter procurado saber como andavam seus negócios, seu galpão,

mas ele pediu tanto que fosse embora, foi mais que um pedido, foi uma última ordem; e eu, que não costumava obedecer, obedeci. E Victor estava certo: eu deveria achar um bom lugar para viver.

Eu tinha achado, só que queria me sentir em paz e livrar de vez a mente da sujeira e das confusões de Esperança, até em Campo Belo isso estava aplacado, eu passei os dias seguintes aos da briga com Arthur esperando por um contra-ataque, me surpreendi por não recebê-lo, o que não quer dizer que eu não me mantinha atento, eu continuava a ficar de olho em cada passo dele. Tanto que o via estar mais preocupado em ser o bonzão da escola do que qualquer outra coisa. O que no final das contas era bom.

Enfim, pensando se voltaria a Esperança ou não, comentei com Livia e ela me aconselhou a verificar como meu pai estava. Estava lá diante da porta do meu apartamento no meio da madrugada,

PERIGOSAS ACHERON

prestes a vê-lo e eu não sabia bem o que pensava e o que diria a ele.

Após destrancar a porta, eu a abri com receio de como encontraria o lugar, levei a mão ao interruptor da entrada e, com o ambiente iluminado, constatei o que já esperava; pratos sujos sobre a mesa, roupas jogadas pela sala, meu pai dormindo no chão dela, exatamente como no dia que fui embora, e óbvio: garrafas vazias por perto.

Eu me sentei no sofá arrependido por estar ali, seria mais do mesmo. Depois de esperar que ele acordasse sozinho, o que não aconteceu, me abaixei ao seu lado e cutuquei em seu braço; uma, duas, três vezes e então seus olhos se abriram e num sobressalto ele se levantou.

Fiquei de pé e o encarei triste com o que via nele; a barba crescida, roupas com aparência de que não eram trocadas há dias.

— Jéssica me disse que você não estava

bem. O que houve? — Disparei.

Ele me olhava atônito.

— Você veio — murmurou.

Inesperadamente me abraçou e eu senti repulsa.

— Você está fedendo. — Afastei-o. Seu odor era uma mistura nauseante de álcool e azedo. Não me impressionaria que tivesse vomitado em algum canto e sequer se lavado.

Suas feições foram de constrangimento.

— Vou tomar um banho.

Baixei a cabeça e a balancei, sem o olhar diretamente, era deprimente demais. Mas ao menos o efeito de toda a bebida que ingeriu já havia passado, concluí, mirando seus passos firmes pelo corredor indo até o banheiro. Seus ombros largos, toda a sua altura, pois ele era um homem de porte físico avantajado, pareciam se tornar diminutos cada vez mais. A bebida estava acabando com ele.

Que merda!

Voltei a me sentar no sofá e depois de meia hora ele retornou de barba feita e roupas limpas.

— E então...? — Me apressei em dizer. Eu realmente não queria ficar por muito tempo em minha casa, era incrível como o lugar havia se tornado indesejável.

Era desconfortável estar lá, representava que eu ainda era o Dylan que fazia parte de uma gangue e roubava carros, eu não queria mais ser assim. Eu queria ser o Dylan que era em Campo Belo.

— Eu soube que houve alguma merda na fábrica abandonada. Você estava lá, não estava? Por isso foi embora.

Meu pai sabia que eu trabalhava para o Victor, nunca havia dito o que fazia, mas no fundo sabia que coisa boa não era.

— Na verdade eu já estava para ir.

PERIGOSAS NACIONAIS

A resposta não foi a mais sincera, todavia foi a que julguei ser melhor dar a ele.

— Por que queria ir embora?

— Ainda pergunta?

— Sei que aqui as coisas aqui não eram as melhores. Mas pelo menos você estava em casa, comigo...

A voz dele saiu baixa e tomada de receio. Me admirei por dizer aquilo.

— Eu estando ou não, nunca fez muita diferença, afinal você tocou sua vida como se eu não existisse desde que ela morreu.

A respiração dele foi profunda ao se sentar na outra ponta do sofá em que eu estava. Sabia que estava me olhando, mas eu não tinha vontade de olhar para ele, por isso deixei os braços sobre as coxas e apertei minhas mãos, mantendo minha atenção ora nelas, ora na cortina amarelada pelo tempo, da janela à minha frente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não me orgulho disso, Dylan. Eu só não sabia como faria.

— Pois é, não fez. Ou melhor soube, se enfiando na bebida. Mas já foi. As circunstâncias são outras, eu não tenho mais sete anos. Então tudo bem comigo. Eu só acho que você deveria fazer algo por você, sabe que desse jeito só vai de mal a pior.

Ele levou alguns segundos para falar, e quando fez isso outra vez me admirei com suas palavras.

— Eu senti sua falta quando se foi. Eu sinto todos os dias. Como você pôde me abandonar? Nem avisou que estava indo.

Poderia dizer que ele estava dormindo depois de beber tanto, e por isso não o avisei, mas apenas respondi:

— Eu precisei sair fora.

— Foi a confusão, então.

PERIGOSAS ACHERON

Concordei com a cabeça, continuava sem encará-lo.

— Jéssica me contou que você disse que estava bem e em um lugar longe daqui, que era muito bonito e tranquilo. Está em Campo Belo, não está?

Virei-me de súbito em sua direção.

— Não fale esse nome a ninguém de Esperança e em qualquer lugar, muito menos nos bares que frequenta — avisei-o entredentes.

Eu não queria que nenhuma suspeita sobre Campo Belo fosse levantada.

— Está escondido — constatou.

— Estou vivendo — contrapus. — Estou tendo uma vida normal. Bem diferente de tudo que fazia aqui. E não quero que ninguém saiba que estou lá.

Meu pai balançou a cabeça, sua expressão era atenta.

— Não se preocupe, eu não vou dizer nada. Como soube de Campo Belo?

— Uma carta que a mãe me deixou, só encontrei no dia que tive que ir embora — contei. — Segui o conselho que ela me deixou escrito — disse por fim.

Ele ficou nitidamente incomodado.

— Impressionante! — Levantou-se batendo as mãos no lado do corpo. — Mari não queria nem ouvir falar de Campo Belo, no entanto te fez ir para o meio daquela gente.

Atentei-me às suas mãos fechadas em punho, sinal de raiva. Eu imaginava o motivo, então eu disse:

— Sei que sua fama não é das melhores por lá. Sei que tem muita gente que olha torto, mas tem Livia e a família dela. Além do mais, estou gostando.

Sua cabeça se movia de um lado para o

PERIGOSAS ACHERON

outro.

— Aquele lugar foi o inferno na vida da sua mãe.

A voz dele estava pesada e triste. Concluí de imediato que o motivo para ele detestar Campo Belo ia além do que eu previa, e eu precisava saber.

— Na carta ela mencionou sobre um passado triste. O que houve, afinal? Você sabe, não sabe?

Busquei seu olhar, ele me encarou, seu cenho estava franzido.

— Claro que sei.

— Eu quero saber.

Suas mãos avançaram até seu rosto, elas deslizaram por várias vezes, ele abria e fechava a boca.

— Me conte — exigi, levantando-me.

— Mari foi estuprada pelo pai! — Senti um soco no estômago. — Ainda quando era só uma

PERIGOSAS NACIONAIS

criança e depois durante anos aquele desgraçado continuou a fazer. — Senti outro soco, diversos. Me retraí com o efeito deles, e com a respiração entrecortada voltei a me sentar. — É repugnante, não é? — Ele disse com dor e nojo. Eu sentia o mesmo. — E quer saber mais? A mãe dela sabia, assistia e deixava. — Meu estômago embrulhou e eu tive vontade de vomitar. Levei a mão à boca, ouvindo-o contar com raiva: — E mesmo depois de anos sem estar nas mãos daquele maldito, na presença dele e da mãe, Mari sofria. Eu tentei com todo o meu amor tirar isso dela, mas vez ou outra, aquele demônio vinha em seus sonhos e a perturbava. Entende o porquê de ser o inferno, aquele lugar?

Pressionei a mão fechada sobre o estômago que continuava embrulhado.

— Mas foi ela que me disse para ir para lá — falei aéreo. Estava atordoado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu pai estava à minha frente e seu estado não era diferente do meu. Aquilo o feria, claro que sim.

— Por isso não consigo compreender. Mas me diga, como se pode viver num lugar onde você sabe que alguém que você ama sofreu? Eu não suporto sequer lembrar de Campo Belo. Nem sua mãe suportava. Nunca mais voltamos lá, e mesmo que ela ainda estivesse viva, sei que nunca, jamais retornaria.

De tudo que falei com Livia sobre minha mãe e de tudo que ela contou sobre a amizade delas, nunca me disse nada sobre os pais da minha mãe. Será que estava escondendo de mim essa verdade, impedindo que eu soubesse para que não...

— Ele ainda vive lá? Eu vou matá-lo! — Vociferei, levantando-me. Com a raiva percorrendo cada parte do meu corpo, dei um chute na mesinha que estava ali.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não precisa mais fazer isso — olhei-o, confuso. — Hermann e Norma morreram há cinco anos. Quem me contou foi Livia, suas ligações eram poucas e não costumavam ser para dar notícias do lugar, muito menos dos pais da Mari. Mari já havia dito que não queria saber, e depois que sua mãe morreu as ligações acabaram, eu não era muito simpático, não tinha vontade de falar com ninguém. Mas houve o dia em que ela me ligou e contou o que havia acontecido. O carro que aquele desgraçado dirigia com a mulher ao lado perdeu o controle e caiu de uma ponte, não conseguiram se escapar e ainda bem que não. Morreram afogados, aqueles malditos. O fim que mereciam. Eu nunca me senti tão feliz por saber que alguém havia morrido. Mas fiquei ao saber deles.

— Por que nunca me disse nada?

— Sua mãe nunca quis falar nada para você.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu era uma criança, mas por que não dividiu tudo isso comigo quando já tinha idade?

— Eu continuei a seguir o pedido de Mari, deixar você longe de Campo Belo e daqueles desgraçados.

— Se ele estivesse vivo eu acabaria com ele! — Esbravejei passando a mão pelo rosto. Eu juro que queria ter a oportunidade de fazê-lo sangrar até morrer.

— Acha que eu mesmo não quis fazer isso? Não fiz porque sua mãe não deixou. Achou melhor esquecermos tudo. Mas você não pode ficar naquele lugar, Dylan. Se realmente precisa ficar longe daqui por um tempo, fique, mas Campo Belo tem a marca da dor mais profunda da sua mãe — ele falou. Era notável o quanto ele sentia raiva e dor.

— Então por que ela me disse para ir? Ela me pediu para fazer isso, disse que inclusive nós

PERIGOSAS ACHERON

dois deveríamos ir, se precisássemos.

Meu pai ficou diante de mim, com cautela elevou a mão até meu ombro, pressionou os lábios. Ele me olhava com arrependimento.

— Eu sei que tudo que aconteceu depois da morte da sua mãe, foi horrível, Dylan. Eu fui horrível com você. Mari se foi e levou minha parte boa. Eu não aguentei a falta dela — declarou cabisbaixo. — Não aguento. Mari me alegrava com sua risada, me dava força com sua perseverança, esperança em dias melhores, me estimulava a também confiar neles com a sua fé. Me mantinha vivo com o seu amor. Cada dia que abro os olhos e não a vejo ao meu lado na cama, me sinto sozinho, sem forças, destruído. E foi na bebida que eu me enfiei. Eu não queria, juro que não queria, mas fui fraco, eu sou um fraco.

Eu percebi como estava se esforçando para dizer tudo e as palavras silenciadas por anos me

PERIGOSAS ACHERON

encontraram com força, eu as senti em meu peito, que se apertou em compaixão por ele, então foi a minha vez de levar minha mão até seu ombro e dizer tudo que nunca foi dito.

— Nem sempre você foi fraco, pai. Nem sempre. Você era incansável. Eu me lembro disso, me lembro de seus dedos calejados pelas ferramentas, me lembro das suas roupas empoeiradas com a serragem da madeira, me lembro do cheiro dela que você sempre tinha. Recordo das vezes que tocava gaita e fazia minha mãe e eu sorrirmos com a alegria que aquilo nos causava. Posso recordar seu amor e cuidado com ela e comigo. Me lembro de você ao lado dela, em cada dia que minha mãe passou na cama. E ainda de você chorar na sala e nunca em sua frente. Você costumava ser forte, pai, costumava também ser o meu herói. Ainda pode fazer isso. Eu sei que pode, volte a ser forte, vença esse vício maldito, tente

PERIGOSAS ACHERON

encontrar outras saídas para enfrentar a dor que sente pela morte dela. Aposto que era isso que a mãe ia querer. Sabe... se quiser eu te ajudo, ainda podemos ter uma vida boa. Ainda há tempo para nós.

Depois que falei a última palavra, percebi o quanto o rosto do meu pai estava molhado por lágrimas, me dei conta que o meu também.

— Eu quero! Não imagina o quanto desejo ser forte, tentar outra vez. E, principalmente, ter outra chance com você, meu filho.

— Podemos fazer isso, pai. Volte comigo!

— Para Campo Belo?

Assenti.

— Eu nunca vou para aquele lugar. Nem você deve voltar! — Exclamou nervoso, esfregou a mão no rosto e abrandou a voz ao dizer: — Mas podemos ir para qualquer outro lugar.

— Eu sinto muito, no entanto eu não quero

sair de Campo Belo.

— Mesmo depois de saber tudo isso?

Ele estava ressentido. Todavia eu estava seguindo o pedido da minha mãe.

— Foi a mãe que desejou que fôssemos, ela deixou isso claro na carta. Comentou que o lugar foi seu inferno por anos, mas poderia se tornar nosso paraíso. E tem mais, aquele maldito sequer vive lá, *sequer vive* — enfatizei.

— Há mais dele em Campo Belo do que você possa imaginar — resmungou. Franzi a testa, mas em seguida ele emendou: — Como está sendo? Afinal, aquele lugar é totalmente diferente daqui.

— Me adaptei à nova rotina e até voltei a estudar — contei.

— Isso é bom. — Ele sorriu. O senti feliz de verdade com a informação.

Ponderei se deveria dar outra notícia e acabei dando:

— E... além do mais... há uma garota. Eu me apaixonei. Isso nunca aconteceu antes. E eu não sei o que vai dar, mas quero tentar. Ela é especial.

Seu sorriso se estendeu um pouco mais, no entanto logo depois seus lábios se tornaram uma linha reta.

— Tudo bem. Ficaremos do jeito que estamos. Pois, infelizmente, para Campo Belo eu não vou. Se consegue viver num lugar marcado pela dor da sua mãe que seja — voltou a insistir nesse ponto, mas eu não me sentia mal por isso. Senti raiva e pena da minha mãe por saber de tudo. Ainda assim, sentia que estava fazendo o certo em voltar para Campo Belo.

— Olha, pai... — quis dizer mais alguma coisa sobre isso, mas ele tocou em meu ombro, no sinal que tudo bem.

— Eu já entendi, Dylan. E pela forma como seus olhos brilharam ao falar dessa garota, sei que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nada vai tirar da sua cabeça a ideia de ficar lá. Eu entendo que quando o coração da gente encontra alguém especial não quer ficar longe.

— Jéssica me disse que você esteve doente.

— Efeito de toda a bebida.

— Deveria se cuidar. Pelo menos, tente viver sem isso.

— Eu tenho tentado viver sem a minha esposa e agora sem meu filho, não me restam muitas opções. Bom, vivemos assim até agora, não é? Enfim, Dylan. Se você está feliz, eu fico feliz. Só desejo que a sua decepção com aquele lugar não aconteça. Campo Belo é uma cidade que acoberta os poderosos, enquanto inocentes sofrem calados.

— Por que diz isso?

— Sua mãe buscou por ajuda, só que ninguém ousou ajudá-la. Deixa isso pra lá, nada vai mudar o que aconteceu mesmo... Quer comer alguma coisa? Eu tenho pizza no congelador.

PERIGOSAS ACHERON

— É, pode ser.

Depois disso eu tomei um banho enquanto ele colocava a pizza para assar, e quando nos sentamos à mesa, fizemos uma refeição com uma conversa fluída. Eu contei a ele sobre meus dias em Campo Belo, ele tinha algumas novidades, como seu trabalho fixo na marcenaria e ainda me disse acerca do que aconteceu na fábrica, ninguém comentou por muito tempo, perguntei dos funerais, mas ele não sabia de nada.

O dia já estava amanhecendo quando nos despedimos, dei-lhe um abraço apertado sem dizer mais nada. E então fui até a porta do apartamento de Jéssica. Se sua rotina permanecia a mesma, sabia que ela já estaria acordada, senti o aroma de café e tive certeza. Dei três batidas leves, era nosso código desde crianças. A porta se abriu e Jéssica se jogou em meus braços.

— Que saudade! — Ela me apertou.

— Também senti.

— Entra, acabei de passar café. Tenho um tempinho ainda até ir para o trabalho.

O apartamento era do mesmo tamanho e divisões iguais ao meu, só que arrumado e cheirando bem.

— Eu fico feliz que esteja bem — Jéssica disse com carinho.

Apoiado no batente da porta da cozinha e bebendo o café, contava a ela como estava indo minha vida e reparava em seu corpo encostado no armário da pia, ela parecia ter perdido alguns quilos desde que nos vimos pela última vez, e a expressão em seu rosto era de cansaço. Sempre teve o ritmo de dormir tarde e acordar cedo, desde bem jovem trabalhava para ajudar no sustento dela e da avó.

— Jess, você já pensou em sair de Esperança?

A pergunta a fez pausar o movimento de

PERIGOSAS ACHERON

levar a xícara à boca.

— Não. Nunca pensei nisso.

Estreitou os olhos.

— Poderia ir para Campo Belo — falei.

Ela riu.

— É sério. Aposto que sua avó iria gostar.

Falando nisso, ela ainda está dormindo? — Jéssica fez que sim. — Dona Abigail sempre foi de acordar cedo — observei.

— Anda mais preguiçosa — Jess sorriu. — Cansada na verdade, dores da idade... essas coisas.

— Mais um motivo para sair daqui. A natureza faria bem a ela. Poderia trabalhar com crianças lá também.

— Consegui a bolsa na universidade — contou, trocando o rosto esmorecido para feliz.

— Nossa! Isso é ótimo, Jess. Parabéns!

Larguei minha xícara sobre a mesa, fui até ela e a abracei. Jéssica era babá, mas o que queria

mesmo era ser professora, eu estava feliz por ela dar o primeiro passo para realizar seu sonho.

— Apesar de tudo, esse é o meu lugar. E como professora vou poder, de alguma forma, fazer algo pelas crianças de Esperança. Quero lecionar aqui. Tentar realizar mais que isso, um projeto social, talvez.

— Entendo. Vai conseguir. Você é a garota mais determinada que eu conheço. — Ela sorriu com timidez — Namorando? — Perguntei.

— Eu... — arregalou os olhos. — Claro que não.

Dei de ombros.

— Se fosse para Campo Belo, te apresentaria um amigo. Ele é bem estiloso.

Ri ao lembrar de Thomy e lembrei também que o celular — que eu quase já não usava em Campo Belo, apenas para tirar algumas fotos — estava em meu bolso e eu tinha umas boas imagens

de Thomy para mostrar a Jess.

Num sábado quente de verão, fomos Thomy, Letícia e eu a uma sorveteria no centro da cidade e eu registrei o projeto de caubói e meu amigo fazendo suas caras mais “sensuais” (palavra dele). Ridículas, na minha concepção, enquanto lambia o sorvete.

Puxei o celular do bolso, busquei na galeria as fotos dele e entreguei o celular a ela.

— Esse é o Thomy.

Ela ria enquanto passava as fotos.

— Tem personalidade, o rapaz — comentou revirando os olhos.

— Ah, ele é gente boa — acrescentei. Ele era mesmo. Quanto mais o tempo passava, mais eu percebia o coração puro de Thomy.

— Quem é ela? — Jess perguntou franzindo a testa, concentrada no celular — Hum, pela sua cara aqui nessa foto, já até imagino.

Foi a minha vez de franzir a testa, Jess virou o celular para eu olhar. E lá estava ela — Letícia. O meu lírio mais preferido ao meu lado. Pedi a Thomy que tirasse uma foto nossa, antes porém eu perguntei a Letícia se podia, sorrindo disse que sim. Então eu passei o braço atrás de sua cadeira, e confesso que quase juntei o meu rosto ao dela.

— Ela é Letícia.

Suspirei. Estava com saudade dela.

Jess se manteve a deslizar o dedo pela tela do celular. Havia várias fotos de Letícia, algumas tirei sem que percebesse. E eu adorei vê-la sorrindo feito criança diante de uma grande e colorida taça de sorvete. E enquanto eu a olhava, só pensava o quanto seus lábios deveriam estar doces e frescos por conta do sorvete.

— Tanto ele quanto ela parecem ser boas pessoas — Jess falou me entregando o celular.

Olhei a foto que estava no visor. Um *selfie*

PERIGOSAS NACIONAIS

de nós três fazendo uma careta divertida.

Sorri.

— São sim, são meus amigos lá.

— Você merece estar feliz, Dylan.

— Obrigado, você também. Por isso, se algum dia achar que talvez aqui não seja mais o seu lugar, não hesite em mudar, algumas mudanças às vezes são boas.

— Você que o diga, não é? Estou até te achando mais gordinho — brincou.

Levei a mão à barriga e acho que estava mesmo. A comida de Livia era deliciosa.

— Se cuide, Jess. — Abracei-a uma vez mais ao me despedir.

— Me cuido e você também, se cuida. E não esquece de me convidar para o casamento. — Afastei-a dos meus braços e a fitei. — Nunca te vi suspirar por uma garota — ela concluiu erguendo os ombros.

PERIGOSAS ACHERON

E Jess tinha total razão, o que me motivou a afirmar:

— Você será a primeira a saber quando acontecer.

Foi bom reencontrar Jess, ela continuava a ser minha melhor amiga, sempre seria. E foi bom também ter a chance de conversar com meu pai. Avaliei que a minha ida rápida a Esperança, no final dos constas, tinha sido positiva. Quando entrei no ônibus com destino a Campo Belo, eu não me sentia como da outra vez — com aquele medo idiota do que aconteceria comigo, ao contrário, me sentia seguro. Eu estava indo para onde eu deveria e queria ir. Ainda mais depois de me atualizar das coisas em Esperança, eu podia ficar tranquilo e em paz no meu refúgio.

Olhei o horário no celular, marcava 7 horas, eu estava contando os minutos para ver Letícia, entretanto, o ônibus que consegui pegar naquele

PERIGOSAS ACHERON

horário da manhã fazia um trajeto mais longo do que aquele que me levou pela primeira vez. Então eu ainda tinha pelo menos mais treze horas pela frente. Dessa vez, antes de embarcar, usei o telefone público para avisar a Livia que estava indo — ela tinha dito que cortaria minha orelha se eu não desse notícias, achei melhor não arriscar.

Tirei o lenço de Letícia de dentro da mochila, fechei os olhos querendo dormir e querendo sonhar enquanto inspirava o seu perfume. Consegui, só fui acordar quilômetros à frente, numa das paradas. Decidi descer, comprei um café; enquanto eu o bebia, fiz o que nunca tinha feito: entrei em algumas das lojinhas e comprei algumas lembranças, eu tinha para quem dar. Eu tinha uma família esperando por mim, tinha também Letícia. E eu já podia imaginar o seu sorriso ao ver o que eu havia lhe comprado; um dos presentes era mais que justo que eu desse e, ao me deparar com ele, fiquei

PERIGOSAS ACHERON

impressionado pela coincidência, já o outro era algo sobre ela e o que gostava de fazer.

Capítulo 14

Dylan

Quando o ônibus parou na praça de Campo Belo passava das oito da noite; o centro, que já não era um dos mais movimentados, contava apenas com poucos carros transitando e pessoas esperando justamente por outras que estavam chegando no mesmo ônibus que eu. Diferente da outra vez, tive pressa em descer, diferente também foi a recepção, pois, claro, Thomy não estava lá, mas para minha surpresa havia alguém me aguardando, era Cristian.

— Fez uma boa viagem? — Indagou, dando-me um abraço.

— Fiz sim. Obrigado — respondi admirado.

E ainda permaneci assim, vendo Cristian se afastar indo para a sua caminhonete que estava

PERIGOSAS NACIONAIS

estacionada perto. Fiquei paralisado e surpreso com seu abraço. Nós estávamos nos dando bem, mas nunca rolavam abraços.

— Anda, garoto! Vamos para casa. — Cristian chamou, parado ao lado da porta aberta do carro.

Saí da inércia e encurtei a distância correndo, ocupei o banco do carona sentindo os efeitos do que três palavras fizeram a mim “vamos para casa”.

Aquilo significava tanto para um garoto que aos sete anos viu sua família se desfazer. E nem foi quando minha mãe morreu, pois, afinal, meu pai e eu poderíamos ter continuado a ser uma família, porém por causa da válvula de escape que encontrou para lidar com a dor, me abandonou. Pior do que perder a mãe para uma doença fatal quando se é apenas uma criança, é perder o pai a cada dia para um vício. Minha maior dor era essa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A luz alta do farol da caminhonete ajudava a iluminar a estrada de chão que era banhada por luzes fracas e amareladas dos postes espaçados a cada meio quilômetro. Não era a melhor iluminação para um trecho tão sinuoso como era aquele caminho para área rural de Campo Belo, mas Cristian demonstrava conhecer cada curva, cada trecho, e foi num deles que eu tive curiosidade em saber:

— Já houve algum acidente? — Perguntei.

— Do jeito que é isso aqui, até que acontece pouco.

— E na ponte?

— Já — respondeu rápido, mas depois me olhou brevemente com a testa franzida.

Ele entendeu de quem eu estava falando.

— Você o conheceu? — Questionei.

— Quem em Campo Belo não conhecia o alemão Hermann Boehnen?

PERIGOSAS ACHERON

— Mas você conhecia o que todo mundo conhecia ou quem ele era de verdade?

— Dylan, essa conversa está estranha, eu conhecia como todo mundo conhecia. Você está com fome? Lívia fez sobrecoxas de frango hoje no almoço, ela guardou para você.

“Campo Belo é uma cidade que acoberta os poderosos, enquanto inocentes sofrem calados”, relembrei o que meu pai disse e infelizmente, ao visto ele tinha razão. Cristian havia fugido do assunto.

— Como amanhã, estou sem fome.

Passei o resto do trajeto em silêncio, só voltei a falar outra vez quando chegamos em casa. Havia só a luz da varanda acesa, Lívia e as crianças já deveriam estar recolhidas e por isso disse a Cristian que deixaria para dar um olá a eles no dia seguinte.

— Tudo bem — ele respondeu. — E,
PERIGOSAS ACHERON

Dylan, não quer mesmo comer?

— Obrigado.

Ele assentiu, quando estava no primeiro degrau o chamei, ao se virar pedi:

— Será que posso usar a Carmela?

Carmela era a caminhonete velha que eu havia arrumado, esse era o nome dela.

— Vai sair agora?

— Gostaria.

— Vá com essa. — Cristian arremessou a chave da caminhonete, a peguei no ar. — Vai que Carmela decide empacar outra vez.

Eu ri.

— Confio no meu trabalho, ainda assim, melhor não arriscar. Obrigado — acenei.

Entrei no carro, dei partida e fiz meu caminho pela estrada novamente, ao me aproximar do portão da casa de Letícia, desliguei os faróis. Eu não tinha certeza se deveria estar lá naquele

horário, não tinha certeza também se ela ainda estava acordada, mas quis tentar. Queria tanto vê-la. Porém, depois de ficar diante do portão, pensei que a ideia era absurda. Como faria para chamá-la? Seu pai, mesmo depois que fomos apresentados e passei a frequentar seus cultos todos os domingos, continuava a me olhar com desconfiança e a esposa dele não ficava diferente disso.

Desci e fiquei encarando a casa que ficava alguns metros para além do portão de entrada, havia um gramado e algumas árvores, onde o vento passeava com calma entre os galhos, emitindo o som das folhas batendo umas nas outras, este e o canto de alguma cigarra escondida no mato à beira da estrada eram os únicos sons que se juntavam ao da minha respiração nervosa e, se bobear, até a batida do meu coração poderia ser ouvida.

Enquanto pensava se avançaria o portão que não havia cadeado algum — aliás os portões de PERIGOSAS ACHERON

Campo Belo eram desprovidos desse objeto de segurança, pois não precisava —, reparei, com a ajuda da luz de um poste localizado dentro do terreno próximo à casa, o quanto ela era bonita. Era de madeira como a de Livia, mas enquanto a de Livia era pintada de branco, essa era toda envernizada. E ainda maior e com um aspecto mais robusto. Era um estilo sobrado, e além de janelas de tamanho comuns, havia as que eram como portas-janelas que davam para a varanda que ladeava toda a parte superior da casa, julguei que estas portas-janelas seriam as dos quartos. Mas qual desses janelões de veneziana era o de Letícia? Perguntava-me atordoando quando vi um corpo peludo e dourado sair de dentro da casa.

Sunshine.

Ela foi até o poste, qual cachorro não gostava de um, não é mesmo?

Encorajai-me a passar pelo portão e chamei

baixinho.

— Sunshine?! — Repeti, até que ela ouviu e ficou atenta ao chamado. — Aqui, garota!

Ela latiu.

— Shhh — fiz enquanto ela vinha até mim e eu também dava um passo a mais dentro do terreno.

Eu me abaixei e afaguei sua cabeça, ela recebeu o carinho como se estivesse com saudade.

— Também senti saudade — deslizei a mão um pouco mais em seu pelo macio e, segurando em seu pescoço, encarei seus olhos cor de mel e disse: — Preciso da sua ajuda. Quero falar com Letícia.

Sunshine soltou um ganido baixo e inclinou a cabeça.

— Como faremos isso, hein? Precisamos ser silenciosos — ela era uma cachorra esperta, sei que daria conta, só precisava que Sunshine levasse algum sinal, então, lembrei-me de um dos presentes

que havia comprado para Letícia, serviria perfeitamente.

— Me espere aqui, eu vou até o carro e já volto.

Fui até o carro com pressa e de olho em Sunshine, mas ela sequer se moveu do lugar. Peguei na mochila o presente e o tirei da embalagem, era uma pena ter que desfazê-lo antes de Letícia, a moça da loja havia caprichado no embrulho, de qualquer forma ainda restava o outro, este pelo menos ela abriria, embora queria que fosse na colina, então o deixei dentro da mochila para dar no dia seguinte.

Corri até Sunshine.

— Sunshine, entregue isso para Letícia — falei sustentando o lenço em sua frente. Ele tinha estampa de lírios, tal como aquele que Letícia havia esquecido e eu nunca devolvi. — Vou colocar na sua coleira, porque não quero que ela receba um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

presente todo babado, mas faça com que ela note — expliquei e ajustei o lenço na coleira de Sunshine — Sei que consegue, vá lá, garota!

Ela latiu com expressão atenta.

— Shhh — levei o dedo à boca. — Não esqueça, seja silenciosa.

Dei um último afago em suas orelhas e ela seguiu com a missão, enquanto eu aguardava; torcia para que desse certo.

Não sabia quanto tempo tinha se passado, mas eu já tinha trocado o peso do corpo de uma perna para outra uma porção de vezes quando vi Sunshine surgir outra vez na varanda e, no instante seguinte, Letícia. Ela olhou de um lado para o outro e foi então que me viu, mesmo que de longe pude perceber sua expressão surpresa e o lenço em sua mão, foram breves os segundos que Letícia ficou parada me olhando.

Começou a andar em minha direção e eu adorei o

PERIGOSAS ACHERON

fato de ela não hesitar. Observei-a; estava com uma calça preta justa ao corpo, e em compensação a blusa de tecido grosso de mangas longas era larga e comprida, ultrapassando o seu quadril, nos pés a pantufa demonstrava que tão logo percebeu o que Sunshine havia-lhe levado, sequer tomou tempo colocando um outro calçado.

Conforme se aproximava, eu percebia sua expressão de surpresa passar para algo ansioso, tímido e até entusiasmado, ela mordida o lábio inferior ao mesmo tempo que me encarava. E como eram lindos aqueles olhos arredondados, aquele rosto delicado emoldurado pelo longo cabelo caído para a frente dos ombros!

Como era perfeita.

Senti-me nervoso, as mãos guardadas no bolso da blusa de moletom por causa da temperatura baixa, no entanto estavam suadas e quentes, o coração batia acelerado, cheio de

PERIGOSAS ACHERON

saudade e de tantos outros sentimentos que me davam as mais incríveis sensações. Eu nunca havia experimentado estar apaixonado, mas gostava de como a cada dia passava a me sentir em relação a este novo sentimento em minha vida.

— Oi — sussurrei quando Letícia parou diante mim. Ela sorriu e ergueu o lenço, franzindo a testa em questionamento.

— É pra você — expliquei, ela desviou a atenção para o lenço, analisando-o. — Gostou? — Questionei.

Ela se tornava um tanto indecifrável e eu, inseguro.

— Uhum.

Droga! Será que ela havia voltado para o seu modo silencioso? Será que estava incomodada por eu estar ali? E que porra eu pensei que estava fazendo, afinal? Ao ir atrás dela naquela hora da noite, penitencie-me.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que já está tarde. A gente se fala amanhã — disparei e dei as costas.

— Dylan?!

Fechei e apertei os olhos, antes de me virar. Eu ficava desconcertado toda vez que o meu nome rolava em seus lábios.

— Sim?

— Eu adorei.

Ela sorriu.

— Que bom.

Eu respirei.

— Eu tinha um como este, com a estampa de lírio, mas perdi. Obrigada.

Você não o perdeu de verdade, ele está comigo, observei. Mas eu não disse isso a ela. Eu não sabia sequer o que deveria falar, os pensamentos não pareciam estar muito conexos, com aquela enxurrada de sensações.

Tentei dizer:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acabei de chegar e vim... — minhas palavras sumiram no ar frio.

— Me... ver? — Ela completou com uma pergunta e com timidez.

— Sim. Te ver — afirmei.

— Fez boa viagem?

— Sim, foi tudo bem.

Letícia sustentou seu olhar no meu, compreendi que talvez estivesse tão nervosa quanto eu.

— Que bom que voltou — revelou de um jeito como se estivesse tensa com o risco de isso não acontecer.

Mas claro que voltaria, e como eu desejei chegar em Campo Belo para poder encontrá-la! Desde que ela saiu pela porta da casa, a vontade de lhe abraçar ia ficando cada vez mais forte.

Inspirei profundamente.

Eu ia fazer isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dei dois passos à frente no mesmo momento que Letícia, e assim eliminamos a distância que nos separava. Notei sua íris se mover, percorrendo meu rosto, em busca de algo.

Daria a ela a afirmação que talvez procurasse.

— Eu senti sua falta — declarei. Ela cedeu os ombros. — Senti muita, na verdade — enfatizei, a respiração tornando-se pesada e acelerada.

Estiquei a mão diante do seu rosto.

— Posso?

Letícia inclinou a cabeça até que sua bochecha se aconchegasse na palma da minha mão. Ela buscou pelo toque, e aquilo foi demais. Acaricieei a parte alta de sua face, próximo à têmpora; eu fui percorrendo até o cabelo, seus olhos se fecharam e eu via através do tecido da sua blusa o seu peito subir e descer de forma rápida.

— Eu também senti sua falta — ela arfou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Letícia...

— Me abraçe, Dylan. Me abraçe.

Não hesitei e a puxei para mim.

Meu corpo relaxou e o dela também a partir do momento em que a evolvi em meus braços, era mais que uma vontade mútua, era uma necessidade. Seu rosto se aconchegou em meu peito e eu não me importava que ela estivesse ouvindo o quanto o meu coração dava verdadeiros galopes. Roci os lábios nos fios de seu cabelo, como era macio e cheiroso, tinha o perfume de lírio e eu sentia que essa fragrância se tornava a minha preferida no mundo inteiro e eu sentia que queria Letícia mais do que tudo. Diria isso a ela naquela noite, com certeza eu diria, mas eu apenas queria a manter em meus braços por mais tempo antes de quebrar o silêncio. No entanto, o silêncio foi quebrado, e não foi por nenhum de nós dois, e sim pelo pai de Letícia.

PERIGOSAS ACHERON

Quando ouvimos a sua voz na primeira vez que ele chamou Letícia, deveríamos certamente ter nos afastado de imediato, mas a força que nos matinha juntos um do outro era mais forte que tudo.

— Letícia! Entre — ele ordenou, parando ao nosso lado. E só então, devagar, cedemos ao abraço.

Ela me fitou antes de ir e não havia outra coisa em seu olhar do que felicidade. Nem o tom áspero de seu pai quebrou o encanto do que aquele abraço tinha feito a nós dois. Da varanda, Letícia acenou para mim e eu para ela, estávamos sorrindo. E foi ostentando um sorriso imenso e bobo que me dei conta que o homem se mantinha diante de mim e me encarava de cenho franzido. O sorriso continuou enquanto eu reparava no seu pijama cinza-claro de flanela, a cor dele combinava com o seu cabelo. Germano não deveria ter mais de cinquenta anos, mas seus cabelos eram quase todos

grisalhos.

— Escute, rapaz...

Meu sorriso sumiu.

— Dylan — eu disse, interrompendo-o. Não fui áspero nem nada, só queria lembrá-lo do meu nome, caso tivesse esquecido. — Meu nome é Dylan Vainat, pastor Germano — arrematei, demonstrando minha boa educação. Eu tinha e sabia usá-la quando preciso.

Ele assentiu e eu pude perceber que o vinco da sua testa se desfez, Germano não pareceria querer um embate, mas sim uma conversa séria.

A teríamos.

— Escute, Dylan. Letícia não é como as garotas que você costuma conhecer.

— Não. Ela não é. E eu sei disso. E talvez seja importante o senhor saber que meu único objetivo é fazer bem a ela e não o mal.

— Não pense que eu não tenho percebido

seus olhares para ela durante o culto e não pense que eu não percebi que ela...

— Fala sempre que está comigo? — Interrompi-o. — Sim, ela fala. Que ela tem se comportado de forma mais segura na escola? Que Letícia tem sorrido, se divertido?

— Até quando? Até você ir embora? Letícia não precisa de uma ilusão, muito menos decepção.

Germano estava preocupado com a filha, era natural.

— Pois bem, eu entendo a sua preocupação de pai, por isso, eu devo informar ao senhor que, primeiro: eu não vou embora de Campo Belo. E segundo: não faz parte dos meus planos iludir ou decepcionar sua filha, eu não sei o que a fez se calar, mas suspeito que ela já tenha esgotado suas cotas de decepção na vida. Não estou disposto a contribuir para isso. Estou disposto a fazer com que ela fale mais, sorria mais e viva mais feliz. É isso

que importa, afinal, não é?

— O que te trouxe para Campo Belo? O que veio fazer aqui?

Ele ignorou minhas palavras e me lançou perguntas em um tom desconfiado que eu não gostei, no entanto eu continuaria a permanecer com o tom aprazível.

— Eu não sei se o senhor sabe, mas minha mãe morou aqui. Acho que é natural que tivesse o desejo de conhecer e passar a morar nesta cidade.

Acabei mencionando que minha mãe era de Campo Belo, mas depois julguei que não deveria ter dito. Eu realmente desconfiava que Germano não soubesse. Lívia apenas me apresentava dizendo meu nome, deixando de lado quem eram os meus pais. Eu nunca achei ruim, talvez fosse melhor assim, eu já era julgado pela minha aparência, carregaria também o peso da história da garota que foi roubada pelo forasteiro. No entanto, havia uma

PERIGOSAS ACHERON

pessoa que sabia quem de fato eu era — Thomy.

— Eu sei que você é filho da Mari. — Germano disse e senti um certo amargor em sua voz ao completar: — E é também daquele homem que a levou daqui.

Bom, pelo visto Thomy havia contado, ou parando para pensar, até Livia ou Cristian poderiam ter dito algo sem eu estar por perto. Enfim, não tinha como eu saber e não estava motivado a ficar falando disto.

— A história não é bem assim, mas não vem ao caso — arrematei. — O assunto aqui é Letícia e eu. E eu vou ser bem sincero, por enquanto tudo que existiu entre nós dois foi apenas amizade, mas eu estou gostando muito dela e gostaria que pudéssemos namorar. Eu acho que ela também quer isso, então, quando tiver a certeza dela, sei que devo vir aqui pedir sua autorização — falei seguro. Eu seria capaz disso e muito mais para

PERIGOSAS ACHERON

poder ficar com Letícia.

Germano tentou disfarçar, porém eu o percebi supresso com tudo que eu havia dito.

— Costumamos levar as coisas a sério aqui, Dylan — avisou.

Assenti.

— Eu também. Nada do que eu disse foi brincadeira.

Seus olhos se estreitaram me observando por segundos e depois ele estendeu a mão e disse:

— Sabe onde me encontrar.

Pelo jeito o homem considerou ceder seu comportamento desconfiado comigo, concluí diante de seu cumprimento e de suas palavras.

— Em breve voltaremos a conversar, pastor Germano — garanti soltando sua mão. Sem nada mais a ser dito, fui embora.

Quando entrei na casa da Lívia para devolver a chave do carro, ainda sentia toda a
PERIGOSAS ACHERON

adrenalina percorrendo meu corpo por ter visto Letícia e por vislumbrar um avanço em nossa relação de amizade para namoro. Abri a porta com cuidado a fim de não fazer barulho, a claridade que vinha da lâmpada da varanda foi o suficiente para me guiar pela sala até onde ficava o porta-chaves, na parede ao lado da porta de correr da cozinha. E foi exatamente quando colocava a chave no pequeno ganchinho que eu ouvi algo que fez o meu corpo enrijecer.

— Nós deveríamos contar, o garoto tem o direito... — Cristian dizia, mas tive a impressão de que algo o fez silenciar de repente.

Escutei um estalar de lábios, em seguida a voz de Livia ressoou baixa:

— Eu não quero falar disso agora, Cris. — O som se repetiu e eu compreendi que era o som de beijo. Me apressei em sair e fui cuidadoso para não ser notado. Do lado de fora, soltei o ar que estava

represado.

Apesar das noites de temperaturas amenas, o outono ainda não tinha me feito desistir do celeiro, continuava a dormir na cama de mola e acompanhar aquela pequena aranha que continuava a tecer suas teias. Fitava o teto, observando a teia próxima à lâmpada, esta era a maior de todas; fios e mais fios se ligando, entrelaçando.

Aquilo que Cristian dizia era sobre mim. O que era que eles deveriam me contar e eu saber é que não fazia ideia. Mas concluí que eu tinha uma enorme teia diante de mim a ser desvendada, e eu iria saber em qual ponto cada fio se ligava e entrelaçava.

Eu só não poderia imaginar o quanto essa teia era complexa.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 15

Letícia

Naquela manhã seguinte à noite em que Dylan chegou de viagem, eu me sentia diferente, especial, era uma sensação tão gostosa que eu não conseguia parar de sorrir. Os primeiros raios de sol da manhã eram recebidos dentro do meu quarto e refletiam no espelho em que eu me olhava. Eu já estava de calça jeans, tênis, camiseta básica manga curta e um casaco leve e terminava de me aprontar colocando o lenço que Dylan havia me dado.

Suspirei.

Eu ainda sentia o abraço que recebi dele na noite anterior, o toque da sua mão no meu rosto, ouvia sua voz dizendo que tinha sentido minha falta e ouvia as batidas rápidas de seu coração.

Suspirei, suspirei e suspirei... Eu não conseguia parar de suspirar e nem de sorrir.

Dei, por fim, um delicado nó com as pontas do tecido que envolvia o meu pescoço, quando senti o peso de um olhar sobre mim. Ergui a cabeça e vi, através do espelho, Jaqueline encostada no batente da porta, com os braços cruzados.

O olhar dela encontrou o meu.

— Você não acha que ele está realmente interessado em você, acha? — Disse repuxando o canto da boca como se fosse um verdadeiro absurdo Dylan ter algum interesse por mim.

Não respondi, não gesticulei, ignorei.

— Não fique brava, eu apenas estou querendo abrir seus olhos para algo que é uma realidade. Eu me preocupo com você.

Ela tinha mesmo falado aquilo?

Avancei até a escrivaninha e, ao pegar a mochila, aproveitei do instante para respirar fundo,

concentrei minha mente nas gotículas do orvalho que começavam a deslizar e se desfazer com o calor do sol no vidro da janela que estava à frente.

Eu não deixaria que Jaqueline estragasse o meu dia, muito menos meu humor, coloquei a mochila no ombro direito e fui até a porta, ela se mantinha parada me observando.

— Dylan parece ser um cara bem experiente, se é que você me entende — ergueu as sobrancelhas e enfaticamente continuou: — E você não pode oferecer a ele coisas que certamente Dylan procura em uma garota, sejamos sinceras, Letícia. Você nunca sequer beijou.

Encarei-a, mordendo o lado interno das minhas bochechas, eu sabia que estava com a testa franzida dando a ela a minha expressão raivosa.

— Depois não diga que eu não avisei — falou por fim e saiu da minha frente.

Fechei os olhos; inspirei e expirei. Eu não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

queria dar importância a nada que Jaqueline tivesse dito, não queria sentir o peso das palavras, mas infelizmente eu senti um peso nos ombros, e não era da mochila. Reuni minhas forças e descí as escadas, ao me aproximar da cozinha, ouvi meu pai dizer:

— Pode ser bom para ela, Josi. Letícia nunca se interessou por ninguém, aquilo tudo que aconteceu a ela...

— Eu sei bem o que aconteceu a Letícia, mas nem por isso precisa aceitar o primeiro que aparece, ainda mais quem.

Avancei até a porta, eles estavam sentados à mesa, meu pai na ponta de costas para mim e minha mãe numa cadeira da lateral, com a atenção nele. E nenhum dos dois percebeu que eu estava ali, portanto continuaram a falar.

— Ele me pareceu sincero. — Meu pai argumentou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu já disse que não quero e vou tratar de proibir Letícia de falar com ele.

Vi as bochechas da minha mãe ficarem vermelhas. Quando sentia raiva, o rubor em sua face era instantâneo, a minha também era assim e eu estava com raiva por ouvir ela falar aquilo.

— Isso tem a ver com a...

— Não fale o nome dela dentro da minha casa — mamãe interrompeu entredentes.

— Deus, Josi! Ela já está morta e você ainda implica.

— Talvez por ela ter sido sempre a sua primeira opção?

— Eu me casei com você, temos uma família e você ainda insiste em falar essas coisas.

Minha mãe notou que eu os assistia. Pigarreou, se levantou e, indo até a pia, disse:

— Vem tomar café, Letícia.

Meu pai se virou no mesmo instante.

PERIGOSAS ACHERON

— Bom dia, filha! — Ele sorriu de uma forma acolhedora.

Tomei meu café da manhã como geralmente fazia — em silêncio. Porém, a mente não parava de trabalhar querendo compreender que conversa (ou quase discussão) tinha sido aquela entre meu pai e minha mãe.

Quem é ela? De quem estavam falando?

E por que estava associada a Dylan? Seria a mãe dele? Eles moraram em Campo Belo, será? Por isso Dylan veio para cá? Ele não me disse nada sobre isso, apenas que a mãe havia morrido, e do pai me contou seu problema com a bebida.

No ônibus escolar, estava ansiosa para que chegasse a próxima parada onde Dylan entraria, mas isso não aconteceu. Ele não estava no ponto. Estranhei e me decepcionei ao mesmo tempo. Olhei brevemente para trás onde Jaqueline estava sentada, ela sorriu e esticou as sobrancelhas. Eu sabia o que

PERIGOSAS ACHERON

aquela expressão dizia: “eu avisei”, “ele não é para você”, “ele não está interessado em você”. Minha irmã tinha de estar errada, tinha.

Algumas paradas adiante, Thomas entrou, pescoceou em busca de onde eu estava, sentando-se ao meu lado, e comentou:

— Ué, o que houve com o Dylan, será?

Ergui meus ombros.

Também queria saber.

Já haviam passado pelo menos uns 15 minutos da primeira aula quando uma leve batida à porta fez a professora de matemática parar a correção dos exercícios, ela foi até a porta e a abriu, revelando Dylan.

A turma toda em silêncio permitiu que eu o ouvisse.

— Desculpe, professora, posso entrar? — Perguntou, deslizando a mão pelo cabelo que estava com a aparência de recém-lavado.

A professora sinalizou que sim e deu espaço para ele entrar.

— Começamos há pouco a correção dos exercícios — ela avisou em seguida.

— Tudo bem, professora. Obrigado.

Dylan começou a andar em direção ao seu lugar, segurei firme a caneta entre os dedos e contornei várias vezes o número 9 que havia escrito e desta forma não fiquei olhando para ele. Se isso acontecesse, talvez notaria a demasia da minha euforia em cada linha do meu rosto por finalmente tê-lo junto a mim na sala de aula, não que eu me importasse que ele soubesse disso, é só que talvez isso também demonstrasse o quão desesperada eu estava sem ele. Poderia soar algo exagerado, achei por bem evitar.

Entretanto, eu podia sentir que sua atenção estava em mim, principalmente quando passou ao lado da minha mesa, foi então que eu o olhei.

Dylan curvou o canto dos lábios em um sorrisinho torto, percebi seu olhar recair no meu pescoço, ele sorriu um pouco mais e deu uma discreta piscadinha, sei que minhas bochechas ficaram rosadas enquanto eu lhe correspondia com um sorriso que buscava ser contido, porém no fundo eu queria sorrir tão largo eu fosse capaz.

Eu pude sentir o meu coração corresponder àquele olhar, sorriso, piscadinha. Corresponder a Dylan por inteiro, e assim meu coração se colocava a bater rápido, fazendo-me inspirar fundo, e assim, também, senti o rastro da colônia amadeirada e cítrica que Dylan deixou ao passar. Eu adorava a fragrância e adorava ainda mais o fato de Dylan estar sentado no lugar atrás do meu.

A aula seguinte também era de matemática e a outra de física, nós nos mantivemos atarefados o tempo todo, sem chance para qualquer interação, às vezes eu conseguia ouvir uma respiração

PERIGOSAS ACHERON

profunda de Dylan, e tinha que me esforçar um bocado para me concentrar na aula. Então, quando finalmente o sinal tocou para o intervalo, Dylan veio falar comigo.

Escutei o arrastar da sua cadeira e logo depois ele surgiu ao lado da minha mesa, fitei-o sem esconder que reparava nele, fui guiando-me desde os cabelos loiros escuros, que molhados ficavam num tom mais fechado ainda, desci pelo rosto de linhas retas e marcantes, principalmente no queixo, onde vez e outra os pelos da barba ficavam por fazer, formando um cavanhaque aberto — modesto e charmoso do jeito que estava nesta ocasião. O sorriso que me oferecia naquele exato momento era aberto, deixando-me ver seus dentes brancos e bem alinhados. Voltei aos olhos azuis-esverdeados que em alguns dias acentuava mais o azul, ou mais o verde, neste dia era o verde.

Ele era lindo, estava usando uma camiseta

de mangas curtas, deixando à mostra os braços enfeitados por tatuagens. Era tão diferente e tão atrativo todos aqueles desenhos de cor preta que pareciam se sobressair ao branco da camiseta. Suas mãos estavam guardadas no bolso do seu jeans azul-escuro, com alguns desfiados na coxa e ali, assim como todo o resto do corpo, eram perceptíveis os músculos bem distribuídos que ele tinha.

— Você está bem? — Ouvi Dylan perguntar.

Pisquei.

Deus do céu! Eu deveria estar babando, passei a mão na boca, sorri e balancei a cabeça positivamente.

Eu já mantinha um diálogo de palavras frequente com ele, isso havia se tornado natural, mas ainda na sala de aula eu evitava ficar falando. Quando fiz isso, as perguntas de “Por que você não

falava?” começaram a surgir, eu não diria os motivos que me calaram, então optei por permanecer no meu silêncio e na falta de necessidade de explicar.

— Perdi o horário — contou.

Thomas apareceu ao seu lado e deu um soco no braço de Dylan, meu primo costumava fazer isso, assim como sempre costumava também reclamar da dor que sentia na mão, enquanto Dylan sequer se mexia com o soco.

— Isso nós percebemos. Mas que ficou fazendo durante a noite. Hein, Dylan?! — Perguntou repuxando a testa para cima de uma maneira sugestiva.

— Custei a dormir, por isso me atrasei — Dylan respondeu olhando para mim, mas parecia que havia muito mais do que isso a ser dito naquela sua resposta.

Sustentei seu olhar.

— Huum... e o que será que tirou seu sono?

— Thomas inquiriu cheio de curiosidade e diversão. Dylan, porém, não disse nada em resposta e continuou a me olhar.

Pela visão periférica eu percebi meu primo coçar a nuca e correr os olhos entre mim e Dylan.

— Tenho minhas desconfianças — disse com tom pensativo. Dylan e eu permanecíamos sustentando nossos olhares parecendo alheio a tudo a nosso redor. — Bom... eu vou comprar alguma coisa na cantina — Escutei-o resmungar por fim, antes de se afastar.

Também fiquei curiosa para saber o que havia lhe tirado o sono, me preocupei se havia sido a conversa com meu pai. Pois não sabia que tipo de conversa eles haviam tido. E eu notava que meu pai sempre o olhava com desconfiança, mas aquele instante “Ele me pareceu sincero” ainda martelava na minha mente. Do mesmo jeito que a

PERIGOSAS ACHERON

intransigência da minha mãe.

Qual era o problema em sermos amigos? Eu desejava que pudéssemos ser mais, eu desejava que eu pudesse agir com naturalidade a tudo isso, ser uma garota normal e provar à Jaqueline e até a mim mesma que tudo que ela havia me dito sobre isso estava errado.

— Quero falar com você depois da aula —
Dylan disse.

Pisquei outra vez. Caramba! O que havia comigo?

Estava vagando dentro de minha mente com tantos pensamentos que não havia notado que ele tinha ido se sentar na cadeira de Thomas; estava de lado, com as costas apoiadas na parede, as pernas esticadas quase alcançavam a cadeira da fileira ao lado. O braço dele estava apoiado na minha mesa e era mínima a distância que seus dedos estavam dos meus.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem — respondi. A voz saiu quase inaudível, mas foi o suficiente para que Dylan ouvisse.

Ele acrescentou:

— Como perdi o ônibus, vim com a Carmela; você poderia voltar comigo, o que acha?

— Tudo bem — repeti, foi um pouco mais alto que o primeiro.

Dylan sorriu, ele sempre sorria para mim e sempre me deixava envolvida em seus lábios.

— Está usando o lenço — observou contemplativo.

Levei uma das mãos até meu pescoço e passei os dedos sobre o tecido.

— Eu realmente gostei — respondi, unindo a mão que estava no lenço à que estava na mesa.

— Que bom. — Dylan murmurou respirando fundo. Seus dedos tamborilavam nervosamente sobre a mesa.

PERIGOSAS ACHERON

Se eu esticasse um milímetro os meus encontraria os dele, eu estiquei, toquei-os, eles se uniram pelas pontas. Dylan me olhou, eu suspirei. Ele aumentou o toque fazendo a palma de sua mão encontrar a minha, a mão dele estava quente e a minha gelada, ele esfregou os dedos na minha pele, envolveu minha mão entre seus dedos.

— Suas mãos são delicadas, gosto delas — declarou olhando-as e deslizando seus dedos nos meus, até as unhas, que eu sempre mantinha curtas e com esmalte o mais clarinho possível.

Girei meu punho fazendo a mão de Dylan ficar por cima, no dorso dela estava o rosto da mãe, com o indicador, tracejei as linhas do rosto, boca, olhos e o cabelo longo.

— Como ela se chama? — Perguntei.

Eu notei que ele estranhou a forma que falei. Geralmente quando ser refere a alguém que já tenha morrido, é comum falar usando o tempo

verbal no passado, usei o presente de propósito. Ela pode estar morta, mas nunca vai deixar de existir em sequer um único dia na vida de Dylan, para ele será sempre presente, e nunca passado.

— Mariele. — Respondeu, com a atenção no meu dedo que permanecia a percorrer o rosto de sua mãe.

Estava nítido que ela era uma mulher muito bonita e que Dylan era parecido com ela; o formato dos olhos amendoados, sobrancelhas grossas e lábios bem desenhados, eram algumas das características que os assemelhavam.

— Ela tinha cabelos como os seus — Dylan contou. — A cor da pele também, como a sua.

— Então esse tom bronzeado da sua pele...

— É do meu pai — ele completou.

— Vocês sempre moraram lá?

Usei “lá” pois não sabia qual era o nome da cidade natal de Dylan.

— Minha mãe era de Campo Belo. Meu pai do mundo. E eu de Esperança, mas agora sou de Campo Belo.

As suas palavras foram com efeito, ditas com carinho, com determinação e olhando no fundo dos meus olhos. E até que o sinal ressoasse pela escola indicando o retorno da aula, eu fiquei absorta no toque da mão de Dylan com a minha e no olhar que demonstrava ansiar que ele fosse mais do que apenas de Campo Belo — meu será? Era isso que ele queria me dizer?

E foi só então quando separamos nossas mãos e ele voltou para o seu lugar que eu me dei conta que ele havia dito que sua mãe era de Campo Belo, juntei os fragmentos da conversa dos meus pais, juntei dois e dois. Meu pai foi apaixonado pela mãe de Dylan. A implicância da minha mãe com Dylan ia além, não era só porque ele era um rapaz de fora e cheio de tatuagens, era o filho de PERIGOSAS ACHERON

uma mulher que já ocupara o coração do meu pai.

Soltei uma grande lufada de ar admirada com toda a coincidência, por isso que mesmo a mãe de Dylan sendo de Campo Belo, eu nunca havia ouvido falar dela. Minha mãe demonstrou o suficiente que o nome de Mariele não podia ser mencionado em nossa casa, e aquele ambiente era onde sempre passei a maior parte da minha vida. Quando não estava em casa, estava no campo dos lírios ou, ainda, igreja. Não tinha muito como saber, afinal.

Atentei-me para a professora de geografia que falava algo que fez os alunos comemorarem.

— Mas não é porque não ficaremos na sala que vocês irão fazer essa algazarra toda. Iremos para o auditório e quero todos em silêncio.

— Por que para o auditório, professora? — Um dos alunos perguntou, que bom que eu não era a única perdida na informação.

— Atenção, alunos! Vou explicar pela última vez. Essa semana Campo Belo completa mais um ano de emancipação político-administrativa, ou seja, é aniversário da cidade. Já falamos disso tantas vezes, não sei como vocês conseguem esquecer tão rápido. Por isso, nós vamos para o auditório ver a exposição dos trabalhos do projeto “Campo Belo: passado, presente e futuro” e depois vamos ouvir uma palestra que será dada pela nossa diretora.

— Aaahhh, tá! — A grande maioria dos alunos disse em uníssono.

— Então, em silêncio, vamos nos dirigir até o auditório. Vocês já podem levar a mochila de vocês, pois as duas aulas finais da manhã serão usadas para isso.

Apesar do pedido de silêncio, um leve burburinho se formou. A maioria comemorou por não ter de ficar na sala.

Levantei-me passando uma das alças da mochila pelo ombro, logo atrás de mim estava Dylan e, à frente, Thomas; saímos os três e seguimos andando pelo corredor.

— Vai poder conhecer mais sobre a cidade, Dylan — Thomas comentou.

— Pois é, legal esse projeto — Dylan respondeu.

Até eu que vivo aqui, tem coisa que não sei.

Embora estudando em casa me dedicasse bastante às disciplinas do currículo escolar, nunca havia feito pesquisas sobre a história de Campo Belo, o que sabia, eu ouvi meus pais comentando de como eram as coisas antigamente, mas nada muito específico.

As paredes do auditório estavam cobertas de cartazes, de imediato identifiquei o que Dylan e eu havíamos feito em sala de aula. Tratava-se de um que apontava o índice de crescimento da

PERIGOSAS ACHERON

população, que na verdade não era muito alto; havia outros sobre a economia, Dylan parecia interessado nesses e ficou para trás enquanto eu segui para ver os demais. Os cartazes que chamavam atenção e os alunos comentavam bastante eram os que tinham fotografias antigas e falavam sobre os primeiros moradores; pessoas contribuíram para o desenvolvimento de Campo Belo, a maioria dessas pessoas eram, inclusive, familiares de alguns alunos.

— Esse aqui é meu bisavô. — Escutei uma aluna dizer.

— A minha bisavó foi a primeira professora de Campo Belo. — Outro comentou.

— Nossa! E esse homem aqui é aquele que era dono de quase Campo Belo inteira! — Um garoto alarmou.

— Todos esses comércios do centro foram construídos em terras que eram dele. Ele devia ser

PERIGOSAS ACHERON

o homem mais rico da cidade. — Quem arrematou foi outro garoto que estava ao lado.

Foi em um tom de voz alto, e acabou chamando atenção para o cartaz onde havia uma fotografia do tal homem.

Me senti curiosa e me aproximei do bolo de alunos que estavam observando, espiava entre as cabeças tentando ver a foto.

— E era um homem bondoso também e ajudou muito a nossa cidade. Doou de suas terras para que fossem construídos escola, creche, posto de saúde, hospital e tantos outros órgãos públicos. — Foi a professora de história quem disse.

Fiquei nas pontas dos pés e ainda assim não consegui ver.

— Gente! Olha que legal essas fotografias da primeira festa das flores! — Uma das alunas bradou mais à frente, fazendo com que aquele amontado de alunos partissem para lá, deixando o

PERIGOSAS NACIONAIS

cartaz do tal homem sozinho.

Não havia ninguém na minha frente, foi então que eu consegui ver a fotografia em preto e branco, desgastada pelo tempo.

Dei um passo atrás.

Senti um gelo percorrer do meu rosto até os pés, junto com ele parecia ter levado todo o sangue do meu corpo.

Era o demônio.

Era ele.

Era o demônio numa versão jovem, bem diferente da que eu tinha lembrança. As piores lembranças.

Mas era ele. Era o demônio.

Fechei os olhos não querendo olhar para ele, no entanto, eu o encontrei em minha mente.

Não grite! Shhh...

A boca dele encostou na minha, seus olhos tinham veneno.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Me solte, por favor, me solte!

As mãos deles subiam pelas minhas coxas levantando o meu vestido, enquanto ele pressionava o corpo sobre o meu.

Socorro, alguém me ajuda! Socorro!

A boca dele apertava a minha com mais força.

Shhh, quanto mais gritar será pior.

Eu chutava... eu lutava.

O demônio parecia um polvo com vários tentáculos, suas mãos estavam em cada parte de mim.

Por favor, me ajude, faça ele parar!

Implorei para a sua mulher sentada numa cadeira.

Faça ele parar, por favor! Me ajude!

Ela não fazia nada, só olhava.

Eu chorava, batia os braços no peito do demônio, eu lutava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Linda, minha menina linda!

O demônio arrancou minha calcinha. Eu chutava, eu lutava.

Socorro!!

Eu gritava.

Ele mantinha seu corpo sobre o meu, as mãos nas minhas coxas, eu lutava.

Pare, por favor, pare! Socorro!

O demônio ia me tocando, me puxando, me apertando.

Eu chorava, eu lutava.

*Ah, minha menina, eu sinto tanto sua falta.
Por que você tinha que me abandonar, Mari, por quê?*

O demônio falava deslizando a mão pelo meu corpo.

Me ajuda, Deus, me ajuda! Socorro!

O demônio me tomava para ele, arrancando a minha pureza, a minha inocência.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Socorro!

Eu lutava. Eu chorava.

Aah, que delícia!

O demônio levou minha alma.

Eu lutei.

Eu clamei.

Deus, por favor, faça parar!

— Socorro!!!

Eu estava encolhida no chão, de olhos fechados e sem conseguir respirar.

— Letícia?! Letícia?!

Eu abri os olhos. O demônio estava diante de mim.

Gritei. Minha garganta arranhava, meus olhos queimavam.

— Letícia, sou eu, Dylan.

Dylan...

— Fale comigo, Letícia!

O rosto dele era como do demônio, mas ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não era o demônio, era o meu anjo. Ele estava preocupado.

— Dylan — murmurei.

— Isso, sou. Dylan. Está tudo bem, você está segura — assegurou.

Ele estava abaixado de joelhos diante de mim.

— Dylan — repeti, a voz franca. A respiração cansada.

— Posso?

Ele abriu e esticou os braços.

Ele não era o demônio, ele era o Dylan que sempre perguntava se podia se aproximar, se podia me tocar.

Eu balancei a cabeça, ela estava pesada. Dylan se aproximou devagar, passou os braços ao redor de mim, eles eram suaves.

— Eu lutei — disse chorando.

— Não precisa mais lutar. Você está segura,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Letícia. Está segura — sussurrou.

Ele aconchegou minha cabeça em seu peito,
me embalava, não me machucava.

— Eu vou cuidar de você, meu amor.
Respire fundo.

Dylan me protegia, era meu anjo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 16

Dylan

— Querida, você está bem? — A diretora perguntou, se abaixando diante de nós com um copo d'água na mão.

Letícia se afastou brevemente do meu peito para a olhar e ao fazer isso também viu uma porção de pares de olhos curiosos de todos que haviam se amontoado ao redor. O que a fez se encolher e voltar para o meu peito.

— Esse monte de gente em cima dela não ajuda em nada. Tire-os daqui, por favor — pedi.

— Tem razão.

A diretora se levantou, deixando o copo numa cadeira ao lado.

— Por favor, vamos dar privacidade a nossa

colega, pessoal!

Os comentários começaram.

— Ela teve um ataque de pânico. — Uma garota disse.

— Um colapso nervoso. — Outra emendou.

— Ela é esquisita, nunca fala nada. — Um dos alunos observou.

E em seguida outro arrematou:

— Acho que ela é maluca.

— Calem a boca, seus idiotas, e saiam daqui agora! — Thomy explodiu, enxotando-os como se fossem galinhas. Agradei-o em pensamento por ter feito.

Somente assim se calaram e começaram a deixar o auditório.

Letícia me apertava cada vez mais.

— Não vou deixar você!

— Eu também não, Lê. Estou aqui. Thomas, seu primo — ele falou com a voz branda, sentando-

se ao nosso lado, Letícia ergueu a cabeça do meu peito e olhou.

— Thomas — ela sussurrou, estendendo a mão.

Ele a pegou e olhou Letícia com dor.

— Está tudo bem, Lê... tudo bem. —
Garantiu.

Eu deslizava a mão pelo cabelo dela e aos poucos sentia seu corpo relaxar e sua respiração abrandar.

— Quer tomar água? — Perguntei.

Ela confirmou com a cabeça, afastei-a devagar dos meus braços, Thomy lhe entregou o copo com água e ficou ao seu lado, assim como eu.

Enquanto Letícia bebia a água, eu observei o cartaz na parede acima, na direção em que estávamos sentados no chão, exatamente onde, momentos antes, havia avistado Letícia encolhida, tremendo e de olhos fechados. Eu correra até ela, e

PERIGOSAS NACIONAIS

para tirar-lhe dos próprios pensamentos fora difícil. Ela se mantivera de olhos fechados, a mão cruzada sobre o peito, enquanto seus lábios estavam pressionados numa linha reta, a expressão era de dor, e lágrimas silenciosas desciam feito cachoeira pelo rosto, tomado por um vermelho extenuante. O que, afinal, havia servido de gatilho para a crise?

Atentei-me para fotografia antiga, que exibia um homem jovem bem alinhado de terno e gravata com um rosto de linhas acentuadas, o queixo reto e... Levantei-me para olhar de perto e não achar que eu estava vendo coisas.

Travei.

Eu era parecido com ele.

Corri os olhos pela legenda no cartaz.

Hermann Boehnen, um dos primeiros moradores de Campo Belo, proprietário de várias áreas de terra, doou muitas delas para a instalação de

PERIGOSAS ACHERON

equipamentos públicos, bem como para novos moradores que chegavam à cidade para começar uma nova vida.

Um homem que será lembrado para sempre pelo povo de Campo Belo.

Um homem pelo qual Campo Belo sempre será grato, pois tinha um bom coração.

— Bom coração? Bom coração? —
Indaguei incrédulo. — Isso é uma piada.

Gargalhei sem humor.

Encarei seus olhos na fotografia.

— Uma piada! Isso é uma piada! —
Repetia. Sentindo ódio, sentindo dor pela minha mãe; uma criança, uma menina indefesa, marcada, ferida.

— Desgraçado maldito! — Vociferei dando um soco sobre a sua imagem.

— Cara, o que é isso? Esse era o seu avô,
PERIGOSAS ACHERON

Dylan! — Thomy disse.

Eu me virei para ele.

— Não fale isso, ele não era meu avô, porque ele nunca foi pai. Um pai não estupra a filha, era um monstro, um demônio! — Cuspi com raiva.

Thomy arregalou os olhos, as sobrancelhas quase chegaram a alcançar o alto de sua testa, reparei em Letícia, ela esmagava o copo plástico vazio, seus olhos também estavam arregalados, as pupilas dilatadas os faziam aumentar de tamanho, tal qual a primeira vez que ela me viu e gritou.

Gritou e correu de mim como seu eu fosse o próprio demônio. Eu não era, mas era parecido com ele.

—Não... — Balancei a cabeça de um lado para o outro, sem querer acreditar. — Não pode ser.

Enfiei a mão entre os fios do meu cabelo, puxei-os. Mirava Letícia e seus olhos apavorados.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não... — repeti. O ódio estava percorrendo toda a minha corrente sanguínea.

Letícia começou a chorar.

— NÃO!!!

Arranquei o cartaz amassei com ódio e depois comecei a rasgá-lo.

— Desgraçado! Eu queria poder te matar!
— Picava cada parte dele, até que sobrou uma tira da fotografia que seu rosto estava intacto ao meu acesso de fúria, joguei o resto de papel no chão e me concentrei em sua face.

Enfurecido, rasgava pedaço por pedaço com meus dedos rígidos, meu corpo todo estava, eu queria ter esse maldito vivo na minha frente para poder matá-lo. Eu nunca havia sentido tanta raiva.

— Maldito, por que fez isso com elas?! —
Gritei, jogando um último pedaço picado no chão.

Direcionei meu olhar para Letícia, ela chorava, pude ver minha mãe chorando também.

PERIGOSAS ACHERON

Eu nunca havia sentido tanta dor.

Caí de joelhos diante dela, meu corpo tremia como o de Letícia. E chorando disse:

— Eu não queria, mas eu tenho o sangue desse maldito homem percorrendo em minhas veias e eu te peço perdão pelo mal que ele te fez. Perdão, Letícia. Perdão — eu suplicava.

Levei as mãos ao rosto, eu chorava sentindo vergonha, sentindo o peso do mal que o demônio fez às duas mulheres que eu amava — minha mãe e Letícia. Sim, Letícia.

Havia julgado que estava apaixonado por ela, porém era mais. Já era amor. E se eu a amava, antes de saber da sua dor, da ferida que a vida havia lhe causado, a partir daquele momento eu passei a amá-la ainda mais. Era ciente de que Letícia havia lutado, continuava a lutar todos os dias. E mesmo tendo minhas próprias dores, enquanto eu vivesse eu estaria disposto a lutar por ela, com ela. E

arrancar a sua dor.

Ela era uma flor que havia sido pisoteada, esmagada. Eu cuidaria dela. A curaria com o meu amor.

Eu desejava isso, no entanto, depois de saber quem eu era, eu não sabia se Letícia iria querer isso de mim. Se iria querer meu amor.

— Dylan? — Ela chamou afastando minhas mãos do rosto. Tentei erguer a cabeça, parecia pesada. Era a vergonha. Letícia sustentou meu queixo entre seus delicados dedos, fazendo-me olhar em seus olhos. — Você não é ele. Não é como ele. E eu sei disso.

Quando Letícia me abraçou eu senti alívio, ela ainda me queria por perto. A vergonha persistia pesando, junto da dor. Mas meu amor era e tinha de ser maior.

Inspirei fundo sobre seu cabelo.

— Obrigado — sussurrei.

Thomy pigarreou.

— Devo ligar para o seus pais, para eles virem te buscar?

— Não. Eu vou com o Dylan. — Ela respondeu a ele, sustentando seu olhar no meu.

— Eu me sinto segura com você. — Letícia declarou, imprimindo uma leve pressão em meus dedos que estavam entrelaçados nos seus.

Havia estacionado o carro na estrada, junto à cerca que dava acesso ao campo dos lírios e Letícia e eu caminhávamos por ele de mão dadas — eu não as havia soltado um minuto sequer desde que levantamos do chão daquele auditório. Paramos ao alcançar o ponto central, com a vista para a colina, no local onde costumávamos ficar.

— Não quer subir?

Ela mirou a colina.

— Não — eu disse, concentrando-me em sua face, enquanto tirava minha mochila dos ombros e a abandonava no chão. — Quero ficar aqui onde eu te vi pela primeira vez.

Os olhos, ainda avermelhados pelo choro, me fitavam preocupados.

— Aquilo foi um mal-entendido, Dylan. Não quero que fique lembrando sempre do meu grito.

Curvei a boca num leve sorriso.

— Não é disso que lembro quando eu te vejo aqui entre os lírios — informei.

Curiosidade percorreu suas feições.

— E o que é? — Indagou.

Levei por um instante o olhar até as diversas flores e depois para a que estava diante de mim.

Letícia era uma flor, o meu lírio do campo.

— Eu lembro do quanto achei você parecida com um lírio e até se camuflava entre eles. No primeiro momento, fiz isso porque você usava um vestido amarelo igual à cor dessa porção de lírios e por causa do seu cabelo loiro — revelei. — No entanto, é muito mais.

Letícia franziu a testa.

Me abaixei perto das flores, levando-a comigo.

— Está vendo o caule dele? É longo e elegante. Seu corpo é como o caule do lírio, esguio, e eu acho muito elegante. Muito lindo — enfatizei, Letícia sorriu. — Os lírios têm força suficiente para nascer e crescer sozinhos pelos campos, você tem feito isso. — Seus olhos marejaram. Continuei: — Lírios possuem uma beleza comum e diferente ao mesmo tempo. Surpreendem pelo perfume, pela beleza singela, por serem fortes. Você é linda, surpreendente, e eu já te disse isso. E... Letícia,

PERIGOSAS ACHERON

você cheira como um lírio, a fragrância dele tem o dom de acalmar e passar tranquilidade. Eu me sinto assim quando estou perto de você, quando sinto o perfume que vem da sua pele, ou quando sinto o perfume que está naquele lenço que um dia você esqueceu na colina. Eu o achei e nunca quis devolver, só para poder ficar sentindo seu perfume — confessei. Ela ficou surpresa. — E, por fim, lírios representam pureza. Você é pura, Letícia.

Seu semblante se fechou de imediato e ela se levantou de forma abrupta movendo sua cabeça em negação. Eu me ergui, com calma guiei minhas mãos ao rosto de Letícia, toquei-o com as pontas dos dedos.

— Você é, sim, pura — afirmei. — Você é capaz de olhar para um cara como eu e enxergar coisa boas. Coisas que eu havia até me esquecido que ainda existiam dentro de mim, como por exemplo, fé. A sua fé em Deus, mesmo com tanto

PERIGOSAS ACHERON

sofrimento que passou, fez com que eu retomasse a minha. Eu não conseguia enxergar a vida com gratidão, com amor, com leveza e pureza, mas quando você confiou em mim, devolveu tudo isso. A sua pureza em confiar em mim me salvou. Você é pura, Letícia — afirmei uma vez mais.

Ela se encolheu.

— Toda a minha pureza foi arrancada de mim aos meus 12 anos de idade — disse com os olhos cobertos por lágrimas. — Ali minha alma e meu corpo foram inundados e marcados pela sujeira e pela dor para sempre. — Letícia afastou seu rosto do meu toque.

Fitei-a com amor, pois era o sentimento que percorria cada parte de mim.

— O que um dia foi marcado pela dor pode, ainda, ser marcado pelo amor — observei com serenidade. — E esse é o único jeito que quero marcar você. Me deixe fazer isso, Letícia. Sabe —

inspirei fundo —, eu não vivia da forma mais certa e nem fazia coisas corretas, mas desde que eu estou aqui, tudo que eu quero é fazer as coisas certas e viver corretamente. Você me faz querer isso. Eu achava que estava apaixonado por você, mas na verdade, é muito mais. O que eu sinto é amor. Um amor tão imenso que eu não posso mais guardar só para mim, quero dá-lo a você, pois ele é seu, então se for capaz de aceitar o amor de um cara como eu, você o terá — declarei.

Eu finalmente havia dito tudo a ela, e como foi libertador! Entretanto, assimilando suas feições sérias, me tornei receoso, o silêncio que perdurou pelo tempo que ela continuou a me olhar me assustou.

— Fala comigo, Letícia — pedi.

Seus lábios se pressionaram, ela abriu a boca e, com dificuldade, começou a dizer:

—Você é capaz de me querer e me amar

mesmo sabendo que...

— Eu te amo, Letícia. Te amo ainda mais.

Seus ombros cederam, ergui a mão e toquei sua bochecha com o polegar. Letícia arquejou. E no meu peito eu sentia aquelas batidas alucinantes do meu coração. Quando comecei a inclinar minha cabeça em sua direção, percebi as íris dela se movendo rápido, tal como seu peito. Permanecia a massagear o polegar em sua face, então, escorreguei-o até os lábios, entreabertos.

Aproximei um pouco mais meu rosto do seu.

— Posso? — Pedi encarando seus lábios.

— Eu nunca beijei — revelou engolindo com força.

— Nem eu. — Ela deu um leve menear de cabeça e uniu as sobrancelhas. — Não com amor — completei.

Os olhos dela brilharam.

A luz do sol nos banhava, a fragrância do lírio estava por toda parte, e eu estava diante de Letícia prestes a tocar meus lábios nos seus pela primeira vez, estava prestes a experimentar um beijo com amor.

Deslizei o polegar sobre seus lábios e rocei o nariz em sua bochecha enquanto meu braço a envolvia suavemente pela cintura, eliminando, assim, qualquer distância que ainda havia, coleí nossos corpos, alcancei seu ouvido e sussurrei:

— Eu tenho sonhado com esse momento.

Eu senti o sorriso que Letícia deu, trouxe meu rosto ante ao dela, coloquei alguns fios de cabelo atrás de sua orelha, escorreguei os dedos por sua face e acariciei observando suas feições. Cada ação minha eu fazia tomando cuidado em sentir como ela estava reagindo, mas Letícia queria aquele beijo tanto quanto eu queria, era nítido. Ela não estava tensa com o meu toque, ao contrário,

PERIGOSAS ACHERON

seus músculos estavam relaxados, ela cedia, arfava. E a respiração densa era só o efeito daquela ansiedade louca, daquele prazer sentido mesmo antes do beijo acontecer.

Ela estava ali de corpo, alma e coração, e eu começaria a marcá-la com o meu amor.

Letícia entrelaçou devagar os braços ao redor do meu pescoço, afundou os dedos em meu cabelo, rocei meus lábios entreabertos nos seus; o queixo, que eu segurava entre o polegar e o indicador, senti se mover abrindo espaço para mim. Suguei delicadamente seu lábio inferior, depois o superior. Ouvi um gemido contido escapando por sua boca enquanto eu os sugava. E eu já não conseguia mais prolongar a espera. Uni por completo nossos lábios, eles se encontraram com perfeição, a pressão que imprimíamos um sobre o outro era a mesma que mantinha nossos corpos unidos, eu a abraçava querendo dar-lhe segurança,

PERIGOSAS ACHERON

amor. E Letícia acolhia tudo aquilo movendo seus delicados dedos entre os fios do meu cabelo, acompanhando um ritmo calmo em inclinar a cabeça de um lado para o outro. Num desses movimentos, deixei minha língua avançar um pouco mais, resvalando na sua, que vinha a meu encontro. Foi incrível como se uniram, como se moviam, tínhamos o beijo perfeito. Parecia que nossas bocas haviam sido feitas uma para a outra. Nossas línguas dançavam um ritmo suave, experimentando com calma o sabor e as sensações.

Houve o momento em que nos afastamos brevemente buscando o fôlego, eu reparei no sorriso que ela mantinha, reparei nas bochechas coradas, nos lábios rosados e úmidos, e ao juntar sua boca à minha, tive a certeza do quanto ela queria continuar com o beijo. Eu beijava Letícia tendo a certeza de que tanto ela quanto eu queríamos aquilo para sempre. Havíamos

PERIGOSAS ACHERON

encontrado um no outro a forma de renascer para a vida. O amor começava a nos curar e libertar.

Naquele instante eu soube, mais do que nunca, que queria passar o resto da minha vida em Campo Belo com Letícia dando a ela meu amor e recebendo o mesmo. Ela havia sofrido em silêncio do mesmo jeito que minha mãe. Teríamos bons motivos para pensar em deixar Campo Belo, como minha mãe fez, mas também tínhamos bons motivos para ficar — superar o passado e construir lembranças felizes numa cidade para onde fui em busca de refúgio e encontrei o amor. Numa cidade que apesar de ter muito de Hermann, já não tinha de fato a presença dele. O maldito estava morto, não deveríamos deixar que até depois de morto interferisse e assombrasse nossas vidas.

E sobre essa questão de ter muito de Hermann foi um verdadeiro choque quando eu soube, afinal, o que essa afirmação do meu pai

PERIGOSAS ACHERON

queria dizer. Ou melhor, o choque foi maior ao saber que estava diretamente ligado a mim.

Na noite anterior, havia ouvido o fragmento da conversa entre Livia e Cristian sobre algo que eles deveriam me contar, eu fiquei sem conseguir dormir. Eu confiava em Livia, ela tinha me demonstrado ser uma pessoa sincera ao extremo, compreensiva também, e Cristian não ficava atrás disso, então o que afinal eles sabiam que não haviam me contado ainda? Pois bem, eu tirei a questão a limpo bem cedo, antes de ir para a escola, a conversa foi longa e por isso me atrasei.

Livia passava o café quando eu entrei na cozinha determinado a ser direto o suficiente para que ela também fosse.

— Eu sei tudo sobre o passado da minha mãe em Campo Belo, sei o que aquele maldito homem fez a ela, mas o que há mais nessa história, Livia? O que você tem a me contar e o que eu

PERIGOSAS ACHERON

tenho direito a saber? — Inquiri, fitando a lateral de seu rosto.

Lívia me olhou e não hesitou em responder:

— Você é o herdeiro de Hermann Boehnen. É isso que tínhamos para contar, é sobre isso que você tem direito, Dylan.

— Como assim? — Indaguei estupefato.

Cristian surgiu na cozinha no mesmo instante. Marido e mulher se entreolharam em cumplicidade e apoio.

— Deixa que eu termino isso e arrumo as crianças para a escola — ele disse, tirando a chaleira da mão de Lívia.

Ela assentiu, passou por mim e eu a segui até um pequeno escritório que eles possuíam na casa. Sentada numa cadeira à frente da que eu estava, Lívia começou a contar, e o fez em detalhes:

— Quando Hermann e Norma morreram há

5 anos, sequer sabiam que Maria já havia morrido muito antes. Eles tentaram a encontrar por anos, não conseguiram e desistiram. Mais do que ninguém, sabiam o mal que tinham feito a ela.

“O fato é que Hermann deixou um testamento muito claro sobre a herança; ela seria toda de Mari, a única filha deles. Na ausência dela, os filhos que tivessem eram os legítimos herdeiros. Hermann deixou um testamento pronto, poderia também ter passado uma parte para qualquer outra pessoa. Coisa que ele não fez, então, Dylan, é você o herdeiro de tudo. E esse tudo é muita coisa.

Hermann nomeou Marco Antônio, seu advogado de confiança, para que cuidasse das coisas até que algum herdeiro fosse encontrado ou aparecesse. Tem cuidado dos contratos de aluguel das propriedades de Hermann, ou melhor, *suas* propriedades, os funcionários continuam sendo pagos. A fazenda, Mauro, que já trabalhava há anos

PERIGOSAS ACHERON

como caseiro, continuou cuidando e até usufruindo bastante, mas tudo sob administração do Marco Antônio. Hermann deixou tudo muito bem organizado e transparente antes de morrer, como se soubesse que iria acontecer. Por vezes penso que aquele carro ter caído da ponte não foi um acidente.

Enfim, quando aconteceu, eu avisei seu pai. O advogado havia me procurado para falar do testamento, era de conhecimento de todos que eu era a melhor amiga de Mari, julgavam que mesmo depois de anos eu ainda tinha contato com ela. Não estavam errados, entretanto eu nunca contei isso a ninguém. Dizia que eu sabia o mesmo que todos sabiam sobre Mari: nada. Era isso que ela sempre me pediu pra fazer.

No entanto, liguei para o seu pai, contei que Hermann e Norma estavam mortos, contei do testamento. Rômulo não quis saber de nada, me disse para esquecer a ele e você. Que jamais

PERIGOSAS ACHERON

voltaria a Campo Belo e que muito menos você, pois se dependesse dele, nunca contaria nada. Rômulo não devia saber da carta que sua mãe escreveu. Ela me ligou muito doente, sabia que ia morrer, me disse que te deixaria uma carta e me pediu para que eu te acolhesse se um dia você me procurasse. O que eu fazia independentemente de ela ter me pedido ou não. Por isso, Dylan, quando eu te vi naquele restaurante, eu não pensei em outra coisa a não ser cumprir minha promessa com sua mãe. Agora você deve estar se perguntando o porquê eu não te contei sobre a herança de imediato. Bom, eu pensei, se você havia me procurado, era porque precisava, e quando eu percebi em seus olhos marcas de uma tristeza profunda que eu sabia que a morte da Mari tinha feito a você, eu quis te dar afeto, antes de te dizer que você tinha uma herança. Pois era disso que você mais precisava e, conhecendo Mari como eu

PERIGOSAS ACHERON

conhecia, era isso que ia querer que eu fizesse, te desse um carinho que ela já não podia mais dar.

Assim, eu quis que você se acostumasse com o local, com a gente, que tivesse o convívio em família, isso ia te reestruturar emocionalmente. E, depois, lhe contaria sobre a herança, e você tomaria as decisões que quisesse.

Como eu já te disse, nessa cidade o povo fala demais e adora criar histórias e mistérios em torno de algumas coisas, a herança do alemão Hermann é uma delas. Por esse motivo, nunca te apresentei como filho da Mari, dei um pequeno deslize no restaurante contando a Thomas, depois disse a ele para nunca dizer nada sobre o assunto. Germano não precisou que ninguém contasse para saber que você era filho da Mari. Ele me procurou no dia seguinte que te viu na cidade, eu pedi a ele que também não comentasse com as pessoas de Campo Belo. O mesmo eu pedi à diretora da escola,

PERIGOSAS ACHERON

com acesso aos seus documentos, e mesmo que você não tenha sido registrado com o sobrenome da sua mãe, o nome dela logicamente consta em seus documentos: “Mariele Boehnen”. Assim, a diretora saberia que você é filho da Mari, neto do Hermann. Se a informação se espalhasse os comentários começariam, você ficaria sabendo. E o meu plano não daria certo.

Mas eu preciso admitir que quando eu quis te dar o afeto, que te faltava suprir uma necessidade que dinheiro algum faria, no fundo estava fazendo isso a mim mesma, a falta que John me causa. Por isso, fui prolongando essa conversa. Os dias foram passando, e a cada mês desses cinco meses que você está comigo, nosso vínculo foi crescendo, todos aqui de casa estão felizes com você fazendo parte da nossa família. Fiquei com medo que sem precisar de mim e com todo o dinheiro que te espera, iria embora. Um pensamento bem egoísta,

PERIGOSAS ACHERON

eu sei. Você está dormindo no meu celeiro...”

— Eu gosto do celeiro — argumentei. Foi a única vez que a interrompi. Lívia sorriu e concluiu:

— ... Enquanto tem uma fazenda enorme, com portão de ferro com dois cavalos desenhados à sua espera e uma conta bancária que te dá oportunidade de ir para qualquer lugar do mundo. Enfim, me desculpe por não ter contado antes. Agora é uma decisão sua: herdar tudo que é seu de direito e aproveitar o dinheiro que possui longe de Campo Belo ou ficar aqui.

— Você disse fazenda com portão de ferro com desenho de dois cavalos, a fazenda do pai de Arthur?

— Não. A sua fazenda. Mauro, o pai de Arthur, é o caseiro. Nada daquilo é deles, é seu.

Eu me levantei da cadeira. Eu certamente tinha muita coisa a pensar sobre tudo, mas a questão da fazenda me surpreendeu um bocado.

— Tá brincando? Porra! Eu... estou até atordado por saber tudo isso.

— Eu imagino. E, Dylan, desculpe por não ter falado antes. Eu só não queria perder outra vez. Eu sei que você não é o meu filho que morreu...

— Do mesmo jeito que eu sei que você não é a minha mãe que morreu — eu completei, interrompendo-a, pois deixaria Livia saber o que eu estava sentindo. — Mas de alguma forma, estamos conseguindo suprir um vazio. Eu não fiquei imune a essa sensação, Livia. E você não estava errada ao perceber que o que precisava era de afeto de uma família. Desde que minha mãe morreu, eu nunca havia me sentido tão bem quanto aqui com vocês. Eu não vou embora de Campo Belo. Eu me afeiçoei a pessoas aqui, você, Cristian, as crianças, e eu me apaixonei por Letícia. Eu tenho muitas razões para ficar. Por enquanto, vamos deixar tudo exatamente como está. Haverá um tempo certo para que tudo

PERIGOSAS ACHERON

venha à tona e Campo Belo saiba que eu sou o herdeiro de Hermann.

Lívia respirou fundo, como se desde que aquela conversa tivesse iniciado ela não tivesse respirado. Eu a abracei e agradei. Era o correto a fazer, era o que eu senti que deveria fazer.

— E, Lívia, eu percebi que vocês estão com dificuldade financeira, eu quero poder ajudar.

— Você não precisa se preocupar com isso, Dylan. Cristian e eu estamos dando jeito. Tome as decisões sobre a herança no tempo que sentir que queira fazer.

Eu poderia renegar todo o dinheiro maldito de Hermann, mas eu vivia desde os 12 anos com um dinheiro maldito também; dinheiro que vinha de Victor, e ele não era limpo. Decidi que eu assumiria a herança, eu a usaria para fins válidos. E eu ia ficar em Campo Belo, sendo o forasteiro, dono de quase tudo.

Inclusive das terras em que ficavam a cachoeira e o campo dos lírios, onde naquele instante eu permanecia a beijar Letícia.

E, de tudo que eu estava prestes a possuir, o mais importante era o amor de Letícia. E pela forma com que nossos lábios e língua se moviam, envolvendo-se sem parar, eu já sentia que eu estava recebendo seu amor com uma incrível intensidade e confiança.

Nós não conseguíamos parar de nos beijar.

Capítulo 17

Letícia

— Tudo bem?

Estava flutuando e de olhos fechados quando ouvi Dylan perguntar depois de um longo e envolvente beijo. Estava dando os primeiros beijos da minha vida e só conseguia pensar no quanto era gostoso, no quanto os lábios de Dylan eram macios e quentes. Seu polegar massageava minha bochecha, de forma branda, tal como o tom de sua VOZ.

— Uhum. — Soltei uma longa respiração.

Abri os olhos, parecia que eu estava enxergando pela primeira vez. E com certeza era. Depois que Dylan falou do seu amor por mim, disse tantas palavras de carinho e arrematou tudo

com o beijo mais perfeito, com certeza estava vendo o mundo pela primeira vez. Um mundo em que o toque de um homem pode e deve ser de carinho.

— Uhum? — Ele franziu a testa, não satisfeito com minha resposta.

Ela pareceu insuficiente mesmo, mísera, diante da imensidão de bem-estar que se passava em minha mente e meu coração.

— Ótima. Estou ótima! — Declarei, abrindo um sorriso em que eu sentia todos os músculos da minha face se expandirem.

— Agora melhorou! — Dylan passou o braço ao redor do meu pescoço, me puxou para seu peito. — Eu quero que você sempre se sinta bem comigo, Letícia — falou beijando o topo da minha cabeça, havia um tom sério, tom de preocupação.

Ergui o olhar até o seu.

— Eu sempre me sinto bem com você,

Dylan.

A expressão dele ser tornou tranquila por saber e ter as provas de que ao seu lado eu também ficava leve.

— Tenho um presente para você!

Me afastei de seu peito, sentindo-me surpresa.

— Mais?!

— O lenço foi só para repor o que acabou ficando para mim. E como não fazia parte dos meus planos devolver, era justo lhe dar outro.

Dylan ergueu os ombros com um sorriso no canto da boca. Eu adorava aquele sorrisinho torto dele. E adorava tudo que ele estava me proporcionando.

— Não estava me referindo ao lenço. E sim a tudo que me disse, a tudo que tem feito por mim e por... esses beijos.

Mordi o lábio inferior sentindo uma
PERIGOSAS ACHERON

pontinha de timidez, não por falar dos beijos, mas por sentir o coração acelerar e o corpo formigar ao lembrar deles.

— Ah, Letícia... — Ele me olhou com ternura. — Tudo que eu disse é tão sincero. E saiba que quem tem me dado tantos presentes é você. — Seus braços se guiaram até a minha cintura, mas antes de me envolver neles, parou um instante. Eu entendia o que aquela hesitação significava. Queria saber se podia. Respondi levando as mãos até seus braços, fazendo-se ceder a mim. Ele inspirou profundamente ao me envolver. — O maior de todos é sua confiança — Dylan disse por fim.

— Você sempre a terá — arrematei.

Era tão necessária cada palavra trocada, cada confirmação nos aproximava, derrubava barreiras que eu mesma havia feito por defesa, não contra Dylan, mas contra qualquer homem. Só que ele estava longe de ser qualquer homem, era Dylan,

PERIGOSAS ACHERON

o meu anjo de asas negras.

— Quando digo que você é surpreendente, não é toa. É a garota mais incrível e surpreendente que já conheci. Sorte a minha ter você.

— Então, acho que estamos os dois com sorte, aqui.

Devo confessar que estava um pouco impressionada com a minha própria capacidade de expressar o que sentia, de dar respostas rápidas sem hesitar em dizê-las. Era a segurança que fazia isso, concluí, absorvendo o afago que Dylan fazia deslizando seus dedos pelos meus braços.

Em seguida, ele avançou seu rosto até a lateral do meu.

— Linda — sussurrou em meu ouvido. Estremeci e apertei as mãos nos músculos de seus braços. — Mas... — Dylan voltou a ficar com o rosto ante ao meu — falando em surpreendente, o presente é sobre algo surpreendente que você faz.

Estreitei os olhos, observando-o pegar a sua mochila que estava no chão, estranhei quando saímos do carro e ele a trouxe, compreendi então que era onde havia guardado o tal presente.

— O que é? — Perguntei curiosa.

Dylan se levantou segurando algo retangular embrulhado num papel de seda amarelo, amarrado com fio de sisal formando um laço na parte superior. Ele o estendeu para mim com um sorriso.

— Um livro? — Especulei, antes de pegar.

Ele não disse nada, continuou a sorrir, peguei o embrulho; desfiz o laço, afastei as pontas do papel de seda e a capa do livro saltou lindamente diante dos meus olhos, deslizei os dedos sobre ela. Era capa dura, em tom verde-musgo, e as letras do título em alto-relevo.

— “Perfumaria Botânica – A arte de criar perfumes naturais. Autora Justine Crane”. — Li
PERIGOSAS ACHERON

admirada com o presente, admirada com a beleza daquele livro.

Tirei-o por completo do papel de seda, admirei por mais um tempo a capa que tinha o desenho de flores como uma moldura e no centro o desenho de um frasco de perfume num estilo antigo.

— Que lindo — sussurrei.

— Depois de saber que você faz seu próprio perfume, achei que ia gostar. E até que seria útil poder criar outros, conhecer técnicas.

— Eu amei, e pelo jeito é uma edição especial, olha essa capa!

Dylan passou os dedos sobre ela.

— Linda mesmo. Eu o encontrei solitário na prateleira de uma lojinha da rodoviária — contou.

— Foi um grande achado! Que bom que não o deixou lá sozinho. Obrigada, Dylan. — Coloquei o livro junto ao meu peito, segurando-o

com carinho. — Eu amo livros — declarei. — E um que fale de perfumaria, que é algo que eu tanto gosto, só me faz amar ainda mais este.

Folheava suas páginas com verdadeira veneração, quando Dylan me chamou:

— Letícia?

— Hum?

Eu ainda estava vidrada no livro.

— Quer namorar comigo?

Pisquei.

Tudo bem que ele havia dito que me amava e, por Deus, foi a declaração mais linda! Mas ser pedida em namoro. *Eu?* Era um sonho que na verdade nunca sonhei. Achava impossível. Tinha vergonha do que havia acontecido no passado.

— Quer namorar comigo? — Repetiu.

— Você está mesmo disposto a isso?

— Muito. E você?

— Muito, mas... — hesitei. — Dylan, eu

nunca namorei. Bom, isso é meio obvio, já que também nunca tinha beijado — falei, fisingando o lábio inferior. Senti-me nervosa.

— Vamos fazer isso juntos pela primeira vez então, Letícia — Dylan disse. — Eu nunca namorei. Nunca beijei alguém que faz meu coração querer saltar do peito. Nada, até hoje, até você aparecer, tinha sido com amor — concluiu dando um sorriso despretensiosamente lindo.

E eu deveria me concentrar somente nas palavras de Dylan e no nítido amor e sinceridade contidos nelas e nas expressões com as quais me olhava, mas foi num piscar de olhos que Jaqueline passou correndo em minha mente.

“...você não pode oferecer a ele coisas que certamente Dylan procura em uma garota.”

Pressionei os lábios, havia um tanto de verdade naquela afirmação, e eu a amarguei em silêncio por minutos sem ter coragem de dividir

com Dylan. Tudo estava tão mágico e doce naquele momento que eu não queria estragar com a o amargo da realidade. No entanto, Dylan estava disposto para os momentos mágicos e para os reais. Ele me queria mesmo com todos os meus fantasmas. Ele queria meus bons e maus momentos. Porque Dylan me amava em qualquer um deles, *a cada dia ele provou isto*, e teve ocasiões em que ele conseguia me amar mais do que eu própria me amava.

Sem contar que desde o início Dylan conseguia me entender no silêncio, conseguia ler em meus olhos, o que eu sentia e pensava. Por isso ele foi capaz de dizer:

— Letícia, nós só vamos até onde você sinta vontade de ir. Será no seu tempo.

— Mas... e se demorar? — Questionei insegura.

Ele afagou meu cabelo, mirou-me com o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

amor paciente que já possuía — mas que ainda me daria muito mais provas dele — e declarou algo que deixou meu coração tranquilo:

— Quem aqui está com pressa? Hoje é só o primeiro dia de uma vida inteira.

Eu sorri, Dylan sorriu, nós sorrimos... a vida nos sorriu.

E Dylan realmente não teve pressa.

Não houve um dia sequer dos que se seguiram que ele demonstrasse pressa ou descontentamento por ter de mim *apenas* beijos. Claro, depois dos primeiros — que foram suaves —, vieram os que conseguiam me fazer queimar com o calor que promovia em cada centímetro da minha pele, até mesmo nos dias mais frios daquele rigoroso inverno que tivemos em Campo Belo.

PERIGOSAS ACHERON

Eu sentia o desejo florescer em mim de uma forma bonita e gostosa de ser sentida. Na verdade, eu o sentia muito antes de darmos aquele primeiro beijo. Mas era diferente, era algo hipotético, estava presente no meu imaginário e não sabia como eu mesma reagiria. Porém, à medida que o nosso relacionamento se tornava cada vez mais sólido e íntimo, o desejo aumentava, era real e presente cada vez mais.

Aquele ataque que eu tive no auditório da escola, fazendo vivas as lembranças do episódio mais triste da minha vida — que havia me colocado numa escuridão e prisão do meu próprio eu — foi reavivado abruptamente, porém quando Dylan me embalou em seus braços, ele começou devagarinho a apagar. Sua declaração dizendo que me amava me fez ter coragem e segurança para receber dele aquele primeiro beijo.

Minha mente quis me trair, eu senti medo

de fechar os olhos e enxergar o demônio, mas então me concentrei na luz que estava diante de mim, me concentrei que era Dylan que estava prestes a encostar sua boca na minha. Sua luz me chamava e eu precisava abandonar a escuridão.

Eu pensei na mãe de Dylan e como ela foi capaz de fazer exatamente isso: sair da escuridão graças a um amor. E por Deus, eu fiquei em choque por saber que ela havia sofrido o mesmo. Maldito demônio, não tinha ferido só a mim, mas também outra garota, sua própria filha. Houve um dia em que Dylan me contou que Mari sofria desde criança nas mãos dele e seu tormento só acabou quando foi embora. Ao conhecer Rômulo, encontrou sua salvação, sua luz. Deixou Campo Belo, recebeu o amor verdadeiro, foi amada, formou uma família e viveu uma vida boa ao lado do homem que amava e do filho.

Dylan tinha sido minha salvação desde que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chegou a Campo Belo, em cada dia que se passava ele ia refazendo uma parte de mim com seu amor, confirmando-se como minha salvação e o único que seria capaz de me curar por completo, sozinha eu jamais conseguiria.

E depois daquele inverno rigoroso, chegou a primavera, com temperaturas agradáveis e um colorido que nos chamava à vida. Então eu decidi que assim como a estação fazia as flores desabrocharem, eu também desabrocharia. Queria me sentir livre por completo, ter a certeza de que minha mente poderia acompanhar o desejo do meu corpo. Eu queria ser plenamente amada, não que Dylan não me amasse desta forma, amava e muito. Eu já tinha deixado ele tocar minha alma, meu coração, e eu precisava, *queria* que ele tocasse o meu corpo, só assim eu conseguiria afastar os resquícios da dor e das lembranças que vez e outra ainda assombravam.

PERIGOSAS ACHERON

Eu precisava ir adiante.

Eu vinha dando sinais, eu passava a deixar minhas mãos a vagarem de maneira mais ousada por Dylan, eu gemia em sua boca enquanto lhe beijava e eu sentia a solidez de seus músculos sob meus dedos, tocava com desejo seu peito, barriga. E Dylan não ficava imune. Eu sabia o quanto me desejava, eu sentia a tensão em cada parte de seu corpo, porém ele nunca tomaria a iniciativa ou falaria algo a respeito. Dylan estava esperando por mim.

E eu finalmente me sentia pronta e determinada a entregar meu corpo a Dylan e sentir o seu.

Nós costumávamos levar uma manta para a cachoeira e estendê-la sobre o chão, e assim ficávamos horas e horas deitados, observando a água cristalina, o céu, as árvores, os pássaros que sempre nos visitavam. Às vezes Dylan lia para mim

PERIGOSAS ACHERON

e eu para ele, eram tardes felizes, eram tardes com muitos beijos, carinhos. Eram tardes especiais, mas haveríamos de tornar uma delas a mais especial de todas.

Tinha algo especial no ar, o sol brilhava, a temperatura estava agradável e lá estávamos nós; sobre a manta, nos beijando quando eu afirmei em seus lábios:

— Eu quero, Dylan. — Ele parou o beijo de imediato. — Eu quero ir adiante — repeti.

Dylan franziu a testa.

— Letícia...

— Me ame, Dylan — pedi.

Eu senti seu coração bater mais rápido contra o meu peito.

— Cada parte de parte de você, meu amor.

E assim ele cobriu minha boca com a sua e passou a me beijar tomado por um desejo que estava contido nele por meses. Dylan escorregou

seus lábios e sua língua da minha boca para o meu maxilar, depois pescoço e alcançou a minha pele até onde o decote do vestido permitia. Não era muito, mas era o suficiente para me deixar em chamas e desejar que ele fosse além do tecido.

Dylan leu meus pensamentos, se levantou, pegou gentilmente em minha mão e me fez ficar de pé, ante a ele.

— Posso? — Ele perguntou antes de começar a abrir os botões do vestido. Ele tinha um grande trabalho a fazer, o vestido jeans era todo fechado por botões na parte da frente.

Respondi que sim. E enquanto a melodia da queda d'água da cachoeira ia sendo tocada, Dylan desabotoava em silêncio e sem pressa alguma cada um dos botões.

Observei-o pensando como ele era maravilhoso, mesmo com os meses de namoro que já tínhamos, ele continuava a perguntar “posso?”,

PERIGOSAS ACHERON

uma única palavra dotada de tanto significado. “Posso?” era mais que só uma permissão, era: “eu respeito sua vontade”, “respeito seu limite e só vou adiante se você quiser”.

E eu queria. Queria que Dylan fizesse exatamente o que estava fazendo naquele instante depois de se ocupar com os botões do vestido e tirá-lo do meu corpo; ele deslizou a mão pelo meu cabelo, depois me fez sentir o tracejo de seus dedos em rosto.

Eu continuava a querer mais. E Dylan continuou a me dar mais.

Arquejei quando seus lábios tocaram meus ombros, beijando-os escorregou os braços pela lateral do meu corpo, o contato de seus dedos em minha pele era suave e quente, quando suas mãos alcançaram minha cintura, Dylan me puxou para si, colou seu corpo ao meu e me beijou; sua língua encontrou a minha, que sedenta esperava pela dele.

Elas dançavam uma música amorosa e sensual enquanto eu sentia a intensidade de seu desejo roçar a minha calcinha através da sua bermuda jeans.

Foi uma sensação gostosa que me deixou ainda mais desperta para aquele momento, eu me senti reagir à atração, desejando a cada minuto sentir seus toques carinhosos e íntimos, pois eu sabia que cada lugar do meu corpo que Dylan tocasse, deixando suas digitais, tiraria as marcas das mãos imundas que permanecia invisíveis sobre ele.

E Dylan ia com cuidado e gentileza empregando seus toques, com uma respiração densa, soprando sobre meus lábios, levou as mãos atrás no fecho do sutiã. Seu olhar me perguntou se podia, eu devolvi a resposta, levando minhas mãos até sua camiseta, erguendo-a pela barriga e peito. Dylan sorriu, compreendendo que eu o queria sem

PERIGOSAS ACHERON

ela, então afastou as mãos de mim e as usou para se desfazer de sua camiseta. Senti a solidez de seu peito junto ao meu, escorregava meus dedos em suas costas, ao passo que Dylan abria o meu sutiã, quando desceu suas alças, os lábios dele dispensaram beijos pelo local; e finalmente, quando a peça foi retirada por completo, Dylan deixou seus olhos recaírem sobre os meus seios.

— São lindos — ofegou. — Você é toda linda, Letícia.

Eu vi o movimento de seu peito, ele respirava tão forte, tão cheio de desejo, e foi desse jeito que ele tocou em meus seios; massageou com o polegar, acariciou, deslizou os lábios, a língua e tudo... cada sensação ia tornando minha respiração ávida e meu corpo relaxado e pronto para ele. Só que na verdade, Dylan vinha, sabiamente, o deixando assim muito antes daquele momento.

Eu almejava que Dylan devolvesse ao meu
PERIGOSAS ACHERON

corpo a pureza que fora roubada de mim à força, a minha virgindade tirada sobre gritos e choros de dor. Julguei que isso só aconteceria no momento em que tivéssemos a nossa primeira relação sexual, mas naquele instante, compreendi que por todo o tempo que Dylan me amou sem ir além dos beijos, preservando meu corpo, me dando um tempo necessário para refazê-lo, amando-me acima de tudo, ele fazia a minha pureza voltar.

Eu a sentia de volta, e quando fiquei despida não só de roupas, mas também da vergonha, do medo, da dor, eu me senti como uma garota virgem, fazendo amor pela primeira vez com o garoto que amava. Experimentando o sexo como um ato de amor e não dor.

Assim, quando depois de tirar a roupa que ainda lhe restava, Dylan me deitou sobre a manta, suas mãos carinhosas percorreram-me, acompanhando sua boca que ia parte por parte,

PERIGOSAS ACHERON

centímetro por centímetro do meu corpo, beijando-o e acariciando-o... até que não éramos dois, éramos um.

— Tão delicada, tão linda, tão perfeita... — Dylan sussurrava unindo seu corpo ao meu. — Eu vou sempre amar e cuidar de você, meu lírio do campo.

— Seu amor me salvou, Dylan — declarei com a respiração entrecortada.

— E o seu a mim.

Sua resposta veio acompanhada do movimento suave e em ondas do seu quadril sobre o meu. E eu os recebia com prazer, desejando-o mais e mais.

Fazíamos amor pela primeira vez, e aquela foi de fato a minha primeira vez, apagando para sempre o passado. Tornando a lembrança de Dylan sobre meu corpo, a única.

O amor nos salvou, levou a dor. Eu sabia

PERIGOSAS NACIONAIS

que enquanto na minha vida eu tivesse Dylan Vainat — o meu anjo de asas negras — eu seria Letícia, o seu lírio, que mesmo esmagado e machucado Dylan enxergou beleza. Uma beleza que estava perdida, murcha.

Mas Dylan fez tudo se renovar.

E foi numa tarde ensolarada de início da primavera que meu corpo foi amado pela primeira vez.

Um anjo me devolveu a minha alma.

Eu estava liberta.

Completa.

Renascida.

Dylan

Eu nunca havia me ligado para estações do ano, em Esperança era tudo tão cinza e escuro

PERIGOSAS ACHERON

sempre e a única coisa que eu me preocupava era em usar roupas de frio ou calor. Entretanto, em Campo Belo, era notável como cada estação era marcante: no verão, em dias sem brisa alguma, o calor era escaldante com sensação térmica passando os trinta e cinco graus e eu me sentia derreter facilmente. Já no outono era preciso usar mais de uma blusa de manhã cedo, e quando chegasse ao meio-dia, uma única seria suficiente. Agora, no inverno, eu quis me agasalhar o máximo que conseguia, consumir muita bebida quente e dormir com muitas cobertas num quarto bem fechado, o que me fez abandonar a minha cama de mola e o celeiro e partir para a casa de Livia. Mas foi só até quando a primavera chegou.

Na primavera, os dias eram de temperatura agradável e estável, as cores da natureza se diversificavam ainda mais e tudo ganhava uma vida nova. Aconteceu assim comigo e com Letícia —

ganhamos uma vida nova que só uma tarde de primavera, em um lugar mágico, poderia nos proporcionar.

Havíamos acabado de unir nossos corpos pela primeira vez, ainda estava me sentindo ébrio pela sensação de prazer, eu deslizava os meus dedos pelo comprimento dos fios de cabelo de Letícia, enquanto a tinha junto ao meu peito.

Eu sabia o quanto dar aquele passo, ir adiante em nossas carícias, significava para ela. E tudo que eu pensei enquanto tocava seu corpo era fazer com que ela se sentisse amada, cada toque eu a observava, eu a sentia e ia percebendo que ela se tornava relaxada e entregue às boas sensações que o sexo pode causar.

Pensei nas tantas vezes que meu corpo já esteve junto ao de uma mulher, era algo tão superficial, apenas sexo. E Letícia tinha me dado uma primeira vez; a primeira vez que fiz amor, que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

senti amor ao tocar o corpo de alguém e sabia que fui tocado da mesma maneira. Eu era um homem apaixonado e disposto a dar prazer, a sentir prazer com a paixão ardente que assumia nossos corpos, mas também com o amor que transbordava de nossos corações.

Letícia me fez conhecer o amor puro, forte e verdadeiro.

A primavera em que fizemos amor pela primeira vez, marcaria nosso renascimento, pois se Letícia estava renascendo com nossa relação, eu também estava.

No entanto, aquela primavera nos marcou muito mais do que poderíamos imaginar.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 18

Dylan

Era um sábado e eu finalmente iria conhecer a tão comentada “Festa das Flores de Campo Belo”, que acontecia anualmente em Campo Belo no primeiro final de semana de outubro. Conhecer e participar de um desfile que sempre acontecia com carros enfeitados, e por isso Carmela estava estacionada em frente ao celeiro e eu estava na carroceria, tentando, a todo custo, lidar com flores feitas de papel crepom, fita adesiva e um vento determinado a me atrapalhar. E para ser bem sincero, meu cérebro não estava muito disposto a colaborar, pois eu só conseguia pensar em Letícia e me desconcentrava de todo o resto.

Decidi pedir ajuda, ou acabaria me

atrasando para o desfile. Lívia, Cristian e Anabel já haviam ido para o centro, pois Lívia participaria da exposição de flores com todos aqueles arranjos lindos que fazia. Benjamim não quis ir tão cedo e ficou para ir comigo.

E, por sorte, estava lá para me ajudar. Nove meses em Campo Belo e eu já havia adquirido alguns costumes, chamar as pessoas gritando era um deles, então gritei:

— Ô, Benjamim?!

Ele ergueu a cabeça, estava sentado nos degraus da varanda, me encarou com sua expressão amarrada. O tempo de convivência me fez saber que ele normalmente era assim. Ben infelizmente carregava um grande peso.

— Você pode me ajudar com isso aqui?!

Ergui as mãos onde eu tinha um rolo de fita adesiva e algumas das flores feitas por Lívia — havia uma porção pela carroceria — que eu tinha

que colar a fim de enfeitar Carmela. Eu ainda estava contrariado por ter de grudar fita adesiva nela, daria um jeito de usar pedaços pequenos, e nem mesmo nos pontos enferrujados e amassados, eu me atreveria colocar fita e flor para tampá-los, eu achava significativo cada marca feita pelo tempo naquela robusta caminhonete Chevrolet D20 cabine dupla de mais de 30 anos de idade.

Carmela estava linda como nunca, era uma senhora caminhonete, de dar inveja a qualquer novinha. Eu havia dado um verdadeiro trato nela; lavei, encerei e ainda poli toda a sua lataria. Sem esquecer, lógico, do seu interior; ele estava impecavelmente limpo — painel sem poeira alguma, estofados sem pelos do Moon e da Sunshine, que adoravam ocupar os bancos de trás, fosse para passear comigo e com Letícia ou simplesmente para dormirem. Eles tinham feito de Carmela uma espécie de cafofo do amor. Eu

PERIGOSAS ACHERON

deixava, não ia impedir meu amigo Moon de ter um tempo a sós com sua namorada.

Eu sabia o quanto esses momentos a sós eram preciosos. Ainda os tinha com Letícia, porém depois que oficializei o pedido de namoro ao pais dela, algumas instruções foram dadas e devidamente seguidas. Eu não estava disposto a contrariar as recomendações do pastor Germano, nem mesmo de sua esposa, Josi.

Continuávamos a nos encontrar em nossos lugares favoritos, mas já não era quase todas as tardes, como acontecia quando éramos apenas amigos. Não por nossa vontade própria, e sim porque antes os pais de Letícia não sabiam que sempre que ela ia à colina acabava me encontrando por lá. E depois de terem certeza que isso acontecia, tivemos que dosar o namoro entre momentos a sós e acompanhados. Eu era aquele cara que namorava no sofá da casa da namorada e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esperava ansiosamente a oportunidade de lhe roubar um beijo. E, no final das contas, passei a achar divertido. A única que não parecia muito feliz com o nosso namoro era Jaqueline, mas isso em nada mudava nosso bom humor e ela cooperava um bocado ficando trancada no quarto. Ou às vezes saía, dizia que era com amigas, contudo era evidente que era com Arthur e a turma dele. Tive a impressão de que enquanto Letícia passou a viver numa redoma desde que aquela situação horrível lhe aconteceu, Jaqueline, por sua vez, queria viver o mais distante possível de casa, seja por sua vontade de ir embora de Campo Belo, ou apenas por quase não parar em casa. Era bem surpreendente o fato de os pais tentarem fazer ela ser diferente, reprimi algumas coisas, porém ainda assim, em algumas não conseguiam.

Enfim, o importante era que Letícia e eu estávamos bem, e no final das contas passei a achar

PERIGOSAS ACHERON

agradável estar na presença de Germano e Josi, e os sentia gostarem que eu estivesse lá. Mas nem sempre foi assim. E nem mesmo meu pedido de namoro foi aceito de imediato. Germano até foi maleável, agora Josi, não.

Foi um tanto surpreendente perceber que Germano havia cedido e aceitado a ideia de maneira mais branda que a esposa. Josi, definitivamente, estava determinada a não querer nosso namoro e muito menos eu na casa deles. Mas ante Josi estar determinada em não aceitar e Letícia querer que relação fosse aceita. A relação foi aceita. Até porque minha namorada ela já era, e seria com Josi aceitando ou não. Apenas queríamos a bênção de seus pais.

Então, numa tarde de domingo em que fui pela segunda vez pedir autorização para namorar Letícia, estávamos os quatro — Letícia, Josi, Germano e eu — na casa deles quando todas essas

PERIGOSAS ACHERON

informações vieram à tona, eu jamais poderia imaginar os motivos que faziam Josi não aceitar o nosso namoro.

Poderiam ser minhas tatuagens? O rapaz que foge ao padrão de Campo Belo? O forasteiro? Poderia, mas não era isso. Eu era o filho da Mari. E Mari era a garota por quem Germano foi apaixonado. E, segundo o próprio Germano, minha mãe não correspondia o seu interesse por ele. Eram apenas amigos, embora ele tivesse esperança que um dia a amizade se tornasse namoro. Porém, minha mãe foi embora com meu pai, e assim Germano finalmente engatou um namoro com Josi, que já era interessada nele.

Eles se casaram, minha mãe nunca mais voltou a Campo Belo por motivos óbvios — mas que ninguém na cidade além de Livia sabia —, e ainda assim Josi carregava em sua própria mente o título de segunda opção.

Foi estranho ver que um casal, que por vezes dava conselhos a outros casais sobre o matrimônio, também passava por seus momentos difíceis no casamento. Não é porque Germano era pastor de uma igreja que a vida fosse mais fácil ou que os problemas não surgiam, pensei.

Durante toda aquela necessária lavagem de roupa suja entre Germano e Josi, ele fez algo que aquebrantou o coração da esposa, e foi bem emocionante vê-la superando algo que lhe incomodava tanto.

— É tão absurdo termos que falar desse assunto mesmo depois de tantos anos, Josi. Mas caso você ainda precise que eu diga ou faça algo, então saiba que até achava que amava Mari. Mas quando eu te beijei pela primeira vez, soube que era você a mulher da minha vida. Não hesitei em assumir um compromisso sério, me casar com você e formar nossa família. Você não é minha segunda

opção, porque Mari era uma ilusão, e você é uma certeza. Eu te amava, eu te amo. Você foi e sempre será a única.

Eu suspeitava que Germano já havia dito isso à Josi, no entanto, somente nesta ocasião é que as palavras tiveram efeito. Admito que foi um tanto constrangedor saber que o fantasma de Josi era minha mãe, quando eu sabia do amor que ela e meu pai viviam, quando eu sabia que minha mãe era o tipo de pessoa que jamais desejaria alguém sofrendo de alguma forma por causa dela. E por ela estar morta, parecia mais estranho ainda Josi ainda sentir aquilo.

Mas é como se diz: “há um tempo determinado para tudo”. Era o tempo de Josi se libertar de um fato do passado. Josi chorou abraçada ao marido, enquanto Letícia e eu os assistíamos trocar palavras de carinho. Foi emocionante vê-la se libertando finalmente do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assunto. Emocionante também foi a oração que ambos fizeram abençoando nosso namoro. Letícia e eu também nos sentimos libertos para ter uma relação que seus pais apoiavam. E, por fim, ainda uma oração foi direcionada à minha mãe. O que me fez chorar um bocado e orar.

Depois desse dia eu passei a ser acolhido em mais uma casa de Campo Belo. Eu passei a frequentar os cultos admirando o pastor e a esposa dele. E eu não escondia o orgulho que sentia quando Germano se referia a mim como genro. Ele já me considerava como tal, sabia que eu seria só questão tempo para Letícia e eu nos casarmos, eu tinha sido sincero com ele desde o início, do mesmo modo fui sincero sobre este assunto.

E foi um dia em que eu o ajudava a organizar um pequeno galpão onde guardava ferramentas, cortador de grama e mais uma porção de coisas, que Germano com sinceridade disse:

PERIGOSAS ACHERON

— Vocês terão a nossa bênção, filho. E desculpe se um dia duvidei da sua boa índole. Quando te vi no primeiro dia em Campo Belo, eu soube que era filho da Mari e do homem que até então sabíamos que tinha a levado daqui. Isso me causou muita desconfiança. Mas depois que você me contou tudo que Mari passava, me senti grato por seu pai ter aparecido na vida dela. Estou grato também por todo o amor e cuidado que tem dado à Letícia. Voltar a ouvir a gargalhada dela tornou meus dias mais felizes. Infelizmente todos nós temos algumas provas a passar nessa vida. Não é porque sou pastor que as dificuldades não existam. As provas, por vezes, são ainda maiores. Deus testa o tempo todo o nosso coração, Dylan. A nossa capacidade de acreditar nEle.

Compreendi que ele estava falando do que aconteceu com Letícia. Eu fui muito franco com Germano ao contar sobre o que acontecia com

PERIGOSAS ACHERON

minha mãe e deixá-lo ciente que sabia o que havia acontecido a Letícia. O que fez ele confiar a mim o que passaram diante do que aconteceu.

— Não foi nada fácil saber o que nossa filha tinha passado e não fazer nada. Nos penitenciávamos todos os dias que se seguiram, por ela ficar cada vez mais introspectiva. A falta de coragem e vergonha nos impediram de fazer qualquer denúncia. Hermann era um homem poderoso. Até mesmo a polícia recebia ajuda dele. Ia ser uma luta da qual Letícia sairia ainda mais ferida, pois teria seu nome exposto para a cidade toda e Hermann era capaz de sair impune. Por isso, Josi e eu tomamos a decisão do silêncio. Mas nem por isso deixamos de sofrer por nossa filha.

Eu até tinha um julgamento contrário à atitude deles, no entanto Germano foi sincero, eu senti a dor em cada palavra, e meu pai havia me alertado sobre a questão de que os poderosos eram

PERIGOSAS ACHERON

acobertados enquanto inocentes sofriam calados. Era uma triste verdade presente em Campo Belo.

— Hermann e Norma estão mortos. Depois de tanto tempo Letícia está bem. Não vamos mais deixar o peso disso tudo sobre nossas vidas.

Germano concordou, mas eu sabia que mesmo assim o peso por tudo que aconteceu a Letícia perduraria. Talvez mais brando por perceber que agora ela estava vivendo livre do que a atormentou por tantos anos. O nosso amor não dava brecha para que o maldito demônio voltasse a sua mente. E eu me esforçaria para que continuasse assim para sempre.

O vento soprou com mais força fazendo algumas das flores voarem de dentro da carroceria de Carmela. Voltei a gritar com Benjamin:

— Vamos lá, Ben. Me ajude aqui! —
Insisti.

Benjamin bufou, mas eu desconfiei ter visto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um sorriso enquanto ele saía do seu lugar e vinha até Carmela. E aquele sorrisinho era de quem estava se divertindo com a minha pouca, ou melhor, nenhuma, habilidade em usar fita adesiva e flores de papel ao mesmo tempo que o vento resolveu dar uma ajudinha para dificultar tudo.

Quando se aproximou, eu entreguei a ele o rolo de fita adesiva e pulei da carroceria. Enquanto Benjamin cortava pedaços com o dente em seguida me passava e eu colocava nas flores e depois pressionava contra a lataria de Carmela, torcendo para que saíssem depois sem deixar marcas.

— Como foi a pescaria ontem? — Perguntei na tentativa de puxar conversa.

— Foi bem legal. O pai disse que vamos no próximo final de semana. Disse pra ele te chamar, mas não sei se gosta de pescar.

Peguei um pedaço de fita da sua mão e fui sincero ao responder:

PERIGOSAS ACHERON

— Nunca pesquei, Ben, mas acho que vou gostar.

— Caramba! Nunca pescou? Então precisa ir. — Assenti e coleí mais uma das flores em Carmela. — Quem na vida nunca pescou? — Benjamin murmurou a pergunta para si, enquanto arrancava outro pedaço de fita.

Eu sorri. Estava feliz por notar que as coisas entre ele e o pai estavam melhores. Era perceptível que Cristian, apesar de ainda continuar num ritmo bem intenso de trabalho, estava se dedicando mais ao filho. A Anabel também, mas o Benjamin nitidamente precisava mais. Eu ainda não sabia como John havia morrido. Cristian e Livia não comentavam nada e eu não perguntava. Sabia que tinha coisas que nos aconteciam que não era bom ser lembrado. Do mesmo jeito que eu não gostava de ficar lembrando e falando daquela briga com Tarso e Paulo César — que acabei os mantando —

PERIGOSAS ACHERON

e da gangue que roubava carros que eu fazia parte, eles não gostavam de falar da morte do filho e nem dos problemas financeiros. Eu respeitava. Sobre o filho morto, eu não poderia fazer nada, mas sobre o dinheiro sim. E isso cada vez mais martelava em minha mente, eu tinha como ajudar e faria, afinal, tinha uma herança esperando por mim. Admito, estava adiando o momento de ir procurar o tal advogado, minha vida estava boa e em paz, e de repente comecei a pensar que viver com o dinheiro daquele maldito homem poderia me trazer problemas, amaldiçoar minha vida. Sei lá bem o que pensava, mas pensava algo nesse sentido, e fui deixando o tempo passar. Era bom ser só Dylan Vainat — o forasteiro, para o povo de Campo Belo, e não o neto de Hermann Boehnen.

Nem me importava em saber que o babaca do Arthur morava na tal fazenda que, no final das contas, era minha, não me sentia com vontade de ir

PERIGOSAS ACHERON

viver lá e nem nunca iria. Aquele lugar foi onde minha mãe sofreu nas mãos do desgraçado e Letícia também. Eu certamente colocaria tudo à venda. Arthur e sua família que usufruíssem do lugar por mais tempo, pensei. Sem contar que enquanto ele estava ocupado em suas festas na fazenda, não me perturbava. Eu fiquei esperando pelo momento que o revide daquela briga que tivemos viesse, todavia havia passado tantos meses e nada acontecera, o que me fez concluir que ele era apenas um daqueles tipos que adorava ameaçar, mas não fazia nada. Melhor assim, eu não queria mais saber de confusão mesmo. Entretanto, teria que dar a ele um choque de realidade, suas festas acabariam e sua boa vida na fazenda também.

Havia tomado a decisão de procurar o advogado, faria isso na próxima semana. Meu principal objetivo em finalmente assumir a herança era conseguir ajudar Livia e Cristian, era o mínimo

que poderia fazer por eles.

— E não é que Carmela ficou uma gracinha? — Brinquei depois de termos colocado todas as flores.

Colocamos todas, depositando a maioria nos vidros do para-brisa e janela, criando verdadeiras molduras neles e assim evitei de colocar muitas pela lataria.

— Você vai passar para pegar Letícia?

— Sim, só preciso colocar uma camiseta e vamos.

Eu havia deixado para colocar depois de fazer o serviço na Carmela para não acabar sujando.

— Você tem tantas tatuagens que às vezes dá a impressão de que está usando uma camiseta toda estampada.

Eu ri do comentário de Benjamin e fui para o celeiro, peguei no guarda-roupa uma das

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

camisetas brancas, eu não tinha muitas de outra cor que não fosse branca ou preta, passei a peça de roupa pela cabeça quando o Benjamin surgiu diante de mim.

— John gostava dela... de Letícia — disparou.

— É, eu soube que eles eram bem amigos — respondi passando por ele e alcançando minha carteira em cima da cama.

Estava de costas para ele quando Benjamin disse:

— Não como amigo, ele dizia que ia se casar com ela.

Deslizei a mão pelo cabelo, não estava entendendo aonde o garoto queria chegar me falando aquelas coisas, achei melhor não levar em frente.

— Acho melhor irmos ou vamos nos atrasar.

PERIGOSAS ACHERON

Dei as costas e ele soltou:

— Ele ia matar o senhor Hermann. — Senti os músculos retesarem. — Ele era seu avô, não era? Escutei minha mãe falando sobre isso.

Voltei dois passos e o fitei.

— Hermann era meu avô sim. Mas não tenho motivos para gostar dele, pelo visto John também não. O que aconteceu, Ben? — Perguntei.

Benjamin travou o maxilar, passou a mão pela gola da camiseta e depois pelo pescoço.

Insisti.

— Sabe... podemos nos sentar — aponte para a cama — e você me contar o que aconteceu.

Usei um tom de voz tranquilo e seguro que o incentivasse a falar. Ele precisava expor isso, estava lhe sufocando e eu estava interessado em saber.

Quando ele se sentou, eu me sentei ao seu lado, Benjamin tirou as mãos do bolso de sua

PERIGOSAS ACHERON

bermuda jeans e as fechou em punho sobre as coxas. Seus braços, dedos, maxilar, estavam rígidos.

— Eu nunca contei a ninguém, nem aos meus pais. O grito da minha mãe perguntando o que tinha acontecido era tão alto que eu não consegui falar e ele ainda ecoa na minha cabeça — Benjamin falou encarando o guarda-roupa à nossa frente, mas o seu olhar estava distante. Certamente voltando ao passado.

— Você pode falar comigo sobre isso. O que quer que me conte, ficará aqui — assegurei.

Ele me encarou, balançou a cabeça devagar concordando, seus olhos começaram a lacrimejar e os músculos da sua face estavam contraídos como se ele estivesse prestes a vomitar algo indigesto que lhe pesava no estômago por horas, no caso dele, anos. E quando as palavras vieram, elas jorraram por sua boca, rápidas como uma única golfada do

PERIGOSAS ACHERON

que ele precisava colocar para fora.

— Numa tarde, a mãe estava trabalhando no galpão, eu vi John ir até o quarto dos nossos pais e pegar uma arma. Ele foi para o nosso quarto e eu fui atrás dele. John estava com ela na mão, quando eu perguntei por que ele estava com aquela arma, John me disse que ia matar o senhor Hermann. Eu só tinha seis anos de idade, mas eu sabia que matar alguém não era a coisa certa a fazer. Então eu disse a ele que não devia matar o senhor Hermann. Meu irmão me olhou por alguns segundos e me explicou que o senhor Hermann era um homem muito ruim e que ele devia morrer, e que não era pra eu contar a ninguém. Eu concordei. Porque era sempre assim, se John me dizia que algo era certo, era certo. O que John me dizia para fazer, eu fazia. Sempre foi assim. E por isso, eu respondi que sim quando ele perguntou se eu queria segurar a arma. Mas no fundo eu estava com medo. John era muito corajoso

e eu não queria que ele achasse que eu não era. Primeiro eu segurei a arma com as palmas estendidas para cima. John riu e disse que ia me ensinar como eu deveria segurar. Ele pegou a arma de volta na mão e segurou firme com as duas mãos, apontando ela para mim. Depois me devolveu, dizendo para eu fazer o mesmo, eu imitei como ele tinha me mostrado, John sorriu, foi um sorriso orgulhoso. Ele gostava de me ensinar as coisas. Ele continuava sorrindo enquanto eu tentava disfarçar o quanto minhas mãos tremiam. E foi então que eu não sei como e onde eu apertei, mas houve um estrondo e eu senti como se algo queimasse minha mão, na hora com o susto eu joguei a arma no chão, e quando percebi John também estava no chão e uma poça de sangue começava a se formar. Não demorou para a minha mãe entrar no quarto. Ela começou a gritar por ajuda, começou a gritar perguntando o que tinha acontecido. Ela gritou por

PERIGOSAS ACHERON

dias e meu pai nunca mais foi o mesmo comigo. Eu não queria matar o John, eu só fiz como ele me disse para fazer. Eu amava o meu irmão, ele era meu melhor amigo. E eu sempre quis ser como ele era, fazer tudo que ele fazia. John era meu exemplo. Eu não queria ter matado o John.

O rosto de Benjamin estava encharcado de lágrimas e vermelho, seu corpo todo tremia, eu passei o braço por cima de seu ombro.

— Benjamin, não foi culpa sua. Você não queria ter feito aquilo, foi um acidente. E seus pais sabem disso. Eles só ficaram tristes. Mas tenho certeza que não te culpam. Você deveria ter contado tudo a eles.

— Eu não consegui, eu não quis contar que John queria matar o senhor Hermann. E para ser sincero, eu sinto tanta falta do John, mas também raiva por ele ter pego aquela arma. Por ter querido matar o senhor Hermann. E eu acabei matando ele.

— O único culpado nessa história é o maldito Hermann, Benjamin. E você não deve se culpar, foi uma fatalidade.

Apertei um pouco mais meus braços sobre os ombros de Benjamin, ele não parava de chorar e tremer, por fim abracei-o. Seu rosto estava no meu peito, Benjamin era um garoto de doze anos, quando a tragédia aconteceu tinha seis anos. E naquele instante que eu o abraçava ele parecia ter de volta seis anos, parecia tão frágil e cansado do fardo.

E após saber como tinha acontecido, suspeitei que a reação de Cristian a tudo isso era o peso de ter aquela arma no quarto. Seu silêncio com Benjamin não era por ele ter matado sem querer o irmão, mas sim por ele próprio ter deixado em sua casa a arma que provocou isso.

Enquanto Benjamin continuava a chorar em meus braços — e eu deixei que fizesse pelo tempo

PERIGOSAS ACHERON

que precisasse —, eu lamentava em pensamento por tudo aquilo ter acontecido a eles. Chorei e senti raiva. Hermann Boehnen tinha feito, no final das contas, mais vítimas com suas atitudes inescrupulosas. Eu desejei com todas as minhas forças que ele estivesse queimando no fogo do inferno, ardendo, sofrendo, pagando por todo o mal que tinha feito.

— Ah, foi uma pena que não tenham participado do desfile — Livia lamentou, quando a encontramos dentro do pavilhão de exposição.

— Tivemos alguns imprevistos — falei. Benjamin me olhou pelo canto dos olhos, talvez preocupado que eu mencionasse algo, lógico que não faria. — Mas de qualquer forma, Carmela está a caráter aí na rua, quer ir lá dar uma olhada nela?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Perguntei com entusiasmo, levando a conversa para outro ponto que não o nosso atraso.

— Tem uma apresentação na tenda de fora, Anabel vai participar. Cristian está lá com ela. Vamos assisti-la e depois a Carmela — Livia informou sorrindo naturalmente.

Ben e eu conseguimos disfarçar a nossa cara de choro lavando bem o rosto antes de sair. E eu pude perceber que, apesar de tudo, o garoto parecia mais leve. O fato de ter dividido o assunto com alguém lhe fez isso.

Quando chegamos na casa de Letícia, ela já nos aguardava ansiosa por conta da demora, perguntou-me se estava tudo bem diversas vezes, e ao começarmos a deixar o pavilhão ela segurou no meu braço, travando os passos, com Livia e Benjamin mais à frente, me lançou um olhar do tipo que sabia que alguma coisa não estava certa.

— O que houve afinal, Dylan? — Inquiriu.

PERIGOSAS ACHERON

Sustei seu olhar, ponderando o que dizer. Eu prometi a Ben que não ia contar nada do que me dissesse, e além de não estar disposto a quebrar a promessa, não daria a informação à Letícia de que John pegou uma arma para matar o maldito do Hermann, ela certamente havia contado a John o que aconteceu. Se sentiria culpada pela morte de John, pela tragédia que marcou a família de Livia para sempre.

— Ben me contou como foi que John morreu, me falou sobre o acidente com a arma — expus. O enrugamento de sua testa foi imediato, causando-lhe desconforto. O assunto da morte de John nunca fez parte de nossas conversas. — Acho que ele precisava conversar com alguém sobre o assunto — concluí.

— Ele acha que foi o culpado — Letícia disse com as feições tristes.

— É... foi um acidente, mas é difícil para

Ben, que era ele quem segurava a arma de onde saiu uma bala que matou o irmão.

— Eu oro todos os dias para que Benjamin se sinta em paz com relação a isso. Mesmo sem ter sido intencional, deve ser horrível carregar o peso da morte de alguém, ainda mais do irmão.

Eu balancei a cabeça concordando, peguei em sua mão indicando para voltarmos a caminhar, eu não queria mais ficar no assunto. Definitivamente através da minha boca ela nunca saberia o que levou John a pegar aquela arma — não era a melhor coisa a fazer. Do mesmo jeito que também não era bom Letícia saber que eu já havia estado com uma arma na mão, mas no meu caso eu atirei intencionalmente. Eu pensei em contar, ser honesto referente a tudo que eu já tinha feito em Esperança, porém eu só conseguia dizer que eu não fazia coisas certas. Letícia nunca aprofundou o assunto, nunca me perguntou nada do que eu dizia.

E eu nunca disse.

Deveria.

Nos aproximamos do palco onde Anabel e mais cinco meninas estavam, elas usavam roupas de balé cor-de-rosa que davam a impressão de que eram todas minirrosas cor-de-rosa, as bochechas pintadas com o desenho de uma flor tinham pontos brilhosos de glitter. Elas estavam a postos para começarem a apresentação, e nós a postos para vê-las. Lívia, Cristian e Benjamin permaneciam ao nosso lado, Thomy estava por perto. E os pais de Letícia também, ocasionalmente eles eram surpreendidos por abraços dos membros da igreja. Era notável que eram uma referência na cidade.

Eu estava em Campo Belo, participando de uma festa do tipo que eu nunca tinha estado antes, uma típica festa de cidade do interior. Uma cidade agraciada por uma beleza natural, por campos de flores que eram cultiváveis, sendo esta a maior

PERIGOSAS ACHERON

renda econômica, somado a algumas fazendas de gado.

Havia tanto dos costumes e tradições por aquele descampado onde a festa acontecia, o pavilhão com a exposição de flores era o colorido mais lindo que eu já tinha visto na vida, e do lado de fora, mesas e banco de madeira estavam espalhados na grama debaixo de tendas, de onde vinha o aroma de diversas comidas. Mas havia um carrinho de pipoca próximo ao local que estávamos, e este aroma conseguia ser mais acentuado. O cheirinho de pipoca doce e salgada, as crianças correndo, o clima amigável entre as pessoas que sorriam umas para as outras, inclusive para mim, fizeram com que eu me sentisse bem em fazer parte de tudo aquilo.

Eu inspirei fundo, abraçando Letícia por trás; circundei os braços ao redor de sua cintura. O sol brilhava acima de nós e o vento também estava

PERIGOSAS ACHERON

presente, deixando alguns fios do seu cabelo revoltos, eu arrumei uma mecha atrás de sua orelha e fitei a lateral de seu rosto.

— Linda... — sussurrei, tracejando seu maxilar com a ponta do meu nariz, sentindo o seu perfume de lírio.

Percebi seu sorriso e seu encolher de ombros com a carícia, ela virou a cabeça para o lado, aproveitei a proximidade de nossas bocas e as juntei — pressionando meus lábios sobre os dela. Foi um beijo cálido, rápido e como sempre capaz de fazer meu coração saltar.

A apresentação foi anunciada, a música iniciou com acordes de violão, e as meninas — lindas bailarinas — começaram, em perfeita sincronia, a realizar a coreografia suave que acompanhava o ritmo da música, que, lógico, tinha na letra algo relacionado a flor. Admirava a apresentação, a letra da música romântica, e então

houve um momento que eu já não conseguia olhar para mais nada que não fosse Letícia, seu rosto lindo, suave e delicado como uma flor. Apertei meus braços um pouco mais ao redor de seu corpo, ela deslizou as mãos em meus braços, encolhendo-se dentro do meu abraço, encolhendo-se de um jeito de que estar nele era não só o seu lugar preferido, era seguro.

Reparava na letra da música, enquanto pensava o quão forte ela havia sido esse tempo todo, vivendo em seu silêncio ao passo que sua mente estava em um constate barulho com seus gritos de socorro.

(...)

E a flor conhece o beija-flor

E ele lhe apresenta o amor

E diz que o frio é uma fase ruim

Que ela era a flor mais linda do jardim

*E a única que suportou
Merece conhecer o amor e todo seu calor
(...)^[7]*

No final da canção e da apresentação, sob palmas e assovios eu lembrei do que minha mãe sempre disse e do que fez questão de relembrar na carta que me deixara: “*mulheres são como delicadas flores que devem ser cuidadas com todo o carinho, jamais machuque uma.*”

Girei o corpo de Letícia fazendo-a ficar de frente para mim.

— Eu jamais vou machucar você —
afirmei, segurando seu rosto entre minhas mãos. —
Jamais — repeti.

Ela assentiu.

— Eu sei disso, Dylan. Eu sei.

Abracei-a com carinho, fechei os olhos, sentindo seu perfume, sentindo seu coração batendo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

junto ao meu. Eu estava em paz.

Mas ela não duraria por muito tempo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 19

Dylan

A desgraça encontrou seu caminho até mim, eu deveria imaginar que isso iria acontecer, afinal era assim que as coisas funcionavam comigo.

E então, a paz durou até que tudo começou a ruir, a começar por aquele que se manteve na dele por tanto tempo, mas haveria de ter um momento em que o revide aconteceria. E veio de um jeito que eu não esperava. Foi forte, me derrubou e não foi preciso de nenhum soco, não foi preciso arrancar uma gota de sangue de mim, mas arrancou o que a vida tinha me dado de melhor.

— Não é que vocês formam mesmo um

casal perfeito?

Abri meus olhos de imediato ao ouvir o som da voz de Arthur, senti o corpo de Letícia enrijecer, soltei-a devagar dos meus braços, peguei em sua mão. Ela se manteve grudada a mim, segurando firme minha mão e braço.

— O que você quer, Arthur? — Inquiri.

— Nós vamos comprar alguma coisa para comer. — Germano disse se aproximando, quando ele notou Arthur, cumprimentou-o. — Como vai, Arthur?

Arthur sorriu, com distinta simpatia. Ele estava chapado, e não era só bebida.

— Vou bem, pastor. E o senhor? — Germano assentiu.

Josi, Cristian e Livia com as crianças se aproximaram, também o cumprimentaram e em seguida Arthur emendou me encarando:

— Você já contou aos pais de sua namorada

como que trabalhava na sua cidade? Esperança é o nome, certo?

Eu não respondi, continuei a encará-lo. O clima tenso foi percebido por Germano. Ele transitou seu olhar entre Arthur e eu.

— Já sim — ele falou. — Dylan trabalhava numa oficina, é mecânico. Tem feito isso por aqui também. Agora, vamos. Meu estômago está roncando de fome.

Germano fez sinal com a cabeça, nitidamente, sua intenção era que nos afastássemos de Arthur, e eu iria seguir sua orientação. No entanto, Arthur veio com o seu golpe certo.

Eu paralisei.

— Mas ele contou que era uma oficina de desmanche de carros? Contou que fazia parte de uma gangue de ladrões de carros? Gente da pior espécie, não é, pastor? Gente perigosa, estou impressionado de o senhor deixar sua filha namorar

PERIGOSAS NACIONAIS

com ele.

Os olhos de Arthur estavam nos meus, ele me encarava com um sorriso de deboche e eu sentia como se meu sangue todo fervesse dentro de mim. Letícia apertava ainda mais em minha mão e meu coração ia se apertando no peito.

Como esse desgraçado soube disso tudo?

— Arthur, eu acho que você exagerou na bebida, melhor ir embora — Cristian interveio.

Arthur gargalhou e continuou a me golpear, trazendo, infelizmente, verdades sobre mim.

— É claro que você não disse o quão sujo é. Tampouco perigoso. Você não combina com essa cidade, Dylan. Nós não gostamos de assassinos. E você é um. Que eu soube foram dois homens que você matou, mas deve ter muito mais, não é?

— Cala boca, seu desgraçado... — resmunguei entredentes.

— Arthur, já chega! — Lívia ordenou.

PERIGOSAS ACHERON

— Não estão acreditando em mim? Perguntem por que ele veio para Campo Belo. Está aqui para se esconder.

Germano e Josi me olhavam esperando que eu dissesse algo, eu não conseguia, porque qualquer coisa que eu dissesse seria mentira, e eu não queria mais fazer isso.

Foi então que Livia outra vez se manifestou a meu favor:

— Dylan veio assumir a herança do avô Hermann Boehnen, e não se esconder — disse, sua voz estava perceptivelmente nervosa.

Eu também estava nervoso, estava me segurando para não enfiar a mão na cara de Arthur, porque se eu comesse não ia dar coisa boa. Já tinha merdas demais contra mim.

— Não pode ser... você é neto do senhor Hermann? — Perguntou incrédulo.

— Acho bom você sair daquela fazenda,
PERIGOSAS ACHERON

porque eu vou acabar com aquele lugar — respondi com ódio.

Quem foi golpeado dessa vez foi Arthur. Ele estava atordado.

— Não pode ser verdade, meu pai precisa saber.

Ele simplesmente perdeu o foco do que veio fazer e saiu. Maldito.

— Dylan? É verdade o que o Arthur disse?
— Germano perguntou estreitando os olhos.

Ao meu lado eu ouvia a respiração pesada de Letícia, antes de responder qualquer coisa eu a olhei.

— Desculpe — pedi.

Ela engoliu com força, uma lágrima escorregou pela bochecha, mas Letícia não soltou minha mão e foi com seus dedos pressionando os meus que respondi:

— É. Mas eu posso explicar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu Deus. — Josi murmurou apavorada.

— Josi, Germano? — Livia os chamou como se quisessem trazê-los do transe que haviam entrado. — Dylan passava por situações difíceis. Ele precisou se defender, era isso ou ele morreria. Dylan não é perigoso, esses meses todos, me diga alguma vez que você soube ou viu alguma situação que remetesse a isso? Ele é um bom garoto.

— Eu já vi — Jacqueline bradou. E por Deus, de onde essa garota surgiu?! — Ele bateu uma vez no Arthur — contou.

— É mentira! — Letícia exclamou. — Dylan me defendeu de Arthur, e não bateu nele, só o afastou. Arthur que quebrou uma garrafa nele. E você sabe bem disso, Jacqueline, você estava lá e não fez nada para me ajudar. Se Dylan não tivesse aparecido...

— Letícia, vamos para casa! — O pai ordenou interrompendo-a.

PERIGOSAS ACHERON

— Pai... não! — Ela argumentou.

— Agora! — Germano exigiu.

— Anda, Letícia, vem! — Josi grudou em seu braço.

— Não! Não! — Letícia repetia e se agarrava mais ao meu braço.

Minha corajosa flor resistia ao meu lado, eu a amei ainda mais por permanecer comigo, mas antes que fizessem um cabo de guerra com seu próprio braço, eu agi.

— Vá com seus pais. É melhor — aconselhei e, abraçando-a, sussurrei em seu ouvido: — Vai ficar tudo bem.

Eu não tinha certeza se ficaria, mas eu precisava que ela acreditasse que sim.

— Dylan... — Suas lágrimas escorriam pelo rosto bonito, quando ela começava a se afastar, mantendo o rosto virado para trás me olhando.

Eu me senti quebrado por dentro, ver
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Letícia chorando por causa de mim, por causa de quem eu era. Os demônios do passado sempre insistem em nos visitar, afinal.

— Que pena, Dylan — Germano falou, o tom era triste. — Nós confiávamos em você.

— Por favor. Eu posso explicar — supliquei. Ele me deu as costas e seguiu atrás da esposa e da filha.

Resignado, passei as mãos pelo rosto e então fui sentindo a raiva encontrar seu espaço em mim. Apertei as mãos fechadas em punho, eu queria poder bater em Arthur, naquela boca maldita dele.

— Porra!!! Porra!!! — Xinguei dando socos no ar.

— Dylan, calma. — Lívia pegou na minha mão, desfazendo a rigidez dos meus dedos, ela deslizava a sua mão na minha. — Germano e Josi irão entender, vamos explicar. Sabe, eles só ficaram

PERIGOSAS ACHERON

assustados, preocupados, enfim. Mas irão entender. Fique calmo.

— Vamos dar um tempo a eles. Amanhã vamos conversar. Nós estamos com você, Dylan.
— Cristian passou a mão pelos meus ombros. — Vai ficar tudo bem.

Eu queria acreditar que sim. Mas havia muito mais do que fazer Josi e Germano me ouvirem e aceitarem os fatos pesados sobre a minha vida em Esperança, havia em saber como que eles foram descobertos por Arthur.

Um frio percorreu a minha espinha.

— Eu preciso ligar para o meu pai.

Cristian e Lívia me olharam atentos, o meu tom de voz denunciou a apreensão. Cristian tirava o celular do bolso, quando Thomy estendeu o seu.

— Pode usar meu celular.

Peguei o aparelho surpreso, tinha notado Thomy no início da apresentação e depois não
PERIGOSAS ACHERON

mais.

— Você estava por aí?

— É... eu sempre estou quando você precisa de algo, não é? Somos amigos. — Ele deu um soco no meu braço.

Eu fui capaz de sorrir.

— Obrigado, Thomy.

Digitei rápido o número da minha casa, tinha o número fácil em minha mente, e quando chamou até cair a ligação, o frio na espinha aumentou e junto veio uma contração no estômago.

— Vou ligar para a Jess — murmurei, concentrando-me em lembrar do número, eu o sabia de cabeça. Sempre que ligava para ela, era do telefone público. Só precisava me acalmar que iria conseguir lembrar.

Respirei fundo olhando para os números no visor do celular e consegui digitar a sequência certa.

— Alô?

— Sou eu, Jess.

— Dylan...

Pigarreei, afastando a agonia da voz.

— Liguei para saber das coisas.

— Faz algum tempo, sim?

Fazia mesmo, continuava com ligações espaçadas, às vezes uma por mês.

— É... mas e então? Tudo bem?

— Tudo bem, Dylan. Tudo do mesmo jeito.

— Você tem visto meu pai? Algum movimento aí pelo prédio?

— Não... a mesma coisa de sempre. — Sua voz subiu um tom. — Aconteceu algo?

— Está tudo bem, Jess. — Tranquilei-a.

— Tá... esse número de celular é seu? Vou agendar aqui.

— Não é meu, mas é do meu amigo Thomy — expliquei. — Pode ligar nele caso precise de

algo ou surja alguma novidade por aí.

Jess inspirou fundo.

— Tudo bem. Se cuida, Dylan.

— Se cuida, Jess.

Encerrei a chamada e entreguei o celular a Thomy.

— É bonita essa Jess? — Perguntou interessado.

— Muito. Vê se não vai ficar mandando mensagem para ela.

— Isso nem passou pela minha cabeça. — Ele ergueu as mãos.

— Jess é como uma irmã — avisei.

Thomy deu de ombros.

— Não me importo de ser seu cunhado.

Fui capaz de rir outra vez.

— Você é uma figura, Thomy.

Ele se aproximou um pouco mais de mim, esticou as sobrancelhas e em tom de segredo

comentou:

— Era verdade, então. O cara que fez aquele monte de hematoma no seu rosto, você o deixou muito pior. Morto — cochichou quase inaudível.

— Sim — confirmei.

—Uau! Ainda bem que sou seu amigo.

Eu estava nervoso, mas Thomy e sua capacidade de esticar as sobrancelhas era engraçado, ainda assim obviamente eu já não estava mais em clima de festa. Avisava Livia e Cristian que estava indo embora e me despedia deles quando um homem se aproximou.

— Desculpe, mas eu não pude deixar de ouvir. Você é neto de Hermann Boehnen?

Livia me olhou.

— Esse é o Marco Antônio, advogado — contou.

Estiquei a mão para o homem de meia-

PERIGOSAS ACHERON

idade, óculos de grau e sobrancelhas largas.

— Sim. Eu sou neto de Hermann Boehnen.

— Eu sentia um asco em falar que era neto do maldito. — Muito prazer, Dylan.

— O prazer é todo meu. Finalmente um herdeiro do senhor Hermann. Bom, você pode ir ao meu escritório na segunda-feira. E lógico, preciso de seus documentos.

Eu assenti.

— Claro.

— Ele é filho da Mariele, Marco Antônio

— Lívia informou.

— Que bom que ele apareceu. Eu espero por você.

Marco Antônio me cumprimentou uma vez mais, entregou um cartão com o endereço do escritório e se foi.

Eu também deixei a festa das flores em seguida, e enquanto dirigia pra casa só conseguia

PERIGOSAS NACIONAIS

pensar em tudo que havia acontecido. O fato de Jess dizer que estava tudo normal me deixou mais tranquilo, por saber que eles estavam bem, no entanto, eu não tinha respostas de como Arthur descobriu algo que só quem estava lá naquela noite na fábrica abandonada poderia saber. E daquela noite o único que saiu vivo fui eu.

Cristian e Livia sabiam, mas lógico que eles não contaram nada, então quem, meu Deus?! Eu busquei por respostas até com Deus. Eu já estava mantendo uma conversa diária e amigável com Ele.

Mas Ele continuava a não me dar respostas, apenas me colocava diante das situações que eu deveria lidar.

Quem?

PERIGOSAS ACHERON

Letícia

— Seu pai e eu achamos que é melhor você não ir ao culto hoje — minha mãe disse, sentando-se ao meu lado na cama.

Puxei a coberta até o pescoço.

— Só porque Dylan vai estar lá? Vocês não irão me impedir de vê-lo para sempre.

Meus olhos ardiam e eu nem sabia se era por não ter dormido a noite toda ou porque tinha chorado por todo o tempo em que passei acordada. Eu estava chorando desde que fui arrastada para longe de Dylan como se ele fosse nocivo a mim. E eu detestei a reação dos meus pais.

— Filha, talvez tenhamos nos precipitado sobre ele, as pessoas às vezes enganam. Eu sinto muito que tenha que passar por uma decepção dessas.

Eu me sentei na cama atônita.

— “Desilusão dessas”? Dylan não é uma desilusão, é minha salvação. Salvação da desilusão que a vida me deu quando eu tinha doze anos de idade.

As mãos de minha mãe buscaram pelas minhas.

— Filha, eu sei bem o que passou e, por Deus, isso me feriu e fere até hoje. — Seus dedos pressionaram os meus. — Mas você não pode se apegar a Dylan como uma salvação. Ele é alguém que matou, roubou...

— Em que circunstâncias, mãe? — Indaguei, arrancando as mãos do seu toque. — Você sabe? Não. Porque não o deixou explicar. E outra coisa, uma pessoa não pode se arrepender de seus erros e receber o perdão? Mudar de vida, de atitudes? Dylan já deu provas suficientes que qualquer coisa que tenha feito de errado, já não faz

PERIGOSAS ACHERON

mais parte dele. Jesus Cristo nos ensinou o perdão, onde ele fica, hein? Meu pai prega isso todos os domingos na igreja, no entanto, não é capaz de praticar.

Minha mãe soltou um longo suspiro e não teve a capacidade de dizer nada, óbvio que não, ela e meu pai no fundo sabiam que estavam errados, que não estavam dando chance a Dylan de se explicar. Para mim, ele não precisava dizer nada, eu conhecia o coração, a índole. Eu sabia que ele foi uma criança ferida pela vida. E se ele fez o que fez teve seus motivos. Dylan não maltrataria ou mataria alguém aleatoriamente.

— Depois do culto nós vamos almoçar na festa, já tínhamos combinado com os irmãos da igreja — minha mãe avisou com um tom lamentoso.

— Eu sei. Eu estava no culto semana passada quando foi marcado. Eu inclusive ia. Mas

PERIGOSAS ACHERON

agora sou uma prisioneira — cuspi com raiva.

— Letícia... está vendo? Ele já está causando interferências, você jamais falaria uma coisa dessas e nem nesse tom.

— Justamente, mãe. Dylan causou interferências em mim, eu não falava. Mas agora falo.

— Josi, precisamos ir! — Meu pai chamou do andar de baixo. — Eu quero chegar mais cedo na igreja.

— Procure comer algo.

Virei o rosto, sem querer mais olhar para ela. Minha mãe saiu e dois minutos depois Jaqueline parou no batente da porta aberta.

— Eu vou orar por você — debochou com um sorrisinho cínico.

— Não gaste oração comigo. Você precisa mais — rebati.

— Sabe que é ótimo ter você falando outra

PERIGOSAS NACIONAIS

vez? Assim pelo menos retruca quando eu falo algo.

— Jaqueline! Vamos — mamãe gritou. — Tchauzinho, Letícia!

Vão logo e me deixem em paz, pensei quando ouvi o som do carro dando partida. Me encolhi um pouco mais na cama, puxei a coberta e me afundei nela. Sunshine, que estava deitada no chão ao lado da cama, veio até mim, afaguei seu pelo por um bom tempo e depois ela se afastou, saindo do quarto.

— Você vai ao banheiro, não vai? — Levantei-me. — Eu também. Depois volte — disse a ela. Sunshine latiu e desceu as escadas.

Quando me deitei outra vez na cama, ela me acolheu, meus olhos começaram a pesar, senti que o cansaço e falta de sono estavam ganhando espaço na minha mente, que não conseguia se desligar de Dylan.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Foi então que eu ouvi o barulho de um carro chegando.

— Dylan, será? — Sussurrei para mim mesma.

Sunshine ladrrou.

Sunshine não ladre para o Dylan, não assim alto.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 20

Dylan

Eu tinha um olfato aguçado e um estômago que respondia, causando-me náusea sempre que eu sentia um odor que me lembrasse algo, ou algum momento ruim da minha vida.

Eu detestava o cheiro de bebida, qualquer que fosse, pois me lembrava das vezes que meu pai bebia tanto que só o fato dele respirar dentro do nosso pequeno apartamento conseguia impregnar o ambiente com o odor.

A fragrância da tal flor chamada crisântemo me lembrava do velório da minha mãe. Eu não suportava, me causava uma náusea horrível do

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo jeito que fiquei durante todo o velório, e isso para mim estava associado à morte. Eu tive a sorte que na igreja, a partir daquela vez que expliquei para Livia o quanto a fragrância da flor era ruim ao meu olfato, elas nunca mais foram colocadas nos arranjos de flores, graças a Livia, que era quem os fazia.

Outro odor que havia ficado marcado em meu cérebro era aquele de tabaco, misturado com algo que eu não consegui identificar, mas que juntos eram um odor fétido. Por isso, quando eu estava arrumando a minha cama — depois que Livia, Cristian e as crianças saíram para a igreja —, e eu o senti, meu estômago se embrulhou no mesmo instante. Fazendo com que o café puro que eu havia tomado momentos antes fizesse o seu caminho de volta para a minha boca, que se encheu de saliva, e eu jurei que ia acabar vomitando, mas houve então aquele lapso temporal.

PERIGOSAS ACHERON

Esse odor fétido é de Tarso.

Eu forcei a saliva descer pela garganta e o enjoo ficar guardado no estômago, eu precisava me controlar, afinal, quando eu abandonei o lençol que estendia e girei meu corpo para frente, fiquei diante do demônio, ou melhor, o fantasma dele, já que ele estava morto. Não estava?

Não. Não estava.

— Surpreso em me ver, Dylan Vainat? Ou devo lhe chamar de forasteiro? É assim que é conhecido por aqui, não é?

Ele riu com deleite, os dentes de ouro brilharam, o cabelo e a barba continuavam longos, engordurados e fétidos. Era o demônio, e aquele era o seu odor. O odor do inferno.

— Como? — Murmurei. Encarando-o incrédulo.

— Eu explico como. — Tarso sacou uma arma e colocou em meu peito, empurrando-me, caí
PERIGOSAS ACHERON

sentado na cama. E começou a andar de um lado para o outro, balançando a arma na mão. — Você foi capaz de matar Paulo César com suas mãos batendo nele até que morresse, mas, meu caro Dylan, quando você atirou em mim — me encarou com desforra — não foi o suficiente — concluiu sorrindo. O desgraçado se divertia. — A bala pegou no meu ombro, continua alojada aqui, inclusive. Mas não me matou, veja só que sorte! Além do mais, o meu pessoal chegou em seguida, a tempo de garantir que eu ficasse bem e tivesse esse momento com você. Passei os últimos meses de molho, diria que de férias. Mas eu estava ansioso para rever você, Dylan. — Ele sorriu.

Sorria, na verdade, o tempo todo. O demônio deveria estar se deleitando com minha expressão que eu não tinha como evitar ser de surpresa e até horror.

— E quanto a Victor?

PERIGOSAS NACIONAIS

A pergunta saiu esperançosa, como se o desgraçado fosse capaz de ter feito algo por ele.

— Deixei fazendo companhia para o Paulo César.

Eu não conseguia acreditar que ele tivesse escapado. Eu precisava entender como aquele maldito foi salvo em tempo.

— A polícia já estava a caminho... não entendo, como conseguiu fugir?

Ele gargalhou, levei a mão ao nariz me protegendo do seu hálito horrível. Que homem imundo!

— Não era a polícia, idiota! — Bradou. — Eram os carros do meu pessoal, a gente curte umas sirenes. Ainda mais quando sabe que tem visita na fábrica, que a propósito é afastada pra caralho, acha mesmo que a polícia iria lá àquela hora? Foram só quando a fedentina dos dois presuntos começou a ir longe.

PERIGOSAS ACHERON

— Meu Deus... — murmurei, levando as mãos à cabeça.

Tarso continuou, o tom insolente não o abandonava por um minuto.

— Eu tirei umas férias, sumi do mapa e pelo jeito você também, mas não o suficiente, não é, Dylan? Eu te achei.

— Como? — Indaguei, prevendo. Mas quis ter certeza para mim mesmo me esbofetear.

— Uma hora o bom filho visita o pai, não? — *Porra, eu sabia.* — Eu tinha gente vigiando aquele velho bêbado o tempo inteiro, e aquele cortiço onde você morava também. A partir do momento que você apareceu lá, não deu um passo sequer sem que alguém estivesse de olho. Um dos caras te viu entrar no ônibus, passou a fita para o pessoal que estava no carro só esperando para fazer uma longa viagem. Onde quer que você estivesse eles iriam atrás, Dylan. Depois de chegar aqui, não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

foi muito difícil encontrar com alguém que não gostasse de você.

— Arthur — afirmei.

— Esse mesmo.

Que inferno, que inferno! *Aquele caipira babaca*, xinguei em pensamento. Tentava a todo custo controlar a raiva. Tentava encontrar uma saída, mas a arma dele estava apontada para mim.

— Por que você veio só agora?

— Porque deixei você aproveitar um pouco a vida, está até namorando! Enquanto isso deixei alguém aqui de olho em você, mas ontem aproveitei a ocasião da festa e vim pra cidade, e não vim sozinho, Dylan.

Eu não tinha sentido medo até então, mas a partir daquele momento sim. Ele sabia de Letícia. Meu peito se apertou.

— O que você quer? — Lancei a pergunta, impaciente.

PERIGOSAS ACHERON

— Ora... eu não tinha motivos para *não* gostar de você, seu problema era com aquele idiota do Paulo César. Mas a partir do momento que você atira em mim, você cria um problema muito sério comigo. É justo que eu viesse acertar nossas contas, não?

— Se quiser dinheiro eu posso te dar. Quantia alta — ofereci.

Ele me olhava se divertindo com tudo, mesmo eu evitando transparecer a apreensão que estava tomando conta de mim.

— Ah, não. Não é isso que quero. — Tarso fez uma pausa, seus olhos eram frios e continham ódio. — Quero te ver morto — declarou.

— Vamos sair daqui então! Acabe comigo em qualquer lugar, mas não faça isso aqui — propus com irritação.

Eu não queria que outra desgraça acontecesse na casa de Livia e tinha esperança que

PERIGOSAS ACHERON

daria um jeito de fugir.

— Nós vamos dar uma voltinha, sim. Vamos até a casa da sua namorada.

— Não tem ninguém lá — afirmei seguro. Sabia que estavam na igreja, e por sorte isso me deixou por um milésimo de segundo mais calmo, mas no instante seguinte o meu desespero se fez.

— Tem sim. Sua namorada está lá. Vocês facilitaram tanto o nosso trabalho ficando em casa. Deveriam ter ido à igreja.

— Acabe comigo se quiser, mas deixe, Letícia em paz! — Vociferei me levantando.

Tarso pressionou a ponta da arma no meu peito.

— Chega de conversa — falou entredentes. — Coloca a mão na cabeça e vamos dar o fora daqui.

O pavor quis encontrar seu lugar em meu corpo e mente, entretanto eu não deixei. Eu tinha

PERIGOSAS ACHERON

que me manter calmo.

Quando saí do celeiro sob a mira da arma de Tarso, tinha um cara dele esperando, ele era um gigante de meter medo em qualquer um. Do lado de fora, avistei um carro estacionado na estrada, já estava chegando ao portão, me aproximando dele comecei a ouvir latidos, pensei que fossem de Moon, que estava dormindo dentro de casa e só então tinha percebido a movimentação, porém não era ele. Quem apareceu, vindo dos fundos do terreno, foi Sunshine. Ela ladrava sem parar, ela estava avisando que Letícia estava em perigo. Moon a ouviu, saiu de dentro de casa. Sunshine começou a correr fazendo o caminho de volta e Moon foi atrás dela.

Deus, não! Não permita que nada de mal aconteça à Letícia, clamei em meus pensamentos.

Fui empurrado para o banco de trás de uma Pajero e permaneci com a ponta de uma arma

PERIGOSAS ACHERON

pressionando minha jugular, era o próprio Tarso quem fazia.

Sentado no banco do carona estava o gigante tenebroso e, ao volante, um outro que eu não conseguia ver o rosto, mas só consegui ver de relance que ele usava o cabelo raspado. Estava contabilizando cada um deles, marcando características, tentando encontrar uma saída para me livrar de todos.

O trajeto até a casa de Letícia pareceu uma eternidade. Eu temia tanto pelo que ela pudesse estar passando. Ao chegar diante do portão da casa, constatei que estava escancarado e havia outro carro, estacionado. Era um carro popular, na hora, imaginei que esse era o do maldito filha da puta que andava me rodeando em Campo Belo.

Eu tinha abaixado minha guarda, acreditado que tudo estava bem. E não observei mais nada, me envolvi pela vida tranquila de Campo Belo, e

PERIGOSAS ACHERON

esqueci que eu não era tranquilo, esqueci que minha vida era uma bagunça e que aonde quer que eu fosse ela iria comigo.

Minha falsa calma se esvaiu, eu precisava no fundo voltar a ser aquele Dylan que era em Esperança. Pois só assim saberia lidar com gente como Tarso, com demônios. A porta do carro se abriu e eu pulei rápido para fora esbarrando no capanga gigante, ele me agarrou passando a mão ao redor do meu pescoço. Ele era um armário bem maior que Victor.

— Me solta, filha da puta! — Xingava tentando me livrar do aperto do seu braço.

— Chefe, acho que lá é melhor. — Um cara surgiu vindo da direção do galpão. Ele era de uma estatura mediana, só que mais velho e barrigudo. Não era nada assustador, como o outro grandão.

Sunshine e Moon já estavam por perto, eles ladravam sem parar, se aproximavam de cada um

PERIGOSAS ACHERON

dos quatro homens de Tarso, tentando espantá-los.

— Que cachorros do inferno! — Tarso vociferou. — Dê um jeito neles. — Ele deu a ordem ao capanga barrigudo.

— São cães bonitos, chefe, eu não quero ter que matar — respondeu.

— Tranque-os dentro da casa — eu disse, sugerindo para o maldito que se pareceu compadecer com Sunshine e Moon.

Então Tarso nos olhou.

— Faça qualquer coisa que os tire da minha frente.

— Vou colocar eles para dentro de casa.

Graças a Deus.

Inspirei e expirei fundo pelo nariz.

— Quer ver sua namorada, Dylan? — Encarei-o com raiva. — Solta ele. — Tarso mandou.

Quando fui liberto corri até o galpão,

PERIGOSAS NACIONAIS

Letícia estava encolhida num canto, constatei que se encontrava sozinha no lugar, e assim que me viu saltou em meus braços.

— Dylan!

Eu a segurei, apertando, mas logo afastei-a. Precisava olhá-la.

— Eles te machucaram? — Averigui, segurando seu rosto entre minhas mãos.

Seus olhos revelavam medo, lógico, mas também estavam avermelhados, ela havia chorado e não tinha sido pouco, ainda estava vestida de pijamas. Ela não tinha que estar em casa, não tinha que estar passando por algo horrível outra vez, lamentei. Me sentindo culpado.

— Um homem me trouxe para cá. Mas não, não fez nada comigo — contou assustada.

Puxei seu rosto para o meu peito.

— Graças a Deus que não tocaram em você — murmurei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ainda.

A voz amaldiçoada de Tarso ressoou.

— Não toque nela!

Coloquei meu corpo à frente ao de Letícia.

— Você morreria se isso acontecesse, não é?

— Não ouse! — Apertei as mãos fechadas em punho.

Observei o cara grandão feito armário entrar e o mediano barrigudo também, eu estava em desvantagem, com dois dos caras aqui dentro, mais o Tarso e ainda o que estava dentro do carro que até agora eu não tinha visto a fuça dele. Independentemente de quantos fossem, não permitiria que fizessem mal a Letícia.

— Eu tenho outros planos, Dylan. Não vou separar vocês. Amarrem eles nesse pilar do meio.
— Tarso mandou. E se afastou na direção da porta com um celular na mão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Esse fim de mundo não tem nem área de celular! — Reclamou, seguido pelo ordinário que era como um armário.

Reparei que quem ficou com a tarefa de nos amarrar era o barrigudo que não quis atirar em Sunshine e Moon.

Eu iria me apegar a isso.

Agarrei a mão de Letícia enquanto éramos empurrados sob a mira de sua arma até o pilar de tronco de eucalipto que ficava bem no centro do galpão. Sentamo-nos de costas um para o outro com o pilar em nosso meio e as mãos para trás, eu conseguia ouvir a respiração profunda de Letícia.

— Procure ficar calma e pensar em coisas boas, meu amor. Lembre-se de nós no campo dos lírios — falei na intenção de tranquilizá-la de alguma maneira, *se é que era possível.*

Mas também aproveitava para envolver o cara numa conversa.

PERIGOSAS ACHERON

Ele se abaixou na nossa lateral e começou o seu trabalho de nos amarrar, transpassando duas cordas entre os meus pulsos e os de Letícia e unindo-as a uma única corda e o pilar no meio. Eu não sabia como ele estava fazendo aquilo, mas ele dava voltas e voltas.

— Qual seu nome?

— Giovani — ele respondeu no automático, concentrado nas cordas.

— Você tem filhos, Giovani?

Ele franziu a testa, mas respondeu:

— Sim, um casal.

— É bom ser pai?

— É muito bom.

Outra resposta automática, e fui além:

— Minha mãe morreu quando eu tinha sete anos, e meu pai se tornou alcoólatra. Eu vivi um inferno desde então, nesse lugar encontrei paz, encontrei a pessoa com quem eu quero passar o

resto da minha vida, ter filhos; construir a minha família sempre foi um sonho pra mim.

Seus olhos me encararam e eu senti o movimento da sua mão parar.

— Esse lugar parece bom de se viver — comentou.

Era ele quem tinha passado meses em Campo Belo me observando, a aparência era de um homem digamos que comum, meia-idade, barriga saliente, cabelo bem cortado. Não chamou nem um pouco a atenção por estar circulando em Campo Belo.

— O que ele vai fazer com a gente? — Indaguei a ele.

Giovani engoliu com dificuldade.

— Só estou fazendo o meu trabalho — disse.

— Eu sei, me desculpe. Estou feliz que depois de você fazer o seu trabalho, poderá voltar

finalmente para sua família, após meses aqui.

— Por que está me dizendo essas coisas?

— Nada. É só pra distrair meu próprio medo e o dela. A tristeza de que tudo vai acabar para nós dois antes mesmo de começar, de fato.

Eu percebi os ombros de Giovani cederem.

Ele olhou para trás e ao redor e depois para mim e falou num tom baixo:

— Sabe, Dylan, eu nunca fui muito bom com essa coisa de dar nó em cordas.

Eu balancei a cabeça devagar, mas queria dizer “obrigado”, no entanto, Tarso retornou ao galpão logo em seguida.

— Acabou aí? — Perguntou.

— Sim, chefe. Só faltam as pernas.

— Da garota não precisa, não vamos perder tempo. — Tarso avisou.

Eu pude jurar ver um pedido de desculpa nos olhos de Giovani assim que ele acabou de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

passar as cordas no meu tornozelo, mas eu já estava grato por ele não ter finalizado nenhum dos lugares que ele amarrou com um nó suficientemente apertado. Aquele volume de corda transpassada seria trabalhoso de tirar, mas só de não ter um nó já era uma chance que Giovani nos dava.

Meus braços encostavam nos de Letícia, enquanto que no meio de nossas costas estava o pilar, cuja circunferência não ultrapassava dezoito centímetros, eu sabia com precisão, Germano havia me falado quanto media os pilares, com troncos de eucalipto que ele mesmo havia colocado há alguns anos e que os precisava trocar, pois estavam começando a apodrecer. A minha mente não parava um só minuto pensando numa estratégia de livrar a Letícia e a mim daquela situação.

Mas antes de tentar eu precisava, pelo menos, deixá-la calma. Busquei alcançar seus dedos e pude sentir as pontas deles frias e trêmulas.

PERIGOSAS ACHERON

Aproveitei do momento que Tarso conversava com seus capangas e me inclinei o quanto pude para o lado e mirei a lateral do rosto do Letícia.

— Leve a sua mente para outro lugar. Leve para os nossos bons momentos. Nós vamos conseguir escapar. Eu prometo — sussurrei.

Letícia moveu a cabeça devagar. Ela havia entrado em seu modo silencioso e eu estava sentindo um peso terrível por tê-la colocado numa situação como aquela.

— Dylan?! — Tarso chamou. — Tem alguém que quer te conhecer.

Estreitei os olhos para o cara de aparência jovem de cabeça raspada ao seu lado, aquele que dirigiu o carro em silêncio e que eu não havia visto seu rosto.

— Foi você, então, que quase acabou com a vida do meu pai?

Então esse é o filho do Tarso, pensei. Victor

PERIGOSAS ACHERON

tinha me falado dele, que não deixaria barato.

Eu sabia que estava muito fodido.

— Eu não tinha intenção de acabar com a vida dele. Mas entre a minha vida ou a dele, eu escolhi a minha.

— Faz sentido — ele respondeu. — Mas eu sinto muito, porque agora você não vai ter escolha.

Os dois tinham estritamente o foco em mim, me olhavam como se eu fosse uma presa diante deles, contudo eu não estava longe de ser isso mesmo. A única coisa que naquele momento ainda conseguia fazer de alguma maneira era manter minha calma, porque enquanto eles estavam focados em mim, não faziam nada a Letícia. Evidente que poderia ser um pensamento precipitado, eu não sabia o que viria depois, mas por todo o tempo que ficassem falando, eu ia movendo devagar e discretamente a minha mão atrás das costas, e eu percebia as mãos de Letícia

fazendo o mesmo.

— Dylan, foi um prazer te reencontrar, adoraria matar você, mas meu filho está de aniversário e me pediu de presente a chance de ele fazer.

— Nossa, eu sou um presente, então... — debochei com a cabeça erguida, vendo o rosto imundo de Tarso.

Quem deu alguma resposta foi seu filho.

— Aproveite, pode falar, debochar o quanto quiser, daqui a pouco não vai mais nem estar respirando mesmo... — ameaçou.

Era o que ele achava, mas não era o que eu estava determinado a deixar acontecer. Me mantinha a desfazer o emaranhado das cordas e sentia que começava a ficar mais frouxo o aperto delas no meu pulso, permitindo, assim, que eu avançasse as mãos até Letícia e a ajudasse a desfazer o emaranhado de cordas em seu pulso.

— Não demore. Daqui a pouco isso aqui vai esquentar — Tarso disse e em seguida soltou sua gargalhada.

Eu odiava ela.

O demônio saiu da minha frente, mas deixou o seu filho. E o capanga que parecia um armário entrou com galões de... *não! não!* — Meu cérebro gritava.

Mas o cheiro de gasolina começou a se espalhar do mesmo jeito que o líquido.

— Dylan... — ouvi o sussurro de Letícia, seus braços estavam encostados nos meus.

— Vai ficar tudo bem, meu amor.

— Não minta para sua namorada, Dylan. Não vai ficar tudo bem. Vocês irão morrer. — Ele chacoalhou uma caixa de fósforo que tirara do bolso da calça jeans.

Meu peito subiu e desceu rápido. O filho de demônio passou por onde Letícia e eu estávamos,
PERIGOSAS ACHERON

ouvi seus passos indo além e depois o som do riscar da ponta do fósforo na caixa, achei ser o som mais assustador, mas o som do fogo recém-iniciado foi ainda pior.

— Fogo... não! — Letícia resmungou, ela estava vendo-o, eu apenas sentindo o cheiro da fumaça que já começava a surgir dentro do galpão.

Eu esfolava os dedos na corda, acelerando o quanto podia.

Que o desgraçado bata o quanto quiser em mim, mas não encoste nela, desejei assim que vi a bota de solado grosso parar na lateral do meu corpo e foi quando eu senti o chute atingindo o osso do meu quadril. Se ele achou que eu ia gemer de dor, estava enganado; apertei meus lábios com força um no outro mas não soltei um som sequer.

E foi então que ele se abaixou à minha altura, puxou a minha camiseta pela gola, manchando o branco dela com aquela sua mão

PERIGOSAS NACIONAIS

imunda, e me encarou com a fúria do demônio em seus olhos.

— Eu sou Tarso de Camargo Junior, e ninguém tenta matar o meu pai.

Idiota, pensei antes de levar o primeiro soco na bochecha.

Depois do primeiro veio o segundo, terceiro, quarto...

Eu travava meu maxilar, não xingava, não gritava, não gemia.

Apenas sentia a dor em silêncio.

O máximo de som que saía era da minha garganta, um grunhido baixo, do mesmo jeito que eu ouvia o que saía da garganta de Letícia a cada soco que eu recebia.

Isso me motivava a arrancar as cordas, a puxá-las cada vez mais, a dor que sentia começava a me atrapalhar, sentia meus olhos turvos.

Eu ia tentando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu ia apanhando.

A fumaça ficava forte.

Comecei a sentir o calor.

O fogo subia pelo teto, passando de caibro a caibro.

Letícia tossia. Sentia suas mãos apavoradas se movendo sem parar.

O filho demônio continuou a me dar socos e chutes.

Eu me mantinha segurando a dor, eu estava soltando minhas mãos, estava soltando as minhas pernas das cordas, quando ele me puxou pelos ombros e deu uma cotovelada no pescoço, então tonteei.

— Morra, desgraçado!

Meu pescoço amoleceu, a cabeça pesou, pendeu para baixo, o sangue escorreu do meu nariz, meus olhos se fecharam.

— Vamos cair fora! Rápido! — Ouvi

PERIGOSAS ACHERON

alguém dizer.

Eu estava consciente. Tonto, mas consciente. O cotovelo dele tinha que ter acertado bem no centro da minha nuca para ter me apagado de vez.

Fiquei com a cabeça baixa, elevei as pálpebras tendo uma visão apenas de fio de linha, mas o suficiente para enxergar as pernas dele se afastando até a porta do galpão e sumindo.

As minhas mãos que haviam conseguido se soltar no mesmo instante do golpe no cotovelo, eu puxei-as finalmente para frente, tirei o resto de corda dos tornozelos e rastejei até Letícia.

Eu deveria ter percebido que suas mãos haviam parado de se mexer na tentativa de se soltar, bem como sua tosse havia cessado, mas eu não percebi, Letícia não respondia quando eu lhe chamava, e terminava de tirar as cordas que lhe prendiam ao pilar. A minha voz saía afogada no

sangue que eu sentia preencher minha boca e nariz.

Havia duas saídas: uma era a janela fechada do lado onde o fogo havia começado, por isso seria uma escapatória impossível, a outra era a porta que o galpão possuía. As madeiras estalavam, o fogo havia se concentrado no teto, tornando o galpão uma estufa quente e cheia de fumaça, as telhas de cerâmica estavam cozinhando, caindo, os caibros cada vez mais tomados por fogo, ficando pretos, iam desabar em pouco tempo. Eu tinha que levar Letícia para a porta o mais depressa possível, contudo eu precisava que os filhos da mãe fossem embora.

Então, entre o barulho que o fogo fazia e o tormento da minha mente apavorada, eu ouvi os carros dando partida. Eu não lembro se sentia dor por causa dos chutes, por causa dos socos, eu só me lembro de criar todas as minhas forças para tomar Letícia em meus braços, e quando eu a tirei do

PERIGOSAS ACHERON

chão, uma parte do teto, onde o fogo havia começado, caiu atrás de nós. Eu obriguei minhas pernas a serem rápidas, e mesmo cambaleante eu alcancei o lado de fora; de joelhos, caí a uma distância segura do fogo.

Se eu tivesse que escolher exatamente o ponto de partida que definisse quando toda aquela porcaria começou, poderia dizer que foi aos meus sete anos de idade, quando minha família se desfez, mas daí, até aos meus dezenove eu já tinha de alguma forma superado e aprendido a lidar com o que a vida tinha achado por bem me oferecer. E como uma coisa leva à outra e assim por diante, posso dizer que o momento determinante foi naquela noite em que saí alarmado de baixo da BMW ao ouvir um pedido sufocado de socorro. Eu estava há muitas horas trabalhando no automóvel, tirando peça por peça. Sentia-me esgotado e no instante que abandonei os fundos do galpão, onde a

PERIGOSAS ACHERON

oficina de desmanche funcionava, e alcancei a parte da frente, senti-me coberto pela fúria, ela foi forte e instantânea. O corpo magricelo de um homem sem caráter algum encobria o corpo de uma garota.

E como eu disse, uma coisa leva à outra. Essa noite em questão levou a uma bem pior, que culminou no demônio trazendo suas chamas do próprio inferno para o meu refúgio, para o único lugar que encontrei paz. Mas então, o fogo destruiu tudo.

— Por que, Deus?! — Eu bradava me afogando em lágrimas. — Por que quebraste meu coração uma vez e agora, quando eu finalmente o tinha refeito, vens e o quebra novamente? O que, afinal, queres de mim? Minha fé, minha oração? Eu tenho te dado, e ainda assim não adiantou.

A dor ultrapassava a minha pele ferida, alcançava a alma. E enquanto eu segurava o corpo amolecido de Letícia coberto por uma fina camada

PERIGOSAS NACIONAIS

de cinzas, perguntava-me, por que afinal, a vida — outra vez — tinha me ferido daquela forma. Tirando de mim alguém que eu amava. E, pior, como eu fui capaz de acabar com a vida de um ser tão belo. Eu vivia na desgraça, e ao me mudar para a pequena e interiorana cidade de Campo Belo, levei-a comigo.

PERIGOSAS ACHERON

Epílogo

Dylan

Lírios simbolizam força, pureza, amor eterno, e por isso era a única flor escolhida para compor os arranjos da igreja. Além do que, era a nossa flor preferida. Inspirei fundo e devagar a fragrância da flor, fechei os olhos e as lágrimas que estavam acumuladas neles desceram correndo, fazendo-me lembrar da primeira vez que vi Letícia e ela saiu correndo para longe de mim.

Da mesma forma que havia sido incrível passar a buscar um ao outro, foram incríveis aqueles primeiros encontros na colina, tomados pelo silêncio ou apenas pelos meus monólogos, fazendo com que o amor crescesse em nossos corações. E principalmente, fazia com que cada vez

mais Letícia confiasse em mim. Assim, quando a confiança foi maior que tudo, Letícia falou, sorriu, gargalhou. E por Deus, ela me iluminou completamente!

Tudo que eu só desejava era poder experimentar o que a vida poderia, finalmente, nos oferecer de melhor — a ela e a mim — afinal, seria justo. Sentia que tínhamos o direito disso. E ainda passava a acreditar que mesmo que coisas ruins tivessem acontecido em nossas vidas, Deus ainda nos reservava um afago especial, algo capaz de acalentar duas almas sozinhas e entristecidas por anos.

Ele nos deu um ao outro para amar.

No entanto, como um doce que é dado a uma criança e a faz tão feliz, este mesmo doce também foi arrancado, fazendo tudo tão triste.

Tudo tão desesperador, eu chorei.

Chorei como o garotinho que havia perdido

a mãe. E tal qual daquela vez que vi minha mãe desfalecida na cama e me envolvi nos seus braços amolecidos, na tentativa de receber um último abraço, eu fiz o mesmo com Letícia depois de tirá-la do meio do fogo. Naquele abraço não correspondido — como foi o da minha mãe —, eu só conseguia perguntar a Deus por qual motivo; o que eu tinha feito de errado ou que eu precisava fazer certo para que quem eu amasse não fosse tirado de mim.

Eu clamei por um milagre quando minha mãe estava doente, e diante da sua morte, acreditei que milagres não aconteciam e que Deus não se importava coisa nenhuma. Mal sabia eu que mesmo tirando minha mãe de mim, Deus começava a preparar não só o milagre da minha vida, mas na vida de Letícia.

Minha mãe recebeu seu milagre através do amor do meu pai, levando-a para longe do seu

PERIGOSAS ACHERON

inferno e das suas dores. Compreendi que a doença e a morte da minha mãe tinham um propósito, foi uma grande prova, eu sofri muito sem ela e sem meu pai, que se viu perdido sem o grande amor da sua vida. Os caminhos pelos quais andei foram tortuosos, mas eles precisavam ser assim para que eu finalmente encontrasse o caminho certo — eu tinha que encontrar Letícia, eu tinha que amá-la. E Deus tinha uma resposta para dar a ela, e quando Ele deu a resposta a ela, Ele deu a mim também.

Letícia e eu tivemos que suportar anos de dor, lutar contra os demônios, confiar um no outro e voltar a amar, tivemos que lutar uma vez mais, para que só assim pudéssemos renascer. E só se pode renascer quando você morre, quando você abandona o seu antigo *eu* para que um novo *eu* nasça.

Naquele momento em que eu segurava Letícia em meus braços e seu corpo sem força

PERIGOSAS ACHERON

alguma, continuava a questionar o que Deus queria de mim.

— O que afinal queres de mim?! —
Perguntava eu.

Repetia diversas vezes transferindo meu olhar entre Letícia e o céu, *Deus*.

Até que compreendi: Ele não queria nada de mim. Ele queria a mim.

Foi então que com o coração pulsando forte dentro do peito, com lágrimas escorrendo pelo rosto ensanguentado, eu me entreguei.

— Deus... eu te entrego o meu coração... eu entrego quem eu sou. Eu entrego a minha vida para fazeres o que quiseses de mim. Será a tua vontade e não a minha, Senhor. Eu sou teu.

As minhas lágrimas desciam sem parar e elas pingavam no rosto de Letícia, cada lágrima que pingava formava círculos imperfeitos, começando a afastar a poeira da cinza. Eu chorei o suficiente

para banhar o seu rosto e deixá-lo livre das cinzas. Debrucei meu rosto em seu peito e comecei a ouvir uma respiração baixa e as leves batidas do seu coração.

Do céu, veio a chuva que começou a cair, repentinamente, numa manhã ensolarada de primavera. Da estradada, vieram as sirenes das ambulâncias se aproximando.

E da boca de Letícia, eu a ouvi chamar meu nome.

— Dylan... — foi o sopro da nova vida. Da dela e da minha.

Foi neste momento que o meu novo *eu* nasceu. Deus aceitou meu coração. Deus aceitou os meus erros, mostrou-me seu amor, sua força. Me fez viver um milagre e poder testemunhá-lo.

Letícia e eu nos casamos ainda no final daquele ano que nos conhecemos, e após três anos, lá estávamos nós na mesma igreja em que nos

PERIGOSAS ACHERON

casamos para outra ocasião especial — apresentar o mais lindo milagre de nossas vidas.

Abri meus olhos, soltando o ar lentamente. Letícia estava ao meu lado no primeiro banco da igreja, passei o braço por cima do seu ombro, acolhendo-as no meu peito.

Acolhendo-as: já que eu acolhia Letícia, que por sua vez, acolhia nossa filha.

— *Ela* é tão linda... — sussurrei contemplativo.

Letícia me fitou sorrindo, depois de três anos, ela continuava igual, mas diferente ao mesmo tempo. O cabelo se mantinha longo, porém cortado um pouco abaixo dos ombros e não ultrapassando a cintura. Seu corpo não mudou. Mas havia algo nela, por completo, que conseguia, torná-la ainda mais linda. Ela estava usando um vestido com tom de rosa envelhecido longo, as mangas dele cobriam até seus cotovelos, mas eram mangas largas dançantes,

e havia o desenho singelo, feito num traço fino, do lírio ainda fechado, do jeitinho que estava minha garganta com a camisa e gravata, todavia eu nem me importava. Pois, apesar de fechado, não me sufocava.

— Você está chorando de novo. — Letícia constatou levando sua mão direita até meu rosto, seus delicados dedos deslizaram por ele, secando as lágrimas.

— Eu me tornei um Dylan chorão. — Encolhi os ombros.

— Você se tornou o pai mais lindo e babão do mundo.

Eu adorava ouvir a palavra “pai”, eu adorava o fato de eu ser pai e de ser o marido de uma mulher de um caráter sensível e forte nas mesmas proporções.

— E você se tornou a mãe mais linda e amorosa do mundo. Eu não tinha dúvida que seria

assim — falei.

A face de Letícia transparecia aquilo que estava em sua alma; tranquilidade, alegria, paz e amor. E esses eram também os sentimentos que ocupavam minha alma.

Uni minha mão à de Letícia que sustentava o nosso milagre, ele estava ali aconchegado no peito da mãe e eu ao lado, só conseguia me sentir admirado e grato pelo que Deus havia nos dado.

Inspirei fundo outra vez, só que aproximando meu nariz da pequena cabecinha, em que uma quantidade de fios bem modesta de cabelos loiros dourados tinha crescido recentemente; Lilly, a minha filha e de Letícia, estava com 40 dias de vida, mas os fios de cabelo apareceram só mesmo depois de quase um mês que nasceu. A sua carequinha linda em nada se parecia com a do Victor, porém me fazia lembrar dele. Lembrava do meu amigo, passando a mão por sua

PERIGOSAS ACHERON

cabeça raspada, demonstrando sua preocupação comigo, seu carinho. Um afeto que era como o de um irmão, ele era, afinal, o que eu nunca tive.

Victor era um ser humano surpreendente.

Uma das primeiras coisas que eu fiz a partir do momento que fui reconhecido oficialmente como herdeiro de Hermann foi liquidar a hipoteca da propriedade de Cristian e Livia. Tive que, pela primeira vez, fazê-la aceitar uma vontade que não fosse a sua referente a algo. Mas no final de tudo Livia chorou aliviada por saber que o peso da dívida não ia mais consumir quase todo o seu orçamento familiar.

Outra coisa que fiz foi a minha oficina. E foi nela que em um dia do mês de janeiro, quase um ano depois daquela data da briga e da morte de Victor, eu estava trabalhando debaixo de um dos carros quando uma moeda rolou pelo chão, parando próximo ao carrinho que estava deitado, bem na

PERIGOSAS ACHERON

altura da minha cabeça, de início julguei que era alguém que tivesse deixado cair uma moeda, mas então eu larguei a chave de boca que estava segurando, peguei a moeda e no mesmo instante que reparava nela e no contorcido da prata, ouvi:

— Oficina “Campo Belo, de Dylan Vainat, o forasteiro”. Que porra de nome é esse?

Firmei os pés no chão e impulsionei o carrinho para sair de baixo do carro.

— Eu falei que a gente ia se ver, amigo!

Victor estendeu a mão pra mim, eu a segurei. Contudo eu não conseguia deixar o carrinho, meu corpo todo travou.

— Eu falava que ela era minha moeda da sorte, não falava?

Olhei a moeda em minha mão, outra vez reparando na sua deformidade, uma bala havia feito aquilo. Eu estava vendo outra vez um *fantasma* daquela noite de horror. Mas este não me causava

outro sentimento que não fosse alegria. Victor puxou meu braço e eu me levantei.

Nós nos olhamos por alguns segundos e demos o abraço mais apertado que poderíamos dar. Ele continuava no estilo armário, mas parecia que havia mais gordura do que músculos. Ele estava vivo...

— Como? — Eu perguntei rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Dylan, o que me ferrou foram mais os socos daquele maldito do que o tiro, a moeda fez o seu papel, ela era da sorte. — Victor riu.

Eu reparei numa cicatriz; uma linha fina na vertical, passando pelo seu lábio inferior e superior. Ela não existia antes do rosto do Victor receber os socos de Tarso — o covarde usava aquele soco inglês.

Entretanto, a cicatriz não era mais um lembrete de Tarso, era um lembrete de que Victor, PERIGOSAS ACHERON

apesar dela, estava vivo, enquanto Tarso estava *efetivamente* morto — ele e seu filho.

Havia algo naquela ponte que chamava os demônios para caírem no rio. Na pressa, ou simplesmente andando em alta velocidade, o carro em que estavam os dois demônios e mais aquele seu capanga enorme caiu no rio. Aquele dia, a correnteza estava mais forte do que nunca, contaram os bombeiros que encontraram os três corpos presos dentro do carro quilômetros abaixo do rio. A água da cachoeira encontrava com o rio, e era a responsável por seu maior volume, desconfiei se o lugar mágico não tinha se encarregado de levar os malditos para bem longe de nós.

Mágica, não. Milagres. Porque a vida é feita o tempo todo deles; sejam os grandes ou pequenos.

Aquela cachoeira era um milagre. Um homem que se compadece com cães, e principalmente com seres humanos prestes a

PERIGOSAS ACHERON

morrer, é um milagre, afinal ele era um homem para fazer o contrário, seu trabalho com Tarso era fazer o que Tarso mandava ele fazer, mas naquele dia, Deus operou um milagre e o mandou fazer outra coisa, era, afinal, um homem de coração. Deus conhecia e reconhecia.

Só quem passa um tempo em Campo Belo é capaz de saber que os celulares só pegavam sinal na área rural se fossem de uma determinada operadora. As demais não tinham antenas por lá. Mas Giovani havia passado tempo suficiente em Campo Belo para saber disso, por isso tinha um celular que pegava área e assim que entrou no carro, aquele outro, que não era o de Tarso, fez a ligação para os bombeiros e polícia.

Eu sempre me perguntava como eles haviam chegado tão rápido, então, pouco tempo depois, eu encontrei com Giovani em Campo Belo, ele estava com a esposa e o casal de filhos, havia

PERIGOSAS ACHERON

vindo mostrar a cidade, passar um final de semana e saber como Letícia e eu estávamos e acabou nos contando tudo. Eu pude lhe agradecer por ter poupado a vida de Sunshine e Moon, por ter deixado as cordas frouxas e por ter chamado por socorro, foi fundamental eles chegarem em seguida.

Mesmo que Letícia havia falado, demonstrando que estava viva, ela precisou de um atendimento rápido, a inalação da fumaça lhe causou queimaduras nas vias áreas, permaneceu semanas internada no hospital, mas graças a Deus nada que depois de curado tenha deixado sequelas.

Ao contrário, seu olfato pareceu ter ficado ainda melhor, Letícia passou a criar perfumes de fragrâncias únicas com as flores cultivadas em Campo Belo e com tudo que havia na natureza da cidade. **“Meu Lírio do Campo”** era o frasco mais vendido da sua loja de perfumes, tanto física, que

PERIGOSAS ACHERON

fica ao lado da minha oficina, ou na loja virtual. A fragrância extraída do lírio faz sucesso. *É meu favorito, ainda mais na pele de Letícia.*

— Ela não passa despercebida? — Victor comentou passando a mão na boca.

— É bom ver cicatriz aí. É bom ter você aqui, amigo.

Eu o abraçava uma vez mais, quando vi uma mulher entrando na oficina, chamando por Victor, ele me soltou, foi até ela e pegando em sua mão nos apresentou:

— Essa é a Elisa, minha esposa.

Estendi a mão para ela, eu mal a conhecia, mas já gostava de Elisa. Era evidente o quanto Victor estava feliz. Cumprimentando-a, Victor perguntou:

— Lembra da Dona Terezinha?

— Claro. Aquele bolo de fubá dela é inesquecível.

— Então, é lá que eu estava esse tempo todo. — Franzi a testa, Victor explicou: — Depois que Tarso saiu da fábrica com o pessoal dele, eu fui me arrastando até encontrar a rua. Dona Terezinha e a Elisa estavam passando. Foi uma sorte.

Foi milagre, pensei de imediato. Aquele lugar ficava tão afastado.

— Nós estávamos vindo de uma vigília de oração, em agradecimento ao meu pai que havia melhorado, e estávamos também agradecendo à vida do Victor e pedindo que Deus sempre o protegesse.

— Obrigado, Elisa. Obrigado por ter cuidado do meu amigo — falei com sinceridade, eu estava feliz demais. — Eu estou quase fechando aqui e vamos lá pra casa! — Informei. — Mas já vou avisando, se quer cerveja tem que levar.

Ergui as mãos na frente do peito.

— Não bebo mais — Victor disse. — E não

faço mais aquela porção de coisas — completou sério.

— Havia tempo.

— Sempre há tempo. Sempre há quando a mudança que se deseja ter parte do coração e da alma.

— Me desculpe por não ter ficado — pedi.

Victor deu de ombros.

— Você fez o que eu mandei você fazer. Era como tinha que ser.

— E o que tem feito?

— Passei o ano enfiado dentro da casa de Dona Terezinha, ainda bem que a casa era grande. Comecei a sair só agora, achei que dar um tempo era a melhor coisa. Aquela noite, foi como se não existisse, Dylan. O único encontrado lá foi o Paulo César.

Eu assenti. Respirei fundo, não era um assunto que me agradava e fui para outro muito

melhor:

— Mas você vai dar as caras em Esperança?

— Sim, já tenho saído por lá. Ninguém sabia da morte, desconfiava; quando a gente some, já pensam em coisa assim.

— Preciso de alguém que conheça Esperança, que seja respeitado e que o pessoal goste. Sabe alguém?

Victor sorriu abertamente.

— Está falando com ele.

Expliquei sobre a ideia do projeto social que a Jéssica quer desenvolver, Victor ficou empolgado e disposto a fazer parte. Aquele dinheiro do maldito estava servindo para fins válidos, afinal.

Devolvi a moeda dele, colocando no bolso da frente da camisa, uma do modelo que ele sempre costumava usar, sendo o mesmo modelo da que usava no dia que levou o tiro, mas que tinha a sua moeda da sorte protegendo-o.

Dando um tapa no peito dele, comentei:

— Tá gordinho, hein?

— É muito bolo de fubá.

Eu gargalhei me afastando para recolher as ferramentas, e enquanto fazia isso, vez e outra, olhava para o casal dentro da minha oficina. Eu reparei no olhar apaixonado que os dois trocaram, combinavam em idade, talvez ela fosse poucos anos mais nova, mas era legal Victor tão grandão, com aquele olhar desmanchado, como se fosse um menino ao lado de uma mulher bem mais baixa que ele. Os diferentes estão de alguma forma se encontrando. Ela tinha um cabelo preto longo e ele continuava com a cabeça raspada. Era Victor, o meu amigo.

Ele estava ali.

Estava feliz.

Ele abraçou a esposa, levantando seus pés do chão, e então, eu não pude deixar de reparar na

PERIGOSAS ACHERON

sacola de papel em sua mão, com o nome impresso em dourado “Perfumaria Campo Belo, da Letícia – A Esquisitona”, é, nós havíamos mantido a tradição de colocar o nome da cidade no comércio, nós éramos, afinal, moradores tradicionais da cidade, no entanto um pouquinho diferentes, por isso que nossos apelidos foram colocados junto. Eu contei para Letícia do apelido que lhe dei, *mas foi só no início*, justifiquei. Ela riu e disse que havia gostado. E eu acabei me habituando com o forasteiro, eu o preferia do que neto do Hermann, este, por sorte, nunca pegou, mas forasteiro estava na boca do povo de Campo Belo depois que souberam que era *ele* quem havia herdado tudo.

Quem começou com esse apelido foi Jaqueline, e não é que ela tinha ido mesmo viver no mundo? Mas no bom sentido da coisa, Jaqueline mudou-se de Campo Belo após concluir os estudos naquele ano. Bom, ela passou as festas de final de

PERIGOSAS ACHERON

ano e depois partiu, antes, porém, houve o momento em que ela e Letícia se conciliaram, foi quando Letícia ainda estava no hospital. Jaqueline chorava abraçada a ela e pedia perdão. A imaturidade, ciúme ou sei lá quais sentimentos fizeram ela se virar contra a irmã, justamente quando Letícia mais precisava. Entretanto, os anos de ferida entre as duas irmãs foram perdoados. Jaqueline visita a família pelo menos umas três vezes ao ano. Inicialmente, Letícia e eu a ajudamos com os recursos financeiros. Mas logo ela arrumou emprego numa agência de turismo na capital, e já visitou uma porção de lugares com o trabalho de guia de turismo.

O que não aconteceu com Thomy, que se designava como tal, *eu ainda guardava aquele cartão dele na minha carteira, que dizia que ele era guia de turismo*. Só como lembrança, pois Thomy se tornou um legítimo caubói e exímio

administrador, meu amigo e meu cunhado postiço, já que Jess é como uma irmã para mim, e os dois engataram um relacionamento a distância, graças à ligação que fiz a ela e o número ficou gravado no celular de Thomy.

Foi ele quem assumiu as coisas na fazenda pra mim, o gado continuou lá, mas eu não estava blefando aquela vez que disse a Arthur que ia colocar tudo no chão. Qualquer parede daquele lugar foi destruída, assim como o portão com dois cavalos desenhados. O pai de Arthur recebeu por seus anos de trabalho prestado, o Marco Antônio cuidou de tudo. Via Arthur esporadicamente, ele já não tinha mais tanto tempo para festas, precisava trabalhar.

Uma nova casa de tamanho modesto foi construída. E o morador foi bem resistente em assumi-la, mas depois de muita conversa, insistência e nascimento da neta, meu pai aceitou

morar em Campo Belo. A fazenda não lembra em nada o que um dia foi e meu pai finalmente estava bem, passou um tempo numa clínica de tratamento para alcoólatras, não fui eu quem propus que ele fosse: ele mesmo quis ir. Eu procurei pela melhor, pois no fundo o que eu mais desejava é que se tratasse. E depois do tratamento se tornou um novo homem. Minha mãe não estava em nenhum momento errada quando afirmou naquela carta “*E apesar daquele lugar ter sido o meu inferno por muitos anos, ele pode se tornar o paraíso de vocês.*”

Campo Belo havia se tornado o nosso paraíso.

“*Quero que possam ser felizes*”, minha mãe nos desejou, e nós estávamos felizes.

Sim. Nós estávamos.

A igreja estava lotada, repleta dos seus membros de sempre, mas também dos amigos que a

PERIGOSAS ACHERON

vida tinha me dado, e eles, sem exceção, estavam vivendo comigo e com Letícia um momento tão especial — o dia em estávamos apresentando Lilly na igreja.

Foi uma grande emoção saber que eu estava lá com aqueles que me acolheram: Livia e Cristian, que foram eleitos avôs de Lilly da parte paterna, e Benjamin e Anabel, que tornaram-se titios. Minha mãe estava certa sobre Liv, ela é melhor pessoa no mundo. Seu marido e filhos também. Com Germano e Josi, selamos um pedido mútuo de perdão, eu menti para eles, isso aconteceu. Mas então eles também me deram a chance de mostrar a minha mudança. E o que aconteceu com Letícia acabou nos unindo.

Enfim, Lilly estava rodeada de pessoas que a amavam muito, e dentre elas, o meu pai. Ele e eu tivemos a chance de resgatar nossa relação, somos quem um dia fomos, ele toca gaita sempre e já é um

PERIGOSAS ACHERON

avô presente na vida da netinha, cuja chegada foi determinante.

É, eu estava feliz, eu sentia minha mãe em cada momento da minha nova vida, eu estava completo, feito.

Estávamos uma vez mais no culto, a fim de reconhecer e agradecer a Deus como Criador e Senhor da vida.

Eu sou Dylan Vainat, essa é a minha história com meu lírio do campo, a minha esposa. Ela foi responsável para que eu me tornasse quem sou, aquele que entregou o coração a Deus e também aquele que reconhece milagres o tempo todo. E o maior deles foi ver um lindo lírio do campo se erguer, mesmo depois de tão machucado, e não só uma vez, duas!

Letícia

Abria a geladeira e vi um vulto.

Fechei-a.

— Sunshine? O que está fazendo aí? Estão todos lá fora brincando.

Ela estava no canto lateral da cozinha onde ficava a porta dos fundos da casa. Voltei a abrir a geladeira, apanhei a jarra com o suco de maracujá e a apoiei sobre o balcão da pia. Abaixando-me em seguida, em frente ao armário para pegar os copos de plástico coloridos, reparei um pouco mais na minha melhor amiga. Sim, melhor amiga. Não é porque finalmente tinha uma relação normal com Jaqueline que Sunshine perderia o posto de melhor amiga. Sunshine continua sendo.

Será eternamente.

— Você está cansada, posso imaginar, mãe de quatro não é fácil!

Sunshine latiu, foi um latido chateado e

depois outro. Ela estava reclamando.

— O quê? Moon anda preguiçoso e não está te ajudando? Não acredito! Vou dizer para o Dylan conversar com ele, está bem?

Outro latido, porém mais baixo e acompanhado de um afago da sua cabeça na minha mão. Era um “obrigada”.

— De nada, garota!

— Mãããe! Corre aqui fora! — Lilly gritou.
— Corre mãe!

— Eu já vou! — Gritei em resposta.

— Eles precisam e querem atenção o tempo todo — comentei, erguendo-me e dando um último afago em Sunshine.

— Rápido, Leh! — Foi Dylan quem gritou.

— Eu estou pegando o suco!

— Deixe aí e vem logo! — Dylan respondeu.

— Corre, mãe! — Lilly insistiu.

PERIGOSAS NACIONAIS

Saí em disparada da cozinha, Sunshine me acompanhou, o movimento rápido dos meus pés descalços e das patas delas foi deixando o barulho do atrito com o assoalho da madeira enquanto corríamos até a porta de saída, quase escorregamos no tapete que ficava entre a porta e a varanda.

— Ah, meu Deus! — Sussurrei quando alcancei o lado de fora sentindo o ar quente de verão. Que só não era mais quente graças à brisa fresca que sempre tinha na colina. Eu amava a nossa casa, ela foi construída no lugar mais perfeito que poderia existir.

— John está andando, mãe! — Lilly comemorou. Ela estava saltitante, seus cabelos loiros, que mesclavam entre fios mais claros como os meus e mais escuros como os de Dylan, eram lindos. Ela estava com seis anos e era uma menina esperta, alegre e sapeca também, como nenhuma outra.

PERIGOSAS ACHERON

— Estou vendo! Isso é maravilhoso —
comemorei descendo os três degraus da varanda.

Ele estava dando seus passinhos cambaleantes pela primeira vez, após completar um ano na semana anterior. John ficava indo e vindo entre Dylan e Lilly, que estavam a uma curta distância um do outro. Me ajoelhei perto de onde Lilly estava e o chamei, ele veio de imediato, com um sorriso banguela e babado lindo, quando alcançou meus braços eu o paguei no colo e estalei vários beijos pela bochecha gordinha, fazendo-o gargalhar. Lilly se recostou em mim e eu também a beijei, fazendo-a gargalhar.

Eram os sons mais lindos do mundo, a gargalhada dos meus filhos. Se é que eu podia me tornar mais feliz, já que Dylan fazia eu me sentir assim todos os dias. Quando me tornei mãe, eu vi nascer em mim um amor imenso e uma alegria distinta de tudo, e cada vez que segurei cada um

PERIGOSAS ACHERON

nos braços, sentia que Dylan e eu íamos preenchendo nossa relação com mais amor ainda. A escolha do nome John foi de Dylan.

— John é merecedor dessa homenagem. — Dylan disse no dia em que soubemos que era um menino.

Eu fiquei um tanto surpresa por ele dizer aquilo com tanta propriedade, do mesmo jeito que fiquei feliz. John, o meu amigo de infância que morreu precocemente, merecia mesmo a homenagem; quando a tragédia aconteceu, eu sabia com qual objetivo ele tinha pego aquela arma. E infelizmente o que se seguiu foi aquele estúpido acidente entre Ben e ele. No dia em que contei para John o que havia acontecido comigo, eu havia tentado evitar dizer-lhe algo, mas era impossível, além de eu precisar, ele nunca me deixaria dar uma resposta vazia. Conhecíamos quando um estava escondendo algo do outro. E nós não

PERIGOSAS ACHERON

costumávamos fazer isso. Diante da triste verdade, John ficou furioso, ele me disse o que pretendia fazer, eu disse que não fizesse, mas sua personalidade era forte, além do mais, éramos ligados o suficiente para ele querer me proteger. E não só a mim, John fazia isso com o irmão. Ele era um protetor, Ben sabia disso. Em meu coração e orações, ambos sempre terão um lugar especial, da mesma forma que Anabel, Cristian e Livia.

Eu me sentei do lado de Dylan, seu braço passou por cima do meu ombro, guardando-me dentro do seu peito, como sempre fizera e em silêncio — Dylan e eu nunca nos importamos com o silêncio, estávamos um na mente do outro de qualquer jeito. Ele me entendia e eu o entendia. Assistíamos nossos filhos brincando. Lilly era uma irmã mais velha cuidadosa e amorosa e John era encantado por ela.

Quando Lilly nasceu, ela era uma cópia

minha de quando bebê, mas depois seus traços foram mudando, o rostinho é mais angular como o de Dylan e não redondo como o meu. O mesmo aconteceu com John, que nasceu totalmente parecido com o Dylan, mas que já começa a dar sinais de mudança, seu cabelo está mais claro e ele tem mais fios do que Lilly nessa idade. Mas há algo nos dois que é igual a Dylan: o tom bronzeado da pele. E eu adoro o contraste dos olhos claros com a luminosidade que a pele deles possui.

As crianças passaram a ter a companhia dos quatro filhotes de Sunshine e Moon, que assim como Dylan e eu estavam sentados um ao lado do outro, observando a algazarra que faziam. Formamos uma grande e feliz família. Moon sempre se dividia entre estar aqui em casa e com Ben, mas o seu dono oficial estava fazendo faculdade na capital, então a maior parte do tempo Moon passava conosco. Ben optou por psicologia e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Anabel, que está no ensino médio, continua a afirmar que vai fazer o que sempre disse que iria fazer: veterinária. Com certeza será ótima.

— Feliz? — Dylan perguntou, apertando-me um pouco mais junto do seu peito.

— A cada dia mais desses nove anos que você surgiu na minha vida.

— Eu vou lembrar para sempre aquela primeira vez que te vi.

Ergui meu rosto de seu peito, para olhá-lo.

— Por causa do meu grito? — Perguntei, sorrindo.

— Não. Porque eu já comecei a te amar naquele dia, mesmo você sendo uma *esquisitona*.

Dylan tocou a ponta do meu nariz, seu sorrisinho torto estava em seus lábios.

Pressionei os joelhos na grama, fiquei ante a ele e, com um ar misturando brincadeira e verdade, falei:

PERIGOSAS ACHERON

— Talvez, então, eu deva admitir que após o susto, você e suas tatuagens... — comecei a passar mãos por elas, percorrendo braços peito e barriga — não saíram da minha mente. E quando te vi na igreja de camisa, te achei um pouco mais normal do que sem camisa. Só que, então, descobri que você gosta de usar camiseta do avesso e te achei *es-qui-si-to*.

Dylan jogou a cabeça pra trás e gargalhou.

— É, definitivamente, não somos o padrão — disse ele.

Eu arrematei:

— Nem sempre ser o padrão é melhor, você tem mais chance de surpreender quando é diferente.

Seus braços enredaram minha cintura, fitou-me estreitando os olhos.

— Você que o diga, hein? Me surpreendeu. E nunca para de surpreender. — Dylan franziu a testa e ostentou um sorrisinho torto enquanto

sussurrava: — O que era você na noite passada me acordando na madrugada? Depois daquela maratona toda? Que mulher insaciável. E eu adoro que seja assim.

— Tem que aproveitar quando as crianças estão fora na casa dos avós — comentei, dei uma conferida nas crianças, elas continuavam a brincar, encarei Dylan e falei com a voz um pouco manhosa: — Além do mais, não é fácil se controlar com um marido lindo e gostoso dormindo nu na cama.

— E nem deve!

Dylan firmou a mão na minha cintura, roçou o nariz pelo meu pescoço, depois o maxilar, alcançou meu ouvido e sussurrou:

— Posso?

— Sempre!

Respondi sentindo sua língua brincar com o lóbulo da minha orelha, o familiar e gostoso calor

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

percorreu meu corpo.

Dylan cobriu sua boca na minha, deixou que eu entregasse a ele minha língua, elas se encontraram. E sempre que se encontram, sempre que as mãos de Dylan percorrem o meu corpo, eu sinto seu amor, seu desejo, seu respeito.

Eu fui um Lírio do campo esmagado, resgatado por um Anjo de asas negras.

Eu sou um Lírio do campo amado por um Anjo de asas negras.

Eu sou Letícia Mallmann Vainat, testemunhei o milagre de renascer duas vezes: quando fui amada pela primeira vez por Dylan Vainat e quando ele próprio me resgatou, sem vida, de um incêndio. Mas graças ao seu sincero clamor a Deus, eu renasci uma vez mais.

Dylan esperava por respostas, encontrou todas quando ofereceu aquilo que ele tinha de mais valioso e puro — seu coração.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

FIM.

PERIGOSAS ACHERON

Agradecimentos

Difícilmente alcançamos objetivos sem que durante a caminhada outras pessoas nos auxiliem. Por isso, é tão importante o registro da minha gratidão a todos aqueles que direta e indiretamente fizeram parte de mais este trabalho.

A Deus, por me dar a vida, saúde e dom para escrever.

Aos meus pais (Séssi e Batista) e irmãos (Cristiane e George), a todos os membros da minha família por sempre me apoiarem e incentivarem, mas, sobretudo, por compreenderem minha ausência do convívio familiar nas horas dedicadas a escrever este livro.

A, você, leitora (o), obrigada por dar uma chance ao meu trabalho, eu desejo que tenha gostado da história de Dylan e Letícia e que de PERIGOSAS ACHERON

alguma forma, ela possa sempre ocupar um lugar especial em seu coração. E, ainda, que assim como eu, após escrevê-la, tornei-me atenta aos pequenos milagres, não se esqueça: eles estão por todas as partes!

Para a família “Luluzinhas da Lu”, minhas amadas leitoras e amigas fiéis, qualquer agradecimento se torna pequeno diante da grandeza do amor, da entrega e do apoio que me oferecem. Vocês estarão eternizadas em minha mente e em meu coração.

Às minhas queridas amigas e Adm's dos meus grupos de leitoras: Cristiane Custódio, Daisy Capistrano, Daniela Fernandes, Daniele Cristina Serafim de Oliveira, Jéssica da Silva Martins, Sandra Áurea de Andrade Ferreira e Oneliana de Oliveira. Obrigada! Vocês são anjos em minha vida.

À equipe da 3DEA Editora, obrigada pelo
PERIGOSAS ACHERON

carinho dispensado a esta obra, por torná-la ainda mais especial e sobretudo por me dar a chance de contá-la.

E, como sempre eu digo, o amor pela leitura nos une, por isso, sempre haverá novas linhas, novos parágrafos, novas histórias e principalmente sinceros agradecimentos por cada apoio, incentivo e oportunidade.

E agradeço ao meu marido, Guilherme, e meu filho, Eduardo. Acima de tudo, a vocês.

Muito obrigada.

[1] Herói mítico inglês, roubava dos ricos para dar aos pobres.

[2] Bob Dylan é um compositor, cantor, pintor, ator e escritor norte-americano.

[3] Tom Cruise é um ator e produtor de cinema norte-americano de origem irlandesa.

[4] Top Gun é um [filme norte-americano](#) de [1986](#), dos gêneros [ação](#) e [drama romântico](#), dirigido por [Tony Scott](#), com roteiro de Jim Cash e Jack Epps Jr.

PERIGOSAS NACIONAIS

[\[5\]](#) Usain St. Leo Bolt, OJ, OD é um ex-velocista jamaicano multacampeão olímpico e mundial nessa modalidade.

[\[6\]](#) Extraordinário é um romance infantil escrito por Raquel Jaramillo, sob o pseudônimo R. J. Palacio. Publicada em 14 de fevereiro de 2012.

[\[7\]](#) Música *Flor e o Beija-flor*, Henrique e Juliano (Part. Marília Mendonça), 2016.

PERIGOSAS ACHERON